



UFSM

Dissertação de Mestrado

**ENVELHECER COM *PASSIONE*:
A TELENÓVELA NA VIDA DE IDOSAS DAS CLASSES POPULARES**

Laura Hastenpflug Wottrich

PPGCOM

Santa Maria, RS, Brasil

2011

LAURA HASTENPFLUG WOTTRICH

**ENVELHECER COM *PASSIONE*:
A TELENÓVELA NA VIDA DE IDOSAS DAS CLASSES POPULARES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

Santa Maria, RS, Brasil

2011

W937e Wottrich, Laura Hastenpflug
Envelhecer com Passione : a telenovela na vida de idosos das classes populares /
por Laura Hastenpflug Wottrich. – 2011.
236 f. ; il. ; 30 cm

Orientador: Veneza Veloso Mayora Ronsini
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de
Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação Comunicação, RS, 2011

1. Comunicação 2. Telenovela 3. Velhice 4. Representações sociais
5. Classes populares I. Ronsini, Veneza Veloso Mayora II. Título.

CDU 316.774:654.19

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Terezinha Branco Gallotti – CRB 10/1109
Biblioteca Central UFSM

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Área de concentração: Comunicação Midiática

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a dissertação de Mestrado

**ENVELHECER COM *PASSIONE*:
A TELENÓVELA NA VIDA DE IDOSAS DAS CLASSES POPULARES**

elaborada por

Laura Hastenpflug Wottrich

Como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Veneza Mayora Ronsini, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Beltrina da Purificação da Côrte Pereira, Dra.
(PUC-SP)

Jiani Adriana Bonin, Dra. (UNISINOS)

Santa Maria, 18 de março de 2011.

“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa:
Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro,
um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos
porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta,
ainda existe gente que brinca”.
(Eduardo Galeano)

Estas linhas são dedicadas àqueles que ainda cantam,
ainda brincam,
àqueles que insistem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Paulo e Magali, por darem trela à minha curiosidade desde a meninice e amor incondicional desde sempre. Foram eles os primeiros a suscitar as minhas dúvidas e serão eles, por toda a vida, minha certeza, meu esteio e meu exemplo.

Aos meus irmãos, Shana, Vanessa, Breno e Thales que, a uma porta ou a um oceano de distância, sempre me apoiaram. Estas páginas carregam seus acordes no violão, puxões de orelha, conversas e conselhos, que me incentivaram a oferecer o meu melhor.

Às minhas avós, Elvira e Ieda, com quem desde cedo, em meio a comentários e cafunés, cenas e silêncios compartilhados na imensidão do sofá, dei os primeiros passos na construção desta pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Veneza Ronsini, pelo acompanhamento terno e incansável. Obrigada por apresentar a esta publicitária o mundo da pesquisa e me ensinar que a labuta científica, além de comprometimento e disciplina, exige entusiasmo e sensibilidade.

Muito obrigada à Gisele e à Renata pelo companheirismo e sorriso largo que amaciaram a estafa e tornaram lindos cada dia deste percurso. Seus olhares sobre a vida, dedicação e amizade são minhas referências mais importantes, ainda que não citadas no fim desta dissertação.

Ao Flávio, meu companheiro, obrigada por ser o refúgio e mar aberto desse período dissertativo. Teus pitacos, *playlists*, livros e levezas acalmaram minhas dúvidas e me inspiraram pra pesquisa e pra vida.

Às entrevistadas desta pesquisa, obrigada de coração por me acolherem em suas casas e compartilharem comigo suas histórias.

Às professoras Jiani Bonin e Beltrina Côrte, pela leitura valiosa do exame de qualificação e pela aceitação gentil à participação na banca de avaliação final do trabalho, dando-me a oportunidade de aprender mais sobre o universo da recepção e da velhice.

Agradeço à UFSM pela formação de qualidade, pública e gratuita desde a graduação; aos professores e funcionários do Poscom, pela generosidade e convivência e a CAPES, cujo auxílio foi fundamental para a realização deste trabalho.

Muito obrigada aos tantos colegas que partilharam comigo suas vidas e aprendizados. Em especial à Fabiane e Tatiana, irmãs que Santa Maria me deu e à Lírian, amiga que a pesquisa me apresentou. Com vocês espero ainda dividir muitos cafés, dúvidas e conquistas.

Aos meus amigos, que enchem meus dias de delicadeza e fizeram destes anos santa-marienses os melhores de minha vida. Meu carinho e gratidão por vocês renderiam uma outra dissertação.

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer.
(Envelhecer | Arnaldo Antunes)

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Título: Envelhecer com *Passione*: a telenovela na vida de idosas das classes populares

Autor: Laura Hastenpflug Wottrich

Orientador: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender as relações entre as representações da velhice veiculadas na telenovela do horário nobre e suas apropriações por mulheres idosas das classes populares. Almeja-se entender como a telenovela conforma representações da velhice e como as mesmas são apropriadas pelas receptoras na conformação das suas identidades a partir das mediações de gênero e de classe social. Teoricamente, baseia-se na perspectiva dos estudos culturais, nas reflexões latino-americanas sobre as mediações realizadas por Martín-Barbero e nas intersecções entre estudos sobre velhice e mídia. Metodologicamente, articula as teorizações do modelo “Codificação/Decodificação” proposto por Stuart Hall e o modelo das Mediações Comunicativas da Cultura de Martín-Barbero. No âmbito da produção, realizou-se a análise das representações da velhice veiculadas na telenovela *Passione* e reflexões sobre a dinâmica de produção da trama. A recepção é estudada através de seis mulheres idosas, entre 63 e 76 anos, de classes populares residentes em Santa Maria- RS. O estudo configura-se uma etnografia crítica da recepção. As técnicas utilizadas foram observação do espaço doméstico com registros no caderno de campo, assistência da telenovela junto a quatro entrevistadas, realização de entrevistas exploratórias e entrevistas semi-abertas/fechadas. Os resultados apontam que a telenovela tem participação importante na construção das velhices das receptoras, frente a um contexto de amplas desestabilizações nas formas de representar e viver esse período da vida. *Passione*, apesar de endossar as representações dominantes, traz espaços significativos para negociação e apresenta codificações opostas da velhice, especialmente nas dimensões da família e vida afetiva/sexualidade. As apropriações das receptoras são perpassadas pelas mediações de classe e de gênero. A classe define uma vivência mais opressora da condição feminina, marcada por uma educação sexista, divisão sexual do trabalho e ingerência sob suas vidas, que perpassa os modos como elas significam suas velhices. O ingresso na velhice, por sua vez, desestabiliza suas concepções tradicionais de gênero. Essa dinâmica configura suas representações da velhice e se faz presente na recepção da telenovela, onde foram encontradas duas matrizes distintas de leitura, configurando-se uma decodificação negociada. Em termos gerais, elas endossam as codificações dominantes da velhice. Quando pensam a trama em relação a si, na identificação com as personagens, significados mais opositivos vêm à tona, de acordo com os significados mais positivos da velhice que buscam construir para si.

Palavras-chave: estudos de recepção; velhice; telenovela; classes populares; representações sociais

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Title: Getting older with *Passione*: telenovela in life of elderly women of popular classes

Author: Laura Hastenpflug Wottrich

Adviser: Prof. Dra. Veneza Mayora Ronsini

ABSTRACT

This research aims at understanding the relationships among the representation of elderlihood conveyed in a telenovela of a prime time and its appropriation by elderly women of popular classes. The objective is to understand how telenovela builds representations of elderlihood as well as how such representations are taken by receptors as concerns building their identities through mediation of gender and social class. Theoretically, it is based on the cultural studies, on latin-american reflections about mediation proposed by Martín-Barbero and on the intersection between studies about elderlihood and media. As for the method, theories of the “Codification/Decodification” model, proposed by Stuart Hall, and the Culture Communicative Mediations method proposed by Martín-Barbero are articulated. Regarding production, an analysis of elderly representations portrayed in telenovela *Passione* and reflections about the dynamics of the production of the plot were accomplished. Reception is studied through six elderly women, among 63 to 76 years old, from popular classes, living in Santa Maria-RS. Such study is a critical ethnography of reception. Observation of the domestic space, with registers in the field journal, were used as techniques, along with watching telenovela together with four of those women, exploratory interviews and semi-structured/closed interviews. Results point out that telenovela has an important participation on the process of building elderlihood of the receptors, facing a context of wide destabilizations on the ways of representing and living such period of life. *Passione*, although endorsing the dominant representations, brings significant spaces for negotiation and presents opposing codifications of elderlihood, especially as regards the dimensions of family and affective life/sexuality. Appropriation of the receptors are pervaded by mediations of class and of gender. The class defines a more oppressive experience of the feminine condition, marked by a sexist education, sexual division of labor and interference over their lives, which pervade the ways they mean their elderlihood. Entering elderlihood, for once, seems to turn their traditional representations of elderlihood into an unstable condition. Such dynamics configures their representations of elderlihood and is present on the reception of telenovela, where two different matrixes of reading were found, configuring a negotiated decodification. In general terms, they endorse the dominant codifications of elderlihood. When thinking about the plot in relation to themselves, as concerns identification with the characters, more opposing meanings appear according to more positive meanings of elderlihood that they try to build for themselves.

Keywords: reception studies, elderlihood, telenovela, popular classes, social representations

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mapa das mediações comunicativas da cultura	28
FIGURA 2 - Evolutivo das telenovelas das 18h de 2000 a 2008	80
FIGURA 3 - Evolutivo da audiência das telenovelas das 19h de 2000 a 2008	81
FIGURA 4 - Evolutivo da audiência das telenovelas das 21h de 2000 a 2008	82
FIGURA 5 - Rua da casa de Vânia	128
FIGURA 6 - Rua da casa de Tarsila	132
FIGURA 7 - Rua da casa de Carmen	136
FIGURA 8 - Rua da casa de Dani	139
FIGURA 9 - Rua da casa de Maria	143
FIGURA 10 - Rua da casa de Célia	146

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Tabelas descritivas das personagens idosas de <i>Passione</i>	97
TABELA 2 - Tendências de codificação das representações da velhice em <i>Passione</i>	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO	22
1.1 O MODELO DAS MEDIAÇÕES EM MARTÍN-BARBERO	25
1.2 A MEDIAÇÃO DE CLASSE.....	31
1.3 A MEDIAÇÃO DE GÊNERO	37
1.4 REGISTROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	45
CAPÍTULO 2 - VELHICE, MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES	51
2.1 AS IDADES DA VELHICE.....	51
2.2 MÍDIA, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES.....	60
2.3 AS REPRESENTAÇÕES DA NOVELA SOBRE A VELHICE.....	65
CAPÍTULO 3 – A TELENVELA COMO OBJETO DE ESTUDO	73
3.1 REDE GLOBO	77
3.2 VEM AÍ: PASSIONE	84
3.3 SÍLVIO DE ABREU	87
CAPÍTULO 4 – AS VELHICES DE PASSIONE	95
4.1 FAMÍLIA.....	111
4.2 BELEZA, CUIDADO DE SI E SAÚDE.....	113
4.3 VIDA AFETIVA E SEXUALIDADE.....	116
4.4 TRABALHO.....	120
4.5 APONTAMENTOS DA ANÁLISE.....	122
CAPÍTULO 5 AS MULHERES E SUAS EXPERIÊNCIAS DA VELHICE	126
5.1 AS RECEPTORAS.....	126
5.1.1 Vânia	127
5.1.2 Tarsila	131

5.1.3 Carmen	135
5.1.4 Dani	138
5.1.5 Maria	142
5.1.6 Célia	145
5.2 SER (OU NÃO SER) IDOSA: AS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA	148
5.2.1 Família	148
5.2.2 Cuidado de si, beleza e saúde	154
5.2.3 Vida afetiva e sexualidade	163
5.2.4 Trabalho	169
CAPÍTULO 6 - ENVELHECENDO COM A TELENOVELA	172
6.1 O UNIVERSO DA RECEPÇÃO	172
6.2 A RECEPÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE	184
6.2.1 Velhices apaixonadas? Em busca de novos sentidos	193
CONCLUSÃO	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	208
APÊNDICE A - ENTREVISTA EXPLORATÓRIA	219
APÊNDICE B - MAPA DO CONSUMO CULTURAL	220
APÊNDICE C - TRAJETÓRIA DE VIDA	226
APÊNDICE D - PERCEPÇÕES SOBRE A VELHICE	228
APÊNDICE E - ENTREVISTA V: MEIOS DE COMUNICAÇÃO/TELENOVELA	231
APÊNDICE F - CLASSE SOCIAL	234
APÊNDICE G - GÊNERO	235
APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO	236

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2010, uma campanha publicitária de uma empresa de telefonia movimentou as redes sociais na internet. Com o mote “Bloqueia Véio” e símbolo de um senhor idoso interditado por uma tarja vermelha, as peças convidavam os jovens a se envolverem em jogos virtuais. Se provasse “não ser velho” ao escutar uma freqüência sonora que geralmente se torna inaudível com o passar dos anos, o jovem seria presenteado com um plano da operadora. Um ano antes, a Rede Globo lançava um alerta em seu Boletim de Informação para Publicitários (BIP) sobre o crescimento do público do idoso no país. Um amplo perfil de consumo na velhice era traçado, com enfoque para as vivências positivas e gratificantes dessa etapa da vida e possíveis oportunidades de consumo para esse mercado em expansão.

São fatos dispersos, singulares frente ao universo de representações sociais da velhice que circulam na contemporaneidade. O que eles nos dizem? E o que dizem deste trabalho? Talvez esbocem um pouco da pluralidade, conflitos e contradições que permeiam a construção social da velhice. Estigmatizada e valorizada; decrépita e desejante, a velhice - muito além de uma construção biológica - é atravessada por transformações profundas, em que a mídia tem um protagonismo especial.

Basta observar com um pouco de atenção as matérias, campanhas publicitárias e programas televisivos para constatar um aumento na tematização da velhice na mídia, em compasso com as novas configurações que atravessam esse período da vida. Se para os estudiosos é consenso que a mídia possui um papel fundamental na construção social da velhice, o fato parece ainda não ter encontrado ressonância nos artigos científicos, nas páginas das teses e dissertações do campo da comunicação.

Neste, a relação entre idosos e mídia é ainda pouco estudada. Isso se torna compreensível pela recente atenção que a velhice adquiriu como foco de pesquisa, principalmente no Brasil. As estatísticas embasam o que gerontólogos e demais pesquisadores problematizam: a expansão da população idosa¹ no país, o crescimento do campo de teorizações sobre a velhice, as novas formas de vivenciar essa fase da vida transformam os

¹ Consideramos idosos indivíduos com sessenta anos ou mais, conforme caracterização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

modos como ela é vista e representada socialmente, assim como as percepções e vivências dos próprios idosos.

Até 2025 o Brasil será o sexto do mundo com maior número de idosos. Em 2008, para cada 100 crianças de até 14 anos existiam cerca de 25 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, para cada 100 crianças a projeção é da existência de 172 idosos². Trata-se de um dado significativo e, principalmente, de um crescimento demográfico que incide de modos diversos em como a velhice é percebida na sociedade brasileira. Contudo, restringir-se às estatísticas torna-se insuficiente para compreender a velhice em sua complexidade. Como alerta Debert (1999a), as mudanças nas imagens e nos modos como se dá a gestão do envelhecimento não são reflexo automático das mudanças na estrutura etária da população. Pensar desse modo acaba por reduzir o horizonte das investigações possíveis.

Quando nos propomos a abordar a velhice a partir dos estudos de comunicação, as perspectivas são diversas. A partir da revisão dos estudos da área, percebemos a existência de pesquisas dedicadas a produtos midiáticos, sobre as representações da velhice, do indivíduo idoso ou do envelhecimento veiculadas pela propaganda e pelo jornalismo³.

Nossa intenção é problematizar a circulação dessas representações a partir do olhar daqueles que cotidianamente as ressignificam em suas vivências: os receptores. Para tanto, elegemos um produto midiático específico, a telenovela. Como objetivo geral, buscamos estudar as relações entre as representações da velhice veiculadas na telenovela do horário nobre e suas apropriações por idosas das classes populares na conformação de suas identidades.

Conforme será problematizado nas linhas deste trabalho, a velhice é uma construção social que vem passando por transformações profundas, tanto na forma de vivenciá-la (conforme compartilharam generosamente conosco as receptoras em suas falas) como de pensá-la (o que os autores interessados na velhice discutem amplamente). A mídia se torna um agente ativo na revisão das representações (DEBERT, 1999a, 2004, 2008; COSTA, 2005; e CÔRTE, 2009), criando novos significados para o envelhecer.

Analisá-los a partir da recepção da telenovela é tentar entender que velhices possíveis vem sendo configuradas pelo folhetim, e de que forma as idosas (algumas telespectadoras assíduas há muitos anos) as decodificam em suas percepções e construção da velhice para si.

²IBGE: Projeção da População no Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1272> Acesso em 20 mai 2010.

³ Entre os estudos que abordam a temática da representação da velhice na mídia, citamos os elaborados por Soares (2009), Bezerra (2006), Agra do Ó et. al (2010), Palácios (2004), Neri (2006), Debert (2003), Côrte, Gomes (2006), Côrte (2009) e Côrte, Mercadante, Gomes (2006).

A proposta insere-se em uma perspectiva sociocultural de investigação, que vê no processo de recepção dos produtos midiáticos formas de problematizar as múltiplas relações sociais e culturais que engendram os significados da mídia na vida cotidiana. Alinhados às teorizações dos estudos culturais latino-americanos e aos estudos de recepção brasileiros, nosso esforço está em articular o âmbito do cotidiano às esferas sociais e culturais mais amplas, indispensáveis para pensar a recepção para além da pesquisa descritiva de audiência ou da constatação de sua atividade/passividade perante os meios de comunicação.

Os estudos culturais, esse campo de pesquisa de caráter interdisciplinar, dedica-se ao estudo da mídia, das comunicações e da cultura. Seu surgimento dá-se na década de 1960, através da fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) em 1964, na Universidade de Birmingham, Inglaterra. No período, despontaram estudos sobre as formas culturais, instituições e práticas, assim como sobre as relações com a sociedade e com as mudanças sociais. (ESCOSTEGUY, 2004).

Durante um longo tempo os estudos culturais preocuparam-se em compreender a estrutura ideológica e funcionamento dos meios. É o caso dos estudos literários e de efeitos, por exemplo. A recepção, ao privilegiar as conexões entre comunicação e cultura, atua no deslocamento teórico da análise da estrutura ideológica de programas de comunicação – a análise dos meios - em direção aos processos multifacetados de consumo e decodificação nos quais as audiências estão envolvidas. Os processos de recepção integram práticas culturais que articulam “tanto processos subjetivos quanto objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito) quanto macro (estrutura social que escapa a esse controle)”. (MARTIN-BARBERO, 2002b, p. 32).

Especificamente na América Latina, a partir dos anos 80, os estudos conformam uma visão mais cultural dos meios de comunicação e, adotando o conceito de hegemonia introduzido por Gramsci. Os estudos de recepção latino-americanos despontam com as problematizações de Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor García Canclini. O primeiro autor, em sua obra seminal “*Dos Meios às Mediações*”, face à realidade latino-americana, propõe recolocar os problemas de comunicação em outro campo, o dos processos socioculturais. Para isso, apresenta o conceito de mediações, o entorno através do qual as apropriações realizadas pelos receptores tomam forma. As mediações podem ser entendidas como

[...] um conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. As mediações produzem e reproduzem os significados sociais,

sendo o “espaço” que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção (JACKS, 1999, p. 48-9).

Através da problematização das mediações, a proposta de Martín-Barbero está em deslocar a análise da comunicação para os lugares nos quais os sentidos são produzidos, ou seja, para o âmbito dos usos sociais. Neste trabalho, adotamos o modelo das mediações comunicativas da cultura, apresentado pelo autor de forma mais completa em 2008⁴.

No trajeto de pesquisa, algumas inquietações mais específicas foram timoneiras da investigação. São elas 1) Como a telenovela representa a velhice? 2) Como as receptoras apropriam-se dessas representações a partir das mediações de gênero e de classe social? 3) Suas apropriações vão ao encontro, negociam ou opõem-se aos discursos da telenovela? A partir delas, buscamos por fim problematizar os embates e complementaridades entre as representações desses discursos sobre a velhice na telenovela e as apropriações dos mesmos pelas receptoras na conformação de suas identidades.

Para pensar as representações que circulam na telenovela e suas apropriações pelas receptoras em termos de dominância, negociação ou oposição, articulamos o aporte barberiano com o modelo de Stuart Hall, “Codificação/Decodificação” conforme proposta desenvolvida por Ronsini (2010). Apresentado à comunidade acadêmica em 1970, o modelo de Hall fornece pistas valiosas sobre a compreensão do processo comunicativo a partir de programas televisivos. Em especial o estudo de Morley (1980), que discutiu empiricamente os pressupostos de Hall e as pesquisas realizadas no grupo de pesquisa Mídia, Recepção e Consumo cultural⁵ são fundamentais para a concretização desta pesquisa.

Estudos interessados nos aspectos sociais da velhice apontam para certo consenso da idéia de que estudar idosos implica em considerar que a esta etapa é vivenciada em parte homogeneamente, em parte diferencialmente a partir do gênero e da experiência cotidiana dos indivíduos. Para capturar um pouco dessa diversidade de sentidos, optamos a partir do aporte barberiano por estudar as mediações das relações de gênero e de classe social na investigação junto às receptoras.

A trajetória de homens e mulheres, construção social e cultural, determina representações e atitudes distintas sobre a condição de idoso(a) (BRITTO DA MOTTA, 1999; DEBERT, 1999a). O maior número de mulheres entre a população que envelhece e os

⁴ A problematização desse modelo foi realizada pelo autor no prefácio à quinta edição brasileira de “Dos Meios às mediações. Ver MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Abordaremos o modelo barberiano no primeiro capítulo deste trabalho.

⁵ Sob coordenação da Prof. Dra. Veneza Ronsini, viemos discutindo essas questões em alguns trabalhos. Para informações, ver Ronsini (2010), Ronsini et. al (2009), Ronsini, Wottrich, Silva (2009).

distintos significados que o envelhecimento feminino assume torna fundamental que as diferenças de gênero sejam problematizadas. Em pesquisa anterior⁶, pudemos observar o quanto as relações com a mídia ganham contornos distintos se tomarmos o gênero como uma mediação. Isso significa, a partir das lentes barberianas, pensá-lo como uma construção social.

O entendimento da classe como fundamental para compreensão da experiência cultural é uma noção que acompanha os estudos culturais desde seu início, em diálogo com as teorizações marxistas. Aliamo-nos a uma perspectiva que vê a classe social não como uma diferença a mais, somada a outras distinções como etnia e gênero. Baseamo-nos em alguns estudos, como o realizado por Sujeon Kim (2004), a partir do tratamento estatístico dos dados qualitativos coletados por David Morley em seu estudo de recepção “*The Nationwide Audience*”(1980), que evidencia a relevância da clivagem de classe no processo interpretativo. Na investigação da recepção de um telejornal britânico veiculado pela rede BBC, Morley buscou compreender a interpretação de diferentes grupos e classes e com códigos culturais particulares sobre o programa, em relação às suas posições sócio-econômicas. Na época, seus resultados apontaram para a inexistência de uma leitura distinta dos receptores a partir do recorte de classe. A pesquisa de Morley - considerada como referência para a relativização da importância de classe social nas práticas de decodificação dos receptores - foi reinterpretada por Kim, que restaurou seus resultados.

Outros estudos empíricos mais atuais apontam a importância de se problematizar as classes sociais quando pensamos as relações entre mídia e receptores, como os realizados por Lopes, Borelli e Resende (2002); Sifuentes (2010) e Ronsini (2007, 2008). Neles, há certo alinhamento com a proposição barberiana de pensar a classe social como uma distinção configuradora dos modos de apropriação que os receptores realizam da mídia. A classe social é “aquela que articula as demais a partir de seu interior e se expressa por meio do *habitus*, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida” (MARTÍN-BARBERO, 2002a, p.14).

A importância da experiência de classe na velhice é assegurada por estudos como o realizado por Bosi (1994), Britto da Motta (1999) e Sobrinho (2007). Envelhecer nas classes menos ou mais aquinhoadas é um fator determinante para a significação desse período da vida.

⁶ WOTTRICH, Laura H. **Relações de gênero, classe social e contexto familiar na recepção da telenovela: um estudo sobre as representações da velhice.** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Família, gênero e geração”, do II Encontro Internacional de Ciências Sociais, em Pelotas/RS, em junho de 2010.

A classificação em relação às classes sociais das entrevistadas teve como referência o estudo dos grupos ocupacionais realizado por Quadros e Antunes (2001). Os autores entendem a classe alta como a burguesia proprietária, rural ou urbana. A classe popular constitui-se por frações da classe trabalhadora que vendem sua força de trabalho em troca de salário.

Nesta pesquisa, as condições econômicas limitadas das entrevistadas são refletidas em moradias simples e até mesmo em situação de risco, baixo grau de escolaridade (nenhuma delas passou do ensino primário), pouco acesso a bens culturais e dependência do Estado para atividades de lazer e cuidado com a saúde, além de outras questões que abordaremos adiante.

Baseamo-nos na análise de uma telenovela específica, *Passione*⁷. No percurso de pesquisa junto às idosas, pudemos averiguar o quanto elas são telespectadoras da telenovela. Essa idéia é confirmada em pesquisas realizadas pela Fundação Perseu Abramo (NERI, 2007), nas quais assistir televisão figura como primeira opção de lazer entre os idosos brasileiros, com 93% da preferência.

A preferência pela telenovela é endossada por pesquisa divulgada no Anuário 2009 do Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva. Nele, os receptores com 50 anos de idade⁸ ou mais figuram como o principal público da telenovela, com 29,7% e 30,7% da audiência (em relação às telenovelas *Dois Caras* e *A Favorita*, respectivamente). Para o público jovem de 18 a 24 anos, para realizar um contraponto, a percentagem de assistência dessas telenovelas foi de 10,2% (LOPES, OROZCO GÓMEZ, 2009, p.133).

Neste estudo, buscamos apreender essas relações a partir da investigação junto a seis mulheres⁹: Vânia, 65 anos, cozinheira aposentada e viúva; Tarsila, 69 anos, serviços gerais aposentada, casada; Carmen, 63 anos, divorciada, empregada doméstica aposentada; Dani, 64 anos, viúva e cuidadora de idosos; Maria, 69 anos, viúva, dona de casa e Célia, 65 anos, viúva, também dona de casa.

No contato com as receptoras não as denominamos inicialmente como “idosas”, por mais que em termos culturais e legais elas se enquadrem nessa caracterização. Acreditamos que impor uma identificação *a priori* seria direcionar suas falas e, de certa forma, selecionar

⁷ Veiculada no horário nobre da Rede Globo de maio de 2010 a janeiro de 2011, a trama é de autoria de Silvio de Abreu com colaboração de Vinicius Vianna, Sergio Marques e Daniel Ortiz e direção de Carlos Araújo, Luiz Henrique Rios, Natalia Grimberg, Allan Fiterman e André Câmara.

⁸ Ressaltamos que a classificação da audiência em 50 anos ou mais já traz dados interessantes para pensarmos as representações da velhice na telenovela. O público idoso, considerado cronologicamente como aqueles acima dos 60 anos de idade, é desconsiderado em detrimento de uma classificação que toma aqueles com 50 anos ou mais como uma faixa homogênea da população.

⁹ Os nomes das receptoras foram trocados por outros escolhidos por elas no percurso da entrevista. As pessoas citadas por elas nas falas expostas nesta pesquisa também tiveram seus nomes modificados.

um marcador identitário que deve partir das vivências e percepções das receptoras, não da pesquisadora. Esse movimento foi importante para entendermos como elas concebem a si e em que termos relacionam-se com a velhice, como será exposto no decorrer do trabalho.

Para explorar a recepção, nossas técnicas foram a observação indireta, entrevistas exploratórias, entrevistas semi-abertas/fechadas junto às receptoras e observação direta, acompanhados pelos registros e anotações no diário de campo. A assistência da telenovela junto a algumas delas também foi importante para observarmos o espaço doméstico, ambiente primário da recepção e as dinâmicas de leitura das tramas.

As entrevistas combinaram questões semi-estruturadas e estruturadas, correspondendo respectivamente a um tipo semi-aberto e fechado de entrevista (DUARTE, 2009). Questões semi-estruturadas ajudaram a explorar dimensões da experiência trazidas pelas próprias receptoras em nossas conversas, sem um roteiro rígido. Essas questões, mais amplas, permitiram a discussão em profundidade dos temas e a adaptação das indagações de acordo com a resposta da entrevistada. Já as questões estruturadas foram importantes para visualizar aspectos comuns às vivências de todas e compará-los de forma mais direta.

Entendemos que esses métodos no estudo junto às receptoras convirjam para o esforço em realizar uma etnografia crítica da recepção, definida pelo

[...] conhecimento construído a partir da descrição do contexto espacial e temporal que determina a apropriação dos meios de comunicação, isto é, a apreensão do sentido possível que os atores sociais dão às práticas sociais e culturais produzidas na relação com os meios de comunicação de massa (RONSINI, 2003, p.42).

A etnografia é “crítica” porque visa entender os processos de negociação (dominação, resistência) da mídia, e não render-se à constatação da passividade ou atividade dos receptores frente aos meios (ou, quando há atividade, celebrá-la como sinônimo de resistência). A escolha da etnografia como método descritivo do cotidiano e da cultura das receptoras idosas, revela-se importante por viabilizar um estudo mais aprofundado, que nos auxilia a “descrever com mais acuidade as trajetórias de vida e visões de mundo, ou, em outras palavras, a reconstituir o cotidiano como é vivido e sentido” (RONSINI, 2004, p.60).

No pólo da produção, buscamos compreender as lógicas que configuram a telenovela como um produto cultural de grande audiência no país, com atenção às formas como *Passione* representa, nesse contexto, a velhice. Valemo-nos de dois métodos principais: revisão da

literatura para conhecer as lógicas de produção da teledramaturgia (rotinas de produção, relações com a audiência, posicionamento dos autores) e análise dos capítulos de *Passione*¹⁰.

A opção por investigar a recepção de mulheres de classe popular no período de vida estabelecido como “velhice” parte de questionamentos acadêmicos e pessoais, que se inspiram mutuamente no percurso da investigação. Myerhoff, citada por Debert (1999a, p. 238), comenta que a identificação com o outro “- [...] índios, chicanos, se somos anglos, com negros se somos brancos, com homens se somos mulheres – é um ato de imaginação, um meio de descobrir o que não somos e nunca seremos”. Já identificar-nos com os idosos – “com quem um dia seremos é um processo inteiramente diferente”.

Posiciono-me, diante desta temática, como profissional da comunicação que deseja refletir sobre a responsabilidade na criação e veiculação de representações sobre os idosos; como pesquisadora, que considera o estudo deste tema instigante como forma de apreender os modos pelos quais as identidades contemporâneas se constituem; e, por fim, como jovem, atenta aos desdobramentos que incidem sobre o futuro da velhice.

Compreender as representações midiáticas através do olhar daqueles que cotidianamente as ressignificam, as receptoras, significa vislucrar que a plausibilidade dos cenários que são montados, atualmente, para o futuro da velhice “dependerá muito do modo como os indivíduos são convencidos de qual pode ser seu destino e das práticas por eles postas em ação, em função destas previsões” (DEBERT, 1999a, p.253). Não se trata de atribuir ao receptor todo o poder de ação, mas sim de, através do olhar dos estudos culturais, acreditar que a mídia atua cotidianamente na veiculação de representações as quais, imersas na cultura e no ambiente social, incidem nos modos como os indivíduos percebem-se e agem.

De outro modo, a partir de uma consulta bibliográfica realizada, percebemos que nos estudos de recepção a velhice é um tema pouco explorado. Através deste, esperamos poder contribuir para as discussões existentes, tanto no sentido de fazer valer os pressupostos teóricos da recepção, de dar conta, ainda que de forma incipiente, dos paradoxos e ambigüidades que mobilizam a recepção no processo de *negociação* de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2002a), buscando não nos determos simplesmente no nível descritivo, formal e estéril, quanto de acrescer contribuições sobre a relação entre mídia e idosos, público tão ilustrativo do futuro e que é tantas vezes relegado ao passado. Nesta perspectiva, nos aproximamos da fala de Hall em suas reflexões sobre o desenvolvimento da pesquisa na linha dos estudos culturais:

¹⁰ Esses aspectos são mais bem desenvolvidos no final do capítulo I e no capítulo II e IV.

Penso que qualquer pessoa que se envolva seriamente nos estudos culturais como prática intelectual deve sentir, na pele, sua transitoriedade, sua insubstancialidade, o pouco que consegue registrar, o pouco que alcançamos mudar ou incentivar à ação. Se você não sente isso como uma tensão no trabalho que produz é porque a teoria o deixou em paz. (HALL, 2003b, p.200).

Tecer indagações, discutir com a teoria; pensar a recepção como forma de compreender a realidade cotidiana dos indivíduos, suas ações e tentar registrá-las, ainda que minimamente; tensionar conceitos e pô-los à prova no plano empírico. É a partir destas intenções que realizamos esta pesquisa.

No primeiro capítulo, revelamos as tradições e fundamentos teóricos que nos guiam na investigação. Inicialmente, realizamos um breve retrospecto sobre as trajetórias dos estudos culturais britânicos e latino-americanos. Em relação aos primeiros, priorizamos as reflexões de Stuart Hall sobre o modelo “Codificação/Decodificação”, o qual será (associado àquele desenvolvido por Martín-Barbero), basilar em nossa construção metodológica. Nas teorizações latino-americanas, realizamos considerações sobre o desenvolvimento do campo na América Latina e no Brasil, com foco principal no desenvolvimento das teorizações barberianas. Também discutimos a classe social e o gênero como mediações. Por fim, apresentamos nossa proposta teórico-metodológica.

As reflexões sobre o significado social do envelhecer, sobre a mídia e identidades na velhice são tema do segundo capítulo. Versamos sobre a construção social da velhice e o modo como esse período é problematizado na contemporaneidade. Após, trazemos reflexões sobre a mídia como sistema de representações sociais e a questão das identidades, em especial a identidade na velhice. O capítulo é finalizado com a proposta das codificações dominantes, opositivas e negociadas do discurso da telenovela sobre a velhice, baseada nas reflexões tecidas anteriormente. Explicamos as posições de codificação em termos gerais e específicos, a partir das categorias propostas.

No terceiro capítulo, abordamos a mediação barberiana da institucionalidade através de reflexões teóricas sobre a telenovela no Brasil e da apresentação da Rede Globo: sua organização, modos de produção da telenovela, informações gerais sobre *Passione* e, por fim, apontamentos sobre a trajetória e concepções de mundo de seu autor, Silvio de Abreu.

O quarto capítulo dedica-se à análise das representações da velhice na telenovela, a mediação da tecnicidade. Trazemos considerações sobre a metodologia e passamos à

apresentação e análise das personagens, com base nas dimensões da família, beleza/cuidado de si/saúde, vida afetiva/sexualidade e trabalho.

No capítulo cinco, as mediações referentes ao momento da decodificação são abordadas no plano empírico. É aqui que apresentamos as receptoras com quem convivemos, a partir de seus perfis e da descrição detalhada da interação em campo. Através das categorias propostas, investigamos o entorno que dota de sentido o modo como elas apreendem as representações da telenovela, conformando a dimensão da socialidade.

O capítulo seis problematiza a recepção de *Passione*, buscando articular o que observamos nas codificações da telenovela sobre a velhice, as vivências pessoais das receptoras e suas apropriações da teleficção com base nas categorias propostas. Buscamos apontar algumas pistas sobre as identificações das entrevistadas com as personagens e o modo como lêem a velhice representada na trama.

Por fim, na conclusão versamos sobre o que conseguimos refletir sobre as relações entre as representações da velhice veiculadas por *Passione* e suas apropriações por mulheres idosas das classes populares.

1 ESTUDOS CULTURAIS E DE RECEPÇÃO

Os estudos culturais constituem um campo de pesquisa, uma tradição teórica que lança um olhar sobre as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, suas formas, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com as transformações sociais. É marcado por uma abordagem interdisciplinar, que visa superar a “divisão acadêmica convencional do trabalho por meio da superação da especialização que divide o campo de estudo da mídia, da cultura e das comunicações” (KELLNER, 2001, p. 18).

O surgimento institucional dessa perspectiva de investigação é normalmente datado de 1964, a partir da fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) na Universidade de Birmingham, Inglaterra. A gestação das teorizações advinha de 1950, com a publicação de “As utilizações da Cultura” por Richard Hoggart e de “Cultura e Sociedade”, por Raymond Williams. Com as lentes atravessadas pelos estudos de tradição frankfurtiana e por uma perspectiva funcionalista norte-americana, os estudos culturais recusam uma noção das audiências como passivas e homogêneas, como também a ideia de que os textos midiáticos carregam um sentido transparente. Rejeitam um modelo de comunicação matemático, linear, baseado no estímulo-resposta. Para os estudiosos, a questão central situa-se não só na significação, mas nas relações de poder. Margeadas pela problematização da Indústria Cultural, as teorizações debruçaram-se inicialmente a compreender os textos, a forma como os mesmos reproduziam a ideologia dominante.

Certamente um dos marcos na caracterização da escola dos estudos culturais é a redefinição e problematização do conceito de cultura. A cultura não poderia ser pensada como uma entidade homogênea, mas sim de um número infindável de intervenções ativas - expressas através do discurso e da representação - no contexto histórico no qual estão inseridas. Assim, as práticas culturais seriam formas materiais e simbólicas, e a criação cultural passa a ser vista como situada no espaço social e econômico (ESCOSTEGUY, 2001).

O contexto sócio-histórico britânico marcou significativamente o surgimento desse projeto teórico-político. Um dos marcos é a multiplicidade de seus objetos de investigação, isso porque se considerou impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social existentes. Na década de 1970, a temática em voga era a das subculturas e da compreensão dos meios de comunicação como aparelhos ideológicos do

Estado. Nesse período, o desenvolvimento do feminismo mostrou-se uma ruptura decisiva para o desenvolvimento de um estudo mais específico dentro do campo, assim como para inserir novas variáveis na questão de identidade.

Nesse ínterim, foram de contribuição fundamental as reflexões de Stuart Hall sobre o processo de codificação e decodificação das mensagens midiáticas. O artigo "Codificação/Decodificação", apresentado pelo autor em um colóquio realizado pelo *Centre for Mass Communications Research* na Universidade de Leicester em 1980, buscou romper com a noção do processo comunicacional como linear e transparente para problematizar algumas questões como a mensagem, sentido e determinação dos conteúdos midiáticos. Nele, Hall tece considerações sobre um possível modelo para compreensão do processo comunicativo a partir de um programa televisivo. O autor versa que toda cultura ou sociedade tem a tendência de "[...] impor suas classificações do mundo social, cultural e político. Essas classificações constituem uma ordem cultural dominante, apesar de esta não ser nem unívoca nem incontestável" (HALL, 2003a, p.374).

Sentidos dominantes ou preferenciais organizam hierarquicamente domínios discursivos de diferentes áreas da vida social. Assim como existe uma forma de sentido dominante na esfera da codificação, é possível considerar que existam leituras que endossem tais posições, o que Hall denominou por "leituras preferenciais", na qual o receptor opera dentro do código dominante. Desse modo, também existem leituras negociadas, as quais, atravessadas por contradições, reconhecem a legitimidade das definições hegemônicas mas situacionalmente, elabora seus próprios modos de ver. A decodificação opositiva, por sua vez, caracteriza-se por destotalizar "[...] a mensagem dentro de um código preferencial para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo" (HALL, 2003a, p. 379).

As teorizações de Hall e a proposição de seu modelo para entender o processo comunicacional para além de um circuito entre emissão, mensagem e recepção trouxeram contribuições valiosas para os estudos culturais, especialmente para as pesquisas que se debruçam no entendimento das relações entre a mídia e seus receptores. A aplicação desse modelo nas pesquisas empíricas de recepção tem se revelado um desafio que exige teorizações e construções metodológicas distintas, a fim de operacionalizá-lo. Como o próprio autor revela em entrevista sobre o artigo Codificação/Decodificação:

Não pensava que o artigo geraria um modelo que duraria pelos próximos 25 anos. Não penso que ele tenha o rigor teórico, a lógica interna e a consistência conceitual para isso. Se ele é de alguma serventia, para hoje ou mais tarde, é pelo que sugere. Sugere uma abordagem, abre novas questões,

mapeia o terreno. Mas é um modelo que tem de ser trabalhado, desenvolvido e mudado. (HALL, 2003b, p.236)

Uma das principais contribuições para a revisão do modelo de Hall foi a realizada por David Morley em um longo estudo de recepção, publicado como *Nationwide Audience*. Nele, Morley faz considerações sobre a aplicação empírica que reafirmam a validade do modelo para refletir sobre as relações entre mídia e receptores, assim como abre caminhos para o desenvolvimento de outros estudos. Uma das contribuições fundamentais de Morley está no interesse pela audiência como produtora de sentido, retomando as preocupações iniciais apresentadas por Hoggart (RONSINI, 2004).

Em meados da década de 1970 e a partir de 1980, os estudos culturais espriam-se para além da Grã-Bretanha. Novas perspectivas de pesquisa são aventadas, como atenção à pluralidade dos modos de vida e suas relações com a mídia. O enfoque na análise dos meios de comunicação persiste, contudo as pesquisas são concretizadas em combinação com a análise da audiência. Para tanto, disciplinas de campos como a história, a sociologia e a antropologia passam a dialogar de forma mais estreita com os estudos culturais, conformando o que os estudiosos nomeiam por “virada etnográfica” do campo. A partir do ensaio *Encoding/Decoding* de Hall, das reflexões de Morley e de outros estudos importantes como “*Watching Dallas*”, de Ien Ang (1985), a ênfase sobre o receptor é problematizada como modo de compreender os contornos das identidades, o papel dos meios de comunicação e o funcionamento do espaço público.

Especialmente na América Latina, a partir da década de 1980 os estudos culturais são problematizados através de um outro olhar, dos estudiosos que buscavam compreender as culturas e as práticas comunicativas através dos receptores. Gomes, I. (2004) pontua que o enfoque inicial dessas pesquisas está na compreensão da mídia como lugar de construção da hegemonia, ou seja, em entender como os sujeitos concretos negociavam os sentidos ideológicos das mensagens, se endossavam ou rejeitavam seus apelos.

Os estudos de recepção firmam-se para nomear as pesquisas empíricas interessadas nas audiências e suas relações com os produtos midiáticos. Escosteguy e Jacks (2005) identificam quatro principais perspectivas de investigação entre mídia e audiências na América Latina: frentes culturais, consumo cultural, recepção ativa e uso social dos meios.

Na América Latina, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gómez e Néstor Garcia Canclini fomentaram o desenvolvimento do campo de estudos. A partir da problematização das culturas populares e da constituição do massivo, são desenvolvidas as perspectivas dos

usos sociais dos meios (Martín-Barbero), das multimediasções (Orozco Gómez) e dos processos de hibridização cultural e consumo (García Canclini).

Em retomada do estado da arte dos estudos de recepção brasileiros realizados da década de 1990, Jacks, Meneses e Piedras (2008) identificaram 49 estudos com foco na relação entre audiência e meios, dentre os 1769 desenvolvidos nos programas de pós-graduação em comunicação existentes no período. Mesmo sendo um pequeno número de teses e dissertações considerando a amplitude da década, revela diversas perspectivas de investigação, seja na abordagem teórica (sociocultural, comportamental ou outras), na escolha do objeto (televisão, rádio) na seleção da amostra (jovens, crianças, mulheres, etc), entre outras tantas especificações possíveis.

A partir da diversidade do campo, qual seria a especificidade dos estudos de recepção? Em consonância com Ronsini (2010), acreditamos que se trata do enfoque no entendimento da experiência cotidiana de interação do receptor com os meios e suas relações com esferas mais amplas de significação. Consideramos os estudos de recepção como a pesquisa empírica realizada no marco dos estudos culturais (RONSINI, 2007). Entendemos a recepção como um lugar privilegiado para investigar as relações entre práticas cotidianas, cultura e mídia, para pensar os embates e complementaridades da interação entre o produto midiático e a sua audiência na produção de sentido (RONSINI, 2010).

Caracterizar os estudos de recepção como pesquisa empírica com foco na audiência não implica em desconsiderar o processo de comunicação como um todo. Pelo contrário, apesar de não termos a pretensão de abarcá-lo, a própria investigação dos receptores exige que se ultrapasse a dimensão imediata das relações entre telespectador/meio para entrar nas esferas do cotidiano, das instituições, da sociabilidade¹¹, enfim: do mundo através do qual a recepção adquire sentido. Isso, como é possível perceber, ultrapassa um centramento na audiência ou no meio e tenta dar conta, ainda que de forma circunstancial, da interação entre ambos.

1.1 O MODELO DAS MEDIAÇÕES EM MARTÍN-BARBERO

¹¹ Neste trabalho, a sociabilidade é entendida como as formas de interação, de “estar junto” das receptoras (em grupos, no cotidiano dos bairros, em família, etc). Já a socialidade é utilizada estritamente para nomear uma das mediações do modelo das Mediações Comunicativas da Cultura de Martín-Barbero.

Em sua obra, Martín-Barbero não sistematiza de forma específica o que são as mediações. O termo adquire significados distintos, de acordo com as articulações teóricas construídas. Signates, ao analisar os usos da palavra “mediações” na obra seminal¹² do autor espanhol radicado na Colômbia, constata essa imprecisão conceitual. No texto, por vezes apreende-se o conceito como categoria teórica ou discursividade específica, por vezes como estruturas, formas e práticas de vinculação. Em outro momento, “mediações” dizem respeito à instituição ou local geográfico e aos dispositivos de viabilização e legitimação da hegemonia.

Em um primeiro momento, Martín-Barbero propõe três lugares de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 290-301) no processo de interação entre sujeitos e televisão: cotidianidade familiar, competência cultural e temporalidade social. Esta proposta é redimensionada pelo autor passados dez anos da publicação de seu livro. Ainda defensor da premissa de que o foco deve permanecer nas mediações, “Martín-Barbero retoma seu modelo à luz de diversos acontecimentos sociais, especialmente na América Latina, e das transformações mundiais no campo da indústria da cultura e da informação” (JACKS, MENESES, PIEDRAS, 2008, p.33).

Para o autor, torna-se necessário traçar um mapa que reconheça o papel de condensação e intersecção que os meios de comunicação exercem em relação às múltiplas redes de poder e de produção cultural. De outra forma, atenta para a necessidade de combater a idéia de que a técnica é hoje um “grande mediador” entre as pessoas e o mundo (MARTÍN-BARBERO, 2008).

Trazemos ainda a fala do autor em uma entrevista concedida à revista MatriZES. A citação é extensa, mas bastante elucidativa para compreender a perspectiva teórica do autor:

Eu já estava repensando essas questões, tinha que fazer uma mudança que não era ir das mediações aos meios, mas perceber que a comunicação se adensava diante da nova tecnicidade, era a “institucionalidade” da tecnicidade. Pode-se continuar falando «das mediações dos meios», mas «mediação» para mim sempre foi outra coisa que tem muito mais relação com as dimensões simbólicas da construção do coletivo. Preferi falar então de “mediações comunicativas da cultura”, e quando digo da cultura não falo somente de seus produtos, mas digo da sociedade, da política. Esta foi a mudança. [...] reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação. Então, a noção de comunicação sai do paradigma da engenharia e se liga com as «interfaces», com os «nós» das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada. A linguagem é cada vez mais intermedial

¹² MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

e, por isso, o estudo tem que ser claramente interdisciplinar (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p.153).

O autor busca compreender o papel das tecnologias comunicacionais, mas sem assumir a perspectiva da tecnologia como matriz configuradora absoluta dos processos sociais¹³. Ainda em relação a esse pensamento, ele explica que, mesmo tratando das tecnologias, ainda nomeia-se uma mediação simbólica. Aqui, vale-se do conceito de entorno. O primeiro seria o entorno ecológico, do mundo vegetal e animal. O segundo, o institucional, que abriga as instituições políticas, as cidades, os impérios, o estado, a sociedade. Agora nos situamos também em um entorno “comunicativo”:

[...] esse entorno tecnicocomunicativo com suas linguagens, escrituras e gramáticas novas. E assim a concepção de comunicação vai se tornando muito mais capaz, “epistemologicamente”, de dar conta do que ocorre na vida social, com as tecnologias de comunicação transformando-se de instrumento pontual em ecossistema cultural (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 159).

A partir dessas reflexões, nesse momento de sua obra, Martín-Barbero propõe um modelo aprimorado a partir do qual pensar as mediações. Partindo da tríade formada por comunicação, cultura e política (elementos necessários para tematizar o contexto contemporâneo), o autor elege quatro mediações comunicativas da cultura: socialidade, ritualidade, tecnicidade e institucionalidade. Estas se encontram dispostas através de dois eixos: um sincrônico, que relaciona as Lógicas de Produção às Competências de Recepção; e outro, diacrônico, no qual estão dispostas as Matrizes Culturais em relação aos Formatos Industriais.

¹³ A questão nodal que norteia sua reflexão é apresentada no prefácio à 5ª edição de “Dos Meios às Mediações”: “Como assumir, então, a complexidade social e perceptiva que hoje reveste as tecnologias comunicacionais, seus modos transversais de presença na cotidianidade [...] suas intrincadas formas de mediação tanto do conhecimento quanto da política, sem ceder ao realismo inevitável produzido pela fascinação tecnológica, e sem deixar-se apanhar na cumplicidade discursiva da modernização neoliberal – racionalizadora do mercado como único princípio organizador da sociedade em seu conjunto – com o saber tecnológico, segundo o qual, esgotado o motor da luta de classes, a história teria encontrado seu substituto nos avatares da informação e comunicação?” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.12)



FIGURA 1 - Mapa das mediações comunicativas da cultura

As mediações da socialidade e da ritualidade são mais diretamente relacionadas ao momento da recepção¹⁴. A *socialidade* é o elo de conexão entre as Matrizes Culturais (MC) e as Competências de Recepção/Consumo (CR), lugar “de ancoragem da *práxis comunicativa* e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações (hegemonia/contra-hegemonia) com o poder” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.17). Entendemos a socialidade corresponde ao lugar de mediação da competência cultural (1987) e faz menção à inserção do indivíduo na estrutura social e a seus referentes identitários, como geração, gênero e etnia, permeados pelas relações de classe social. É no fazer-se cotidiano, através de valores de instituições como a família e a escola que os indivíduos negociam com a mídia e constituem suas identidades.

A *ritualidade*, por sua vez, faz mediação entre os Formatos Industriais e as Competências de Recepção. Essa mediação diz respeito às gramáticas de ação (ver, escutar, ler) que regulam as interações entre tempos e espaços da vida cotidiana e os tempos e espaços

¹⁴ Para mais considerações a respeito das mediações da socialidade e da ritualidade, ver WOTTRICH, L.; CÓRDOVA, R.; RONSINI, V. V. M. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Ficção Televisiva”, do XXXII Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba/PR em setembro de 2009.

que conformam os meios (JACKS, MENESES, PIEDRAS, 2008). São os diferentes usos sociais dos meios e trajetos de leitura,

[...] ligados a condições sociais de gosto, marcados por níveis e qualidades da educação, dos saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, e os hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual, que influenciam na experiência de ver sobre a de ler e vice-versa (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p..228).

Trata-se de pensar como os indivíduos se apropriam dos sistemas de representações sociais dado pelas matrizes culturais em sua constituição identitária. É como os sujeitos, a partir de suas posições, lêem, vêem e ouvem os produtos midiáticos. Empiricamente, é o momento da assistência da telenovela, a esfera do cotidiano, o modo como os receptores relacionam-se com a TV e demais meios de comunicação.

Para abordar o âmbito da produção, Martín-Barbero apresenta as mediações da institucionalidade e da tecnicidade. A primeira é a mediação que atravessa a comunicação e a converte na urdidura da civilidade, pertencendo a duas ordens contrapostas: “[...] a que desde o Estado configura os meios de comunicação como “serviço público”, e a que desde o mercado converte a “liberdade de expressão” em livre comércio” (p.229, 2002b, tradução nossa). Esse sentido de “tensionamento” é mais bem desenvolvido pelo autor no prefácio à 5ª edição brasileira de “Dos Meios às Mediações”. No texto, Martín-Barbero diz que

A institucionalidade tem sido, desde sempre, uma mediação densa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias -, buscam defender seus direitos e fazer se reconhecer, isto é, reconstituir permanentemente o social (p.17, 2008).

A institucionalidade, nesse sentido, nos ajuda pensar as oposições e tensionamentos entre discursos públicos e privados que engendram as formas de cidadania.

Entendemos que o autor não fala de uma mediação da institucionalidade distinta, única, mas sim de diferentes regimes de institucionalidade que auxiliam a entender as relações entre as Lógicas de Produção e as Matrizes Culturais. Assim, sua abordagem adquire distintas nuances dependendo do enfoque das reflexões. Em entrevista recente, ao refletir sobre o modelo das “mediações comunicativas da cultura”, Martín-Barbero explicita:

Isso me leva a dar mais um passo, junto com a aparição massiva, em meados de 1990, do computador e do que veio rapidamente com ele. Inverto meu primeiro mapa e proponho as “mediações comunicativas da cultura”, que

são: a “tecnicidade”; a “*institucionalidade*” *crecente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, político, cultural*; a “socialidade” – como o laço social está se transformando para os jovens, como as relações entre pais e filhos, e entre casais, estão mudando. [...] (MARTÍN-BARBERO, 2009a, grifo nosso).

Nessa passagem, o autor trata da institucionalidade para falar da expressividade dos meios de comunicação como configuradores dos processos sociais, abordagem que permeia sua proposição teórica do momento. Trata-se do papel das instituições sociais na constituição do público e no reconhecimento cultural, processo que, atualmente, é consideravelmente mediada pelos meios de comunicação.

Outro lugar de mediação situado na esfera da codificação é a tecnicidade, situada entre as lógicas de produção e os formatos industriais. Martín-Barbero dialoga com a tecnicidade para relevar o papel da técnica como organizadora de novas formas de percepção, de novas práticas e competências de linguagem.

Em consonância com Ronsini (2010), entendemos que a tecnicidade pode ser pensada tanto num sentido mais amplo, para refletir sobre o papel da tecnologia nos processos de reorganização do modo de produção capitalista e nas transformações do mundo globalizado; quanto de modo mais específico, o que é nossa escolha dentro das possibilidades de um estudo de recepção. Filiamos-nos à ideia barberiana da tecnicidade como “aquilo que se move em direção à identidade” (2009b), ou seja, da técnica como um organizador de percepções que incidem sobre a conformação identitária dos receptores. No recorte da pesquisa, significa investigar como a telenovela constrói representações da velhice e do envelhecimento através do aparato técnico, o que inclui desde cenários, figurinos e demais especificidades da produção até aspectos discursivos.

O modelo das mediações comunicativas da cultura foi apresentado no prefácio à quinta edição brasileira de “*Dos Meios às Mediações*”. Desde então, Martín-Barbero vem, em textos esparsos, aprimorando seu pensamento e trazendo outras contribuições para pensar as mediações.

Em seu mapa das mutações culturais (2009b), o autor retira as mediações da socialidade da institucionalidade, consideradas por ele como “mais sociais”, para inserir as mediações da identidade e da cognitividade que, junto com a tecnicidade, são importantes para compreender as novas configurações das tecnologias na constituição das identidades e das relações dos sujeitos com os meios de comunicação.

Consideramos que essas novas mediações podem ser problematizadas através da transposição empírica da ritualidade, socialidade e tecnicidade para as pesquisas de recepção (RONSINI, 2010). Estudar os enfrentamentos e anuências dos receptores em relação à telenovela a partir de sua conformação geracional, de gênero e de classe na experiência cotidiana é lidar diretamente com a questão das identidades, de seus modos de constituição e transformações. Assim, não consideramos a identidade como uma mediação, mas como um constructo das relações que o sujeito tece na sua vida cotidiana e no contato com a mídia. Nesse sentido, a cognitividade, como conjunto de valores, aprendizados e crenças que interferem nas apropriações individuais, define e está subsumida na noção de identidade.

Na trajetória de Martín-Barbero, percebemos que as transformações em seus modos de pensamento partem do esforço de entender as transformações sociais, em que a comunicação tem adquirido cada vez mais relevância como protagonista dos modos de ser e de interagir no mundo. Por mais que a passagem das mediações culturais da comunicação para as mediações comunicativas da cultura demarque distinções importantes, consideramos que a ênfase está em problematizar que papel a comunicação, em conjunção com as dinâmicas culturais e políticas, assume na contemporaneidade. Neste trabalho, a partir da socialidade e ritualidade, estabelecemos gênero e classe social como mediações norteadoras. Abaixo trazemos algumas considerações a respeito, com o esforço de relacionar o referencial teórico ao plano empírico e construir pistas para a análise que virá a seguir.

1.2 A MEDIAÇÃO DE CLASSE

Nesta pesquisa, entender a classe torna-se importante para problematizar como as representações construídas sobre a velhice pela mídia participam dos processos de constituição social dessas representações e de configuração das identidades das receptoras. Mais adiante, exporemos como as representações dominantes da velhice são relacionadas ao viés de classe, pois o velho – decrepito, senil, decadente – passa a ser aquele que, não mais apto a produzir, retira-se do mercado de trabalho. Fragilizado, necessita do amparo do Estado para sua subsistência. Peixoto (2006) realizou um estudo sobre a construção da velhice na sociedade brasileira e francesa e revelou que no Brasil a palavra “velho” é utilizada para referir-se aos idosos mais pobres, enquanto “idoso” e “terceira idade” são termos para nomear os mais aquinhoados. As representações dominantes, que associam velhice a predicados negativos, são geralmente ligadas às classes populares.

Noutro sentido, no processo de positivação da velhice percebido especialmente nas últimas décadas, a vivência de uma “boa velhice” é diretamente relacionada ao potencial de consumo do idoso, o que de antemão exclui os mais empobrecidos. A constituição dessas representações perpassa a vivência das entrevistadas na forma como classificam suas velhices e se apropriam dos discursos da telenovela.

A mediação de classe para estudar a recepção da mídia auxilia a ver que a produção de sentido está vinculada a relações de poder, cuja efetividade transcende o cotidiano, a subjetividade dos receptores. Relevar a mediação de classe num estudo de recepção é considerar que a produção cultural é intimamente ligada à dinâmica do capitalismo e à economia do mercado. Sem essa percepção,

Os públicos ativos e consumidores nômades festejados na nova onda de estudos da cultura e mídia pareciam cada vez mais com os indivíduos autônomos do capitalismo de Adam Smith, alcançando a autorealização através de escolhas de mercado. Esta confortável história de satisfação e escolhas pessoais poderia ser sustentada não apenas esquecendo convenientemente as explorações envolvidas na produção de conveniência e ignorando as profundas desigualdades estruturais que o sistema reproduzia (MURDOCK, 2009, p.45).

Pensar as classes sociais é manejar um conceito pesado, de tradição teórica extensa e múltiplas abordagens. A classe social, assim como outros conceitos tão abrangentes quanto necessários para a explicação dos fenômenos sociais, como “interesse”, “dominação” e “conflito”, são realidades teóricas, “lugares sociológicos” permeados por diversas tradições de pesquisa. O vigor, a potencialidade explicativa desses conceitos não está em uma “boa definição” teórica, cuja problematização levaria apenas a um aperfeiçoamento gramatical de definições. A análise das classes sociais adquire relevância em sua articulação com a pesquisa empírica, em categorizações, análise e discussão dos dados (PASSERON, 2005).

No Brasil, o trato acadêmico das classes sociais é tradicionalmente datado de 1940, com a emergência de pesquisas na área da antropologia e da sociologia, as quais, respectivamente, visavam compreender a classe de forma descritiva, através do estudo dos estratos sociais ou os que se valiam dela como conceito explicativo dos fenômenos sociais. A ideia de que a estrutura social e sua reprodução dependem da ação das classes, tributária da tradição sociológica de autores como Florestan Fernandes e Luis de Aguiar Costa Pinto, ganha força na década de 1960 (GUIMARÃES, 2002).

Aqui a influência do pensamento marxista é definitiva para problematizar os embates entre o empresariado industrial, o operariado nascente e as remanescentes oligarquias agrárias. A análise da dependência, os estudos sobre o patrimonialismo, clientelismo e

populismo, além daqueles focados em compreender a formação das classes no Brasil ocupam a cena acadêmica. Se nesta década as teorizações gozam de um prestígio considerável, em 1970 são percebidos os primeiros sinais de esgotamento, principalmente devido à derrota das forças populares de esquerda em 1964 e 1968.

A partir de 1980 a transformação do conceito de classe evidencia-se, principalmente com a incorporação das classes populares como objeto de estudo e da inserção de categorias do cotidiano e das vivências dos agentes nas análises. Imaginário e experiência tornam-se o foco de estudos na busca da compreensão dos dominados como “criadores de seus próprios mundos” (GUIMARÃES, 2002, p.25). Conforma-se um contexto de estudos bem mais amplo, marcado pela diversidade de abordagens e objetos. O cenário político de organização sindical e emergência de partidos comprometidos com a visão dos trabalhadores geram debates sobre as relações entre movimentos populares e as classes.

A ênfase em pensar o popular inserido no espectro das classes sociais, na sua capacidade de reivindicação e ação política, levou os pesquisadores a questionar se a atuação dos atores sociais de carne e osso na esfera do cotidiano não seria relevante para pensar o modo como as classes sociais se constroem. Há aqui a tentativa de articular os estudos das condições e processos de trabalho ao contexto de vivências de classe, como grupos identitários de status ou como coletivos políticos (Idem, p.27). O estudo dos condicionantes subjetivos de classe e da cultura operária são fomentados por autores como Raymond Williams e Edward Thompson, precursores da escola dos estudos culturais britânicos.

Com o transcorrer dos anos, as teorizações sobre classe perdem paulatinamente sua força explicativa, muito devido às transformações no capitalismo que não foram previstas pela teoria marxista clássica. A emergência das classes médias, as constantes reinvenções do sistema (que não se deteriorou a partir de suas contradições como previra Marx), a conformação do capitalismo financeiro, entre outros fatores foram decisivos para um certo esvaziamento e descrédito das pesquisas. Nesse contexto, teorizações sobre as etnias, relações de gênero e de credo religioso adquirem o status de superar um certo “determinismo de classe”, tendo o mérito de explicar de forma mais ampla e “menos reducionista” os processos sociais (GUIMARÃES, 2002)

Sobre essa perda de força da classe como princípio explicativo dos processos sociais, Hall (1997) e Murdock (2009), a partir de seus contextos, consideram que se inserem na “virada cultural” que atravessou o campo acadêmico das ciências sociais na segunda metade do século XX. Nesse período, os estudos sobre a cultura adquirem relevo e as configurações de classe são consideradas reducionistas e incapazes de explicar as transformações no modo

de vivenciar as identidades, os novos estilos de vida e de consumo e a ascensão de novos movimentos sociais, como o feminismo e a ecologia.

Nos estudos de comunicação, percebemos o mesmo movimento teórico de desconsideração da classe. A virada cultural também afetou o campo e retirou de maneira progressiva a análise das classes sociais dos roteiros de pesquisa. A cultura é celebrada em sua autonomia, como independente e até mesmo oposta às relações de classe.

Parece-nos que as críticas realizadas à incapacidade do referencial de classe de dar conta das transformações sociais recentes dizem mais sobre a necessidade de renovar o debate do que sobre uma desimportância do conceito. No Brasil, 3º país com pior índice de desigualdade do mundo¹⁵, desconsiderar a dinâmica de pertencimento às classes quando pensamos a recepção da mídia é fechar os olhos para o fato que a produção midiática é intimamente relacionada à dinâmica do capitalismo, influenciando nos modos como a desigualdade é (re)produzida e os sujeitos são considerados.

No plano teórico, autores têm questionado o esmaecimento dos estudos que consideram a classe social como conceito-chave, mostrando a impossibilidade de descartá-lo para compreender os fenômenos sociais e o contexto brasileiro extremamente desigual (SOUZA, 2006; MILIBAND, 1990; GUIMARÃES, 2002; SANTOS, 2002; MURDOCK, 2009; RONSINI, 2007, 2010).

Muitas vezes, a importância da classe é dissolvida nas teorizações sobre as identidades. Elas são consideradas em sua fluidez e pluralidade, marcadas pelas posições de gênero, religião, etnia, etc. Nesse sentido, a classe seria incapaz de explicar fenômenos como o sexismo, o racismo e os nacionalismos. Os mais severos consideram o foco nas classes sociais como um obstáculo que impede a percepção de outros fatores igualmente, se não mais importantes para o entendimento da vida social.

Miliband (1990) contrapõe esses argumentos mostrando que por mais que sejamos mulheres, homens, negros, indígenas, ainda sim estamos situados em determinado ponto da estrutura social, ainda somos membros de uma determinada classe. O “ser social” é constituído de forma complexa e multideterminada por diversas identidades, contudo a classe é um componente decisivo para sua conformação, aquela que envolve todas as demais.

¹⁵ Segundo pesquisa divulgada em 2010 pelo Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD), a partir da análise de dados de 2008 no país. Para acessar o relatório, ver PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Informe regional sobre desenvolvimento humano para América Latina e Caribe 2010. Disponível em: <<http://www.idhalc-actuarsobreelfuturo.org/site/informe.php>>. Acesso em 15 out. 2010.

Essa é também a perspectiva barberiana para pensar a recepção da mídia. Na articulação entre mediações e classe social, Martín-Barbero destaca a classe como uma dimensão importante para compreender as configurações da mídia no cotidiano. Para ele, a diferença de classe, por mais que seja mediada por outras distinções como etnia, idade e gênero, não pode ser pensada como uma diferença a mais, mas sim como “[...] aquela que articula as demais a partir de seu interior e se expressa por meio do *habitus*, capaz de entrelaçar os modos de possuir, de estar junto e os estilos de vida” (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p.14). Nesta pesquisa, articulamos a mediação de classe com a de gênero, tentando perceber suas intersecções e relações.

Para pensarmos o conceito de classe no contexto da recepção, partimos da ideia de Guimarães (2002) apresentada por Ronsini (2007, p.48) que fala de classe para nomear “posições objetivas na estrutura social, às quais corresponderiam interesses e modalidades de ação que, por sua vez, não se restringem à organização coletiva e ação política e abarcam práticas culturais e sociais de enfrentamento cotidiano”. Ao relevar a posição social, sem, contudo restringir-se a ela e integrar a dinâmica cultural e a esfera do cotidiano, a noção visa fugir ao reducionismo pelo qual os estudos são normalmente criticados.

A posição de classe foi observada a partir da renda do membro mais bem situado na família (QUADROS, ANTUNES, 2001). Por essa metodologia de estratificação sócio-ocupacional, os grupos são divididos em quatro camadas: alta (proprietários e alta classe média), média (proprietários de pequenos negócios urbanos e média classe média), média baixa (baixa classe média, trabalhadores autônomos e operários) e baixa (operários, assalariados populares, trabalhadores autônomos, empregados domésticos e não-ocupados). As receptoras enquadram-se nas classes média baixa e baixa, que consideramos como populares. Suas rendas estão na faixa de R\$ 510,00 a R\$1000,00 mensais.

Na pesquisa, a precariedade econômica influi diretamente no acesso à informação e possibilidades de lazer das entrevistadas. O acesso a bens culturais é restrito: elas têm no rádio e na TV o principal meio de entretenimento; cinco nunca tiveram acesso a computador; não assinam jornais e, a exceção de Maria, não assinam revistas. Elas não costumam frequentar atividades culturais como exposições, shows, teatro, etc. Suas atividades de lazer geralmente restringem-se ao universo de opções do bairro ou, para algumas, aos grupos de atividades voltados para os idosos e aos bailes que frequentam no centro da cidade.

Em relação aos contextos de vida, na família elas assumem a chefia do lar, muitas vezes sendo responsáveis com sua aposentadoria ou pensão pelo amparo de filhos e netos.

Elas relatam ter sofrido situações de preconceito, desrespeito e violência, que se relacionam à posição de gênero em suas vivências como idosas.

A participação em grupos ou organizações de reivindicação política não é realidade para as entrevistadas. Elas não são engajadas em quaisquer movimentos ou organizações, não conhecem movimentos sociais ou sabem os objetivos de algum deles. Em relação à velhice, todas já ouviram falar do Estatuto do Idoso, mas não sabem dizer o que ele propõe ou quais são as implicações diretas das leis em suas vidas. A ausência da organização política e de uma pretensa consciência de classe é presente na vida das receptoras. Contudo, isso não invalida a importância da classe em suas vivências e leituras da mídia. Além das restrições econômicas que implicam muitas vezes em situações de opressão e violência, a classe também se mostra através de uma perspectiva sociocultural, na construção de um *habitus* ao longo da vida.

Pensando a classe através da cultura e das relações cotidianas, podemos compreender os ambientes de sociabilidade dessas mulheres, em muito restritos à esfera do bairro ou aos grupos de atividades/convivência que participam. Também é possível entender as relações que estabelecem com seus corpos, como o fato de não pensarem em realizar intervenções mais drásticas no corpo/aparência, como exporemos mais adiante. A perspectiva sociocultural é também importante por esclarecer

[...] fatores “extra-econômicos”, existenciais, morais e políticos, subliminares e subscientes que constroem e permitem um padrão de desigualdade que é o único possível no contexto de igualdade formal e de democracia aberta típicos da moderna sociedade capitalista: um padrão que pressupõe opacidade e intransparência ao esconder a fonte social e, portanto, “construída” da desigualdade (SOUZA, 2006, p.74).

A ideologia espontânea do capitalismo contemporâneo, que opera através de “estruturas pré-reflexivas e opacas à consciência cotidiana” (IDEM, p.77), baseia-se nos valores da disciplina, liberdade, autonomia e da auto-responsabilidade. Trata-se de uma ética do desempenho bastante adequada ao trabalho produtivo, que divide os classificados dos “desclassificados”, aqueles que merecem reconhecimento social e respeito dos demais, para o qual essa valoração é negada. Ancorada no Estado e no mercado, essa construção de valor incide na atribuição de respeito e de reconhecimento social, assim como no modo como os indivíduos percebem suas chances e configuram sua autoestima. O preconceito e a desigualdade de classe são produzidos e reproduzidos de forma naturalizada e opaca. O

pertencimento a determinada classe é justificado conscientemente como se a posição desigual fosse fruto do mérito e, portanto, do esforço e das qualidades individuais.

As idosas, já aposentadas ou retiradas do mercado de trabalho, em um processo natural de perda de controle sobre o corpo e das atividades motoras e intelectuais, são mais facilmente inseridas entre os desclassificados. Elas são constantemente impelidas a pensar suas velhices como uma tarefa individual, que podem manejar com esforço e adoção de atitudes e hábitos adequados. Quando responsabilizadas por seu envelhecimento e posição de classe, parece-nos que as idosas são duplamente desclassificadas: por seu pauperismo, de um lado; e por sua velhice, de outro.

Essas nuances do pertencimento à classe incidem no modo como as receptoras percebem-se como mulheres e idosas, num processo construído ao longo de suas vidas. Na recepção, a mediação de classe é perpassada pela de gênero, que toma feições específicas no caso da velhice. Abaixo tecemos algumas considerações a respeito, no esforço de não objetar a classe às demais diferenças (de gênero, étnicas), mas sim explorar como essas diferenças são classificadas e de que modo, ao mesmo tempo, são cruzadas com a organização da experiência de classe. Trata-se de pensar que “A classe é sempre genderificada, o gênero é sempre igualmente classificado” (MURDOCK, 2000, p.21). A potencialidade da análise situa-se na relação.

1.3 A MEDIAÇÃO DE GÊNERO

Nossa inserção em campo iniciou com a visitação a dois grupos de convivência de idosos em Santa Maria. Neles, pudemos perceber um fenômeno que tínhamos tido contato através da revisão da literatura: os distintos significados que tem a velhice e o envelhecimento para homens e mulheres. Nesses grupos, a presença masculina era inexpressiva se comparada com a feminina. Os homens que ali estavam, relataram-me que sua participação devia-se muito ao incentivo de suas esposas ou conhecidas. As mulheres envolviam-se muito mais nas atividades e a participação no grupo parecia ter um significado maior em suas vidas como um espaço de criação de vínculos e de sociabilidade.

Se no plano empírico as diferenças entre o modo como homens e mulheres encaram a velhice é de uma evidência quase natural, em contrapartida as teorizações que discutem as relações entre questões de gênero e envelhecimento caminham a passos lentos. É o que comenta Debert (1999b), ao falar da dificuldade em inserir o debate sobre a velhice dentro das

teorizações de gênero, muito porque as transformações no modo como pensamos e vivenciamos a velhice por vezes desestabiliza alguns pressupostos sobre a continuidade da condição feminina ao longo da vida.

Para citar algumas tensões, a divisão entre esfera pública e esfera privada em que a mulher restringe-se ao cuidado do lar é subvertida em algumas situações da velhice, na qual as mulheres, advindas de uma educação sexista e altamente repressora, encontram como idosas a liberdade necessária para transitarem no espaço público através da participação em grupos de convivência, como vimos, ou em espaços não especialmente designados aos idosos, como bailes, universidades e esfera profissional.

Nas vivências de Vânia, Dani, Carmen e Tarsila esse aspecto é especialmente importante. Antes restritas ao cuidado doméstico e à atuação profissional (Vânia e Tarsila), na velhice essas mulheres encontram a liberdade para transitar em outros espaços. Dani e Vânia, através do envolvimento amoroso, começaram a freqüentar o centro da cidade, shoppings, cinemas e bailes, experiências que nunca tiveram acesso em suas vidas. Tarsila, ainda casada, encontrou na velhice a possibilidade de conhecer outros ambientes de sociabilidade que não o trabalho e a casa. A despeito de sua condição financeira difícil, ela faz aulas de informática, de dança e participa de grupos de convivência.

Outra seria a questão do trabalho doméstico, amplamente situado pela literatura feminista como símbolo da subordinação feminina. No período da velhice, não raras são as menções ao trabalho doméstico como um meio de afirmação da autonomia e até mesmo de liberação (BRITTO DA MOTTA, 2006). As mulheres idosas sentem-se plenas e ativas por terem a capacidade física de ainda realizarem o trabalho doméstico e manter o comando do lar, em comparação com o homem que vivencia um esvaziamento de seu papel de provedor quando se retira do mercado de trabalho.

As entrevistadas declaram gostar de cuidar da casa e julgam suas perdas na velhice a partir dos trabalhos domésticos que não conseguem mais fazer. É o que disseram Célia, Dani, Tarsila e Vânia, em diferentes contextos quando falávamos da velhice. A falta de força para dar conta de toda a limpeza sozinha é apontada por elas como um indício do envelhecimento. Parece que dar conta das tarefas domésticas é a manter um papel que cumpriram durante todas as suas vidas, e conseguir fazê-lo torna-se sinal de autonomia e lucidez. Em uma das visitas à casa de Célia, conversávamos quando sua vizinha dos fundos chegou. Era uma mulher idosa, bastante vaidosa. Ela conversou um pouco conosco e logo foi para sua casa. Nesse momento, Célia comentou baixinho que a vizinha podia cuidar bastante de si, mas que esse cuidado não

se mostrava em sua casa, pois ela era um pouco “relaxada” com a lida doméstica. Para ela, o cuidado com o lar tornava-se um atributo da feminilidade.

Por outro viés, vemos que para as entrevistadas desposadas (Dani, Carmen, Vânia, Maria e Célia), uma das vantagens de não ter marido é não ter preocupação com a manutenção do lar. Elas associam diretamente um novo envolvimento amoroso com um compromisso mais sério com a casa, algo que elas não estariam dispostas a arcar.

A questão de gênero ganha dimensão na análise do envelhecimento também pelo processo de feminização da velhice, caracterizado pela maior longevidade das mulheres em relação aos homens, presença mais expressiva das mulheres nas populações idosas, principalmente entre os mais velhos, crescimento do número de idosas que integram a população economicamente ativa no país e de idosas chefes de família (NERI, 2007). A predominância feminina entre a população idosa no Brasil e em outros países é fato amplamente conhecido, mas problematizado – na maioria das vezes – apenas através de uma perspectiva estatística/demográfica, que não abrange pesquisas sobre as características e conseqüências desse desequilíbrio em sua complexidade social (FIGUEIREDO et al, 2007, p.423).

Diferentes expectativas sociais nortearam a vivência de homens e mulheres idosos, visto que as relações de gênero, como “construções sociais de formas de dominação e subordinação, resultam, historicamente, em experiências diferenciadas para homem e para mulher” (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 209). É este também o ponto de vista adotado por Debert (1999b), ao versar sobre as formas distintas como homens e mulheres dotam de significado seu envelhecimento.

As transformações se associam às mudanças nas normas etárias e de gênero que “regulam os comportamentos e as expectativas de comportamento das mulheres idosas, as relações intergeracionais e os intercâmbios de apoio moral, instrumental e afetivo entre as gerações” (NERI, 2007, p.48). As mulheres observam o envelhecimento a partir de suas vivências marcadas por um contexto social no qual o feminino baseava-se na domesticidade, repressão sexual, dificuldade de acesso ao mercado de trabalho e apropriação social do corpo (como mães e esposas). Para os homens, suas trajetórias foram em grande parte permeadas por uma afirmação de “masculinidade” como dominação da mulher e filhos e obrigação de ser o provedor único da família (BRITTO DA MOTTA, 2006).

Para Dani, Carmen, Célia, Maria e Tarsila, a prioridade de uma mulher tem que ser a família, o cuidado do lar e a maternidade. Vemos em suas concepções a visão hegemônica do feminino em sociedade, que alia o “ser mulher” à esfera privada e ao cuidado dos filhos.

A domesticidade e o cuidado da casa são aprendizados que as entrevistadas tiveram desde cedo em suas famílias. Tarsila conta que sua mãe ensinava que a mulher devia ser submissa, e que com o tempo começou a questionar essa ideia, pois pensava que os direitos para homem e mulher deviam ser iguais dentro de casa. Mesmo esboçando essa concepção, vemos que Tarsila toma como sua responsabilidade o cuidado da casa e do marido. As outras entrevistadas adotaram pontos de vista semelhantes:

Ah, minha mãe me ensinou a ser educada, ver as coisas e não contar pros outros “não sei, não vi”. Ser boa, ser carinhosa com as pessoa, ser educada, sempre me ensinou. Eu me criei assim. Aí eu passo pra ela [filha] e pros meus neto, né. De tentar passar isso pra eles, que tem gente assim que tudo leva a mal, né? Não gosto de ofender ninguém e não gosto que me ofendam, que daí a gente fica magoada, né? E eu trato todo mundo bem... e ela sempre me ensinou a minha mãe.. não sei de conversa, não falo de ninguém. [...] (Carmen)

Naquela época eles não explicavam quase nada pra gente... ensinava a vida de casa, ensinava. Quando tu casá tu tem que aprender a fazer isso, se não depois que tu casa vai dizer “ah, mas tua mãe não te ensinou a fazer isso”. Isso aí ela dizia. E graças a deus nunca foi... sempre soube fazer tudo que eu precisava de dona de casa. Minhas filhas também todas fazem as coisas de casa. Ensinava elas desde pequenas, né. Fazem tudo, sabem fazer tudo. Até os filhos fazem o serviço de dentro de casa (Maria)

Sim, ela [mãe] sempre falava. Pra mim e pra minha outra irmã, que nós casêmo uma bem perto da outra. Ela sempre dizia assim, eu quero ter gosto de ir na casa de vocês. Porque ela dava almoço pra nós e ia dormir, e quando ela levantava tava tudo limpinho [...] Eu quero ter gosto de ir na casa da Vânia que ela é bem caprichosa. Claro que nós era caprichosa, se nós não limpasse nós apanhava! E o pai e a mãe sempre diziam, quando vocês casá, vocês nunca... quando o marido de vocês disser uma coisa vocês obedeça, nunca queira toma a frente dele que não dá certo. Eles ia explicando pra nós como é que era, como é que não era... [...] (Vânia)

A importância do enlace matrimonial é um aprendizado que todas ressaltam, concordando com ele e repassando a suas filhas e netas. Casos de violência física e psicológica e traição conjugal superados em prol da permanência da união familiar são relatados por elas. Talvez o mais emblemático seja o de Dani. Seu marido era alcoólatra e constantemente a espancava e agredia física e psicologicamente. Apesar disso, a entrevistada cuidou dele até sua morte e diz que se sente realizada, pois acredita ter cumprido sua “missão de mulher”.

L – A senhora acha que era uma missão cuidar dele?

D- Eu acho. Porque quando eu casei eu disse na frente do padre, até que a morte nos separasse. Era um compromisso. Até que a morte nos separe e ela

não tinha nos separado, né. Então daí eu cumpri minha missão, eu me senti feliz, me senti realizada... me senti bem. Acho que se eu não tivesse com ele na hora que ele mais precisasse, por tudo que ele passou, eu ia me sentir muito... com aquela... com aquele fracasso. Por que eu não cumpri a minha missão? Porque eu tinha uma missão pra cumprir. A minha mãe sempre me dizia... porque antigamente as pessoas não se separavam, né? Então a minha mãe me dizia “casamento, minha filha, é casamento”. Se tu vai te responder pro padre que sim, vai ficar no casamento. Só por ironia do destino, acabou sendo... sendo e não sendo (Dani)

Se refletirmos sobre a velhice feminina no contexto da modernidade capitalista, ser idosa é associado ainda à perda da beleza física e da condição reprodutiva. Em consonância com as teorizações de Lins de Barros (1981) a velhice feminina adquire um sentido duplamente insignificante. Ao homem velho se dá uma atenção maior, visto que a aposentadoria marca uma mudança radical de vida, uma passagem de um mundo público, do trabalho, para a esfera doméstica, mais restrita. Para a mulher, contudo,

[...] a velhice não traz essa carga de mudança abrupta. A mulher na velhice está no último estágio de um continuum sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, ou também porque é a este mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada (LINS DE BARROS, 1981, p.14).

Nesse viés, a mulher idosa é duplamente vulnerável; por sua condição de gênero e por seu pertencimento à velhice. A passagem da fase adulta para a velhice seria marcada pelo abandono filial do lar; a viuvez; a perda do papel reprodutivo e o conjunto de transformações físicas que surgem com o avançar da idade. Para as mulheres mais empobrecidas, esse conjunto de perdas soma-se ainda a uma vulnerabilidade de classe, em que os recursos financeiros para sustentar uma vida digna são poucos e as situações de violência, humilhação e preconceito, abundantes. Se a violência é causa de 27% das internações dos idosos brasileiros pelo SUS, o alvo principal são as mulheres, agredidas na maioria das vezes por seus filhos e familiares próximos. A violência de gênero prossegue num *continuum* ao longo dos anos. Na velhice, o conflito entre gerações se acentua e são os jovens, geralmente, que assumem a posição de agressores. A violência se dá também pela retirada de autonomia das idosas ou até mesmo pela ingerência sobre suas vidas, considerando-as pessoas que “dão trabalho”, atravancam espaços, estão paradas no tempo e não entendem as mudanças do mundo (BRITTO DA MOTTA, 2009).

A tentativa de interferência dos filhos nas decisões de vida é comum para as entrevistadas. Um dia, numa das visitas à Vânia, ela me recebeu já se desculpando pela

desorganização do lar – que, aos meus olhos, parecia relativamente limpo e organizado – e relatou-me uma conversa com o filho, que a deixou bastante desconcertada. Ela reclamou para o rapaz que não conseguia limpar a casa toda, pois seus braços doíam para certas tarefas. O filho retrucou, dizendo que para ir aos bailes, Vânia sempre tinha disposição, mas que para limpar a casa, não.

Aspectos mais sutis, como o comentário sarcástico do filho de Dani em uma das vezes que fui a sua casa, de que sua mãe só queria agora ir a bailes; o cerceamento pessoal que Tarsila e Maria fazem em relação às suas vidas (Tarsila não pode sair demais de casa porque precisa cuidar do esposo e não acha justo delegar a tarefa à filha; Maria não gosta de ficar muito tempo na casa dos filhos porque se sente um estorvo) talvez também componham essa dinâmica.

A esse processo de perdas, somaria-se também a aparência. A exigência de um corpo esguio e belo, por recair mais sobre as mulheres em qualquer fase da vida, cria feições distintas para o modo como elas lidam com o processo de envelhecimento. Para elas, “Disfarçar a idade é sinônimo de cuidado com a beleza” (ALVES, 2004), o que nos leva a pensar que suas construções da auto-identidade a partir do manejo corporal tornem-se mais significativos e existencialmente importantes.

No contato com as entrevistadas essa percepção se confirmou, pois todas elas acreditam que a mulher precisa se cuidar, se arrumar e manter-se bonita. Contudo, quando exploramos suas vivências e relação com a beleza na velhice, essa obrigação do cuidado para si é relativizada e posta em xeque. Por mais que de forma genérica endossem a ideia que a mulher precisa ser bonita, quando pensam em suas vivências os parâmetros são outros e os critérios, mais brandos¹⁶.

Em outra perspectiva para pensar a questão de gênero na velhice, há a visão que entende a passagem da mulher para a velhice ser menos abrupta para ela do que para o homem. Essa ideia sustenta-se no fato de que as mulheres, por terem em sua maioria se restringido à esfera doméstica durante a vida, não apresentam uma ruptura de rotina tão grande quanto a dos homens com a chegada da velhice. Eles, normalmente chefes de família, com a aposentadoria transferem-se da atuação na esfera pública para a esfera do lar (DEBERT, 1999b).

Trata-se de uma configuração de vida muito distinta para idosas marcadas por uma trajetória em que a mulher restringia-se essencialmente à esfera doméstica e tinha uma vida

¹⁶ Essas questões serão exploradas no capítulo V.

sexual e social mais repressora que a dos homens da mesma geração. Elas têm na velhice a possibilidade de “[...] libertação de certos controles societários – sobre o “certo” e o interdito para uma jovem esposa “séria”, mãe “devotada” e que “cuida” do marido. O que vai entusiasmando a mulher e conseguindo, por vezes, atenuar a intensidade do preconceito, ainda existente, contra os velhos” (BRITTO DA MOTTA, 1994, p.370). É como se a liberdade de gênero, em muitos casos, se sobrepujasse à condição geracional. Além disso, a criação de vínculos afetivos usualmente mais estreitos entre mães e filhos faz com que esses últimos sejam mais presentes na vida das mulheres.

Percebemos essas concepções na fala de nossas entrevistadas. O ingresso na velhice parece assinalar um período marcado por novas realizações e projetos de vida. Isso em muito devido a um contexto de vida no qual os filhos já são adultos e praticamente autônomos, em que elas contam com independência financeira (principalmente no caso de Vânia, Célia e Dani, que passaram a receber pensão com o falecimento de seus maridos, o que tornou sua vida financeira mais estável), são chefes de família, usufruem dos benefícios da aposentadoria e têm a possibilidade de novas experiências afetivas.

. Vânia sente-se bem por hoje em dia poder levar sua vida e a lida doméstica sem preocupações: “Eu saio e encontro um amigo ali em cima e fico conversando, fico um tempão. Não tenho mais preocupação com nada, nem com o marido nem com a casa. O que eu fizer eu fiz, se eu não fizer hoje eu faço amanhã. Ninguém reclama. É isso” (Vânia).

Tarsila considera que hoje em dia pode aproveitar melhor sua vida, visto que antigamente, desde criança, suas preocupações eram muito voltadas para o trabalho. Dani também percebe que sua vida hoje é menos compromissada com os afazeres domésticos e que um benefício de seu período atual de vida é poder sair sem preocupar-se com a limpeza da casa. Acredita que se tivesse um outro marido, ele não a deixaria fazer esse tipo de coisa: “Tinha que ser tudo nas linha. Na minha mente, eu não aceitaria outra pessoa dentro da minha casa. A pessoa teria que ser adequada a mim, adequada ao que eu gostaria. Se não não dá ponto, não dá” (Dani). Além disso, ela deseja ter relações afetivas em que tenha mais autonomia e sinta-se no comando de suas atitudes e ações:

Eu vou dizer uma coisa pra ti, ó. Do meu marido eu tinha as cartas. Agora eu vou ter o jogo e ele as cartas. Porque quem vai mandar sou eu. Porque o meu marido, ele me mandava, eu deixei ele tomar conta de mim, quando eu casei eu era nova, 18 anos, ele era bem mais velho que eu... Ele tomou conta de mim. [...] Eu tive que fazer tudo o que eu queria, eu tive que trabalhar pra ganhar minhas coisa... agora não, agora eu tenho esperança de vida (Dani)

Ela, assim como Carmen e Vânia, associa um novo comprometimento amoroso em que o cônjuge venha morar consigo com a perda de autonomia, da liberdade que conquistaram após o término de seus casamentos e à necessidade de voltar-se novamente para a esfera privada, para o cuidado do lar.

A perda de autonomia foi o motivo dado por Vânia por muitas das rugas com seu companheiro. A relação estava ficando difícil porque ele estava querendo comandar demais a sua vida. A associação de um novo comprometimento amoroso com a subordinação de gênero, agravada pela situação de pobreza, é comum em suas percepções. A mesma situação foi encontrada por Britto da Motta (2005) em pesquisa com idosas viúvas das classes populares.

Além da possível perda de autonomia que um envolvimento amoroso mais sério acarretaria. Dani e Vânia também temem a reação de suas famílias. O filho mais velho de Vânia não aceita o relacionamento da mãe e se recusa a conviver com o namorado. Ela, apesar do desgosto do filho, continuou com o relacionamento, mas tenta fazer o possível para que os dois não se enfrentem. Pede ao companheiro que vá embora sempre antes do filho chegar em casa. Os outros filhos aceitavam o novo envolvimento da mãe sem grande alarido.

Para elas, dar satisfação aos filhos se assemelha à relação que estabeleciam com seus esposos. As duas questionam essa exigência filial e buscam autonomia para suas decisões. Contudo, parece sempre haver uma tensão entre sua libertação como mulheres idosas e seus papéis como mães. Se por um viés acreditam que podem ter autonomia para viver como bem entendem, por outro a ideia de que a família vem em primeiro lugar e que devem abdicar do relacionamento por causa dos filhos e do cuidado ao lar é bastante presente.

O significado de ser mulher para as entrevistadas é fruto de uma trajetória de gênero construída ao longo de suas vidas, permeada pela condição de classe. Como relatado acima, alguns sentidos dominantes de gênero são desestabilizados com o ingresso na velhice: a idosa transita em outros espaços que não a esfera privada e o trabalho doméstico não se configura necessariamente como uma forma de subordinação, criando novos significados para esta etapa da vida. Já outros são reforçados, como a educação sexista, a violência de gênero e a ingerência sob suas vidas, agravando as situações de opressão feminina na velhice.

Essas dinâmicas, tão plurais quanto controversas, atravessam suas leituras na recepção da telenovela. O gênero, para além de uma variável sociodemográfica, é uma construção sociocultural que medeia os significados que a mídia assume na vida das receptoras.

1.4 REGISTROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Como comentamos em linhas anteriores, este trabalho inspira-se na proposta de Martín-Barbero das mediações comunicativas da cultura. Nos estudos que buscaram transpor o modelo barberiano para o plano empírico (FELIPPI, 2008; SIFUENTES, 2010), a proposta do autor é adotada de forma parcial, visto que há um centramento em algumas das esferas (lógicas de produção, matrizes culturais, competências de recepção/consumo e formatos industriais) ou mediações (institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade). Sifuentes dedica-se à exploração da ritualidade e da socialidade no entendimento da formação das identidades de jovens mulheres de classe popular a partir da telenovela. Seu estudo foca-se na recepção, abordando as mediações da tecnicidade e da institucionalidade através de revisão bibliográfica.

Felippi investigou a construção da identidade cultural gaúcha nas páginas do jornal Zero Hora através das matrizes culturais, formatos industriais e lógicas de produção. Esses momentos, a autora aborda em um nível teórico e empírico, explorando as mediações – principalmente a tecnicidade e a institucionalidade – que os relacionam. As competências de recepção/consumo são investigadas teoricamente, através de pesquisa bibliográfica. O receptor é problematizado a partir das cartas dos leitores enviadas ao jornal e pesquisas de opinião realizadas por Zero Hora.

A partir dessas pesquisas e através do caminho metodológico que viemos refinando nas investigações e debates realizados desde 2007 no grupo de pesquisa “Mídia e Consumo Cultural” na UFSM, argumentamos a possibilidade de pensar o modelo barberiano de forma mais específica, menos audaciosa em relação a sua abrangência teórica e empírica. Como afirma Ronsini (2010, p. 5) “Para analisar a recepção (nas condições materiais com que produzimos conhecimento), precisamos recortá-la, pois, do contrário, teríamos uma pesquisa sobre as potencialidades da relação entre produção/produto e recepção/consumo”.

Assim, não nos propomos a abarcar todo o processo de comunicação, mas sim a totalidade da recepção, “[...] que consiste em considerar os textos, suas leituras e modos de vê-los para compreender, concretamente, a reprodução e a contestação do poder político e econômico (organizado no capitalismo pelo poder exercido pelas classes dominantes) a partir das relações sociais e culturais nas quais os receptores estão inseridos” (RONSINI, 2010, p. 13).

Caracterizamos o nosso estudo como uma etnografia da recepção. O contato inicial com as entrevistadas foi realizado com a participação em grupos de convivência voltados ao

público idoso em Santa Maria. Optamos essa estratégia por considerarmos que seria interessante observar o modo como essas mulheres constroem as suas concepções da velhice coletivamente, através do engajamento nessas atividades. Além disso, oportunizaria o convívio com elas em outros ambientes além de suas residências, normalmente aqueles em que a pesquisa de recepção com viés etnográfico é realizada.

Em um primeiro momento, contatamos a Secretaria da Juventude, Esportes, Lazer, Idoso e Criança da cidade, que nos indicou dois grupos: um mais voltado às atividades físicas, que tem encontros duas vezes por semana em um espaço cedido pela prefeitura no centro da cidade e outro, situado na COHAB Santa Marta, no bairro Juscelino Kubitschek. Neste, os encontros são realizados em um posto de saúde do local. Além da realização de atividades físicas (também ginástica, duas vezes por semana), este grupo promove palestras de prevenção de doenças e controla a distribuição de remédios para os hipertensos através do posto de saúde.

Entramos em contato com os grupos indicados, explicando a proposta do trabalho. A realização da pesquisa junto aos grupos teve uma aceitação imediata por seus organizadores, em muito por estarem acostumados com a realização de trabalhos acadêmicos. Durante a convivência, algumas participantes relataram serem freqüentes as visitas de estudantes de outras áreas, como enfermagem ou psicologia. Elas consideram esse intercâmbio positivo, incentivando-o sempre que possível.

Na primeira visita aos grupos, fui apresentada formalmente aos participantes, expliquei a eles a ideia do trabalho e convidei-os a responder a entrevista exploratória (Apêndice A). Neste, estavam contidas questões gerais sobre a situação de vida e a relação que mantinham com os meios de comunicação.

No total, foram realizadas 31 entrevistas ao longo das idas semanais a encontros dos grupos. Ao final de cada entrevista, a proposta da pesquisa era novamente explicada e se perguntava à entrevistada se teria interesse em participar de uma pesquisa mais ampla, sobre suas percepções em relação à telenovela. As que assinalavam positivamente, deixavam-me seu contato para um encontro posterior.

Foi assim que conheci Dani, Carmen, Vânia e Tarsila. Com Maria e Célia, fiz contato mais tarde, quando buscava também mulheres que não participassem de grupos de idosos. Convidei-as na intenção de pluralizar a amostra e investigar outras vivências da velhice que não inseridas em grupos específicos. Maria conheci no grupo de idosos da COHAB Santa Marta, o qual passara a freqüentar fazia poucas semanas. Já Célia, havia entrevistado em pesquisa anterior. A exceção de Carmen, que preferiu continuar a encontrar-me durante os

encontros do grupo, as entrevistas posteriores foram todas realizadas nas casas das receptoras. Vânia e Dani residem no bairro¹⁷ Campestre Menino Deus¹⁸ e Carmen, Tarsila, Maria, e Célia, no bairro Juscelino Kubitschek¹⁹.

A delimitação da amostra em seis entrevistadas justifica-se pelas palavras de Gaskell: “A fim de analisar um *corpus* de textos extraídos das entrevistas e ir além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas, é essencial quase que viver e sonhar as entrevistas – ser capaz de lembrar cada ambiente [...]” (GASKELL, 2002, p. 71).

Quando comecei a investigar a recepção através do olhar de pessoas mais velhas, esse cuidado com a delimitação da amostra tornou-se mais imprescindível. Percebi que o tempo necessário para a criação de uma atmosfera de confiança, de intimidade era maior. O interesse de uma “jovem pesquisadora”, “a menina da universidade”, como algumas costumavam chamar-me, era visto com certa estranheza por algumas integrantes do grupo. “O que tu que aqui, no meio desse monte de velhas?”, perguntou uma delas durante uma das reuniões.

Minha presença freqüente nas reuniões e comemorações do grupo (como lanche comemorativo do Dia das Mães, aniversários das integrantes que eram realizados no grupo e festa junina) e as visitas às suas residências ajudou a desnaturalizar essa percepção de oposição entre a “estudante jovem” e as “senhoras idosas”, gerando uma atmosfera mais confortável e próxima em nossas conversas.

O desconforto também fez parte da pesquisa, pois muitas vezes a intimidade e contato assíduo com as entrevistadas me levava a pensar qual era o meu papel ali, se de pesquisadora ou de ouvinte. Os dois pareciam embaçar-se, sem que houvesse uma distinção clara. Em um processo longo de entrevistas, em que as mulheres abriram suas casas e muitas dimensões de

¹⁷ Não encontramos estudos recentes ou indicadores que nos ajudem a pensar os bairros em suas configurações socioculturais. As pesquisas mais recentes que encontramos foram de Gomes, L. (1999), sobre o bairro Juscelino Kubitschek e de Barbieri (1993), sobre o Campestre Menino Deus, quando esses ainda eram unidades residenciais pertencentes a outros bairros. Atualmente, Santa Maria conta com 50 bairros. Os que conhecemos nesta pesquisa têm configurações bem distintas. O bairro Juscelino Kubitschek parece ser o menos carente em infraestrutura, mas isso também varia de uma unidade residencial para a outra. A Vila Caramelo, como comentou Célia, parece ser um bairro ainda esquecido pela prefeitura, pois carece de infra-estrutura básica (asfaltamento, saneamento), motivo de reclamação constante de seus moradores. A COHAB Santa Marta, onde residem Tarsila, Carmen e Maria, é mais equipada e estruturada. O bairro Campestre Menino Deus nos pareceu ser o bairro mais afastado, cujas origens rurais são bem presentes. Cercado por morros e com uma grande vegetação, tem casas distantes uma das outras e muitas construções irregulares, num processo acelerado de ocupação da área.

¹⁸ Bairro situado a nordeste da cidade, com uma área de 10,6396 km², existente desde 2006. Tem 7 unidades residenciais: Menino Deus, Perau, Rincão do Soturno, Vila Dutra, Vila Garibaldi, Vila Menino Deus e Vila Pires. Conta com Centro de Tradições Gaúchas (CTG), praça, escola e supermercado.

¹⁹ Bairro situado na região oeste de Santa Maria, com uma área aproximada de 2,5 km², existente desde 1986. Célia mora na vila Caramelo e Carmen, Maria e Tarsila, na COHAB Santa Marta. Além dessas unidades residenciais, o bairro conta com outras seis: Juscelinho Kubitschek, Vila Jôquei Clube, Vila Martelet, Vila Prado e Vila Rigão. O bairro de Célia conta com escola e supermercado e igreja. Na COHAB Santa Marta, existe uma praça, posto de saúde, igreja, CTG, supermercado, uma escola e uma agência bancária.

suas vidas ao meu gravador e ouvidos atentos, era natural que a relação se tornasse recíproca. Ao mesmo tempo que compartilhavam comigo suas percepções e vivências, também demandavam de mim essa abertura. Foi um processo difícil também pela questão geracional. Ora elas esquivavam-se de expressar algumas opiniões mais tradicionais, por considerar que pareceria “ultrapassado” frente a uma jovem pesquisadora; ora requisitavam de mim opiniões e conselhos, em busca de parâmetros para a construção de suas velhices em um contexto de transformações profundas no modo de viver essa etapa da vida.

O transcorrer das entrevistas atravessou adaptações e dificuldades naturais ao desenvolvimento da pesquisa de campo, etapa crucial em um estudo de recepção. Na proposta inicial, dividimos as inquietações de pesquisa em seis etapas de aplicação das entrevistas. A intenção era mapear o consumo cultural das entrevistadas e investigar suas trajetórias familiares, vivências e concepções da velhice e suas percepções em relação ao gênero e à classe social. Especificamente em relação à telenovela, a ideia era evocar suas percepções sobre *Passione* e também investigar suas apropriações da telenovela a partir do fluxo teleficcional.

Com essa última etapa, o intuito era valorizar uma peculiaridade da investigação junto a mulheres acima dos 60 anos: a lembrança. Em pesquisa anterior junto a homens e mulheres mais velhos, observamos o quão ricas eram suas memórias acerca da telenovela, pois muitos deles eram telespectadores do gênero desde o início da veiculação, ou ainda das radio e fotonovelas. A relação que eles estabeleciam com o gênero era distinta daquela esboçada na pesquisa com os jovens. Muitas vezes, remetiam a tramas mais antigas como exemplo de seu ponto de vista, mostravam acompanhar por um longo tempo a trajetória de determinado ator/atriz e realizavam comparações entre telenovelas de autores em épocas distintas.

No percurso da pesquisa, o vagaroso, mas denso contato realizado com as receptoras nos fez mudar um pouco de norte e reduzir nossas pretensões de coleta de dados. Começamos com a entrevista sobre o consumo cultural (apêndice B), depois a de trajetória familiar (apêndice C) e de suas percepções sobre a velhice e envelhecimento, que incluíam questões relativas às relações de gênero (apêndice D). Foi uma fase muito produtiva, especialmente em relação às percepções sobre a velhice. Após o exame de qualificação, foram realizadas entrevistas sobre percepção das relações de classe (apêndice F) e de gênero (apêndice G), em concomitância às perguntas sobre o desenrolar da trama (apêndice E). Também assistimos à telenovela junto a algumas receptoras, para aprofundar o entendimento das dinâmicas de recepção e os trajetos de leitura realizados por elas.

Na pesquisa de campo, o contato variou naturalmente em função da disponibilidade das receptoras e da afinidade construída entre entrevistadora e entrevistadas. No geral, foram cerca de sete encontros com cada uma, além dos momentos em que nos encontrávamos nas reuniões dos grupos que algumas participavam. Apesar de algumas delas mostrarem certa hesitação no início do trabalho, no transcorrer de nossas conversas todas foram muito gentis e solícitas. Dispuseram-se a me buscar em algum ponto de encontro por eu não saber como localizar suas residências no bairro ou acompanhar-me até a parada de ônibus no retorno, pois consideravam o bairro perigoso (Tarsila e Vânia), convidaram-me para o seu aniversário (Tarsila) ou de sua neta (Dani); ou a pernoitar em suas residências (Dani, Vânia e Célia).

O contato mais difícil foi com Carmen, que só podia me encontrar durante as reuniões do grupo de convivência. O alarido do local muitas vezes dificultava a concentração e, posteriormente, as transcrições. Mesmo assim, Carmen mostrava-se curiosa e atenta aos meus questionamentos.

A aplicação do termo de consentimento livre e informado, a explicação realizada reiteradas vezes sobre a finalidade da pesquisa, a não identificação nominal das entrevistadas, que escolheram nomes de suas preferências para ilustrar este trabalho, foram os cuidados éticos tomados.

As entrevistas realizadas na casa das receptoras eram tranqüilas, pois geralmente estavam sozinhas na residência e sentiam-se à vontade para falar. A não ser no caso de Vânia, cujo companheiro sentia ciúmes de mim e quis acompanhar algumas de nossas entrevistas, a relação com os parentes ou moradores dos lares era serena.

O gravador não pareceu inibi-las, pois era pequeno e não chamava muita atenção. No início de cada entrevista, ressaltava que elas poderiam pedir a qualquer momento para desligar o gravador caso julgassem necessário. Não foi o caso de nenhuma delas, contudo Vânia e Célia mostraram-se mais à vontade para conversar quando a entrevista não estava sendo gravada.

Após o término e transcrição das entrevistas, seguimos na descrição atenta dos dados, buscando entender o contexto de vivências e as percepções das receptoras. Agrupamos suas respostas e reflexões em algumas categorias: família, beleza/cuidado de si/ saúde e relacionamento homem-mulher/sexualidade e trabalho.

Acreditamos ser importante realizar uma distinção entre as mediações que embasam a análise neste trabalho e as categorias que as tornam empiricamente viáveis. A partir das teorizações de Martín-Barbero sobre a ritualidade e a socialidade, elegemos a classe social e o gênero como mediações teóricas e empíricas para o entendimento das apropriações das

representações da velhice. No plano empírico, para a construção das entrevistas, vimos ser necessária a criação de categorias mais próximas à dimensão da experiência, que tentassem dar conta das múltiplas significações que a velhice pode assumir na vida das receptoras.

Escolhemos então a família, trabalho, beleza/cuidado de si/saúde, vida afetiva/sexualidade e trabalho, embasados na literatura e no contato com as mulheres entrevistadas. Essas categorias teceram tanto a investigação junto às receptoras quanto a análise da telenovela. A partir delas, tentamos problematizar se há uma construção dominante, negociada ou opositiva desse período da vida pela telenovela e como é a posição de decodificação das receptoras, se igualmente dominante, negociada ou opositiva. Desse modo, podemos dizer que as mediações são o entorno individual e cultural que atravessa os distintos modos como as receptoras vivenciam e entendem essas categorias.

Além do conhecimento obtido pelas entrevistas, as idas em suas casas, conversas nas paradas de ônibus, visitas aos grupos, assistência compartilhada da telenovela e convívio com os familiares nos ajudou a perceber um pouco dessa lógica informal da vida real, sobre a qual a análise cultural se debruça (GEERTZ, 1989). O mundo que dá sentido à recepção é atravessado por estruturas de significados socialmente estabelecidas (a cultura). O “dito”, o comportamento das receptoras são textos culturais, significados tecidos por elas que tentamos fixar num discurso pesquisável. Nosso gesto de interpretação consiste em buscar as estruturas de significação desses textos e entender sua base social, sua importância. Relacionando com a mídia, a etnografia da recepção torna-se a base para entender o significado que as receptoras tecem sobre a telenovela e de que modo as tramas adquirem sentido em suas vidas.

No âmbito da produção, analisamos as lógicas de produção da telenovela a partir da revisão da literatura. Já a análise de *Passione*, como relataremos no capítulo II e IV, baseou-se na discussão sobre os significados da velhice e na construção de um modelo de representações dominante desse período da vida em relação às mesmas categorias utilizadas na recepção. Na análise das personagens, centramo-nos nas mulheres idosas, observando suas representações da velhice a partir dessas categorias. Para problematizar as representações de modo mais abrangente, também tivemos olhos atentos aos idosos da trama e às menções de outros personagens à velhice. A análise sistemática dos capítulos foi complementada pelo acompanhamento dos resumos da trama, do site oficial da telenovela e de matérias veiculadas na imprensa.

2 VELHICE, MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

2.1 AS IDADES DA VELHICE

Quando iniciamos esta pesquisa com foco nas mulheres idosas, nos deparamos com uma dificuldade inicialmente não prevista. Que idade, afinal, delimita a velhice? Nossa resposta inicial baseava-se no senso da percepção cotidiana, em que a velhice se mostrava como uma mescla de experiência acumulada, existência de sinais físicos e psicológicos do envelhecimento e atitudes adotadas pelos idosos. Amparadas na literatura, nos demos conta de que naturalmente nossas pré-noções eram perpassadas por modelos de representações sociais da velhice que circulam em nossa sociedade, os quais buscamos então entender, problematizar.

No contato com as receptoras, essa questão tornou-se ainda mais diversa. A complexidade de noções da velhice que encontrávamos na literatura era também evidente no cotidiano, na experiência dessas mulheres. Considerá-las idosas ou não, mais do que uma caracterização automática da pesquisa, tornou-se um meio de problematizar a dimensão da velhice em suas experiências e de que forma negociavam os significados desse período da vida. Foi um processo permeado por tensões e dificuldades. Lembro de uma noite em que Vânia acompanhou-me até a parada de ônibus após assistirmos juntas a um capítulo de *Passione*, pois julgava perigoso me deixar sozinha no local. Conversávamos sobre as possibilidades de namoro na velhice e como ela se sentia após a viuvez.

Vânia comentou como se sentia melhor agora do que antes de viubar, que até parecia ser “mais nova”. Começamos a comentar sobre Dani [entrevistada da pesquisa e sua amiga de longa data] que viudara no mesmo período. “E qual de nós tu acha que é mais velha?”, Vânia me questionou. Antes de responder, tentei entender o que o “ser mais velha” significava para ela. Tentei direcionar a resposta para a perspectiva etária, mais tradicional para demarcar a velhice: “De idade? A senhora, né? Tem 65 e a Dani, 64”. Notei que não era esse o sentido de sua pergunta, que então fez de outra maneira; “É... mas e de jeito, assim?” (Diário de campo – 05/11/2010)

Esse “jeito” falado por Vânia diz respeito a um sentimento, uma “disposição a”. Ser velha, para elas, poderia significar muitas coisas de acordo com o contexto da pesquisa e suas percepções. Muitas vezes a velhice se tornava marginal em nossas conversas, levando-me a questionar qual era meu papel de pesquisadora naquele contexto. Identificamo-nos com Barros (1981, 2000) quando comenta sobre sua dificuldade em tratar da velhice em sua inserção em campo num estudo sobre as representações da velhice junto a mulheres idosas das camadas médias de São Paulo. A questão da velhice era um tema tão marginal na vida de suas entrevistadas, de uma visibilidade tão opaca, que não raras vezes ela se questionou sobre qual seria o tema de seu trabalho.

Essa dificuldade diz muito das especificidades do entendimento da velhice, que em nosso caso, teve início com a escolha das receptoras para a pesquisa. Debert (2006) comenta que muitas vezes o pesquisador é levado a escolher sua amostra pela impressão que tem da aparência do pesquisado. Para escapar dessa escolha tão baseada no senso comum, tenta-se partir da autodefinição do informante ou, muitas vezes, de uma aproximação com sua idade cronológica.

Mas afinal, como podemos definir a velhice? O que torna uma pessoa “idosa? São os anos que ela viveu? Os vincos e traços aparentes da ação do tempo sobre seu corpo envelhecido? Um auto-reconhecimento do indivíduo que se declara idoso? Ou são os critérios legais e culturalmente dados, que inserem as pessoas nesse período da vida? Ao consultarmos a literatura, parece ser consenso entre os pesquisadores que a caracterização da velhice só se torna possível a partir da análise das relações entre diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais, perpassados pelas condições da cultura na qual os indivíduos se inserem (IRIGARAY, SCHNEIDER, 2008).

A delimitação cronológica da velhice no Brasil (a partir dos padrões definidos pela Organização das Nações Unidas) é de possuir 60 ou mais anos de vida. Nos países considerados desenvolvidos, esse limite é elevado para 65 anos. Através da demarcação cronológica são estabelecidos os direitos e obrigações legais dos cidadãos, como a maioridade civil e penal, o início da vida escolar, a idade de entrada no mercado de trabalho e da aposentadoria. Vemos o quanto essas delimitações são organizadoras fundamentais da sociedade, a partir das quais se configuram o sistema de ensino, político, de previdência social, entre outros. O estabelecimento da velhice através da delimitação cronológica também permitiu a crescente atenção (da sociedade e da academia) ao fenômeno mundial de expansão da população idosa, dado pelo alongamento da expectativa de vida e queda nas taxas de fecundidade.

Em 2000, o Brasil tinha 1,8 milhão de pessoas com 80 anos ou mais. Em 2050, a projeção é de que esse número cresça para 13,7 milhões (IBGE, 2004). Trata-se de uma situação nunca antes presenciada pela humanidade. Como afirma Schirrmacher (2005), em 99,99% da história humana as pessoas nunca viveram mais que trinta ou 35 anos. A experiência de ficar velho, de viver sessenta anos ou mais, é muito nova. Somado a isso, tem-se o fato de que a sociedade ocidental, em sua conformação atual, é erigida com base na expectativa de vida do século XIX. As instituições, o casamento, o Estado, as empresas e o sistema de previdência, como são conhecidas atualmente, vêm de uma época em que apenas 3% das pessoas ultrapassavam a barreira dos 65 anos.

A fixação dos períodos da vida como infância, adolescência e velhice são construções culturais que distribuem direitos e deveres específicos em uma população, definindo as relações geracionais e a detenção do poder e dos privilégios sociais (DEBERT, 2006). Ariès (1981) ao estudar a história social da infância e da família, revela como a primeira categoria foi construída a partir do século XIII, distanciando-se da fase adulta e da velhice. É essa também a perspectiva de análise de Postman (2002) que, ao versar sobre o fenômeno do desaparecimento da infância, alerta sobre como se deu sua construção através dos tempos. Segundo os autores, na Idade Média, por exemplo, as idades não se constituíam em categorias fundamentais do cotidiano, não faziam parte do repertório comum dos indivíduos como forma de segmentação na sociedade. A partir do estudo de um texto do período, Ariès revela como a questão etária era significada na sociedade: As fases da vida eram divididas em sete, em analogia aos sete planetas: infância, *pueritia*, adolescência, juventude, senectude e velhice. Os limites etários de tais fases são muito distintos do que poderíamos pensar atualmente. A adolescência, por exemplo, poderia iniciar aos 15 e durar até os 35 anos.

O processo de modernização ocidental acarretou em novas transformações na forma como a vida humana é periodizada (DEBERT, 1999a). Na modernidade, observamos um conjunto de transformações que ocorreu na cultura e na vida social no curso dos três últimos séculos. Ao longo do século XX, os limites entre os estágios da vida tornam-se mais claramente demarcados, principalmente as passagens entre infância, adolescência e fase adulta. A construção da velhice como etapa da vida, no entanto, deu-se de forma mais lenta: no século XIX, ainda eram porosos os limites entre ser adulto ou idoso. Seu estabelecimento, nos Estados Unidos, deu-se como forma “de diferenciar os problemas psicológicos da ‘meia idade’ daqueles da ‘velhice’” (HAREVEN, 1999, p.21). Desde então, as condições sociais e culturais vem contribuindo para o refinamento entre os dois estágios da vida.

No século XX, mudanças como a adoção de novos padrões cognitivos, estabelecimento de novas instituições sociais, visões de mundo renovadas e novas formas de ação dos atores sociais (POLITSTCHUK & TRINTA, 2003) contribuíram para que as idades cronológicas baseadas em um sistema de datação tornem-se um mecanismo básico para atribuição de status (como a maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais e de formulação de demandas sociais (DEBERT, 1999a).

Nas sociedades ocidentais, os critérios e normas de definição da idade cronológica dos indivíduos parte não de uma reflexão acurada sobre os estágios de maturidade, mas sim de exigências legais que determinam quais são os direitos e deveres dos cidadãos. O Estado assume a “forma mais diferenciada e desenvolvida de ordenamento político-jurídico” (DEBERT, 1999a, p.41) que, ao relacionar o direito à cidadania à cronologia da vida, tornam a idade uma dimensão fundamental na organização social.

No Brasil, apesar de a demarcação cronológica já ter sua efetividade no século XX, a velhice ainda não era tomada como uma questão social, mas sim vista como um problema que dizia respeito à esfera privada. Através de intervenções e a constituição de um novo campo do saber – a gerontologia – foram gradualmente conformadas as representações da velhice, produzindo uma nova categoria cultural: as pessoas idosas (DEBERT, 1999a).

A inserção dos indivíduos no processo de produção, característica da modernidade, conformou significativamente a representação social da velhice. Ao valorizar a força de trabalho dos indivíduos, a modernidade agrupou em uma só categoria aqueles que, no curso da vida, sentiam esmaecer suas forças. Eram, esses, os idosos: não mais aptos à participação ativa no mercado de trabalho e incapazes de produzir. (FARIA, 2006; DEBERT, 1999a; LEVET, 1995, SOBRINHO, 2007). A decadência, decrepitude e incapacidade para o exercício de atividades passam a ser um marco distintivo da velhice. Nesse sentido, a institucionalização do direito à aposentadoria torna-se um marco fundamental para a demarcação dessa etapa em relação à fase adulta. O benefício surge como forma de amparar aqueles que, considerados improdutivos do ponto de vista econômico, adquirem com a inatividade remunerada uma forma de subsistência. Com a ampliação da produção industrial, as camadas médias e outros setores sociais e profissionais tiveram, paulatinamente, tal direito reconhecido (DEBERT, 1999a).

No Brasil, a importância da universalização da previdência é notória se observarmos os dados divulgados pelo Ministério da Previdência Social²⁰. Em 2003, cerca de 54 milhões

²⁰ INFORME DE PREVIDÊNCIA SOCIAL. Brasília: Ministério da Previdência Social, v.17, n. 3, mar. 2005.

de brasileiros viviam abaixo da linha da pobreza. Caso o benefício da Previdência Social não fosse oferecido, esse número seria de 74, 27 milhões de pessoas.

De outro modo, ao focar a relação entre velhice e pauperismo, a problematização dos direitos dos mais velhos - principalmente no tocante ao direito à aposentadoria - contribuiu para a visualização da velhice como estigma e como exclusão social (BARROS, 2004). Uma fase em que um quadro dramático de perda do status social dos indivíduos era traçado, acompanhado por preconceito e por uma existência sem significado. Aqui, a visão da velhice como um período fortemente marcado por perdas de papéis sociais e estigmatização se reforça. De fato, o encerramento da vida produtiva como marco de ingresso na velhice faz com que o idoso seja considerado “inativo”, “improdutivo” (SOBRINHO, 2007). Denunciar as situações precárias de vida do grande contingente de idosos no país foi fundamental para que seus direitos fossem legalmente demarcados e zelados. A criação de estereótipos negativos a respeito dessa fase da vida caminhou de braços dados com a legitimação dos direitos e concessão de benefícios legais aos idosos.

A universalização gradual do direito à aposentadoria, o prolongamento da expectativa de vida, o aumento da população idosa no país e o crescimento do número de idosos com potencial aquisitivo elevado em sintonia com um contexto cultural em constante transformação, aos poucos atribui novos significados à velhice. Como nos fala Lopes, A. (2006, s/p)

A imagem de uma velhice decadente, associada às camadas populares, foi paulatinamente substituída por uma imagem ativa e independente, que se expressava socialmente no conceito e na imagem da Terceira Idade, assumidas principalmente pelos novos aposentados que começaram a reproduzir as práticas das camadas médias assalariadas.

Novas imagens da velhice, novas representações são acionadas para delinear esse período da vida. A ideia do envelhecimento como um processo gradativo de perdas é transformada em uma concepção da velhice como um período gratificante de renovação, um momento privilegiado para conquistas, para a busca do prazer e para a realização pessoal. É nesse ínterim que novas classificações são criadas como forma de caracterizar aqueles que se aposentam, mas não necessariamente identificam-se com a velhice estigmatizada e decrépita que marcava essa etapa da vida. Temos aqui a “Terceira Idade”, “Melhor Idade”, “Aposentadoria Ativa”: termos que buscavam demarcar esses novos significados da velhice. Uma nova linguagem é concebida em oposição às antigas formas de tratamento:

[...] a terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer” (DEBERT, 1999a, p.61).

Em relação à aposentadoria, os signos são também gradualmente invertidos: se antes a vida procedente ao benefício era tida como um momento de recolhimento e descanso, torna-se agora uma época de lazer, de novas experiências e atividades. Mais do que pleitear a resolução dos problemas econômicos da velhice, a aposentadoria transforma-se em uma forma de proporcionar aos idosos cuidados culturais e psicológicos, integrando-os socialmente.

Nesse percurso, surgem formas renovadas de sociabilidade, conquistas, realizações pessoais, renovação de identidade e cuidados com o corpo e saúde, estimulados como indicadores de modo de vida para o idoso. Trata-se de pensar o processo de envelhecimento por uma perspectiva que valoriza sua participação na sociedade. A Organização Mundial da Saúde (OMS), cunha esse pensamento de “Envelhecimento ativo”, que orienta novos padrões e experiências da velhice contemporânea. Segundo a definição da OMS, a adoção de uma visão ativa do envelhecimento:

Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002, p.13).

Os aposentados não são mais considerados como o setor desprivilegiado da sociedade, visto que a universalização da aposentadoria possibilitou aos idosos certa segurança financeira que é muitas vezes negada aos menos favorecidos de outras faixas etárias, como crianças e jovens.

Esse movimento de positivação da velhice, em um contexto de aumento da população idosa e necessidade de amparo estatal para com seus velhos, leva a um processo de “reprivatização da velhice” (DEBERT, 1999a), que posiciona o envelhecer como uma tarefa possível de manejo pelos indivíduos a partir da adoção de determinadas atitudes e estilos de vida. Em um tom mais radical, essa dinâmica faz com que aspectos de degenerescência naturais do envelhecimento sejam vistos com estranheza, como se o corpo envelhecido fosse sinal de desleixo pessoal ou da não-adoção dos cuidados recomendados para a manutenção da saúde e, tacitamente, da juventude.

Uma matéria veiculada no jornal *El País* no dia 05 de setembro de 2008 é ilustrativa dessa problematização. A notícia, intitulada “*Contendo a velhice: cientistas crêem que a deterioração física não é uma exigência da evolução*” versava sobre os avanços ocorridos na área da medicina no combate ao fenômeno do envelhecimento humano. No texto, a fala de médicos e especialistas no estudo genético salientava a idéia do envelhecimento como um defeito do organismo, como um colapso que não agrega benefícios ao homem. Por fim, quando indagados sobre a possibilidade do ser humano alcançar a imortalidade, os cientistas responderam com certo otimismo, aludindo às possibilidades de ampliação da existência: “Há duas décadas o prolongamento da vida era uma fantasia, enquanto hoje se buscam substâncias exatamente para isso. Não há razão científica para não se empenhar *na cura do envelhecimento*, de maneira semelhante ao que fazemos com o câncer e outras doenças” (SALOMONE, 2008, grifo nosso).

Percebemos, nas falas de tais especialistas, a dramática concepção da velhice como doença, como anomalia prejudicial ao ser humano que deve ser extirpada. Essa abordagem, ao negar veementemente o caráter natural do processo de envelhecer, prega que não há limites para as intervenções simbólicas e tecnológicas no corpo humano. Ora, se o envelhecimento é uma enfermidade, há formas de curá-lo e evitá-lo. E se o idoso é o doente, é seu papel combater com todas as forças os sintomas apresentados com seu ingresso na velhice. Deixar a vida seguir seu curso natural e aceitar os sinais do envelhecimento torna-se sinônimo de desleixo, de descuido pessoal.

A decrepitude física, as traições que o organismo faz às vontades individuais implica que a aceitação do envelhecimento corporal como curso da vida seja vista com desconfiança, como transgressão ao curso realmente “natural” da existência. A matéria surpreende e nos faz questionar de forma mais incisiva o porquê de tamanha estranheza para com o processo de envelhecimento. Por que empenhar-se tão ativamente no desaparecimento da velhice?

A velhice, posicionada em oposição à juventude, torna-se estigmatizada como um período de decadência. A juventude torna-se a idade-padrão da sociedade contemporânea (BARROS, 2004) e a velhice, a idade que nos aproxima da morte, de nossa finitude, a qual queremos sempre adiar. Se a infância é o período régio de descobertas e aprendizados; a juventude, de realizações, a velhice seria aquele mais próximo da morte, o índice mais evidente do esmaecimento das forças e do potencial humano.

Nesse sentido, o velho se torna o outro (MESSY, 1999). A construção social da velhice, especialmente nas sociedades ocidentais, põe em relevo os processos de perdas e nossa inevitável finitude. Se envelhecer é seguir o caminho da degenerescência e assumir a

temporalidade da vida, quem desejaria considerar-se velho? Como sujeitos de desejos, os indivíduos afastam-se dessa velhice atribuindo-a a outrem e constroem suas próprias velhices, positivadas e, no contexto atual, fortemente marcadas pela crença no poder de ação individual e pela valorização da juventude.

O corpo, um dos primeiros “lugares” onde a velhice é manifesta (rugas, flacidez, falta de disposição e doenças são alguns sinais socialmente aceitos) torna-se uma das principais vias de “controle” dessa etapa da vida. O corpo perfeito e ideal alia-se à imagem do jovem e o indivíduo é estimulado a combater a decadência e decrepitude corporal, vistos como obstáculo ao prazer e à felicidade.

Nessa perspectiva, Featherstone (1998) infere que o poder na sociedade contemporânea está não somente no potencial econômico ou no capital cultural dos indivíduos, mas também em seu capital corporal. A cultura de consumo torna-se incrivelmente adaptável para abarcar as expectativas e anseios daqueles que não desejam ver seu capital corporal reduzido. Aqueles dotados de prestígio social passam a ser os que mantêm o “espírito” da juventude, expresso através da adoção de determinadas práticas e, principalmente, do manejo corporal como forma de demarcação identitária. Aqui, a idade cronológica é negada em detrimento das representações que cada pessoa elabora sobre seu curso de vida. Assim, ser jovem passa a não ser caracterizado apenas por uma questão cronológica, mas sim pelo movimento dos indivíduos, pelas escolhas que realizam ao adotar ou não valores, signos concernentes à juventude.

Nesse contexto, a visibilidade alcançada pela velhice torna-se, antes de tudo, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo (DEBERT, 1999a), Envelhecer é possível, desde que – de algum modo- os indivíduos mostrem-se empenhados em negar ou, no mínimo “adiar” o processo de envelhecimento. Em muitos casos, é um envelhecer rejuvenescendo-se.

Em uma de nossas visitas ao grupo de idosos da COHAB Santa Marta, a camiseta usada por uma das participantes chamou a atenção. O texto serigrafado na roupa era bastante ilustrativo dessa concepção positivada da velhice:

Como viver 200 anos

Vá a mais lugares

Abrace mais amigos

Dance mais
Diga menos não
Invente menos problemas
Cuide mais de si mesmo
Plante uma árvore
Tire mais fotos
Visite o fundo do mar
Escale uma montanha
Beije mais
Conte mais piadas
Apaixone-se mais vezes
Mesmo que seja sempre
Pela mesma pessoa..
(Diário de Campo | 17/11/2010)

O texto desestabiliza as concepções dominantes da velhice, marcadas pelo retraimento e por perdas. Contudo, as dicas para viver 200 anos são todas de caráter individual, dissolvendo as possibilidades gratificantes da velhice no empenho e desejo dos velhos.

Essas novas formas de conceber a velhice são ativas na revisão dos estereótipos do envelhecimento e na criação de uma experiência mais plural, heterogênea (DEBERT, 1999a). A normatização etária, forma de regulação sobre o que é “certo” ou “proibido” para determinado período da vida se desestabiliza, dando ao idoso novas possibilidades de identificação e experiências.

Infelizmente, é ilusório pensar que essas mudanças geram atitudes mais tolerantes em relação à velhice. A configuração da juventude como um valor gera, como versamos acima, uma concepção da velhice como descuido pessoal e encobre os problemas próprios do avançar da idade, como o aparecimento de rugas e marcas de expressão, o declínio natural das funções motoras e uma maior dependência. Esconder a realidade da velhice impede a expansão de políticas realmente eficazes no tratamento dos problemas inerentes ao transcorrer dos anos, como também não permite a criação de uma estética própria da velhice (IDEM). Basta observarmos nossa estranheza ao deparar-nos com uma mulher que, sem resistências, aceita os fios brancos como naturais de seu trajeto de vida. Temos socialmente a impressão de

que ostentar uma aparência envelhecida é sinal de desleixo pessoal, de estar “entregue” aos dias e não combater de forma apropriada o envelhecimento.

Se a responsabilidade de preservar os valores juvenis é igualmente distribuída na população, os meios para agir de acordo com essa tarefa, para alcançar esse objetivo não o são (DEBERT, 2008). Como vimos em outras oportunidades de conversa com os idosos, os mais empobrecidos não deixavam de reiterar a questão de velhice como uma escolha, um sentimento. Contudo, no plano da experiência são constantes suas menções a situações de estigmatização e desrespeito, à precariedade financeira e aos conflitos entre as gerações. A pretensa liberdade de escolha encobre uma realidade em que os recursos para realizar uma escolha verdadeiramente livre são parcos.

Aqui, entendemos que a responsabilização pelo processo de envelhecimento, nas classes populares insere-se no que Souza (2006) nomeia por ideologia espontânea do capitalismo na qual- grosso modo, o desempenho individual é usado como justificção e parâmetro da situação de classe. São ideologias opacas, e por isso tão eficazes. As idosas de classe popular são duplamente responsabilizadas: ora por sua situação de pauperismo, ora por não governar seu processo de envelhecimento.

Nesse contexto, a mídia assume papel fundamental nas formas essas ideologias transitam na sociedade. Como discursos e sistemas de representações, as instituições de comunicação apropriam-se dos valores sociais, construindo e engendrando os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar, podem falar (WOODWARD, 2000). No caso da velhice, as representações midiáticas são agentes fundamentais na construção e disseminação de novos modos de envelhecer, que ora se opõem, ora fazem coro às representações dominantes.

2.2 MÍDIA, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

É consenso entre os pesquisadores interessados na velhice a importância da mídia na configuração dessa etapa da vida. Atualmente a mídia, devido ao seu alcance e abrangência propiciados pelos constantes avanços tecnológicos, assume lugar privilegiado na construção de representações. Trata-se de um processo cultural, que, juntamente com os discursos, constrói os lugares a partir dos quais os sujeitos se posicionam (HALL, 1997).

A mídia, ao valer-se de determinados significados para a construção de representações, atribui sentidos específicos às práticas sociais, os quais incidem sobre a

percepção que temos dos mesmos. Como sistema de representação social, a mídia assume uma posição privilegiada na construção de significados – e conseqüente classificação – das práticas sociais, forjando identidades.

A relação entre mídia e representações sociais é estreita: o próprio processo de comunicação pode ser considerado como a dinâmica na qual representações são atualizadas, produzidas, trocadas no bojo das relações sociais. É um processo “[...] em que sujeitos interlocutores produzem, se apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo” (FRANÇA, 2004, p.23).

A bibliografia sobre representações é vasta, possibilitando várias perspectivas de análise. Como nos alerta França (2004), o conceito não alude a algo claro, identificável e objetivo, mas buscar apreender um fenômeno que por sua dupla natureza – como inscrição material e instauração de sentidos – sofre transformações em suas formas concretas de manifestação e dimensões simbólicas.

Neste trabalho, entendemos as representações sociais como um fenômeno de produção do conhecimento, através do qual os indivíduos e grupos sociais compreendem o mundo a sua volta e comunicam aquilo que já sabem (MOSCOVICI, 2009). Mais do que algo relegado ao plano das ideias, as representações tornam-se um saber prático, senso comum que têm por principal função tornar o não familiar, familiar. As representações sociais dão às pessoas, acontecimentos ou objetos “[...] uma forma definitiva, as localizam em determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas” (IDEM, p.34). Significa dizer, relacionando à temática do trabalho, que as representações sociais sobre a velhice tem a função de tornar familiar para aqueles que representam (idosas, neste caso) algo que não lhes é familiar (o envelhecimento), constituindo suas práticas e saberes sobre o mundo.

Não são ideias e realidades criadas pelos indivíduos, pois vem de uma estrutura preexistente, numa sequência de elaborações e classificações do mundo elaboradas ao longo do tempo. Contudo, as representações sociais têm sua efetividade justamente porque são cotidianamente ressignificadas e reelaboradas por indivíduos, grupos e instituições.

A mídia conforma sistemas de representação que arranjam determinados significados às práticas sociais, propõe posições de sujeito às quais podemos ou não nos filiar. Não é possível pensar um lócus onde o significado é produzido: trata-se de um movimento constante, um intercâmbio entre interação pessoal e social, permeado por uma diversidade de meios. É o que reitera França (2004) quando menciona o caráter reflexivo da construção de representações: elas são produzidas a partir dos processos e movimento da vida social, assim

como – a partir da construção de sentido, dinamizam e condicionam certas práticas na sociedade. É através do significado produzido pelas representações sociais que damos sentido à experiência, àquilo que somos, às nossas identidades.

Entre alguns autores dedicados ao estudo das identidades (BAUMAN, 2008, 2000; WOODWARD, 2000; HALL, 1997, 2005; SOUZA SANTOS, 1997; SILVA, T. 2000), parece haver certo consenso da importância em pensá-las no contexto contemporâneo e, de outro modo, da dificuldade em captar as transformações que as atravessam, tornando-as escorregadias ao trato teórico. Como pontua Woodward (2000) através das reflexões de Gilroy, nós vivemos em um mundo onde identidade é importante, seja como um conceito, teoricamente, ou como um fato na vida política contemporânea.

O grande interesse que o tema das identidades gerou nas pesquisas da linha dos estudos culturais nas últimas décadas não se deu por acaso. A experiência contemporânea mais fragmentada faz com que identidades antes consideradas sólidas, como de classe social, etnia e gênero, sejam relativizadas e postas em discussão (HALL, 2001; WOODWARD, 2000). Essa desestabilização concretiza-se de forma mais visível no plano das relações sociais, quando vemos a mudança no mercado de trabalho, a discussão das lealdades tradicionais, baseadas na classe, para a consideração de outros elementos configuradores das identidades, como a etnia, sexualidade, idades, incapacidades físicas e preocupação com o meio ambiente (WOODWARD, 2000). No plano da experiência pessoal, essas transformações também têm sua efetividade, gerando indivíduos mais descentrados, menos unos. “Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. (HALL, 2001, p.9).

Entendemos que essa crise não aponta para um esmaecimento da importância das identidades, mas sim alerta para o fato de que é preciso considerar uma realidade múltipla, na qual diversas identidades estão em constante transformação. Elas não são permanentes ou coerentes, podem coexistir assim como entrar em conflito entre si. Trata-se de um processo de se fazer-se continuamente: uma identidade nunca está acabada, visto que sua construção se dá através de sistemas de representações que atuam de forma dinâmica na sociedade.

Para Souza Santos (1997, p. 135), as identidades são identificações em curso, resultados “sempre transitórios e fugazes do processo de identificação”. Se todas as identidades são construções, o que muda atualmente é a velocidade com que as transformações nas identidades vem operando, aliada a um mercado de consumo que através

da produção de estilos de vida cria um leque abrangente de posições com as quais podemos ou não nos identificar. Hall comenta sobre essas transformações e suas implicações na constituição das identidades:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribui para esse efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2001, p.75).

Apesar desse processo, Hall não considera que as diferenças culturais que até então traçavam as identidades são enfraquecidas a ponto de serem dissipadas pelo mercado de consumo. Estamos de acordo com o autor quando diz que afirmar esse raciocínio seria entender a globalização de uma forma muito rasa e homogênea, quando sabemos que o processo se caracteriza por sua heterogeneidade e distribuição desigual do poder.

Nessa sociedade desigual e em franca transformação, a forma como nos relacionamos com nossas identidades é mediada pelos significados culturais produzidos por meio de um sistema hegemônico de representações. Seria possível pensar em uma identidade para a velhice, tendo em vista nossas reflexões anteriores sobre as representações dominantes desta etapa da vida na sociedade contemporânea?

A discussão é ampla. Quando pensamos em uma identidade para a velhice, esbarramos no fato inicial de quão heterogênea é essa etapa da vida. Pertencer à velhice, estar em processo de envelhecimento não garante características comuns a todos os indivíduos no que tange à resistência física saúde, inteligência, muito menos à qualidade de vida (em muito perpassada pela condição de classe), para não falar no terreno subjetivo, dos sentimentos e das representações (BRITTO DA MOTTA, 2006).

Pensar nas identidades das pessoas na velhice é considerar que há processos identitários que se constituem no decorrer de toda a vida, muitos deles marcados por condições existenciais mais perenes, tais como a de etnia, de classe ou de gênero. Já as idades, como alerta Britto da Motta (Idem) se transformam a cada ano ou em intervalos temporais reduzidos (se pensarmos na perspectiva das gerações).

Mercadante (2005) considera que a identidade na velhice é uma questão complexa e precisa ser entendida em sua totalidade, como uma construção biológica e cultural. Para ela, a

característica contrastiva das identidades, sua construção através da diferença é fundamental para pensar a velhice.

Uma identidade define-se pelo que ela é e por aquilo que não é, ou seja, aquilo que tem de *diferente* em relação a si. Comumente, essa diferença aparece sob a forma de oposições binárias, as quais tornam-se essenciais para a classificação do mundo e, assim, para a produção dos significados. Os sistemas de classificação, baseados na diferença, atribuem significado às relações sociais e propiciam a criação de posições de identidade, às quais os indivíduos podem ou não aderir (WOODWARD, 2000).

Nesse sentido, a identidade de idoso é construída contrastivamente à de jovem. Ser idoso é não ter as características normalmente atribuídas à juventude: força, vitalidade, memória, beleza, viço, produtividade. Como tão bem aponta Mercadante (2005), essa forma de construção identitária atua como um modelo ideológico dominante do “ser velho” em nossa sociedade.

Em compasso com as transformações da velhice, essa forma contrastiva de conceber a identidade do idoso também se modifica. O embaralhamento das fases da vida e a concepção da idade mais como um sentimento do que uma situação etária são alguns indícios apreensíveis desse processo. As concepções dominantes da velhice são desestabilizadas, pondo em cheque esses contrastes. Os novos modos de envelhecer caminham para a construção de uma identidade plural e não contrastiva, baseada mais na troca entre gerações do que na oposição de diferenças do *ser velho X ser jovem*. A partir da fala de Canclini (2007), entendemos que nesse contexto as fronteiras se tornam menos um meio de delimitação e mais um lugar de travessia.

As disputas, negociações entre as identidades são parte de uma disputa pelos recursos simbólicos e materiais. O movimento de afirmação ou negação das identidades traduz os anseios de diferentes grupos sociais ou indivíduos, que são relacionados a relações de poder (SILVA, T. 2000). É o que nos fala Bourdieu (1983), ao atentar que a construção de categorias como a “juventude” e a “velhice” nunca são inocentes, sempre dizem respeito a interesses e posições de poder distribuídas na sociedade.

Para além dessas considerações, no plano da experiência geralmente a velhice se concretiza pelo olhar do outro. O reconhecimento se dá no momento em que o outro vê em nós traços de envelhecimento, o que pode ser uma experiência amarga para alguns idosos. É o que ouvi de uma das informantes no processo de pesquisa, que comentou não gostar de visitar a sua cidade natal por perceber que todos os olhares voltavam-se para seu corpo envelhecido. O processo de identificação parte de um reconhecimento, que nem sempre é natural quando

pensamos na construção das representações da velhice na sociedade contemporânea. Assumir uma identidade de idoso parece o mesmo que declarar em alto e bom som a decadência física e social, a dependência e a aproximação da morte. Quando a velhice se encerra nesses significados temos uma visão estigmatizada desse período da vida, com a qual dificilmente nós, ou qualquer indivíduo que deseje preservar sua dignidade pessoal, gostaria de se identificar.

É o que Mercadante (2005) e Debert (1999a) confirmam em suas pesquisas. Se de forma geral os idosos anuem à visão da velhice em oposição à juventude, em suas vivências particulares buscam afastar-se dessa identidade estigmatizada e construir novos significados para as suas velhices. O velho é sempre o outro – o que se deixa abater, adocece, não cuida da sua saúde e apresenta sinais de senilidade.

Nesse processo de afastamento de uma categoria genérica de “ser idoso” uma das vias para a construção de outras velhices, como versamos em linhas anteriores, é colocá-la como um encargo individual. O indivíduo afasta-se dos predicados negativos de “ser velho” através da adoção de cuidados com aparência, engajamento em atividades motivadoras e adoção de estilos de vida adequados. Formas de afastamento dessa concepção estigmatizada da velhice surgem às dúzias, como vimos pela exposição da concepção de envelhecimento ativo, das denominações “terceira idade” ou “melhor idade”. Essas estratégias nos parecem meios de escapar do significado hegemônico atribuído a esse período da vida. De um modo mais radical, esse afastamento se torna uma negação da velhice em si, no processo de “reprivatização da velhice” (DEBERT, 1999a).

Entendemos que relacionar velhice e identidade social nos ajuda a “[...] perceber que a velhice é uma classificação, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto-atribuição concomitante da identidade etária, separando e arrumando os indivíduos dentro de um parâmetro de idade (BARROS, 1981, p.30).

Se nos deslocamos para o pólo da recepção, a pesquisa sobre as identidades das mulheres idosas norteou-se pela busca de algumas respostas: quem são essas mulheres? Como elas pensam que são vistas? Quem elas querem ser? Quem elas poderiam ser? (WOODWARD, 2000). Antes de ensaiarmos algumas respostas a essas questões, nos atemos no nosso objeto de estudo, a telenovela.

2.3 AS REPRESENTAÇÕES DA NOVELA SOBRE A VELHICE

A partir das reflexões teóricas que realizamos neste capítulo, delineamos as perspectivas de análise de *Passione*, que serão postas em prática no capítulo IV. Inspirados no modelo de Hall (2003a), estabelecemos os movimentos dominantes e opositivos de codificação das representações da velhice na trama.

A forma dominante de codificação mostra a velhice associada principalmente a desígnios negativos, posicionada em contraste com a juventude. A velhice torna-se contígua ao aparecimento de doenças e à inatividade. O idoso é marcado pela decrepitude física, pela senilidade, pela incapacidade de aprender coisas novas e pela perda de papéis sociais. A estigmatização adquire evidência: ele é caracterizado pela dependência e fragilidade, tornando-se um fardo, um estorvo para a sociedade. Estereótipos como o velho senil que não compreende o mundo a sua volta, o caduco, gagá e dependente adquirem evidência. É também espaço para a criação de imagens caricatas da velhice: o idoso infantilizado, inocente, o “velho babão”, pacato e risonho, restrito à esfera privada ou o velho juvenilizado, ridicularizado por suas tentativas de adotar valores juvenis.

A velhice é representada em oposição à juventude, frente a qual perde valor. A orientação para o futuro, o progresso, o vigor e a capacidade de aprendizado são considerados valores juvenis, e por isso não pertencentes aos indivíduos envelhecidos. O “viço da juventude” cede terreno para o aparecimento de doenças, a degradação física e falta de motivação para as tarefas cotidianas.

Em contraposição a essas representações, surgem novas imagens do envelhecimento, ativas na revisão e desestabilização da velhice caquética e infeliz (DEBERT, 1999a). A radicalização dessas imagens descamba na criação de novos estereótipos, que também consideramos dominantes. Há a dissolução dos problemas comuns da velhice em representações gratificantes, que colocam essa etapa da vida como uma tarefa individual. A velhice como uma construção social e portanto dependente de vários fatores - amparo do Estado, nível de renda, gênero, condições vivenciadas ao longo da vida - é silenciada. Envelhecer bem é responsabilizar-se pela sua velhice com o engajamento em atividades motivadoras e cuidado de si.

As codificações opositivas da velhice estão em compasso com as transformações que atravessam o envelhecer. Com a emergência da gerontologia, o aumento do percentual de idosos e a criação de um contexto mais positivo (com a universalização da previdência social, o aumento do potencial aquisitivo e possibilidade de uma vida longa e feliz) novos significados vêm sendo atribuídos à velhice. Esses discursos constroem uma outra velhice, que não aquela marcada por predicados negativos. É um processo marcado por conflitos e

desestabilizações. *Passione*, como produto cultural inserido em sociedade, é perpassado por e reflete essas transformações.

Nesse contexto de mudança contínua e profunda nos modos de perceber e vivenciar o envelhecimento, o que seriam codificações opositivas da velhice? Na trama, são os discursos mediadores entre os discursos pré-existentes sobre a velhice e os que estão sendo erigidos como desdobramentos/transformações do já dito sobre o tema (SOBRINHO, 2007).

A forma de se pensar a velhice fora dos padrões dominantes é muito recente, sendo difícil classificar hermeticamente o que seria um modelo opositivo de codificação. Entendemos que essas novas formas de representar a velhice têm surgido num processo de ancoragem (MOSCOVICI, 2009) próprio do fenômeno das representações. Nele, o já conhecido – as representações sociais estabelecidas e suas formas de classificar o mundo – tornam-se a base da compreensão. Tenta-se tornar familiar esses novos modos de envelhecer a partir de categorias e imagens comuns, já estabelecidas, como as representações dominantes da velhice que explicamos mais acima.

Nesse sentido, as representações opositivas se desenvolvem no tensionamento com as dominantes, desestabilizando estereótipos e criando outros parâmetros a partir do que é normalmente conhecido. Para pensar em codificações opositivas, não parece ser o caminho encerrar as representações em um modelo específico de idoso. O que está em foco é a heterogeneidade constitutiva desse período da vida, a diversidade de velhices possíveis. A população idosa é mostrada em sua diversidade como desejante, inserida no meio social e com possibilidade de autonomia.

A velhice é mostrada de modo plural, em sua heterogeneidade, produzindo uma contra-generalização (MERCADANTE, 2005). Envelhecer é perder parte da vitalidade biológica sem que isso signifique a perda da importância do papel do idoso na sociedade. Ele pode ter a função de ser referência, ensinar e amparar as outras gerações, não somente ser amparado e cuidado. A velhice é exposta em suas múltiplas singularidades, resistindo à representação polarizada *jovem/saúde X velho/doença* (TÓTORA, 2008).

Por outra via, as perdas naturais dessa etapa da vida não são dissolvidas na positividade das vivências: “O reconhecimento da pluralidade de experiências de envelhecimento [...] não implica supor que a dependência não é condição natural dos que ficam velhos e nem propor que não há limites ao investimento cultural e tecnológico nos processos biológicos” (DEBERT, 1999a, p.228).

Codificações opositivas criam valores de referência mais positivos para essa etapa da vida. É também espaço para criação de uma estética para a velhice, assumindo que o corpo

idoso possui características próprias, que podem ser valorizadas a despeito dos valores juvenis. Essas representações caminham na desconstrução da ideologia dominante, problematizando os estereótipos da velhice marcados pela estigmatização e generalização da identidade de idoso.

Codificações negociadas pendem ora a apresentar os idosos como estigmatizados, ora a mostrar a heterogeneidade de possibilidades desse período da vida, sem ater-se a estereótipos ou contrapô-la à juventude.

Para viabilizar a compreensão dessas perspectivas na análise da telenovela, elegemos algumas categorias. Essa escolha partiu da revisão da literatura e da observação do cotidiano das entrevistadas, que se mostrou fundamental para compreendermos as esferas de suas vidas importantes em suas experiências na velhice. As mesmas categorias nortearam as entrevistas no estudo de recepção. São elas:

Vida afetiva e sexualidade

A sexualidade é uma construção cultural, cujas dimensões afetam em muito a vivência da velhice. Como Concone (2007) aponta através das reflexões de Iacub (2007), a partir do século XIX a percepção da velhice como etapa assexuada da vida se prolifera, em compasso com os significados atribuídos a esse período da vida naquele momento. Essa concepção passou por transformações até os dias atuais, gerando desdobramentos como a ligação entre “aproveitamento da vida” e sexualidade. A abstinência da vida sexual, por exemplo, seria uma forma de evitar o envelhecimento.

A velhice também se configuraria um “retorno ao inorgânico” (IACUB, 2007 apud CONCONE, 2007, p. 28). Homens e mulheres com o envelhecimento perderiam paulatinamente os atributos físicos considerados necessários para a conquista do parceiro e tornariam-se cada vez mais parecidos fisicamente, numa espécie de androginia. Assim, o interesse sexual dos (e pelos) idosos seriam vistos com estranhamento, até mesmo um modo peculiar de perversão chamado de “gerontofilia”, que define como patológico o interesse sexual pelo(a) velho(a).

Em sociedade, essa noção se transfigura na desconfiança das pessoas quando observam o relacionamento entre um homem velho(a) e uma mulher mais jovem, ou entre a mulher velha e um rapaz. Parece que interesses escusos obrigatoriamente permeiam a relação. E os idosos que insistem em manter o desejo sexual ativo a despeito da idade? São taxados de “velhos tarados”, “velhos babões”, dentre tantas outras adjetivações. Essas não deixam de atingir as mulheres: “velha assanhada” ou “velha safada” são menções comuns para se referir

a idosas que exercem sua sexualidade. Retomando as reflexões de Concone (2007), parece que falar da sexualidade na velhice é sempre um herotismo fora de lugar. Quando o relacionamento é protagonizado por idosos de faixas etárias semelhantes, não é incomum que seja tratado com complacência: “Que bonitinho! Dois idosos fazendo sexo!”.

A associação entre atração sexual, exercício da sexualidade e beleza faz com que essa dimensão seja ainda mais interdita para as mulheres idosas. Elas, com um corpo desvinculado dos atributos considerados necessários para a conquista e exercício da sensualidade, devem se privar do prazer sexual (FERNANDES 2009).

As codificações da sexualidade como uma dimensão anômala à velhice e seus desdobramentos, em assertivas como: o idoso não é atraente fisicamente, não tem atributos para sedução, não se interessa por sexo e é incapaz de sentir algum estímulo sexual são representações sociais dominantes da velhice. Amor, erotismo e sexo cederiam lugar ao cuidado para com os netos, manutenção do lar e engajamento em atividades tidas como “adequadas” aos mais velhos.

Codificações opositivas caminham na desconstrução dessas concepções, abrindo possibilidades para uma velhice desejante e sexuada. Trata-se de admitir que o desejo sexual pode não desaparecer com o passar dos anos e que o idoso tem sim o direito e a possibilidade de manter relações afetivas e sexuais a despeito de sua data de nascimento.

Família

As relações familiares no contexto da velhice não escapam do rol de transformações que atravessam essa etapa da vida. A descronologização da experiência, embaralhando os limites entre as faixas etárias, o aumento da longevidade e a melhoria das condições econômicas de muitos idosos modificam as relações e o papel do idoso na família. Somado a isso, há um contexto mais amplo de transformações. Sarti (2001) assinala que dos últimos trinta anos até hoje, a perda do sentido de tradição e o processo de individualização e atomização do sujeito em sociedade contribuíram para o surgimento de uma nova configuração familiar, onde espectro de relações e o cuidado com os dependentes se modificam.

O ente mais velho teve sempre um papel importante no amparo familiar, especialmente em relação aos netos. Contudo, esperava-se dos filhos que, com a progressão do envelhecimento de seus pais, passassem a tomar conta dos mesmos em suas velhices. Hoje se configura um fenômeno inverso: os idosos, com uma melhor qualidade de vida e muitas

vezes detentores da única renda familiar, passam a ser o arrimo da casa, sustentando filhos e netos.

Essa dinâmica infelizmente não implica num maior respeito entre as gerações. Se há certo consenso entre os pesquisadores que a família se torna a principal fonte de recursos do idoso frente a um Estado que poucas políticas públicas de amparo à velhice proporciona, também é sabido que o lugar do idoso na família nem sempre é valorizado. Como reflete Sarti, “Se a gratidão aos pais idosos é um sentimento forte em nosso universo simbólico, tornando ingratos os filhos que descuidam de seus pais na velhice, a indiferença em relação ao destino dos mais velhos é uma realidade que não se pode negar” (2001, p. 95).

Consideramos que codificações opositivas dessa dimensão na novela mostrem o idoso como protagonista de sua própria vida, capaz de participar das decisões familiares e manter sua autonomia. Há um bom convívio entre as gerações, com respeito mútuo. O idoso é respeitado e incluído na dinâmica familiar a despeito de suas possíveis deficiências físicas ou cognitivas. A idade não se torna uma desculpa para seu isolamento (que também se configura uma forma de violência).

Codificações dominantes tratam a velhice como um processo de perdas, que incluiria a progressiva retirada do idoso da dinâmica familiar. Ele é visto como um dependente e por isso é isolado, poupado das discussões e decisões familiares. As tensões entre as gerações são naturalizadas e o idoso é culpado pelo tratamento hostil ou infantilizado que recebe dos outros. A juventude, nesse sentido, é tacitamente valorizada em relação à velhice, pois cabe aos mais jovens o comando e protagonismo no lar.

Trabalho

Como delineamos neste capítulo, a dimensão do trabalho contribuiu muito para a construção da perspectiva dominante de representação da velhice. A definição dessa etapa da vida se cristaliza com a saída do trabalhador do mercado. Percebemos isso em nossas conversas com as entrevistadas. Para algumas delas, ainda é presente a relação entre entrar na velhice e aposentar-se, apesar das reconfigurações desse período da vida.

Não mais apto a produzir, o velho passa a ser considerado um estorvo, um problema para a sociedade. Ele é marginalizado pela perda de seu potencial de produção. Pelo viés de gênero, vemos que há uma relação diferente. Muitas das mulheres que hoje são idosas não tiveram a possibilidade de uma vida profissional ativa, restringindo-se ao cuidado e chefia do lar. Para elas, o envelhecer é demarcado de forma diversa, com a menopausa, saída dos filhos do lar ou o acometimento de doenças. Em relação ao trabalho, a passagem parece ser muitas

vezes menos abrupta do que para os homens, e não tão marcada por perdas. Pelo contrário, a manutenção da chefia do lar se torna uma forma de empoderamento, de se sentirem autônomas na velhice. Diferentemente dos homens, elas podem continuar a exercer a ocupação que tiveram durante toda a vida.

É necessário questionar se essa autonomia no lar não perpetua as relações de opressão de gênero, visto que não raras vezes elas passam do jugo do marido para o dos filhos ou netos. O exercício do trabalho doméstico é opressor quando a mulher idosa o vê como uma obrigação e restringe sua existência a ele, tomando-o como função feminina.

Mesmo aquelas que passam a trabalhar e circulam na esfera pública, não deixa de ser uma estranha forma de libertação (BRITTO DA MOTTA, 1994). Elas podem circular porque perderam seu potencial reprodutivo e sua aparência jovial, não mais “importam”, não há o que preservar e cercar.

Tendo em vista esses conflitos e relações das dimensões de gênero e geração, para pensar as codificações em termos de dominância ou oposição, pensamos que o foco não deve estar na realização ou não do trabalho pelo idoso, mas no que isso significa em suas vivências. Uma codificação dominante é quando a não-participação no mercado de trabalho faz com que os idosos sejam vistos como inúteis e reforça o estigma. Aqui, a aposentadoria do idoso se somaria às perdas da velhice.

Codificações opositivas vão à contramão dessas associações. O idoso não é desvalorizado por sua inserção ou não no mercado de trabalho e o enfoque está na pluralidade das vivências possíveis.

Cuidado de si, beleza e saúde

Ao pensarmos nas categorias, a dimensão do cuidado para com a saúde e aparência foi a que inicialmente ganhou mais relevo, pois tanto os autores quanto as entrevistadas sinalizavam ser uma perspectiva fundamental na caracterização e vivência da velhice. Na literatura, Mercadante (2005) comenta que o corpo se torna a primeira via de identificação e reconhecimento da velhice, pelo qual o estigma se reforça e novas possibilidades de significação são criadas. Para as entrevistadas, o corpo também mostrava-se central na classificação da velhice. Ser velho, para além da questão etária, estava no modo de se vestir, nas rugas aparentes, no viço e motivação para as tarefas cotidianas e na manutenção da saúde.

Nas representações dominantes, o cuidado de si torna-se um veículo da reprivatização da velhice (DEBERT, 1999a), pois é através do manejo da aparência e do cuidado da saúde

que a responsabilização do indivíduo por seu processo de envelhecimento se concretiza. Cabe a ele cuidar de si para postergar – ou, abusando da radicalidade, evitar o envelhecimento.

Devido ao amplo processo de transformações que atravessa esta etapa da vida, torna-se difícil definir o que seria uma representação opositiva da beleza, cuidado de si e saúde a partir da especificidade desta categoria. Entendemos que é quando a velhice é mostrada como uma construção dependente de vários fatores (cuidados individuais, políticas públicas, genética, trajetória de vida, etc) e não somente do cuidado consigo; e o corpo idoso é aceito em sua materialidade, sem que o indivíduo seja desqualificado por isso. Uma possível estética para a velhice se delinea. As oposições jovem/saúde X velho/doente são desestabilizadas: a idosa não precisa atender aos ditames de um corpo jovem, mas também não necessariamente precisa enquadrar-se nas restrições normativas em relação à aparência estabelecidas socialmente para sua idade.

São essas as categorias que nortearão a análise da telenovela, no capítulo IV. Antes de iniciá-la, tecemos considerações sobre as dinâmicas de produção da telenovela, que conforma a mediação da institucionalidade no modelo barberiano.

3 A TELENÓVELA COMO OBJETO DE ESTUDO

Com menos de 60 anos de história, a televisão brasileira alicerçou-se na combinação de propriedade comercial com distintas formas de intervenção estatal, o que conferiu à indústria tupiniquim uma estrutura original. A profusão dos aparelhos televisivos, no país, foi bastante lenta. A distribuição dos aparelhos

[...] acompanhou o crescimento urbano: em 1960, dez anos após a inauguração da TV, de acordo com dados do Censo, apenas 4,6% dos domicílios brasileiros possuíam um aparelho; esse número subiu para 22,8% em 1970 e para 56,1% em 1980. [...] ainda em 1991, apenas 71% dos domicílios possuíam pelo menos um aparelho (HAMBURGER, 2005, p.22).

Em seus primeiros 20 anos de existência, pode-se considerar inexpressiva a presença da televisão brasileira no cotidiano de seus telespectadores. Amparada pela tecnologia internacional e marcada fortemente pelo sentimento nacionalista, a indústria televisiva, a partir de 1970, expandiu-se largamente (HAMBURGER, 2005). A intervenção na produção pelo regime ditatorial contribuiu para modernizar a indústria e, em contrapartida, restringiu largamente sua programação através da censura.

Se o regime impediu a livre profusão das mensagens televisivas por parte das emissoras, não interferiu de forma marcante em sua natureza comercial privada. Ao articular as pressões do governo com as demandas de mercado, a indústria televisiva brasileira desempenhou um papel integrador dentro da nação (HAMBURGER, 2005), definindo – através da transmissão de imagens e criação de ícones – diversas formas de perceber o Brasil.

Atualmente, é notável a presença da televisão nos lares brasileiros. Segundo dados de 2009, 95,7% dos domicílios no país contam com o aparelho²¹. A forma específica como a indústria televisiva desenvolveu-se no país -aglutinando pressões governamentais, demandas comerciais e desenvolvimento de nacionalidade – tornou profícua a realização de teorizações acadêmicas sobre o meio. Dentre estes, os estudos de recepção despontam como forma de compreender os modos pelos quais a televisão insere-se no cotidiano de seus receptores. Se

²¹ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>> Acesso em 21 dez 2010.

esse campo de estudos busca a compreensão de como os receptores apropriam-se cotidianamente da produção televisiva de significados e representações de mundo, há um gênero televisivo que tornou-se espaço privilegiado para seus embates e discussões: a telenovela.

Difícil há 47 anos, em julho de 1963, imaginar que a primeira exibição diária de telenovela (*2-5499 Ocupado*, pela TV Excelsior) representaria os primeiros passos para a consolidação do gênero televisivo mais lucrativo e expressivo da cultura brasileira. Da veiculação esparsa dessa telenovela com três capítulos por semana, patrocinados pelas firmas de sabão e dentifrício, passamos hoje a um produto cultural reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente, fundamental para a consolidação da programação televisiva no país. A menção a algumas cifras relativas à produção da telenovela é um índice interessante da importância que o gênero assume: Na Rede Globo, emissora referência na produção da teledramaturgia no Brasil, o custo médio de uma telenovela de 200 capítulos é de 16 milhões de dólares, cerca de 80.000 dólares por capítulo. A quantidade de cenas gravadas em cada capítulo equivale à metade do que geralmente é produzido para um filme cinematográfico. Para cada capítulo, são realizadas uma média de 20 horas de gravação e 27 horas de edição, que resultam na produção de 45 minutos diários de trama (LOPES, M., 2009a).

Criadas ulteriormente às radionovelas e teleteatros, as telenovelas brasileiras diárias exibidas em horário nobre foram introduzidas em 1963, apesar de sua veiculação – ainda que esparsa – ser datada de 1951. Sua evolução caminhou de braços dados com as transformações ocorridas no âmbito social e as consecutivas mudanças que o desenvolvimento da indústria televisiva atravessou no país. Como nos fala Hamburger (2005), a história da teledramaturgia confunde-se com a própria história da televisão, da indústria fonográfica – através do lançamento das trilhas sonoras de novelas e minisséries, do mercado consumidor e das pesquisas de mercado, realizadas por anunciantes e pelas emissoras.

A telenovela possui uma matriz cultural do melodrama, que desde suas primeiras exibições até o contexto atual, delineia certos aspectos da configuração das tramas. Meirelles (2009, p.47) realiza algumas considerações pertinentes sobre a apropriação do melodrama pela teledramaturgia:

A relação do melodrama com uma nova lógica de arte para as massas, surgida com ímpeto na virada do século XIX para o XX, dá ao gênero um vínculo inevitável com a cultura de massa e com as novas formas de comunicação surgidas nesse contexto, no mundo todo. Não seria exagero dizer que a telenovela é o formato que mais divulgou o gênero, principalmente no Brasil [...].

Podemos dizer, de forma abrangente, que a telenovela se configura a partir de uma adequação da matriz melodramática aos meios de comunicação. Através de mudanças socioculturais, econômicas, das exigências do próprio meio e da abordagem complexa de temas contemporâneos, o gênero desponta alinhado às lógicas de consumo e marcado pela cumplicidade entre o popular e o massivo. Martín-Barbero nos faz refletir sobre esta questão: “Se havia um produto e uma prática comunicativa em que se fazia evidente o melhor e o pior da cumplicidade entre o popular e o massivo era esse gênero [telenovela]” (MARTÍN-BARBERO, 2002b, p. 23, tradução nossa).

Se nos anos 60 há o início da consolidação do gênero, a partir de 1970 a telenovela é atravessada por um processo de plena modernização cultural e recrudescimento do regime autoritário. Nesse período, a televisão brasileira firma-se como indústria com rotinas de produção estabelecidas, padrão de qualidade empresarial e fixação da programação, simbolizadas através da ascensão da Rede Globo (ORTIZ; BORELLI; RAMOS, 1989). A emissora afina-se aos processos de modernização necessários a sua consolidação no âmbito das indústrias culturais e vai ao encontro dos desejos do Estado brasileiro, que apostava nos meios de comunicação como forma da criação de uma identidade nacional. É nesse período que o modelo de veiculação das telenovelas usado hoje em dia toma forma: três novelas diárias, das 18h, 19h e 21h (O “Horário Nobre”), com uma média de 45 minutos de duração por capítulo e exibição de seis a oito meses.

Na década de 1970 observamos um abrasileiramento das narrativas, dado principalmente pela participação de autores tupiniquins vindos do teatro e do cinema. Para Lopes, M. (2009a), entre 1960 e 1970 as tramas buscavam acertar o compasso e entender o processo de modernização que afetava o país, os problemas sociais, as oposições entre campo e a cidade e a constituição de uma cultura e identidade nacionais.

Esse esforço em aproximar as representações à realidade cotidiana do brasileiro, em mostrar na telenovela “a vida como ela é” através de diálogos coloquiais, do aumento de cenas realizadas em locações externas, da utilização do humor e da criação de personagens mais complexos resultou na criação de um repertório de referências compartilhado pelos telespectadores. A ênfase no contemporâneo tornou-se regra na produção das telenovelas: era preciso focar-se na novidade, introduzir os assuntos em debate que circulavam na sociedade, fazer com que as representações veiculadas provocassem o interesse dos espectadores. A telenovela passa a ressemantizar os anseios e preocupações dos brasileiros em suas representações e se consolida, aos poucos, como uma narrativa sobre a nação (LOPES, M. 2009a; HAMBURGER, 2005).

A partir de 1970 e também na década de 80, essa busca por atualidade tornou-se uma característica intrínseca das novelas, potencializando também o valor comercial do gênero para os anunciantes. Ao buscar verossimilhança com a realidade nacional, as tramas serviam muito bem à exposição de produtos, hábitos e estilos de vida considerados afinados com a época. Lopes, M. (2009a) considera que até o final de 1980 as telenovelas assumiam feições realistas, em contraposição às narrativas mais sentimentais veiculadas no início da teledramaturgia no país. Para Hamburger (2005), essa verossimilhança foi possível pela aproximação da telenovela com a linguagem jornalística e documental. Contudo, a autora considera que a pobreza, a violência, a miséria e a diversidade étnica do país estiveram praticamente ausentes desse universo mais “realista”. As telenovelas espelhavam principalmente os modos de vida das classes médias do eixo Rio de Janeiro – São Paulo.

A partir de 1990, a produção das telenovelas é atravessada por inúmeras transformações sociais, oriundas principalmente de uma intensificação do processo de modernização, iniciado em 1970, e tonalizada pela abertura democrática no país e pelo advento das novas tecnologias. A introdução da TV a cabo, a utilização do videocassete e do aparelho de DVD, as transmissões via satélite e principalmente a expansão do acesso a internet no país mudam a forma como os receptores relacionam-se com as telenovelas (JUNQUEIRA, 2008).

A Rede Globo adapta-se a essa nova realidade e busca firmar-se perante a concorrência crescente no campo da teledramaturgia. É notável o investimento cada vez maior da emissora em ampliar o universo de assistência da telenovela para além do momento da recepção televisiva. Hoje, os sítios eletrônicos das telenovelas tornam-se estratégicos para a conquista de novos públicos (sobretudo os mais jovens) e alargamento da experiência de recepção. Como explicitam Lopes et. al (2009, p.395) a produção da teleficção está configurada pela necessidade de envolver o receptor com diferentes tipos de mídias, “[...] numa tentativa de seduzi-lo à interação com a trama em múltiplas condições, de participante, colaborador e até de coautor das ficções por meio da ampliação das possibilidades de intervenções que a ele são apresentadas”.

A despeito dessas transformações, a ficção televisiva brasileira continua sendo um setor estratégico da produção audiovisual no país. Lopes, M. (2009b) credita a permanência da relevância pelo peso conquistado pela telenovela na indústria televisiva, assim como por sua capacidade de produzir e reproduzir imagens que o Brasil tem de si, e nas quais os brasileiros conseguem se reconhecer. Esse último aspecto, já observado na produção das telenovelas a partir de 1970, intensifica-se na atualidade. A capacidade de mesclar ficção e

realidade, a utilização de uma linguagem que se aproxima da jornalística ou documental, agregando verossimilhança às tramas, faz com que seja possível pensar nas telenovelas atualmente como um “recurso comunicativo” (LOPES, M. 2009a).

Dentro desse universo de plena afirmação do campo da teledramaturgia, em que cada vez mais as telenovelas buscam afinar-se com os acontecimentos e fatos da vida cotidiana e ampliar as experiências de recepção, estudá-las torna-se um desafio. Como argumenta Souza (2008), estamos em um país desigual onde nenhum meio de comunicação é tão expressivo como a televisão, e nenhum produto desta mídia é tão importante quanto a telenovela. Entendê-la, para nós, é um meio de problematizar o papel da mídia na veiculação de representações que de certa forma incidem no modo como as pessoas movimentam-se e percebem-se em sociedade.

3.1 REDE GLOBO

Torna-se impossível pensar na trajetória das telenovelas no país sem relevar o papel da Rede Globo na consolidação do gênero. Embora outras emissoras, especialmente a partir dos anos 2000, tenham investido na produção da teledramaturgia (como Record, Bandeirantes e SBT), é notável que o “padrão Globo de qualidade”, estabelecido pela emissora na década de 1970 para padronizar o acabamento e formalizar a produção dos programas, pouco a pouco criou um estilo próprio à programação. Esse torna-se uma referência e termos de produção, que tenta ser copiado pelas emissoras que entram no campo da teledramaturgia, e – no viés da recepção, também estabelece padrões de leitura que são mais bem-aceitos pelos receptores. É o que vivenciamos algumas vezes na pesquisa de campo, quando as entrevistadas respondiam o porquê de sua predileção pela emissora: menções ao “costume de assistir a Globo” ou ao “estranhamento” causado pela assistência de telenovelas em outras emissoras foram frequentes.

Como esboçamos mais acima, o desenvolvimento da hegemonia da Rede Globo na produção das telenovelas confunde-se com a própria história da televisão. Oguri et. al (2009) trazem dados sobre a emissora, fornecidos pela mesma em relatório de 2008. Atualmente, a Globo possui cinco emissoras próprias, situadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Brasília, além de 131 filiadas. Foi fundada em 1965 e emprega cerca de oito mil funcionários, constituindo o maior conglomerado de mídia, comunicações e entretenimento da América Latina. No Brasil, sua cobertura é de 98,4% do território nacional.

Em âmbito global, sua audiência em horário nobre perde apenas para a rede norte-americana CBS, e seus produtos são exportados para 130 países. Especificamente em relação à produção,

Cerca de 90% da programação é produzida internamente. Os estúdios da empresa produziram, em 2007, 2.455 horas de programas - o equivalente a mais de 1.200 longas-metragens. Grande parte desse trabalho foi realizado na Central Globo de Produção (CGP), também conhecida como Projac (Projeto Jacarepaguá). Localizado em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, o Projac foi construído sob as premissas básicas de alcançar maior produtividade, custos de produção mais baixos, melhoria em tecnologia e mais qualidade em ambiente de trabalho. Dessa fábrica televisiva saem programas infantis, de humor, variedades, minisséries e telenovelas, sendo estas últimas o principal produto comercial da empresa (OGURI et. al, 2009, p.41).

Em relação à telenovela, ainda são escassos dados que indiquem cifras oficiais de comercialização do gênero na emissora. Segundo Teixeira (2010), no Brasil – como também na Argentina, que ainda tem o mercado da teledramaturgia em ascensão, a telenovela foi um produto fundamental para a construção de monopólios e oligopólios pelas emissoras. Embora as exportações de telenovelas tenham iniciado, no Brasil, a partir de 1970, apenas em 1990 foram criados departamentos específicos para a comercialização dos formatos de teledramaturgia, expandindo o comércio global. É nessa década que as alianças televisivas com grupos internacionais são intensificadas.

Segundo Teixeira (2010), atualmente o processo de transnacionalização da telenovela vem sendo realizado através de três maneiras distintas: venda integral (a trama é cedida integralmente à emissora que a compra. Os capítulos podem ser dublados e a novela, editada de acordo com os desejos do comprador) venda de roteiro (a Globo o vende, mas os capítulos são produzidos no país comprador) e venda de projeto (a novela é produzida no país comprador com consultoria da Rede Globo). Mazziotti (2004) traz dados interessantes oriundos da TVMAS Magazine, a qual ressalta que, em 1997, o faturamento da Rede Globo com a exportação das telenovelas ultrapassou a faixa dos 100 milhões de dólares. Contudo, apesar do rendimento, a lucratividade mais substantiva do gênero provem do mercado interno, devido ao investimento publicitário. Assim, como o êxito local é prioritário, é possível afirmar que as telenovelas são produzidas tendo em vista prioritariamente a repercussão em seu país de origem.

Campedelli (1987) aponta algumas modernizações do gênero realizadas pela emissora, as quais foram fundamentais para sua consolidação. A primeira modernização realizada

constitui-se na divisão dos horários das telenovelas para atender e segmentar seus diversos receptores. Assim, a trama das 18h seria marcada por adaptações da literatura romântica, destinadas principalmente ao público feminino (adolescentes e donas de casa). O horário das 19h se caracterizaria por tramas leves e bem-humoradas, escritas para atrair mulheres já inseridas no mercado de trabalho. A novela das 20h, por sua vez, teria em seu cerne as histórias do dia-a-dia, as grandes questões, os problemas familiares. Atualmente as telenovelas da Rede Globo são exibidas de segunda-feira à sábado, com capítulos de aproximadamente 45 minutos e com duração de cerca de 8 meses.

Sobre as rotinas de produção da telenovela, Walter Negrão (2004) confirma que a escritura dos capítulos não é realizada sem planejamento, fato que não era realidade para os autores antes da década de 1980. O processo de criação, segundo o autor, funciona através da seguinte dinâmica:

Hoje [o processo de criação] funciona assim: nos reunimos com uma equipe de autores e colaboradores, de 15 em 15 dias, para uma reunião de criação, na qual tudo pode ser dito e há um pacto de que se alguém não gostar da idéia ela deve ser descartada. Ninguém pode ter um ego muito grande naquele momento para discutir e defender a tese de sua idéia. Se o mocinho vai se deitar com a mocinha antes do último capítulo ou não, se alguém não gostou ela é descartada, pois se nos pegarmos numa discussão ideológica, defendendo o gênero, aí não se vai pra frente. É um trabalho de 15 horas por dia e vai ser um trabalho de 18 horas por dia, porque vamos perder três em discussão. Então isso é fundamental, não tem discussão. Gostou gostou, se não, vamos adiante (NEGRÃO, 2004, p.212).

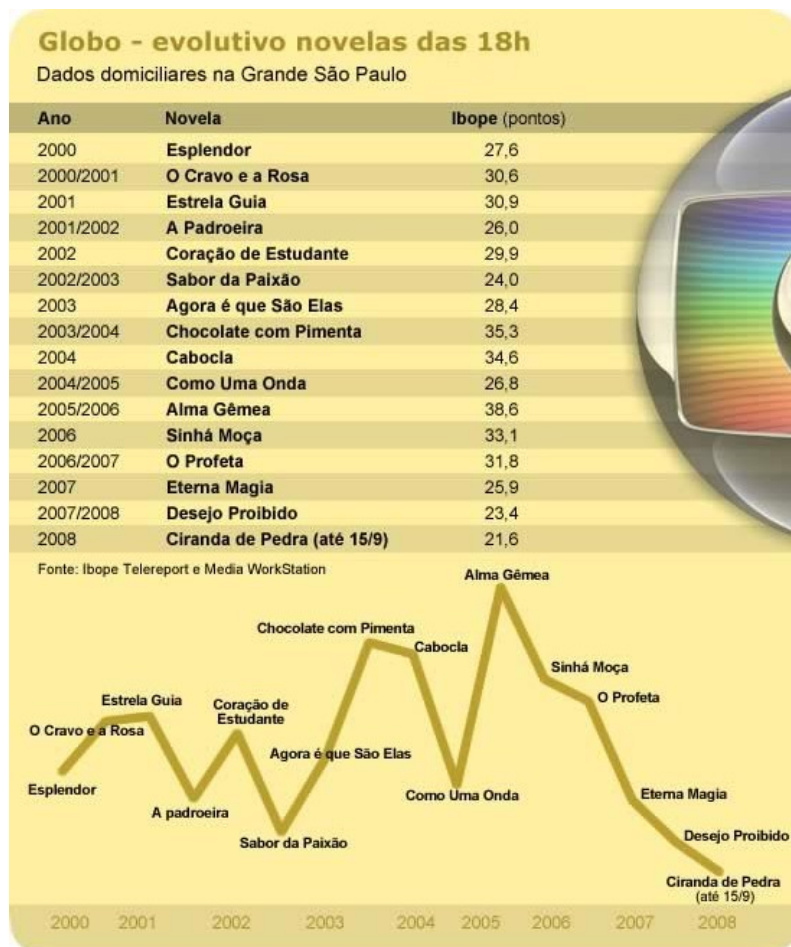
Percebe-se o imperativo da produção industrial no processo de criação da teledramaturgia, especialmente da Rede Globo. Negrão comenta que, devido ao ritmo acelerado, não há espaço para discussões (como as sobre gênero, segundo ele menciona). Prioriza-se o consenso da equipe em relação a determinamos temas e desfechos, os quais norteiam a produção da telenovela.

Outro fato importante na produção da telenovela, mencionado tanto por Negrão (2004) quanto por Oguri et. al (2009), diz respeito às pesquisas de audiência. Para o primeiro autor, a pesquisa qualitativa de audiência é fundamental e orienta o andamento da trama após suas 25 semanas iniciais de veiculação. A dinâmica de mudanças na trama da telenovela em função das reações das audiências é contraditória e, como mostram Oguri et. al (2009), varia consideravelmente de autor para autor. Por eles entrevistado, Mário Lúcio Vaz, diretor da Central Globo de Qualidade, ressalta que as mudanças nas tramas não são aleatórias, pois precisam obedecer à coerência da história. Qualquer alteração realizada dependerá de fatores

diversos, como a química entre os pares românticos. O entrevistado observa, mesmo assim, que a sinopse original se mantém em 95% dos casos, não sofrendo alterações substantivas. Segundo ele, se a telenovela não está com o sucesso esperado, muitos autores preferem encurtar a duração da trama a realizar modificações mais aprofundadas na sinopse original.

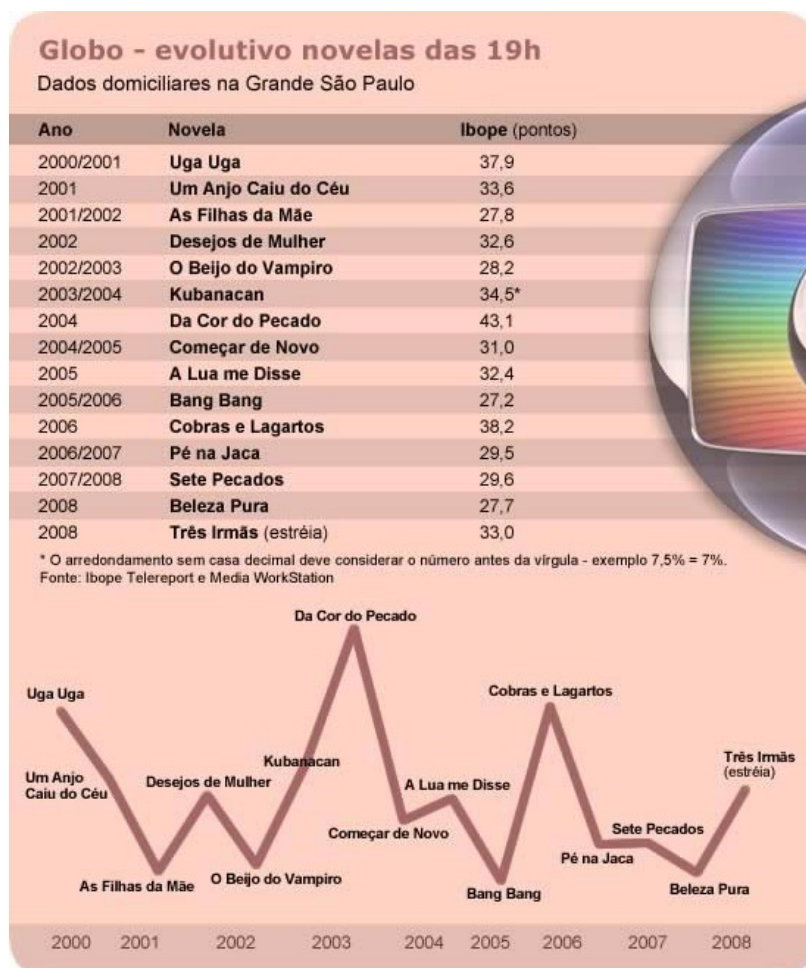
Em relação ao sucesso das telenovelas, muito tem se problematizado sobre as consecutivas quedas de audiência que o gênero vem enfrentando no país, em especial a Rede Globo. Trazemos abaixo alguns gráficos sobre as audiências das telenovelas da Rede Globo, os quais consideramos ilustrativos dessa problematização.

FIGURA 2 - Evolutivo das telenovelas das 18h de 2000 a 2008



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2008/09/18/ult2548u604.jhtm>

FIGURA 3 - Evolutivo da audiência das telenovelas das 19h de 2000 a 2008



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2008/09/18/ult2548u604.jhtm>

FIGURA 4 - Evolutivo da audiência das telenovelas das 21h de 2000 a 2008



Fonte: <http://noticias.uol.com.br/ooops/ultnot/2008/09/18/ult2548u604.jhtm>

De acordo com esses dados, a queda de audiência é mais expressiva nas tramas das 18h e das 21h, especialmente a partir de 2005. A audiência das 19h é oscilante, não sendo possível verificar um padrão de queda.

Por mais que seja natural ver esse processo como um índice do decréscimo de popularidade das tramas na vida dos brasileiros, é preciso pensar essas informações de uma maneira mais cautelosa. Para Lopes, M. (2009b), a diminuição da audiência não leva a crer em uma redução do interesse pelas telenovelas, mas sim no acirramento nos níveis de

concorrência entre as emissoras e entre a produção televisiva e demais mídias, principalmente com o advento da internet. Se em 1970, 1980 podíamos considerar normais dados que mostrassem uma média de 60 a 70 pontos de audiência para determinado programa, hoje os padrões se transformaram e a expectativa da audiência é remanejada para um outro ponto de equilíbrio, mais modesto e consonante com o contexto social. Se observarmos os dez programas televisivos de maior audiência no Brasil em 2008 divulgados pelo relatório do Observatório Ibero-americano da Ficção televisiva, a hegemonia da Globo se mantém, assim como o apreço pela assistência das telenovelas. Dos dez programas citados, seis são telenovelas da emissora, sendo que os demais são também produções teleficcionais, como seriados, minisséries e *sitcoms* (LOPES, M., 2009b, p.135).

As transformações no comportamento dos receptores dizem mais respeito a novos hábitos de consumo do que a queda da qualidade ou do desinteresse pelas narrativas. De fato, para pensar a importância da telenovela no contexto atual, “[...] é necessário repensar a relação da televisão aberta com seu público, que vive um cotidiano marcado pela aceleração das mudanças no seu modo de vida e por fragmentação, enfraquecimento dos laços sociais e encurtamento de sua duração” (LOPES, M. 2009b, p. 105/6). Se pensarmos que a produção televisiva interage de forma estreita com as dinâmicas da vida, é natural imaginar que o consumo de televisão não passaria ileso a essas transformações.

Na contramão desse processo, vemos que a relação do público idoso com as tramas permanece estreita. Os idosos são os que mais veem televisão aberta no país, com uma média de 14 horas de assistência por semana (segundo pesquisa de 2009 do *Target Group Index/Ibope*, citada no BIP/Rede Globo de julho de 2009). Na mesma pesquisa, 86% dos idosos declararam sintonizar em algum programa televisivo no horário das 20h às 22h. Apesar dessa expressividade, no contexto de produção da telenovela o receptor idoso parece ganhar pouca atenção – ou ter sido relevado há muito pouco tempo. Um indício disso é a segmentação etária realizada pela emissora em seu setor de comercialização. Os telespectadores são divididos em 0-14 anos, 12-17, 18-24, 25-49 e 50 ou mais anos de vida. O que nos faz refletir: seriam as pessoas com mais de 50 anos uma faixa homogênea da população, com as mesmas necessidades e preferências? Por que não há um interesse em entender seus hábitos específicos de recepção, sendo que ele compõe a faixa da população que mais assiste às tramas? Parece que a invisibilidade social da velhice se reflete no modo como a emissora percebe seus telespectadores.

Em compasso com a valorização social da velhice e protagonismo dos idosos nos mercados de consumo, acreditamos que a emissora esteja realizando um movimento, ainda

que tímido, de atenção e busca desse público. Um indicativo é a publicação de uma matéria no Boletim de Informação para Publicitários (BIP) da Globo em julho/2009. São quatro páginas em que a Globo traz dados sobre o que denomina “geração Mature”, pessoas com acima de 60 anos e telespectadores assíduos dos programas. Através do cruzamento de pesquisas, a matéria traça um perfil comportamental dessa faixa da população, incentivando os anunciantes a investir nela. Contudo, parece-nos ainda uma visibilidade parcial, pois há um recorte de classe significativo: os idosos que merecem atenção são claramente aqueles que têm potencial de consumo.

A visibilidade da velhice também está, aos poucos, se refletindo nas tramas. É o caso de *Passione*, em que uma idosa é a personagem principal, de grande expressividade na narrativa. Além de *Bete* (Fernanda Montenegro), essa novela contou com nomes de peso da teledramaturgia brasileira – e também idosos. Como veremos a seguir, na trama a velhice foi bastante exposta e problematizada, principalmente em relação ao papel do idoso na família e sua sexualidade.

3.2 VEM AÍ: PASSIONE

“*Passione*, a nova novela das oito da Rede Globo, estréia com a promessa de trazer de volta para o horário e tão querido novelão. Aquele em que filhos perdidos são reencontrados, em que os vilões fazem mesmo muita maldade e em que torcemos pelo casal de mocinhos”²². O comentário de um jornal na véspera do início da veiculação de *Passione* ilustra uma expectativa encontrada em muitos artigos que comentavam a exibição da nova trama: o desafio de Silvio de Abreu em retomar os elementos da telenovela que a consagraram como gênero de sucesso - especialmente na sucessão de *Viver a Vida*, telenovela de Manoel Carlos que alguns analistas consideraram ter alcançado índices de audiência pífios²³.

A direção geral de comercialização da emissora apresenta *Passione* como uma telenovela de amor, revelações e intrigas. É a impressão dada por Silvio de Abreu em inúmeras entrevistas dadas na ocasião do lançamento do folhetim. O autor caracteriza

²² *Passione*, começa logo! Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a2905217.xml&template=3898.dwt&edition=14701§ion=1905>> acesso em 01 jul 2010.

²³ A trama veiculada entre 14 de setembro de 2009 e 15 de maio de 2010 rendeu uma média de 36 pontos de audiência, quase 20 pontos abaixo do obtido por sua predecessora, *Caminho das Índias* (Glória Perez/ 19 de janeiro 2009 a 11 de setembro de 2009). Fonte: “*Viver a Vida*” amarga queda na audiência”. In: <<http://diversao.terra.com.br/tv/noticias/0,,OI3984333-EI12993,00-Viver+a+Vida+amarga+queda+na+audiencia.html>> Acesso em 31 mai. 2010.

Passione como uma junção de melodrama, comédia e suspense, que a partir do capítulo 100 toma feições de trama investigativa e policial. Sílvio diz que sua novela não está focada num tema preestabelecido, como em *Sassaricando* (1987), que tratava das mulheres acima dos 50 anos no mercado de trabalho; *Guerra dos Sexos* (1983), onde o tema eram as relações de gênero ou *Belíssima* (2005), que tratava da beleza. Ao escrever *Passione*, a ideia foi criar uma novela “onde a história acontece”, uma trama de segredos que, conforme revelados, mudam o curso da história e a visão que os telespectadores têm dos personagens. Essas mudanças no curso da história foram uma aposta interessante da trama. Nas entrevistas, foram recorrentes os pedidos de Sílvio para que o público estivesse atento ao comportamento dos personagens e às cenas, pois inicialmente eles representam uma história que traz indícios de outra trama, que só será depois revelada. É nesse momento que a telenovela assume características de investigação policial.

Outra característica importante da trama mencionada por Sílvio é a ideia clara de crítica social que carrega. Em *Passione*, o autor buscou retratar a experiência que vivenciou na produção de sua última novela, *Belíssima*. Durante sua exibição, notou que o público era simpático à personagem *Bia Falcão* (Fernanda Montenegro), mau-caráter, antagonista da trama. Esse comportamento o levou a questionar os padrões de moralidade e de ética aceitos pela sociedade atual, a ideia de que “levar vantagem em tudo está mais presente na nossa sociedade do que nunca”.

Essas questões o autor expõe na narrativa de *Passione*, mas não considera que a novela seja “engajada”. Para ele, engajamento seria quando se “força” uma história sobre determinado tema. No seu caso, acredita que “Não há como fazer uma novela, onde você mostra pessoas dentro de uma sociedade sem discutir e mostrar os tabus e os problemas dessa sociedade. Sem isso não tem sobre o que escrever”. Na trama, o autor tratou da violência doméstica contra a criança e contra a mulher, sobre distúrbios sexuais e sobre o vício em crack.

A trama se passa principalmente entre a grande São Paulo e a Itália, na região da Toscana. Após seis meses da trama, o núcleo italiano de personagens muda-se para o Brasil. Em São Paulo, alguns lugares são ambientes comuns para os personagens, como o Autódromo de Interlagos, o CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo) e os bairros Jardim América, Tatuapé e Vila Maria. O nome *Passione* inspira-se na história de amor entre *Totó* (Tony Ramos) e *Clara* (Mariana Ximenes). *Totó* vivia com sua irmã e os quatro filhos em Laurenza-in-Chianti, pequena vila no coração da Toscana, quando uma revelação muda a sua vida. Um casal vindo do Brasil chega com a notícia de que ele

havia herdado uma grande fortuna de sua verdadeira família, sobre a qual *Gemma* (Aracy Balabanian), a irmã mais velha que o criou, jamais havia falado.

O nó inicial da história é quando os vilões da trama, *Clara* e *Fred* (Reynaldo Gianechini) rumam à Itália para aplicar um golpe em *Totó* e fazê-lo passar ao casal a parte da *Metalúrgica Gouveia* que lhe é de direito. *Totó* se apaixona por *Clara*, com quem casa. No decorrer da trama, o núcleo italiano composto por *Totó*, *Gemma*, *Agnelo*, *Adamo* e *Alfredo* (família de *Totó*); além de *Mimi* e *Nonno Benedetto* (amigos da família que também residem em Toscana) mudam-se para o Brasil.

Em terras pátrias, a telenovela apresenta vários núcleos de personagens. O mais importante é o da família *Gouveia*, composto por *Bete*, *Brígida* (Cleyde Yácones) e *Antero* (Leonardo Villar), sogros de *Bete*, casal octogenário. Eles são avós de *Gerson* (Marcelo Anthony), *Saulo* (Werner Schunemann) e *Melina* (Mayana Moura) e bisavós de *Danilo* (Cauã Reymond), *Sinval* (Kayki Britto) e *Lorena* (Tammy Di Calafiori). Esses três são filhos de *Stella* (Maitê Proença) e *Saulo*. Na casa de *Bete*, residem ainda *Mauro* (Ricardo Lombardi) e seu pai, chofer da casa, *Diógenes* (Elias Gleiser). Funcionário dos *Gouveia* há anos, é tratado como da família.

Outro núcleo familiar, também de classe alta, é o composto por *Clô* (Irene Ravasche) e *Olavo* (Francisco Cuoco). Ele é presidente da LEAR, empresa de reciclagem de lixo. O casal abastado mostra-se sempre muito apaixonado. *Olavo* é pai de *Jéssica* (Gabriela Duarte), filha mimada que vive às custas do patrimônio familiar. Ela é casada com *Berilo* (Bruno Gagliasso), italiano que mantém um relacionamento duplo, com ela e com *Agostina* (Leandra Leal), sua primeira esposa italiana.

A cultura popular é tematizada através da família de *Maria Candelária Lobato* (Vera Holtz). Moradora de um bairro popular, divide a casa com sua filha *Felícia* (Larissa Maciel) e a neta *Fátima* (Bianca Bin). Ela também é mãe de *Fred*, filho que, devido a seu caráter inescrupuloso, é fonte de desgostos. *Candê* é vizinha de *Valentina* (Daisy Lucidi), senhora que vale-se de sua condição de idosa para obrigar *Kelly* (Carol Macedo), sua neta mais nova, a fazer o serviço doméstico convencê-la a ter relações sexuais com os clientes da pensão que mantém. *Valentina* é também avó de *Clara*.

Passione é permeada por mistérios, que vão se revelando no decorrer dos capítulos. Personagens que inicialmente não pareciam ter nenhuma ligação mostram tê-la, segredos são revelados e novas configurações familiares são constantemente realizadas. A partir do capítulo 100, a armação policial se mostrou mais forte na narrativa com a morte de *Saulo*, mistério revelado somente no capítulo final.

Passione apresenta nomes de peso na teledramaturgia brasileira, como Fernanda Montenegro, Cleyde Yácones, Leonardo Villar, Mauro Mendonça, Tony Ramos, Francisco Cuoco, Irene Ravasche, Aracy Balabanian, Elias Gleiser, entre outros. Com tantos atores talentosos e expressivos reunidos na mesma trama, Sílvio de Abreu é enfático ao dizer que não é possível determinar os protagonistas de *Passione*. A novela tem um eixo, representado pela personagem *Bete Gouveia*, a partir do qual nascem e se cruzam todas as histórias. O autor ainda comenta que os personagens são fortes, inteiros, multidimensionais e fogem do maniqueísmo que coloca seu comportamento em termos de bem ou mal.

A existência de vários núcleos de personagens e a ampliação da narrativa vai ao encontro do que Junqueira (2008) pontuou sobre o desenvolvimento da teledramaturgia brasileira a partir dos anos 2000. É notória a diversificação das tramas, o aumento no número de personagens e de histórias, criando narrativas que se distanciam da trama central, novas possibilidades de linguagens, de esquemas narrativos e de exploração de temas.

Em *Passione*, estão presentes muitas marcas autorais de Sílvio, como a abordagem de assuntos contemporâneos, a utilização do humor em confluência com o melodrama e a armação policial. Seu estilo de há 33 anos escrever telenovelas é delineado por sua trajetória e experiências, sobre as quais tecemos alguns comentários a seguir.

3.3 SÍLVIO DE ABREU²⁴

Ator, cenógrafo, cineasta, roteirista e diretor: essas foram algumas das profissões exercidas por Sílvio de Abreu em sua trajetória até chegar a ser autor de telenovelas. Como ele comenta, é difícil traçar uma linha cronológica retilínea quando nos dedicamos a apresentar sua obra. Sílvio de Abreu nasceu em 1942 no bairro da Liberdade, em São Paulo, sua cidade de residência até hoje. Filho de uma costureira dedicada ao lar e de um pianista, interessou-se desde criança por comédia, entretenimento e pelo mundo do cinema.

Sua atuação profissional é ampla. Sílvio foi ator de cinema, teatro e telenovela, escreveu e dirigiu minisséries, programas educativos, peças de teatro e um musical, além de dirigir, roteirizar e escrever para inúmeras obras fílmicas, especialmente na década de 1970. Na teledramaturgia, além de trabalhar como diretor, co-autor, colaborador e na adaptação de

²⁴ As informações sobre a trajetória pessoal e profissional do autor, bem como as características de sua obra foram extraídas de ABREU, Sílvio de. Entrevistadora: Ana Paula Goulart, et al. In: AZEVEDO, Camila et al, **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

algumas tramas, assinou a autoria principal de 14 telenovelas: *Pecado Rasgado* (1978), *Plumas e Paetês* (1980), *Jogo da Vida* (1981), *Guerra dos Sexos* (1984), *Vereda Tropical* (1985), *Cambalacho* (1987), *Sassaricando* (1988), *Rainha da Sucata* (1990), *Deus nos Acuda* (1993), *A próxima vítima* (1995), *Torre de Babel* (1999), *A incrível batalha das filhas da mãe no jardim do Éden* (2002), *Belíssima* (2005) e *Passione* (2010).

Sobre o processo de criação de uma telenovela, o autor considera que o produto demora cerca de um ano e meio para ser feito, desde o momento em que chega à Rede Globo e acerta a veiculação da trama até o último capítulo. O autor divide seu trabalho nesse ínterim em algumas fases:

A primeira é fazer a sinopse, o que leva uns três ou quatro meses. Fico buscando idéias, viajando, anotando coisas, formando uma história. Não existe uma rotina explícita de trabalho, durmo a hora que quero. Há uma liberdade total, deixo a cabeça voar. [...] Com a sinopse aprovada, começo a escrever os capítulos e passo a ter um método. Acordo por volta de 7h ou 8h e trabalho até 18h ou 19h. Levo uma semana para fazer o primeiro capítulo. Vou refazendo, relendo, mexendo. A novela entra no ar, continuo criando e escrevendo. Isso dura uns dois ou três meses. Depois de entregar os 30 capítulos iniciais, entro numa rotina de escrever um capítulo por dia. Nessa fase, já conto com colaboradores. Começo às 6h ou 7h, paro para almoçar entre 12h ou 13h, e trabalho até às 23h30 ou meia-noite, dependendo da dificuldade de cada capítulo. Quando a novela estréia, escrevo até a hora do capítulo entrar no ar, assisto e volto a escrever de novo (ABREU, 2002, p. 342-3).

O ritmo de produção cada vez mais acelerado, a ampliação do tempo dos capítulos e a complexificação das tramas na narrativa tornou necessária a ajuda de colaboradores junto ao autor principal, que o auxiliem diariamente na escritura dos capítulos. Silvio prefere chamar os seus de co-autores, visto que trabalham diretamente na criação das cenas sob sua supervisão. Ele costuma trabalhar com dois, mais uma pesquisadora e uma assessoria para tratar de assuntos jurídicos. O autor faz diariamente uma escaleta²⁵ com cerca de 15 páginas, na qual explica as cenas dos capítulos e o modo como quer que sejam feitas. As distribui entre os co-autores. Eles elaboram as cenas e enviam para Silvio, que as corrige, refina e finaliza. Silvio entende que o autor tem que supervisionar a produção da telenovela para que a trama seja veiculada do modo como pensou, se não dificilmente o público entenderá suas intenções. Também por isso seu apreço por acompanhar tudo na produção das tramas, tanto junto ao diretor, quanto na escolha de cenário, figurino, elenco e trilha sonora, é bastante próximo.

²⁵ Espécie de “esqueleto” da trama, onde são esquematizadas as cenas a serem desenvolvidas pelos co-autores.

Para ele, o que faz uma telenovela dar certo é um bom texto, conjugado à capacidade do autor de se arriscar, trazer novas linguagens e elementos à trama. Também é necessário que a narrativa tenha uma comunicação igual entre as classes, seja inteligível para todos. O autor demonstra ter grande satisfação de há 33 anos dedicar-se às telenovelas, por considerá-la o melhor produto da TV aberta no Brasil, além daquele que possibilita, especialmente na Rede Globo, inovações e criações que usualmente no cinema, pela restrição do investimento, não seriam possíveis. Para ele, a telenovela é um sucesso no país por conta da qualidade de produção, aliada à comunicabilidade entre o público e a produção das tramas e o baixo poder aquisitivo do povo, que muitas vezes tem somente a TV aberta como opção de lazer.

O universo ficcional do autor baseia-se em tudo o que viveu e aprendeu, nas peças de teatro que assiste e nas músicas que ouve. O cinema norte-americano, italiano e a chanchada brasileira são suas referências principais, das quais extrai o caráter mais lúdico e a armação policial de suas histórias. Essa bagagem atravessa seu modo de conceber as tramas, que se baseia muito mais na ação, na imagem do que nos diálogos entre os personagens. É por precisar imaginá-los em cena para que possa criar que Silvio opta por sempre esculpir o personagem de acordo com o ator que imagina interpretando-o. Como traços principais da obra do autor, podemos elencar:

- 1) a utilização da comédia como recurso dramático;
- 2) a criação de tramas aos moldes dos thrillers de Alfred Hitchcock, nos quais o suspense e a investigação policial assumem o papel de manter a audiência interessada. Foi o caso de, por exemplo, *A Próxima Vítima*, em que cada mês um personagem era morto e os telespectadores precisavam descobrir quem era o assassino;
- 3) a junção de armação policial, comédia e melodrama como linguagens, especialmente nas tramas das 21h;
- 4) a constante necessidade de trazer inovações para a linguagem teleficcional, como no caso de *As Filhas da Mãe*, em que experimentou uma outra forma de narração, mesclando humor com a linguagem musical, do rap. Em *Passione*, vemos essa característica esboçada na forma como autor contou a história, dividida em duas partes: a primeira, se vale de uma linguagem mais emocional, melodramática. Já a segunda tem tons de investigação policial;
- 5) a ambientação contemporânea que dá às suas novelas: elas sempre se passam em um período próximo, por mais que não seja exatamente especificado na narrativa. O autor vale-se de grandes cenários, de cidades globalizadas como São Paulo para contar suas tramas. As vivências e o contexto dos personagens são sempre bastante próximos ao dos telespectadores, como no caso de *Rainha da Sucata*, veiculada durante o plano de Collor.

Silvio mudou a trama de modo a fazer com que os personagens também passassem pelas dificuldades financeiras que as pessoas vivenciavam na vida real;

6) a necessidade de fazer a telenovela dialogar com o contexto de assistência no momento de sua exibição, no sentido de tornar a narrativa o mais verossímil possível aos olhos dos telespectadores;

7) a criação de personagens multidimensionais, complexos e ambíguos, que fujam do maniqueísmo clássico que os separa em termos de “bem” ou “mal”. Silvio procura mostrar que todos têm um lado bom ou mal e que, devido a certas circunstâncias, um desses aspectos se sobressai na construção do caráter.

Na sua forma de trabalhar, Silvio relata que tem a necessidade de inovar constantemente, trazer novos elementos que o desafiem na escritura das tramas e que instiguem o público a querer acompanhá-las. É o que o autor fez em *A Próxima Vítima* (1995). A telenovela trazia referências do cinema, especialmente dos *thrillers* policiais. A cada mês um personagem morria na trama, e o público precisava descobrir quem era o assassino. Ele, assim como os demais mistérios criados, só foram revelados no último capítulo. A trama manejava a todo momento com a expectativa dos telespectadores, que a acompanhavam feito detetives que tem por papel solucionar um crime. O suspense gerou comoção nacional e níveis estrondosos de audiência, consagrando o gênero policial nas telenovelas de Silvio.

O autor considera que as tramas baseadas no suspense e na investigação policial exigem um outro comportamento da recepção, que precisa estar muito mais atenta aos desdobramentos e evolução dos personagens. Para não perder a audiência dos telespectadores que não mantinham uma assistência rotineira, Silvio optou por manter forte tanto o veio emocional quanto a armação policial da trama. Assim, os telespectadores mais eventuais não perderiam o raciocínio da trama e acompanhariam mais os dramas, emoções e sentimentos dos personagens. Aqueles interessados no suspense, teriam um olhar mais diário e aprofundado no desenvolvimento dos capítulos.

Silvio de Abreu considera a telenovela um produto de entretenimento que está inserido na sociedade; e só fará sentido para ela se tratar de temas e mostrar situações que lhe digam respeito. Por isso, mostra-se a favor do merchandising social nas tramas, desde que as ações estejam perfeitamente inseridas no contexto da narrativa, não pareçam artificiais. Em *A Próxima Vítima*, por exemplo, a homossexualidade foi discutida através dos personagens *Jefferson* (Lui Mendes) e *Sandro* (André Gonçalves) e criou uma família negra de classe média, a primeira em telenovelas. Sobre a experiência, ele relata sua pretensão: “Eu queria

provar, para a televisão – e para os outros autores também -, que uma família de negros dá tanta audiência quanto uma família de brancos” (ABREU, 2008, p.312). Silvio também inverteu a hierarquia social hegemônica ao colocar como empregada doméstica da família uma mulher branca, de um nível social e cultural mais baixo. A família foi bem aceita pela audiência, que considerou Zezé Motta, a mãe, como representação do ideal de mulher brasileira.

Em Belíssima, Silvio discutiu o tráfico internacional de mulheres através da personagem *Taís* (Maria Flor). Ela aceita, na trama, uma suposta oferta para trabalhar na Grécia como bailarina, mas é vítima de traficantes de mulheres, que confiscam seu passaporte e a tornam uma escrava dentro do país.

Sobre a função social da telenovela, Silvio diz que não acredita que as tramas tenham o mesmo potencial que um livro ou uma peça de teatro para mudar a forma das pessoas pensarem, visto que o relacionamento entre as tramas e a audiência se dá de uma maneira mais superficial, mais baseada na emoção do que na razão. Por isso, acredita que “[...] a telenovela não tem a força de mudar: ela reflete a sociedade, funciona como um espelho, mas não tem o poder de modificar. Se tivesse, todos nós estaríamos vivendo muito bem, porque toda novela termina bem” (ABREU, 2008, p.311). No entanto, Silvio acredita que a grande função da telenovela é a possibilidade de colocar na mesa do brasileiro, nas conversas de botequim, nos diálogos corriqueiros assuntos que sejam importantes, para que a sociedade reflita e mude por si.

Silvio comenta que a opinião do público é sempre um fator que influencia na criação da telenovela, mas não define diretamente os rumos da trama. Quando as pesquisas oficiais da Rede Globo chegam a suas mãos, Silvio está cerca de 30 capítulos a frente daqueles que são comentados pelos telespectadores entrevistados. Assim, através das pesquisas Silvio busca saber o entendimento geral da história, se ela está sendo assimilada de acordo com o que pensara. Se houver alguma dissonância, como foi o caso da exibição *de As Filhas da Mãe*, que não conquistou a simpatia do público, o autor tende a encurtar a trama e terminá-la antes, mas nunca mudar a trajetória de algum personagem diretamente devido à opinião da audiência.

Apesar dessa declaração, vemos que em *Belíssima* Silvio rendeu-se aos apelos do público de não penalizar *Bia Falcão* (Fernanda Montenegro) por sua vilania. O público gostava da personagem e a defendia, apesar de seu caráter torpe e das atitudes inescrupulosas. Esse comportamento fez Silvio refletir sobre a convivência dos telespectadores para com o trambique e a falta de ética, que atribuiu a um contexto político em que a impunidade e a

esperteza são recompensadas. Assim, ajustou o final de *Bia Falcão* aos anseios do público, como forma de mostrar que a ficção adapta-se e espelha a realidade do meio em que é veiculada. Sobre essa decisão, ele comenta:

Minha intenção era mostrar como a sociedade está atualmente. Revoltou as pessoas? Lógico. Então, raciocinem sobre isso. Novela é ficção. Não é a novela que precisa ser mudada, é a realidade. Não adianta eu, como autor de novela, fazer com que Bia Falcão seja castigada para fazer catarse no público e ele achar que vive em um país maravilhoso, se a sociedade continua sendo hipócrita como é. Acho mais honesto e mais útil para o público fazer como fiz (ABREU, 2008, p.334-5).

Sobre a audiência, Silvio nota uma transformação significativa no perfil dos telespectadores de 40 anos para cá, principalmente em relação à queda do capital cultural dos brasileiros:

Da década de 1960 pra cá, o nível de escolaridade e qualidade de ensino sofreu uma queda muito grande. Com isso, foi caindo também a capacidade de entendimento das pessoas. Principalmente depois do Plano Real, quando o público que tinha um poder aquisitivo muito baixo passou a ter mais acesso aos bens de consumo. Isso foi muito positivo para a população mas, em vez de as pessoas irem estudar e aprender, elas compraram mais televisão. Esse público, a partir do momento que passou a ser pesquisado, passou a influenciar na programação, fazendo com que o nível da televisão, de uma maneira geral, também caísse muito. Diferentemente dos públicos de 1960, 1970 e 1980, esse tem uma formação cultural muito baixa. Isso não é um problema da televisão, é um problema do país. Quando resolvermos o problema do país, resolveremos o problema da televisão. A televisão funciona como um espelho do país que ela retrata (Idem, p. 332-3).

Esse comentário de Silvio aborda um fenômeno problematizado por Junqueira (2008), sobre o desenvolvimento da telenovela no país. A partir dos anos 1990, as políticas governamentais facilitaram o crédito para a compra de aparelhos eletrônicos, o que aumentou o acesso das classes populares aos programas televisivos. Isso, aliado a uma concorrência cada vez mais expressiva, fez com que as classes populares ganhassem atenção dos produtores das tramas, que até então tinham na classe média seu principal público. Para o autor, isso significa uma queda de qualidade nas narrativas, associando a queda do capital cultural dos brasileiros ao decréscimo de qualidade na telinha.

Embora originalmente a telenovela tenha sido criada como um produto voltado a mulheres da classe C (HAMBURGER, 2005, LOPES, M. 2009b), hoje em dia a complexificação das narrativas e a expansão das tramas não nos permite pensar nesses termos. No Brasil, em 2009 a telenovela veiculada no horário nobre (*A Favorita*) teve 50% de audiência da classe C, 31% das classes AB e 18% das classes DE (LOPES, OROZCO

GÓMEZ, 2010). Carecemos de dados anteriores para uma comparação significativa, já que a segmentação socioeconômica varia de pesquisa para pesquisa e já é por si controversa. Os dados falam do caráter policlassista das tramas, capaz de aglutinar classes distintas em torno dos mesmos eixos temáticos durante o longo período de exibição dos capítulos.

A afirmação de Silvio é, em termos teóricos, no mínimo discutível. Não é possível relegar a baixa qualidade da trama à queda do capital cultural dos brasileiros, em especial da classe C. É como se a parca formação cultural do telespectador implicasse diretamente no baixo nível da programação, ignorando o processo dialético entre audiência-telenovela, que o configura desde seu princípio e faz com que a trama tenha tanto sucesso no país.

Sílvio parece ambíguo em suas declarações, pois ao mesmo tempo em que considera a telenovela como um produto cultural importante, inserido nas dinâmicas da sociedade e por isso necessariamente com a obrigação de retratá-la, também diz que a trama somente “espelha” a realidade, sem ter o poder de modificá-la. Para o autor, é como se as tramas somente mostrassem aquilo que os telespectadores querem ver. Foi o que aconteceu no caso de *Bia Falcão*, que não foi punida no final da trama, segundo o autor, por causa dos apelos do público.

A crítica ao caráter do brasileiro e a decadência das elites são temas corriqueiros nas telenovelas de Silvio. Junqueira (2008) vê as marcas autorais do autor como desdobramento de uma matriz²⁶ do modernismo-personalista da criação de novelas, originada na década de 1970. Baseada no modernismo literário, buscava revelar a desigualdade do país e conformar a identidade nacional. Sílvio seria um desdobramento afirmativo dessa vertente, em que a composição emocional interna se mantém, mas os valores e conteúdos são adaptados para o contexto contemporâneo à trama. Nas palavras da autora:

O desdobramento afirmativo de uma matriz perceptivo-emotiva acontece quando os conteúdos valorativos são transmutados, adaptados, tratados de forma nova em um contexto atualizado, de forma a conservar sua composição emocional interna (JUNQUEIRA, 2008, p.128).

²⁶ Junqueira (2008) realiza um estudo das novelas a partir da construção de matrizes perceptivas, afetivas e morais de construção de conteúdo moral, que torna possível perceber tendências/disposições na criação das tramas. Essas teriam início na década de 1970 com a influência de uma matriz romântica, que se desdobra no romantismo oitocentista; e uma matriz baseada no movimento literário modernista, que chama de moderno-personalista. Essas duas matrizes sofrem desdobramento ao longo das décadas, contudo mantendo os traços originais.

Há também uma matriz invertida, em que o humor é utilizado para trocar os elementos de valor e inverter a matriz de percepção e sentimento. É o caso, por exemplo, quando a atitude apaixonada do mocinho é tida como ridícula ou os vilões são exaltados.

Em *Passione*, é clara a crítica de Silvio à falta de ética e de moralidade em sociedade, que se mostra nas falas incrédulas de *Bete* frente às situações de falta de ética que passa em sua trajetória; ou nas injustiças que acometem alguns personagens, como *Candê* (quando é presa injustamente por proteger *Amendoim* (Pedro Lobo) e *Cridinho* (André Frambach)) e *Kelly* (explorada pela avó). O desfecho da trama não obedece aos padrões usuais de finalização dos folhetins, em que os mocinhos são recompensados e os vilões, punidos por seus atos. *Fred* é preso injustamente pela morte de *Saulo* e *Clara*, vilã e verdadeira assassina, termina impune, em uma ilha do Pacífico, trabalhando como enfermeira de um senhor rico.

A última cena da novela é ilustrativa da posição do autor em problematizar os padrões de ética em sociedade: *Clara* aparece na ilha, lembrando a morte de *Saulo*, os passos de seu plano e o acidente de carro do qual escapara, simulando sua morte para todos. Ela olha para o horizonte, feliz, e sorri. A palavra “fim” é escrita no canto inferior esquerdo da tela.

4 AS VELHICES DE *PASSIONE*

Durante oito meses, cerca de 29 milhões de pessoas²⁷ acompanharam diariamente os desdobramentos de *Passione*. Dentre eles, as seis mulheres idosas desta pesquisa e a mestranda, imbuída da tarefa de analisar as representações da velhice codificadas pelo folhetim. No papel de telespectadora, busquei realizar uma recepção atenta, focada no desenvolvimento da trama. Como analista, tentei problematizar meu lugar de interpretação e as mediações que perpassavam as minhas próprias decodificações das representações da velhice (como a geracional), tendo por lastro o modelo de Hall e as discussões da literatura.

Como Hall (2003b) nos faz refletir na discussão de seu modelo, ao analisar a telenovela já realizamos uma decodificação, pois estamos situados em determinado contexto histórico-social e com as lentes das questões que nos inquietam: analisamos o sentido sendo atravessados por ele. O rigor científico está em guiar-se por questões fundamentadas teoricamente, enxergando o texto como um objeto de pesquisa e analisando as codificações de forma bastante aberta. Nesse sentido, consideramos a análise de *Passione mais* como uma problematização das representações sociais sobre a velhice que tomam corpo na trama, do que a tentativa em encerrar seus significados em posições fechadas.

A codificação é a tentativa de amarrar a mensagem a determinado significado. Codificar significa exercer o poder na tentativa de hegemonizar a audiência (idem). Essa tentativa nunca é bem-sucedida, pois o texto se abre a uma variedade de significados que não foram previstos no momento da produção da mensagem. A telenovela é um produto cultural massivo, perpassado pelas lógicas de produção da Rede Globo que são intimamente relacionadas aos significados dominantes dentro da sociedade. A avidez pela lealdade das audiências faz a trama circular essas representações, também abrindo brechas para a construção de outros significados que muitas vezes negociam e, raramente se opõem aos dominantes.

Para entender como a velhice é representada em *Passione*, fizemos a leitura diária das sinopses dos capítulos e também nos baseamos na descrição dos personagens apresentada



²⁷ Fonte: Direção Geral de Comercialização da Rede Globo. Disponível em: http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_novela/passion_dados.php> Acesso em 12 dez 2010.

pelo site, que consideramos de relevância especial para compreender como os autores definem e desejam que o público os veja. Realizamos a análise por dois vieses. Em um primeiro, dando atenção às formas de tematização mais abrangentes da velhice na trama (ex.: quando *Clara* se refere à *Valentina* como “velha porca”, por exemplo) e o segundo, analisando as personagens idosas a partir das dimensões propostas (família, trabalho, beleza/cuidado de si/saúde e vida afetiva/sexualidade). A busca de matérias e referências da imprensa especializada sobre os desdobramentos da trama também foi uma estratégia utilizada.



Como refletimos no capítulo II, é uma dificuldade para aqueles que trabalham com a velhice definir, de fato, o que caracteriza uma pessoa idosa. Para contornar essa questão, partimos primeiramente da descrição dos personagens no site, vendo se em algum momento sua apresentação aludia a elementos da velhice. Além dessa seleção, nos baseamos nas menções dadas nos capítulos e, por fim, a uma categorização própria, feita pela pesquisadora.



A partir de consulta ao elenco, encontramos 11 personagens idosos, seis homens e cinco mulheres. Trazemos abaixo uma tabela com os personagens e sua descrição no site. Além desses, trazemos também a personagem *Maria Candelária* (Candê). Não a classificamos como idosa, mas como uma mulher em processo de envelhecimento. Em sua descrição no site da emissora ou nas cenas que protagoniza, em nenhum momento a velhice é tematizada. Contudo, as constantes menções das entrevistadas a *Candê* nos motivaram a também incluí-la em alguns momentos da análise.



TABELA 1 - Tabelas descritivas das personagens idosas de *Passione*



Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
Antero Gouveia (Leonardo Villar)		Aposentado	Casado, divorciou-se e tem um novo envolvimento afetivo	Alta	Ex-marido de Brigida. Meio baqueado pela idade, mas ainda imponente e divertido em suas manias. Por ordem da ex-mulher, que é de importante família tradicional paulistana, escondeu sua origem italiana. É irmão de Benedetto e, no passado, foi abandonado por Gemma no altar. Ao reencontrá-la, revela sua verdadeira identidade e decide se casar com Gemma.
Bete Gouveia (Fernanda Motenegro)		Dona de casa - presidente da metalúrgica	Viúva	Alta	Elegante e decidida, é uma mulher de fibra, justa e boa mãe. Matriarca da família Gouveia, é viúva de Eugênio e mãe de Totó, Saulo, Gerson e Melina. Antes de morrer, seu marido confessou que havia mentido sobre a morte de Totó, filho que ela teve há mais de 50 anos.

Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
<p>Fortunato (Flavio Micliaccio)</p>		<p>Aposentado</p>	<p>Solteiro No final da trama, casa-se com Jaque.</p>	<p>Popular Ascende socialmente na trama</p>	<p>Tio de Olavo, implica com Clô, a mulher do sobrinho, sem que ele perceba. Ela, por sua vez, fica uma fera por ter que conviver com a completa falta de polidez do "tito" do marido. É amigo de longa data de Antero e esperou por muitos anos ser indenizado pela Metalúrgica Gouveia. Depois de ganhar uma bolada num cassino clandestino, passou a namorar com Jackie e comprou a antiga casa do sobrinho em Cambuci, onde eles moram.</p>
<p>Gemma Matolli (Araci Balabanian)</p>		<p>Dona de casa</p>	<p>Solteira No final da trama, envolve-se com Antero.</p>	<p>Popular</p>	<p>Nascida no Brasil, é a irmã que criou Totó e ainda cuida de toda a sua família com tanto amor e desvelo, que se esquece de sua própria vida. Forte e suave, é até cômica em sua dramaticidade mediterrânea, às vezes exagerada. Sincera, amiga e cheia de amor. Foi a primeira a ver em Clara a razão de todos os problemas que assolaram sua família, desde que a jovem brasileira apareceu no sítio dos Matolli na Toscana. Ao reencontrar Giovanni, o noivo que tinha abandonado no altar anos atrás, ela aceita finalmente se casar com ele.</p>

Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
<p>Olavo da Silva (Francisco Cuoco)</p>		<p>Empresário</p>	<p>Casado</p>	<p>alta</p>	<p>É conhecido como Rei do Lixo, porque comanda a LEAR, um império de lixo reciclável que é um exemplo de aproveitamento de detritos para todo o mundo. Empresário rico-emergente, não liga para convenções sociais, nem está interessado em agradar ninguém. É autêntico e seguro no que faz. Pai de Jéssica e casado com Cló, adora a mulher e tem uma vida sexual ainda intensa com ela. Descobre que é pai também de Totó, filho que teve com Bete Gouveia há mais de 50 anos.</p>
<p>Nomno Benedetto (Emiliano Queiroz)</p>		<p>Sapateiro e, após mudar-se para o Brasil, jardineiro</p>	<p>Viúvo</p>	<p>popular</p>	<p>Sapateiro, é avô de Mimi e tenta consertar as trapalhadas criadas pelo neto. É irmão de Antero, que o roubou no passado para ir ao Brasil. Tornou-se jardineiro da família Gouveia e amante de Brígida.</p>

Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
Valentina Miranda (Daysi Lúci)		Dona de pensão	Viúva	Popular	<p>É avó de Clara e de Kelly, e foi dona de uma pensão clandestina. Mulher de passado e moral muito duvidosa, mas que aparenta ser boa pessoa. Sempre trocou farpas com Clara. Foi vizinha de Candê, e por muito tempo explorou as netas sem que a amiga e os vizinhos soubessem. Acabou presa, depois de tentar vender Kelly para um fazendeiro no Pará.</p>
Maria Candelária (Vera Holtz)		Dona de uma banca de verduras	Viúva	Popular	<p>Viúva, bom caráter, despachada e divertida, é mãe de Fred, Felícia e avó de Fátima. Mulher forte e corajosa, vende verduras e legumes no Ceagesp</p>

Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
Brígida Gouveia (Cleyde lácones)		Antiga socialite da sociedade paulistana, restringe-se a atividades no lar.	Viúva No final da trama, envolve-se com Diógenes.	Alta	Sogra de Bete e ex-mulher de Antero. É vigorosa e ativa apesar da idade, que não aparenta. Implica com a nora em tudo. Divertida em seu mau humor, é figura forte e imponente na família. Aceita se casar com o motorista Diógenes, mas não descarta o jardineiro Benedetto.
Clô Souza e Silva (Irene Ravasche)		Dona de casa e, no final da trama, celebridade.	Casada	Alta	Mulher de Olavo, é a famosa Rainha do Lixo. Diferente dos casais que na terceira idade abandonam as práticas sexuais, eles mantêm o fogo sempre aceso. Divertida, falante e boa praça, vem de origem humilde e só depois de velhusca conseguiu chegar aonde sonhou a vida toda. É a típica emergente que sempre quis melhorar de nível e frequentar o ambiente das socialites mais bem relacionadas que vê nas revistas. Ao gravar uma campanha como garota-celebridade que sempre quis ser

Nome	Caracterização	Ocupação	Estado civil	classe	descrição do site
Eugenio Gouveia (Mauro Mendonça)		Empresário	Casado	Alta	Marido de Bete e pai de Saulo, Gerson e Melina. Industrial, é o presidente da Metalúrgica Gouveia. Escondeu um grande segredo da mulher por mais de 50 anos.
Diógenes Santarém (Elias Gleiser)		Chofer da família Gouveia	Viúvo. No final da trama, envolve-se com Brígida	Popular	Chofer dos Gouveia há muitos anos. Viúvo, criou o filho Mauro sozinho, junto aos patrões. É muito querido pela família de Bete, e sempre manteve uma relação de amizade distante e educada com Brígida e Antero. Com o divórcio deles, pediu Brígida em casamento.

Esse mapeamento nos permitiu direcionar a atenção para o contexto de vivências e de percepções que circunda esses personagens. Vemos que é expressivo o número de idosos inseridos na trama. Dos 49 personagens apresentados no site, 11 são idosos. Em termos percentuais, é uma média de 22,5%, número bastante significativo se pensarmos na visibilidade da velhice na sociedade brasileira. No país, com base no Censo de 2000 realizado pelo IBGE, a população idosa é de 14, 5 milhões de pessoas, 8,6% da população total no período.

Se a telenovela busca espelhar-se na vida cotidiana e mostrar a diversidade social em termos de gênero, etnia, classe e geração, constatamos que a representatividade dos personagens em *Passione* está muito além da realidade do país. Laura Bosque (2006) em estudo citado por Côrte, Mercadante e Gomes (2006), também constatou uma representatividade expressiva dos idosos nas telenovelas argentinas (em análise das tramas veiculadas na década de 1990). Em relação ao gênero, a quantidade é praticamente equitativa na trama brasileira: seis homens e cinco mulheres, enquanto no país há a predominância de idosas.

Para além dessas considerações de caráter mais quantitativo, pensamos ser fundamental entender o quê esse número, essa representatividade nos diz. A telenovela faz circular sentidos que extrapolam o universo da ficção e permeiam o dia-a-dia, as conversas informais, as matérias jornalísticas e as discussões intelectuais sobre determinados temas. Em *Mulheres Apaixonadas* (2003, de autoria de Manoel Carlos), por exemplo, a exposição da violência doméstica contra os idosos ajudou a agilizar a aprovação do Estatuto do Idoso no congresso, que tramitava na casa desde 1997. Por vezes, temas que não seriam debatidos o são porque a telenovela os coloca na mesa do brasileiro.

No caso de *Passione*, o número expressivo de idosos na trama, a qualidade de suas atuações e os temas levantados fizeram com que as representações sociais sobre a velhice circulassem por diversas esferas. Na imprensa, matérias chamavam atenção para o time de atores veteranos, com relevo para sua independência e autonomia para ainda atuarem profissionalmente²⁸. A sexualidade na velhice começou a ser mais debatida, além da possibilidade de envolvimento afetivo e realização amorosa na idade avançada. Na telinha,

²⁸ Um exemplo é a matéria da Folha de São Paulo de outubro de 2010, intitulada “Time de veteranos de “Passione” prova que velhice não é sinônimo de aposentadoria. No texto, era exaltada a boa atuação dos atores a despeito de suas idades avançadas. Disponível em: < <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2010/10/01/time-de-veteranos-de-passione-prova-que-velhice-nao-e-sinonimo-de-aposentadoria.jhtm>> acesso em 20 nov. 2010.

matérias do *VideoShow*²⁹, *TV Fama*³⁰ e demais programas especializados em noticiar os acontecimentos das tramas traziam entrevistas com os atores, discussões sobre os rumos dos personagens e sobre o que era possível de viver na velhice.

A aparência da personagem *Candê*, de cabelos brancos, foi tema de revistas voltadas ao público feminino, que questionavam o padrão estético vigente ao debater a cor do cabelo da verdureira do CEAGESP. Os significados sobre o que é certo ou errado, sobre uma possível estética da velhice e sobre as possibilidades de vivências para essa etapa da vida foram apropriados pela trama e postos em discussão na sociedade.

Sobre a velhice nas telenovelas, Debert (1999a) comenta que por mais que os idosos ainda apareçam em situações de opressão e abandono, imagens de uma velhice mais ativa, desejante e autônoma têm sido veiculadas, problematizando novas formas de sociabilidade e de relações familiares na velhice. Em *Passione*, sentidos plurais e por vezes muito antagônicos sobre a velhice foram veiculados. Como Silva, Luna. (2008) nos leva a refletir, as representações sociais sobre a velhice como período da vida estigmatizado e como etapa de realizações não se excluem, coexistindo no imaginário social contemporâneo. É o que ocorre também na telenovela: percebemos tanto representações da velhice caquética e imbecilizada quanto de uma velhice gratificante, autônoma e feliz.

Quando a velhice é tematizada, geralmente segue a codificação dominante de esboçar uma identidade genérica de velho, associada principalmente a atributos negativos. *Brígida e Antero*, os mais velhos na trama, constantemente chamam-se de “velho caduco”, “velha coroca”, “senil” como forma de xingamento. *Bete* também refere-se à sogra com esses adjetivos, ressaltando seu estado de dependência e comportamento rabugento. O modo como *Clara* se refere à avó é também um bom exemplo. O apelido “velha porca” tornou-se modo usual de *Clara* chamar *Valentina*. Parece-nos que ser “velha” torna-se mais uma definição de caráter do que um estágio da vida. As duas palavras se complementam, atribuindo um sentido totalmente negativo à personagem. É também o caso quando *Clara*, durante as discussões, a xinga de “velha nojenta” ou “velha decrépita”. Se não o fosse, porque está ali colocado o “velha”? Por que *Clara* não fala em “idosa porca” ou “avó porca”? Como nos leva a refletir Sobrinho (2007), quando *Clara* fala “velho” para desqualificar aquele a quem se refere, traz consigo toda a carga negativa que a designação carrega, reforçando o estigma da velhice. A

²⁹ Programa produzido pela Rede Globo e veiculado diariamente no início da tarde. Tem o formato de "revista eletrônica" em uma mistura de entretenimento, novidades sobre o universo cultural, cinema, teatro, música, shows, homenagens e perfis

³⁰ Programa produzido pela RedeTV! apresentado diariamente no final da tarde. O programa exhibe notícias, atualidades, curiosidades do meio artístico e bastidores das produções.

definição da velhice por uma ou outra palavra é um gesto de interpretação construído em determinada conjuntura histórica, que tem sua efetividade no modo como os sujeitos constroem suas vidas e percebem suas chances.

É sobre *Valentina* que recaem grande parte das menções à velhice na trama. Ela é dona de uma pensão em um bairro popular de São Paulo. Viúva, de classe popular e avó de *Clara* e *Kelly*, parecem ser as netas sua única ligação familiar. Ela as explora, especialmente *Kelly* (que aparenta estar no início da adolescência). Através dessa personagem, Silvio de Abreu aborda um tema bastante delicado, a exploração de menores por seus familiares. *Clara*, sua neta mais velha, também foi explorada pela avó. Antagonista da trama, atribui muito de sua condição de vida e seu mau-caratismo aos abusos que sofria de *Valentina*.

Vemos em *Valentina* a subversão dos estereótipos de representação da velhice, mas de um modo inverso. A exemplo do que Silvio de Abreu fez na novela *Belíssima* (2005) com a personagem *Bia Falcão* (Fernanda Montenegro), *Valentina* é uma mulher forte, lúcida e independente, contudo inescrupulosa. A exploração dos netos pelos avós é um tema que gera estranhamento e até mesmo asco, muito devido ao tradicional papel de cuidador que o idoso assume no núcleo familiar. Dos avós, espera-se cuidado, amor e apoio em relação aos netos. Quando a violência é por eles protagonizada, o estranhamento é maior também devido à consideração do idoso como uma pessoa boa, inofensiva e vitimizada, que circula no imaginário social.

Valentina é a personagem que mais tematiza a velhice, em codificações majoritariamente dominantes, pois associa diretamente sua condição de idosa ao seu caráter inescrupuloso. A personagem vale-se de sua condição de idosa para se vitimizar e conseguir benefícios, como conseguir que *Kelly* tenha relações sexuais com um de seus clientes em troca de dinheiro. Frente à neta, ela assume o papel de idosa doente, frágil e incapaz. A vulnerabilidade associada à velhice torna-se um artifício para *Valentina* escapar da punição por seus atos. “O que custa ajudar uma senhora idosa?” responde *Totó* a *Clara* em uma das cenas, quando tenta convencê-la a deixá-lo ajudar *Valentina* a sair da cadeia.

Valentina é a única personagem feminina³¹ a problematizar a pobreza e a vulnerabilidade da velhice. Ela vive à míngua em sua pensão, reclamando da situação

³¹ Além dela, temos também Fortunato, tio de Olavo. Ele durante boa parte da trama residiu com o sobrinho, pois não tinha como se sustentar. Sua principal motivação de vida era ganhar uma indenização da Metalúrgica Gouveia, de onde foi demitido.

financeira. É agredida por *Clara*, tanto física quanto verbalmente³². Contudo, não se trata de uma denúncia. Por seu caráter inescrupuloso, parece que ela “faz por merecer” sua situação.

Em muitos momentos, *Valentina* evoca o Estatuto do Idoso para se defender das agressões de *Clara*, de seus vizinhos e até mesmo de ser presa, quando é descoberta sua tentativa de explorar *Kelly*. A exigência do cumprimento dos direitos sociais dos idosos é pertinente e legítima. No Brasil, a situação de vulnerabilidade de muitos idosos é flagrante, como aponta pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (CAMARANO, 2010). Segundo as projeções, cerca de 3,8 milhões de idosos precisarão de cuidados de longa duração em 2020. Apesar disso, as políticas públicas de cuidado à velhice ainda são escassas e o Estado tende a delegar à família do idoso essa função, eximindo-se de suas obrigações de amparo.

O Estatuto do Idoso, sancionado em 2003 e válido a partir de 2004, partiu de uma luta extensa de gerontólogos, ONGs, assistentes sociais, aposentados e pensionistas e algumas instituições (como a CNBB) por políticas efetivas para a velhice no país. O Estatuto caracteriza a velhice como um “direito” e idoso como “pessoa humana”, regulamentando seus direitos, determinando obrigações das entidades de amparo e estabelecendo penalidades para situações de desrespeito.

Apesar de ser considerado um avanço na problematização dos direitos dos idosos, Neri (2007) aponta que em suas linhas subjaz a ideia da velhice como um problema médico e social e do idoso, como incapaz e frágil. Sobrinho (2007) comenta que o Estatuto apóia-se num discurso humanista que pouco contribui efetivamente, para além do âmbito da regulamentação política, para que os idosos sejam respeitados. Não há dúvidas da necessidade de ampliar a discussão e sobretudo fazer valer o que as leis do Estatuto determina – o que muitas vezes não ocorre, conforme assinala Feitosa (2003) e também nos relatam as entrevistadas desta pesquisa.

Quando *Valentina* evoca o Estatuto do Idoso para sua proteção, entendemos que o instrumento se banaliza. Nas cenas, em nenhum momento é posta em discussão a validade do Estatuto, pelo contrário. *Valentina*, por seu caráter inescrupuloso, evoca o Estatuto pedindo

³² Uma cena emblemática é quando Clara esbofeteia a avó em sua casa, porque *Valentina* foi a seu emprego e tentou fazê-la ser demitida, simulando não ter sido bem atendida pela neta na Cantina. Na cena, Clara culpa avó por seu caráter ruim. *Valentina* retruca dizendo que cuidou da neta, mas que ela é igual à mãe: “Você nasceu uma vadia ordinária, você vai morrer uma vadia ordinária!”. Nesse momento, Clara dá um tapa em *Valentina*, que cai no chão. Ela esbraveja e diz à Clara: “Você vai morrer fedida ficar uma velha, uma velha como eu... vai morrer sem amigo, sem ter ninguém!”. Ela responde: “Vai praguejar no espelho, sua bruxa!”. A agressão à *Valentina*, aqui, torna-se um castigo merecido devido ao caráter da personagem.

uma proteção que se torna contraditória, tendo em vista suas atitudes negligentes e ilegais em relação à *Kelly*. Em uma das cenas, *Clara* ameaça bater em *Valentina* e é segurada por *Kelly*. A avó debocha e diz: “Se você me agredir, eu te processo! Eu sou da terceira idade, a lei me protege! Bate, bate aqui na coitada da sua avó... você vai pra cadeia e ela, pro reformatório!”. Em representações como essa, parece-nos que *Valentina* faz por merecer seu desamparo, tornando o uso do Estatuto um contrasenso. O instrumento, que deveria ser visto como um meio legítimo e legal para assegurar o amparo ao idoso, é representado como uma via para não penalizar a idosa por sua vilania.

Talvez se possa afirmar que a telenovela não problematiza a vulnerabilidade e pauperismo na velhice. Isso se dá somente nas representações de *Valentina* e de *Fortunato*, mas em compasso com as codificações dominantes. Ela, devido ao seu mau-caratismo, parece merecer ocupar essa posição e passar por privações. Já *Fortunato* tem uma representação bastante caricata. Ele, tio de *Olavo*, residiu boa parte da trama com o sobrinho e com *Clô* em sua residência. *Fortunato* abusa do afeto e confiança de *Olavo* para manter-se na residência, à espera de uma possível indenização da metalúrgica *Gouveia*, onde trabalhava. *Fortunato* é um personagem caricato, o que já pode ser percebido por seu figurino: roupas sempre floridas e folgadas, chinelos e chapéu. Vive assediando *Jaque* (Alexandra Richter), secretária de *Olavo*, e *Guida* (Andrea Bassit), empregada doméstica da casa. *Fortunato* é representado como um homem folgado, abusado e pacato.

Num dos capítulos, *Fortunato* convida seus amigos para um churrasco no jardim da casa de *Clô* e *Olavo*. Na cena, fica muito evidenciada uma representação caricata da origem popular de *Fortunato*, que horroriza *Clô*, que ascendeu socialmente e se sente pertencente à classe alta. Comportamento espontâneo, pagode, churrasquinho no espeto e pessoas com pouca roupa compõem a ambientação da cena. Dois amigos idosos de *Fortunato* assediam *Jaque*, que corre em direção à *Clô* pedindo proteção. Ela interpela *Fortunato*: “Venha cá! Olha só esses seus amigos da terceira idade atacando a minha amiga!”. Ele responde: “Ah, ninguém mandou ela ter esse pandeirão... a gente é velho mas não é bobo!”. Em seguida, os amigos de *Fortunato* correm em volta da piscina, tentando apalpar *Jaque*. *Olavo* chega na casa, chamado por *Clô*, que diz: “*Olavo*, olha pra isso, repara... imagina se passa um helicóptero de rico e vê essa terceira idade da periferia ocupando o nosso jardim, a nossa piscina. E a música, presta atenção. Sabe o que é isso? Pagode! Daqui a pouco a vizinhança reclama, vem a defesa civil e nós vamos ficar desmoralizados!”. Apesar dos apelos de *Clô*, a festa continua.

Há uma associação clara entre a “terceira idade” e pobreza, que pende para uma codificação dominante. Os abusos de *Fortunato* e seus amigos para com *Jaque* correspondem às representações do velho tarado, dominante no imaginário social. Conforme assinala Concone (2007), é como se o envolvimento sexual fosse de tal modo interdito para a velhice que os idosos que ousam praticá-lo ou são considerados tarados ou são infantilizados.

Vale ressaltar que o termo “terceira idade”, poucas vezes mencionado na trama, o é de forma enfática nesse capítulo. À terceira idade, associa-se pobreza, falta de decoro e refinamento. O recorte de classe é bem evidente, visto que não vemos esse comportamento nas representações dos idosos mais aquinhoados na trama, como *Olavo e Antero*. Por mais que haja relacionamentos amorosos entre personagens como *Gemma e Antero* ou *Brígida, Diógenes e Benedetto*, como veremos adiante, esses se dão de forma muito diferenciada do que a descrita acima. *Fortunato*, além de cobiçar uma mulher mais jovem, é descarado e abusado em seus galanteios.

Além de *Fortunato*, *Clô* também tematiza a terceira idade, contudo para negá-la. Em uma das cenas, ela recusa o benefício de 50% de desconto no cinema, pois diz que ainda está na segunda idade, não na terceira. Trata-se de um dos aspectos do processo de reprivatização da velhice que tratamos antes, que configura uma codificação também dominante.

A vilã da trama, *Clara*, atribui seu mau-caratismo à criação da avó *Valentina*, que a explorou. Ela se envolve com *Totó* e arma um plano com *Diogo*³³ para matar o italiano. O rapaz não consegue entender por que *Clara* deseja matar *Totó*, que gosta muito dela. Com bastante ódio, a vilã responde: “Ele me lembra aqueles velhos sebosos que a minha vó me obrigava a agradar. Desde pequena tinha vontade de matar um por um, aqueles safados... babões!”. Os velhos – *Valentina* e seus clientes – são os culpados pelo caráter da moça.

Por essas considerações, vemos que a tematização geral da velhice por uma perspectiva dominante se dá sobretudo nas representações dos idosos de classe popular, por mais que não se restrinja a eles. Como será observado na análise mais específica das personagens idosas, muitas vezes as codificações dominantes sobre a velhice são interclassistas, perpassando tanto os pobres quanto os ricos da trama. Contudo, mesmo assim é possível perceber certa diferença na forma como a dominância é exposta através de *Brígida* (classe alta) e *Valentina* (classe popular).

A velhice empobrecida é mostrada de forma muito mais estigmatizada do que para a senhora aquinhoadada da sociedade paulistana. A velhice de *Brígida* é estigmatizada pela

³³ No decorrer da trama, é revelado que *Diogo* estava em conluio com a família de *Totó* e *Bete* para desmascarar *Clara*.

infantilização, por associar seu jeito ranzinza e rabugento à idade avançada. A despeito disso, a personagem encontra vias para uma vivência mais positiva através da sexualidade e da vida afetiva. Além disso, sua aparência não se torna um reforço à representação dominante. Com *Valentina* é diferente: tem um caráter inescrupuloso, é uma péssima avó e sua aparência é construída para reforçar sua má imagem.

Por outro viés, a telenovela abre espaços significativos para negociação, construindo codificações mais opositivas sobre a velhice, em compasso com as transformações que atravessam essa etapa da vida. Esses discursos mais recentes sobre a velhice “[...] (re)configuram os sítios de significância para interpretar a ‘velhice’ acompanhando a dinâmica das relações sociais e assim também interferem na prática dos sujeitos” (SOBRINHO, 2007, p.135).

A necessidade de parâmetros mais positivos para se classificar a velhice, distantes da visão estigmatizada que circula no imaginário social, se mostra na desestabilização das representações dominantes e na criação de parâmetros diferentes. Na trama, vemos essa dimensão em várias situações. É o caso de *Nonno Benedetto*, senhor que na Itália trabalhava como sapateiro e vem ao Brasil com o neto, *Mimi*. O rapaz, em suas trapalhadas para conquistar *Agostina*, por vezes envolvia o avô, não raramente o culpabilizando por suas armações e usando a justificativa de sua idade avançada. No país, *Benedetto* torna-se jardineiro da família *Gouveia*, cuidando das orquídeas de *Brígida*. Numa das cenas, *Mimi* encontra seu *Nonno* para avisar-lhe que retornaria à Itália. O avô está no orquidário quando *Mimi* chega e fala:

- Nonno, as orquídeas estão mais bonitas aqui no Brasil do que na Itália, deve ser o clima. Mais quente, úmido... esse clima brasileiro, bem melhor pra gente velha e pras flores que não suportam o frio, não é verdade? (Mimi)

- Sim, são flores tropicais... (Benedetto)

- Nada como o clima do Brasil, bom para a saúde! (Mimi)

- É verdade, no começo eu estranhei um pouco, mas depois eu comecei a me sentir muito bem, respiro muito bem, não tive mais alergia... (Benedetto)

- Ah, então deve ficar aqui no Brasil, não é? Não deve retornar à Itália. Brasil é como uma estufa... você ficará bem, protegido, rejuvenecerá. (Mimi)

- E por acaso eu sou uma estátua de Michelangelo para não envelhecer nunca? Ah, imagina! (Benedetto)

- Eu só quis elogiar! O Brasil é uma terra santa, não? (Mimi)

Em seguida, *Mimi* conta ao avô que irá para a Itália, esperando dele uma atitude de repreensão. Contrariamente, *Benedetto* diz ao neto para ir, mas que ele ficará no Brasil, pois está muito bem no país. *Mimi* estranha a atitude de independência do avô. No final da cena, *Nonno* suspira e fala sobre *Brígida*, de quem sente saudades.

Na cena, vemos três movimentos contrários à perspectiva dominante sobre a velhice. O primeiro é aceitação do envelhecimento por *Benedetto*, colocado por ele como um processo natural e humano. O segundo é a afirmação de sua autonomia e independência em relação ao neto, que estranha sua atitude. O último é a possibilidade de paixão e envolvimento afetivo na velhice, sentidos por ele em relação à *Brígida*.

O capítulo final da telenovela é também importante na desestabilização dos sentidos dominantes. A trama termina com a comemoração do aniversário de *Bete*, que completa 77 anos. O momento é celebrado por ela junto a amigos e familiares, numa representação bastante positiva da passagem dos anos. É um fato bem significativo o desfecho da trama contar com esse momento, marcado pela felicidade e realização de *Bete* perto dos seus familiares.

Desestabilizações do sentido dominante de representação também são percebidas mais especificamente na vivência dos personagens na trama, principalmente em sua vida afetiva, exercício da sexualidade e convívio em família. Nas linhas abaixo, analisamos as personagens idosas a partir dessas dimensões, onde essas codificações mostram-se mais claramente. A escolha da família, beleza/cuidado de si/saúde, vida afetiva/sexualidade e trabalho para entender a velhice partiu das reflexões teóricas e de nosso contato com as receptoras. Entendemos que “ser idosa” é muito mais amplo e plural do que essas categorias revelam. Seleccioná-las foi um modo de conseguir um foco na amplitude de possibilidades e interpretações que a velhice, como etapa heterogênea e plural que é, oferece.

A análise das representações sociais da velhice a partir das dimensões mostrou o quão difícil é encontrar um “tipo puro” de representação. Se há dominância, se há oposição, elas se dão em alguns aspectos da vida das personagens, nunca de forma total. Isso vai ao encontro das reflexões de Hall (2003a), quando comenta que as codificações realizadas pela mídia são majoritariamente negociadas, tecendo sentidos que ora se opõe, ora endossam a perspectiva dominante. Essa pluralidade, por outro viés, não indica uma ausência de efetividade dessas representações no modo como os sujeitos constroem suas visões de mundo e percebem-se em sociedade, conforme veremos nas linhas dedicadas à recepção.

4.1 FAMÍLIA

Em *Passione*, observamos essa categoria a partir das configurações familiares, posição do idoso na família e sua relação com cônjuge, irmãos, filhos e netos, educação familiar e intercâmbios geracionais. Das seis personagens analisadas três são chefes de família: *Bete*, *Valentina* e *Candê*. São mulheres independentes e vigorosas. Interessante a semelhança de suas situações afetivas: nenhuma delas têm marido ou parceiro fixo. Nos lares das idosas casadas, *Clô* e *Brígida*, o comando familiar é de outrem. Na casa de *Clô* é de *Olavo* e, na de *Brígida*, é de *Bete*. Na casa de *Gemma*, *Totó* é quem chefia a família.

Bete Gouveia traz codificações bastante opositivas em sua vivência familiar. Podemos pensar em *Bete* como a personagem central da trama. Aquela por quem, como nos diz Silvio de Abreu, todas as demais histórias se cruzam. Ela é representada como uma mulher de quase oitenta anos, forte, justa e austera, uma mãe dedicada e uma chefe de família esforçada para manter a união entre os filhos. *Bete* é mãe de *Gerson*, *Saulo*, *Melina* e *Totó*; avó de *Agostina*, *Agnello*, *Adamo*, *Alfredo* e bisavó de *Dinho*. A relação de *Bete* com seus filhos é permeada por respeito e amor. *Bete* é chefe do lar, tem autonomia na tomada de decisões e é forte fonte de amparo e referência para filhos e netos, que constantemente pedem seus conselhos e opiniões.

O mesmo não podemos dizer em relação à sogra de *Bete*, *Brígida*. Ela, cerca de 20 anos mais velha que *Bete* nas representações de *Passione*, na família é uma mulher implicante, ranzinza, confusa, poupada das discussões e perdida, na maior parte do tempo isolada na mansão dos *Gouveia*. *Brígida* é casada com *Antero*. Não teve uma vida profissional ativa, dedicando-se ao cuidado do lar e, antigamente, à vida social. Na descrição do site, a produção da telenovela apresenta *Brígida* como uma figura forte e imponente na família e divertida em seu mau humor.

Brígida é implicante, desconfiada, reclamona, arrogante e preconceituosa em relação às classes sociais menos favorecidas. Sua implicância se dá principalmente em relação ao marido e à *Bete*. O motivo das discussões com a nora é principalmente pelo controle no comando do lar. *Brígida* não concorda com *Bete* em algumas atitudes e busca ela mesma definir as decisões, como dar ordens aos empregados. A associação entre o comportamento desconfiado e implicante de *Brígida* e sua idade são recorrentes no decorrer da trama. Entre as adjetivações dadas a *Brígida*, estão “caduca”, “senil”, “desconfiada” e “caprichosa”.

Em contraposição à velhice senil, parece que *Brígida* busca manter sua autonomia pessoal. Quando *Antero* sente-se mal e é levado para atendimento médico, a família opta por não avisar *Brígida* e deixá-la descansar. Quando percebe o ocorrido, ela fica furiosa: “*Stella*³⁴, eu não sou criança! Eu sou forte, eu agüento tudo. Só não agüento ser tratada como criança sem saber o que está acontecendo. Sabe que eu odeio quando vocês me tratam como criança?” (*Brígida*). Ao mesmo tempo em que é por vezes infantilizada e poupada das decisões familiares, *Brígida* também irrita-se com o cuidado excessivo dos netos e empregados da casa, reivindicando sua independência.

Além de *Brígida*, por vezes *Gemma* é também poupada das discussões e decisões familiares, mas no caso desta personagem, não é algo associado à velhice. Ela é bastante respeitada e relevada nas decisões da família *Matolli*.

A trajetória de *Gemma* alude ao processo de liberação feminina na velhice. Ela deixa a esfera doméstica, restrita ao cuidado do lar e sobrinhos, para viver o amor com *Antero*. Não antes, claro, de ver todos os seus sobrinhos e o irmão, *Totó*, encaminhados na vida. As representações mais opositivas da velhice na família são arrefecidas pela dimensão do gênero. Se analisarmos especificamente sua trajetória como mulher, a domesticidade, restrição à esfera privada, cultivo do amor materno e abnegação são preponderantes na personagem. Quando aceita o pedido de casamento de *Antero*, nos últimos capítulos, assume uma codificação mais opositiva, de realização pessoal em detrimento de uma obrigação para com a família (referente ao gênero) e da interdição do amor para os idosos (no tocante à velhice). Consideramos as codificações sobre a inserção familiar de *Brígida e Gemma*, por essas tensões de significado em suas inserções familiares, mais negociadas.

Além de *Bete, Clô e Candê* são personagens cujo protagonismo familiar é também muito relevante. As duas chefiam suas famílias e mostram vigor e autonomia para a tomada de decisões. São respeitadas por filhos e netos, com quem mantêm uma relação fraterna e de troca. *Clô*, embora boa parte da trama tenha sido dependente financeiramente de *Olavo*, é muito ativa no cuidado com a família e tem autonomia para a tomada de decisões, muitas vezes protegendo o marido de certas situações. *Bete, Candê e Clô*, no discurso da telenovela, configuram codificações mais opositivas nessa dimensão.

Valentina é a personagem cuja vivência familiar mais se aproxima das codificações dominantes. As relações intergeracionais de *Valentina* delineiam muito de suas representações familiares. Em uma das cenas, *Valentina* reivindica respeito de *Clara* e diz que a neta não

³⁴ Esposa de *Saulo*, *Stella* é mãe de *Danilo, Lorena e Sinval*.

pode chama-la de “velha porca”, pois é sua avó. *Clara* retruca dizendo que uma exploradora de menores não merece respeito, mas sim cadeia. Nas representações de *Valentina* há a subversão do papel de avó, de cuidadora para algoz das netas. Não bastasse, *Valentina* abusa de sua condição de idosa para levar a cabo suas intenções torpes. Ao contrário do esforço de *Silvio de Abreu* em mostrar os vilões da trama (*Clara* e *Fred*) como pessoas ambíguas, cujas atitudes más têm certa razão de ser (*Clara* foi abusada pela avó e *Fred* sofreu com a morte do pai), *Valentina* é inteiramente inescrupulosa. Todos os seus predicados são negativos: é má, manipuladora, violenta, desonesta e desumana. Parece que encarna a representação da “velha bruxa”, a senhora má que tenta prejudicar a criança inocente. Apesar de não seguir os estereótipos tradicionais de representação da velhice na família, ainda sim são codificações que associam diretamente a condição de idosa a características negativas.

4.2 BELEZA, CUIDADO DE SI E SAÚDE

A aparência corporal tentativa de retardamento dos sinais de idade, valorização/desvalorização individual a partir dos atributos físicos, associação de velhice à doença e os cuidados tomados com a saúde compuseram nossa perspectiva de análise desta dimensão. Apesar de tanto a literatura quanto as entrevistas afirmarem sua importância na configuração da velhice, tornou-se difícil entendê-la através das personagens, especialmente em relação à beleza. Essa dimensão levou-nos a pensar nas lógicas de produção do folhetim, dimensão do modelo barberiano. As personagens, por mais que tenham uma construção dramática própria, carregam em si as características físicas e de aparência das atrizes que as interpretam. Pensar em sua aparência é relevar que, para estarem na trama, as atrizes já obedecem a um padrão estético de cuidado de si, postura corporal e figurino caro ao “padrão Globo de qualidade”. A análise precisa necessariamente levar isso em conta.

Giddens (2002) comenta que o manejo do corpo não é produto do contexto moderno, mas sim algo que perpassa todas as culturas. O controle rotineiro do corpo integra os modos como nos movemos em sociedade. Para além de uma entidade física por nós “possuída”, o corpo é um modo de práxis, a um sistema de ação importante para que mantenhamos um sentido coerente em relação a nós mesmos, à nossa auto-identidade. De outro modo, esse mesmo corpo – esse mesmo eu – é exibido para os outros em termos de sua corporificação.

Assim, o corpo que manejamos torna-se importante no tracejo de uma biografia da auto-identidade³⁵:

Para Giddens, isso não significa necessariamente dizer que estamos envolvidos em uma sociedade narcisista na qual o culto a aparência depreca as formas de sociabilidade e as maneiras sadias de conceber-se no mundo. Para ele, seria miopia observar o fenômeno somente em relação aos novos ideais de aparência corporal ou como produção da lógica da propaganda. A construção reflexiva do eu estendida ao manejo do corpo é a dinâmica através do qual os indivíduos podem tecer coerência a sua auto-identidade, é aspecto constitutivo de uma ordem pós-tradicional. Assim, “Como outros aspectos da reflexividade da auto-identidade, o planejamento do corpo é mais frequentemente um envolvimento com o mundo exterior do que uma retirada defensiva dele” (GIDDENS, 2002, p.165).

Compartilhamos da visão do autor pelo esforço de não atribuir *a priori* um sentido negativo ao cuidado dedicado ao corpo, tanto nas representações da velhice veiculadas pela telenovela quanto nas vivências partilhadas pelas receptoras. O que está em jogo, acreditamos, não é tanto o montante de cuidados dedicados ao corpo, mas na significação que esses cuidados assumem. Essa é a perspectiva adotada por Costa (2004), quando pondera que o manejo do corpo pode descambar para um culto narcísico exacerbado, causador em grande parte dos transtornos de imagem corporal que observamos na atualidade como a vigorexia (abuso das atividades físicas), bulimia, anorexia e as compulsões por cirurgias estéticas; mas também ser um instrumento de realização dos indivíduos.

Em *Passione*, tentamos observar se há desqualificação dos personagens a partir de seus predicados corporais quando associados à velhice. Representações dominantes se delineiam quando o corpo é utilizado para reprivatizar a velhice, delegando ao indivíduo toda a responsabilidade por envelhecer. O corpo aqui é meio para negar a velhice (através de um processo de rejuvenescimento) ou para rechaçá-la (através das marcas aparentes do envelhecimento).

Não vimos nas representações da telenovela o corpo como meio de negação da velhice. Também não há o estabelecimento explícito de contigüidades entre cuidado com a aparência – vivência positiva da velhice ou descuido – vivência negativa. Somente em *Valentina* parece que há certo esforço em manter uma relação entre seu caráter e apresentação

³⁵ Para Giddens, “A auto-identidade, em outras palavras, não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo (...) A auto-identidade não é um traço distintivo, ou mesmo uma pluralidade de traços, possuídos pelo indivíduo. É o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia” (2002, p.54)

pessoal. Para caracterização da personagem, a atriz Daisy Lúdicí teve que engordar cinco quilos e usa em cena a maquiagem borrada e roupas justas. Em uma entrevista³⁶, a atriz comenta que Silvio de Abreu pediu que ela nunca usasse mangas em cena e mantivesse uma “aura bagaceira”, fosse desleixada. Nas cenas em que *Clara* e *Valentina* discutem, são comuns menções da neta ao “aspecto sujo” e ao “mau cheiro” da avó. Por associar a vivência negativa da velhice a um certo desleixo corporal, consideramos as representações de *Valentina* dominantes nesse aspecto. É também nossa perspectiva em relação a *Clô*, apesar de diferir totalmente das representações da avó de *Clara* e *Kelly*.

Clô é a única que nega explicitamente a sua idade e, coincidentemente, é em quem o cuidado com aparência é mais evidente entre as personagens analisadas. Ela é muito vaidosa e são constantes as cenas em que vai ao shopping comprar roupas ou ao salão de beleza para se arrumar³⁷. Consideramos essa personagem dominante pela negação que faz do processo de envelhecimento.

Há uma associação clara entre cuidado com a aparência e posição de classe. Isso é bem evidente na caracterização de *Clô*. Mulher de classe popular que ascendeu através do casamento, busca com sua forma de vestir e de se portar também elevar-se socialmente. Ela é a única personagem que nega a velhice na trama.

Bete e *Brígida* estão sempre impecavelmente vestidas e maquiadas, apesar do cuidado de si não perpassar as cenas. Idosas da classe alta tradicional, parecem ser naturalmente bem arrumadas e cuidadas. Já *Clô* esforça-se para construir uma aparência bela e jovial. Em *Gemma, Candê, Bete* e *Brígida* não identificamos representações dominantes aos moldes das que relatamos acima. Contudo, em suas vivências – a exceção de *Brígida* com relação à saúde – o cuidado com o corpo também não é problematizado explicitamente.

Essas personagens parecem negociadas, pois ao mesmo tempo que não evidenciam que, para se ter uma boa aparência, além de vontade é necessário ter acesso a saúde, bons recursos financeiros e uma situação de vida estável, também não negam o envelhecimento. Talvez elas sinalizem a criação de uma possível estética para a velhice na telenovela, em que

³⁶Passione: Vera Holtz e Dayse Lúdicí se destacam na trama. Disponível em <http://extra.globo.com/lazer/canalextra/posts/2010/06/26/passione-vera-holtz-dayse-lucidi-se-destacam-na-trama-303257.asp> Acesso em 27 jun 2010.

³⁷ Sobre a caracterização da personagem, Irene Ravasche comenta: “Ela coloca tanto penduricalho! Nunca fiz uma personagem que tivesse tanta mala de adereços. Mas a Gogóia [figurinista de Passione] falou: a *Clô* não é uma árvore de Natal, ela tem informação. É como se ela lesse três revistas de moda e usasse tudo ao mesmo tempo”. TELENOVELA *PASSIONE*. “A vida sexual deles é cheia de fantasia”, diz Irene Ravasche sobre *Clô* e Olavo. Disponível em: <http://passione.globo.com/Bastidores/noticia/2010/06/vida-sexual-deles-e-cheia-de-fantasia-diz-irene-ravache-sobre-clo-e-olavo>.html> Acesso em 20 jun 2010.

cabelos brancos e rugas não são sinal de desleixo pessoal e, ao mesmo tempo, não há um cuidado abusivo para com a aparência e uma busca desenfreada pela juventude.

No cuidado com a saúde, *Brígida* e *Valentina* são as que mais tematizam a questão, que é silenciada para as outras personagens. A necessidade de cuidados especiais na velhice é tratada de forma bastante normal para *Brígida*, o que consideramos *opositivo*. Já *Valentina* simula ter problemas de saúde - que atribui a sua idade avançada - para ganhar a compaixão dos outros. É uma representação dominante, visto que associa diretamente velhice à doença.

Como mencionamos na descrição das categorias, é difícil encontrar algum personagem opositivo nessa dimensão, até mesmo pela própria lógica de produção do folhetim. Opor-se à lógica dominante seria problematizar a estética da velhice e as associações entre jovem=belo/velho=gasto, feio; atitude que nenhuma das personagens assume. O discurso na novela sobre essa dimensão tende ora a associar a velhice ao desleixo corporal, reforçando uma representação estigmatizada (*Valentina*), ora a mostrar a velhice como algo que deve ser evitado (*Clô*). Contudo, através das outras personagens (*Bete*, *Gemma*, *Brígida* e *Candê*) há espaço para negociação. Especialmente as três primeiras, que consideramos idosas. São mulheres que não tem uma estética desleixada, mas ao mesmo tempo não negam a velhice. Menções de *Bete*, *Gemma* e *Brígida* a essa etapa da vida, por mais que não sejam corriqueiras, acontecem.

4.3 VIDA AFETIVA E SEXUALIDADE

Na trama, observamos essa dimensão através da relação das personagens com os parceiros, diferença entre os sexos na velhice, atributos para a conquista do parceiro e vida sexual. Difícil conceber, em uma mesma novela, a tematização das possibilidades de amor e do sexo na idade avançada para tantos personagens. Temos *Clô* e *Olavo*, *Gemma* e *Antero* além do triângulo amoroso composto por *Brígida*, *Diógenes* e *Benedetto*. As codificações predominantes dessa dimensão em *Passione* tendem a ser opositivas.

Gemma é o amor antigo de *Antero*, que o abandonara no altar quando jovem. Ele reencontra a italiana na velhice e luta para reconquistá-la. Em uma das cenas, confessa a ela: “Eu não sei quantos anos de vida ainda tenho, mas quero aproveitar a cada minuto que me resta... e quero aproveitar a seu lado, amore mio”. Não raros são os não de *Gemma* para o relacionamento, alegando a idade avançada dos dois. Uma cena em que conversa com *Candê* é ilustrativa desse comportamento:

- *Giovanni*, digo, *Antero*, quer se divorciar por minha causa...aquele velho caduco! (*Gemma*)
- Mas quem disse que boi velho não pasta? Eu acho tão lindo isso tudo, nossa! (*Candê*)
- Mas que lindo o que.. dois velhos, feito dois pombinhos... é ridículo! (*Gemma*)
- Mas que ridículo... um amor que durou tanto tempo, tão puro... é o amor mais verdadeiro que pode existir, sabia? (*Candê*)
- Na minha idade... haja paciência! (*Gemma*)
- (...)
- *Giovani* é muito velho...eu não quero viver mais esse tipo de emoção. (*Gemma*)
- O que é isso! Emoção não tem idade! Outro dia eu vi lá na televisão uma senhora de 90 anos que casou com um rapaz de 30! (*Candê*)
- Uma velha com uma criança? Mas o que que vão fazer, tocar fralda um do outro? (*Gemma*)
- Ele falou que ela ainda dava um bom caldo, vai saber! (*Candê*)
- Eu e *Giovani*... é um absurdo! (*Gemma*)
- Você fala, fala... mas acho que ta bem apaixonadinha, viu. Ta gostando desse romancelzinho aí. (*Candê*)
- Ah *Candê*, você fica falando alto e depois o *Alfredo* escuta e fica contando pro *Totó*! (*Gemma*)
- Ah, que que tem, você é maior de idade, vacinada!E olha, esse tipo de coisa é pra ser comemorado, não é pra ser escondido não. (*Candê*)

As falas de *Gemma* carregam uma série de preconceitos que conformam a visão dominante da velhice: a vida afetiva tem idade para terminar, não é possível um homem jovem interessar-se por uma mulher idosa, o envolvimento amoroso na velhice é vergonhoso e deve ser escondido dos familiares. Na trama, aos poucos ela se permite sentir e viver seu amor por *Antero* e os dois terminam juntos. A italiana vence seus próprios preconceitos e se permite a vivência do amor e da sexualidade. É também um movimento de independência relacionado ao feminino, conforme nos faz pensar Britto da Motta (1994). Restrita à esfera do lar, ao cuidado com os sobrinhos e irmãos, *Gemma* se abre a outras vivências que não ligadas à domesticidade.

Codificações mais opositivas da sexualidade são realizadas através de *Clô* e *Olavo* e *Brígida* com seus pretendentes (*Diógenes* e *Benedetto*). O casal emergente mostra uma vivência muito positiva do amor e da sexualidade na velhice. Seu relacionamento é bastante intenso: os dois demonstram ser apaixonados um pelo outro e mantêm uma vida sexual ativa. O desejo e as provocações sexuais do casal perpassam boa parte das cenas por eles protagonizadas: beijam-se apaixonadamente, trocam carícias, chamam-se por apelidos carinhosos, provocam-se. Apesar de ser tratado com humor, não consideramos que haja algum movimento de ridicularização. Uma cena interessante para mostrar como o sexo é representado na vida do casal é a que trazemos transcrita abaixo. Na ocasião, *Olavo* e *Clô* estão no quarto, deitados na cama. Ela se irrita com os empregados, que ligam para avisar que a refeição está posta, e *Olavo* acha graça.

- Eu não gosto quando você ri de mim! (*Clô*)
- Brincadeira de maridinho... (*Olavo*)
- Chega, chega, chega. Acabou, agora eu vou me vestir e descer. (*Clô*)
- Não faz esse biquinho de quem ta com raiva, não... (*Olavo*)
- Você quer o que? Eu faço de tudo pra agradar você, até curso de massagem eu fui fazer... pra que? Pra você ficar rindo de mim. Você acha que eu sou uma palhaça, não é? (*Clô*)
- Não, claro que não! Sabe o que eu acho de você? Você é uma pantera... uma gostosona... Minha tigresa. Olha, eu não troco você nem por cinco, nem por dez gatinhas. Sabe o que você devia fazer? Deveria abrir uma escola pra ensinar essa garotada toda como se faz um homem feliz de verdade! Tenho certeza que você ia ganhar muitas medalhas... panterona, gostosona! (*Olavo*)
- [*Clô* sobe para cima de *Olavo*]
- Para... Olha, você me respeita... que eu sou uma senhora [coloca a mão do marido em seus seios e sorri. A cena termina] (*Clô*)

A sexualidade, o carinho e o envolvimento afetivo de *Clô* e *Olavo* são representados como naturais, independente de suas idades. *Clô* mostra-se sempre muito atenta ao cultivo da sensualidade, freqüentando *sexshops*, prometendo ao marido massagens e vestindo-se de forma a atraí-lo. Importante ressaltar aqui o recorte de classe: O modo como *Olavo* e *Clô* se relacionam diferem muito dos assédios de Fortunato em relação à *Guida* ou a *Jaque*.

Nele, de classe popular, identificamos uma codificação dominante. O tio de *Olavo* é o estereótipo do “velho tarado”, que não perde uma oportunidade para assediar as mulheres. A cena que descrevemos anteriormente ilustra bem essa questão: *Fortunato* e seus amigos são caracterizados por *Clô* como a “terceira idade da periferia”, associando a “terceira idade” e a pobreza a seu comportamento desviado. *Jaque* aceita casar-se com *Fortunato*, mas o faz somente para enriquecer. O envolvimento de um idoso(a) com um(a) jovem só se dá por segundas intenções, que geralmente não comportam a troca afetiva. Por que outra razão, afinal, *Jaque* se interessaria por *Fortunato*? Por seus predicados sexuais, por seu caráter ou capacidade de sedução? Pelo que a trama indica, certamente não.

A relação de *Brígida* com *Diógenes* e *Benedetto* é bastante opositiva. A quatrocentona da família Gouveia foi casada até quase o final da trama com *Antero*, seu segundo marido. Durante a novela, aos poucos se envolve com *Diógenes* e *Benedetto*. Com o motorista, tem encontros furtivos no quarto, de onde saem quase sempre às pressas e desarrumados. Ela também vai ao orquidário encontrar-se com *Benedetto*, de onde também sai lépida e com ares travessos. O exercício da sexualidade na velhice, tratado de modo mais jocoso no início da trama, foi se definindo no decorrer dos capítulos. Apesar de na maior parte da novela não haver atitudes explícitas (no máximo abraços ou beijos nas mãos e no rosto entre *Brígida* e seus pretendentes), fica claro o que ela faz entre as orquídeas e os lençóis. É uma codificação

opositiva, pois além de idosa, *Brígida* era casada e buscou o sexo com outro por prazer. No final da trama, *Antero* pede divórcio de *Brígida* para ficar com *Gemma*. A quatrocentona da família *Gouveia* é então galanteada por *Diógenes* e *Benedetto*. Ela mantém um romance com os dois e mostra-se feliz e indecisa sobre com qual deles ficar. No final, aceita-se casar com *Diógenes*, mas propõe a *Benedetto* que ele se torne seu amante. Ele aceita e ela termina a novela com os dois.

No último capítulo, *Brígida* diz a *Benedetto* que a idade dos dois não pode ser um impedimento, mas sim uma forma de liberdade. “A idade nos permite tudo! Seria um absurdo nós vivermos tanto tempo preocupados com os preceitos morais que nos impõem a vida toda. Não! Há uma coisa... pelo menos uma coisa que a vida nos dá, uma coisa boa... a liberdade!” (*Brígida*). Ela o beija e logo após também beija *Diógenes*, enquanto acena discretamente para o novo amante.

A problematização do amor e do exercício da conquista na velhice a partir desse triângulo amoroso desestabiliza estereótipos de uma velhice assexuada, solitária e sem afetividade. *Brígida*, além de fazer sexo sem compromisso com os dois pretendentes, inicia um relacionamento sério com um deles em idade avançada. Ela continua sendo amante do outro, problematizando a necessidade e naturalidade do sexo para os mais velhos. A comicidade permeia as representações, mas consideramos que não descamba para o ridículo. Parece-nos que o humor foi utilizado como meio de naturalizar o envolvimento sexual desses personagens e desestabilizar as representações dominantes, facilitando a aceitação do público. Na relação entre eles, é enfatizada a descoberta, o prazer e até mesmo certa inocência, que por vezes alude a uma infantilização do amor e sexualidade na velhice. Se essas fossem as codificações predominantes, seria um sentido dominante. Contudo, a tematização do sexo e do amor na velhice torna-se mais importante, ainda mais tendo em vista o desfecho dos personagens: o exercício da sexualidade, que era posto em dúvida (revistas e sites especializados diziam que o mistério do trio não passaria de um inocente jogo de cartas) é confirmado e problematizado. É o que de mais opositivo encontramos nas representações de *Passione*.

A vivência da sexualidade e vida afetiva não é regra para as personagens. *Bete*, *Candê* e *Valentina* não têm parceiros ou vida sexual ativa, nem ao menos esboçam o desejo de tê-la. As duas primeiras são viúvas e não demonstram ter vontade de encontrar outro parceiro. Quem assume essa posição de forma mais enfática é *Candê*. Ela, viúva de dois maridos, costuma repetir que já enterrou dois maridos e que, cueca na sua gaveta, nunca mais. *Bete* e *Candê* são idosas que já compuseram suas famílias e hoje não possuem quaisquer pretensões

amorosas. Consideramos suas codificações negociadas, pois ao mesmo tempo em que não tematizam a possibilidade de envolvimento afetivo e sexual, também não o rejeitam. Já *Valentina*, não fica claro na trama se ela fora casada ou teve parceiros sexuais. Suas representações em relação à sexualidade voltam-se para a exploração dos menores (como no caso de *Gerson*, que *Valentina* explorou sexualmente quando era criança). Por mais que não sejam representações usuais, não podemos considerá-las positivas pela carga de negatividade que carregam. Mostram a atividade sexual na velhice relacionada à perversão. *Valentina* é uma personagem totalmente inescrupulosa, incapaz de nutrir e conservar afetos. Consideramos que o discurso sobre ela pende para a dominância, pois ainda assim associa o sexo na velhice à negatividade e silencia sobre a possibilidade de vida afetiva.

4.4 TRABALHO

Para analisar o trabalho, pensamos na ocupação das personagens, sua atuação na esfera pública X esfera privada e a importância do trabalho para a construção da identidade na velhice. Essa dimensão foi a que tivemos mais dificuldade de analisar na trama, pois sua vivência se mostra muito plural nas personagens. *Bete*, *Candê*, *Valentina* e, no final da trama, *Clô* têm uma vida profissional ativa, não restrita à esfera doméstica. *Gemma* e *Brígida* restringem-se ao cuidado do lar.

As idosas que trabalham são bastante autônomas, contrapondo-se aos estereótipos da velhice marcada pela domesticidade, principalmente relacionado à concepção dominante do feminino em sociedade. A atuação profissional das idosas é mostrada, em geral, de maneira positiva. *Bete* responsabiliza-se pela direção da *Metalúrgica Gouveia* para tentar salvar a empresa da falência. Apesar da resistência de seu filho *Saulo*, que tenta desqualificá-la para o cargo evocando sua idade avançada (“gagá”, “esclerosada” “velha” e “senil” são alguns dos adjetivos usados por ele) *Bete* assume a empresa e consegue geri-la com competência. É respeitada por funcionários e acionistas no trabalho, sua idade não se torna impedimento. No decorrer da trama, ela é afastada da empresa com as tramóias de *Fred* e *Saulo*. Mesmo assim, continua atenta ao negócio, lutando pelo sucesso da empresa.

A importância do trabalho para a identidade do idoso talvez seja mais tematizada por *Candê*. Ela, dona de uma barraca de verduras no CEAGESP, mostra-se sempre muito orgulhosa por seu trabalho. Em dado momento da trama, ela tem a banca interdita ao ser acusada de explorar os meninos *Amendoim* e *Cridinho*. *Candê* se desespera: “Esse aqui é meu

lugar, essa gente sempre foi e sempre vai ser... eles podem me empurrar pra um lado por um tempo, mas eles não podem sumir daqui comigo pra sempre. Eu vou voltar, eu vou voltar!” diz ela em uma das cenas. Ela consegue sua banca de volta quando prova sua inocência na justiça. O trabalho é uma dimensão fundamental em sua vida, mas não a única. Ela também tem na família uma fonte de realizações. Consideramos as representações de *Bete* e *Candê* opositivas, pois mostram a possibilidade de trabalho para a mulher na velhice, contudo sem restringir o significado da vida das personagens à atuação profissional.

Gemma, por mais que não exerça atividades remuneradas, mostra-se bastante ativa no cuidado do lar, tornando a vida doméstica um modo de manter a autonomia na velhice. O não-exercício profissional não parece ser uma via de estigmatização, mas sim sinalizar independência e capacidade. É o que comenta Britto da Motta (1994), sobre a especificidade da velhice feminina: muitas vezes, as mulheres idosas sentem-se plenas e ativas por terem capacidade de ainda realizarem o trabalho doméstico, em oposição aos homens, que se afastam do trabalho.

Não são raras as cenas em que *Gemma* se responsabiliza pela manutenção da casa e pelo cuidado dos sobrinhos e de *Totó*, seu irmão, o que pra ela se configura uma forma de realização. A despeito disso, como abordamos na categoria da vida afetiva e sexualidade, a partir da possibilidade de envolvimento amoroso *Gemma* vai se desligando da família e se permitindo novas vivências.

Contudo, cabe refletir se as codificações sobre o trabalho a partir de *Gemma* não estariam reforçando as representações dominantes de gênero, em que as mulheres seriam naturalmente mais dadas à vida doméstica. O discurso da telenovela, nesse ponto, parece reforçar o “consenso intersubjetivo” (MATOS, 2006, p. 170) em que os homens são detentores naturais do autodomínio, competitividade e racionalidade, necessárias para um desempenho diferencial no trabalho, enquanto as mulheres seriam mais guiadas pelas emoções, sentimentos e coração e, portanto, mais ligadas ao cuidado da casa, do marido e dos filhos. Por essa questão, consideramos essa personagem negociada.

Clô tem uma trajetória bem interessante durante a trama. Restrita à esfera privada, ela tem no relacionamento com *Olavo* sua principal tematização. No final de *Passione*, ela se torna famosa por protagonizar uma campanha publicitária para a empresa do marido. *Clô* começa a ter uma vida profissional turbulenta, repleta de compromissos, viagens e atividades. *Olavo* estranha a situação e irrita-se com a esposa, chegando a pedir o divórcio. No último capítulo, ela ganha o prêmio de celebridade do ano e agradece publicamente o apoio e amor de *Olavo*, dizendo que sem ele sua vida não tem sentido. Os dois se beijam e se reconciliam.

Se *Clô* continuará suas atividades profissionais após a reconciliação é algo que não fica claro no desfecho. Por essa questão, consideramos suas representações negociadas.

De forma geral, o significado que o trabalho assume para as personagens que têm vida profissional ativa (*Bete*, *Valentina*, *Clô*, *Candê*) é positivo, tornando-se um meio de autonomia na velhice. *Bete* e *Candê* têm representações que tendem à oposição nesse aspecto. Já em relação à *Valentina*, consideramos codificações negociadas. A avó de Clara, dona de uma pensão, mostra capacidade para o trabalho. Por outro viés, a exploração da neta *Kelly* e as constantes reclamações sobre a gestão da pensão, aliadas ao caráter inescrupuloso da personagem, arrefecem o significado positivo.

Das idosas restritas à esfera privada (*Brígida* e *Gemma*), a primeira tem representações dominantes, pois associa a falta de atividade à senilidade e implicância. A paulista quatrocentona vive praticamente isolada em sua casa, sem exercer nenhuma outra atividade. Parece que sua falta de engajamento, tanto no lar quanto fora dele, se associa ao seu jeito rabugento e implicante. Ela vive perambulando pela casa, reclamando das atitudes de *Bete*, de seu marido e da forma como os empregados agem. Já *Gemma*, no trabalho, mostra representações negociadas.

4.5 APONTAMENTOS DA ANÁLISE

A partir da análise, entendemos que os discursos de *Passione* sobre a velhice cumprem um papel fundamental na instituição de novos imaginários sobre esse período da vida, em compasso com as transformações contemporâneas no modo de envelhecer e de se classificar as velhices possíveis.

A partir da análise das categorias, esboçamos abaixo um quadro com as tendências de codificação das representações da velhice. Mais do que ter uma visão quantitativa ou encerrar os sentidos em determinadas posições, a ideia é visualizar de forma mais geral como a velhice é abordada na trama.

TABELA 2 - Tendências de codificação das representações da velhice em *Passione*

	Gemma	Brígida	Bete	Candê	Clô	Valentina
Trabalho	NEGOCIADO	DOMINANTE	OPOSITIVO	OPOSITIVO	NEGOCIADO	NEGOCIADO
Família	NEGOCIADO	NEGOCIADO	OPOSITIVO	OPOSITIVO	OPOSITIVO	DOMINANTE
Vida afetiva e sexualidade	OPOSITIVO	OPOSITIVO	NEGOCIADO	NEGOCIADO	OPOSITIVO	DOMINANTE
Beleza, cuidado de si e saúde	NEGOCIADO	NEGOCIADO	NEGOCIADO	NEGOCIADO	DOMINANTE	DOMINANTE

Conforme já assinala Hall (2003a) em seu modelo, os discursos da mídia são majoritariamente negociados. Codificações mais opositivas da velhice foram observadas principalmente em relação à vida afetiva, sexualidade, família e, de forma menos expressiva, nas codificações sobre o trabalho. As codificações dominantes da velhice permeiam todas as dimensões, contudo sua expressividade se arrefece se atentarmos para os movimentos de negociação e oposição que a trama realiza. De forma geral, os discursos de *Passione* constroem diversas velhices, abrindo brechas para a exibição de representações que não marcadas essencialmente por perdas e pela estigmatização.

Pelo viés de classe, as representações mais opositivas centram-se principalmente nas personagens de classe alta. Parece que a telenovela reproduz a mesma invisibilidade e estigmatização da velhice feminina e pobre que circula em sociedade. A única personagem mulher pobre que problematiza o pauperismo na velhice, *Valentina*, é a que traz mais codificações dominantes.

A crescente atenção da Globo em relação ao idoso, como vimos no Boletim de Informação para Publicitários, se volta claramente àqueles que têm potencial de consumo. Parece que essa lógica se reflete na produção da trama, pois uma velhice positiva e desejante é permitida principalmente para as mulheres de classe alta.

Isso não invalida o papel fundamental da trama na liberação da velhice, ajudando a instituir novas representações sobre esse período da vida. Os discursos de *Passione* sobre a velhice evidenciam a disputa de significados que permeia a construção das representações sociais. Por mais que ainda evidencia a velhice decadente, passiva e caquética, a telenovela problematiza novas possibilidades para aqueles que envelhecem, desestabilizando estereótipos.

Como comenta Martín-Barbero (1992), muitas vezes a importância da novela não está precisamente no texto, mas nos discursos que circulam sobre ela. A representatividade dos idosos na trama – seja por sua expressão numérica, seja por seu protagonismo – e os temas tratados fizeram circular diversas representações sociais sobre a velhice. As representações mais positivas – num processo lento, dinâmico e disperso – ressignificam as formas de pensar esse período da vida, em compasso com as transformações das próprias vivências das receptoras. Essas representações são veiculadas pela mídia porque têm ressonância no meio social, fazem algum sentido para os indivíduos. No momento em que são veiculadas, também dinamizam e condicionam certos saberes e práticas, num processo reflexivo.

As codificações da telenovela sobre a velhice diferem bastante do encontrado em outras esferas de produção da mídia, como a publicidade. Nessa, o envelhecer é também mostrado de uma forma positivada, contudo associado na maioria das vezes às características da juventude. Essa fase da vida transforma-se em um conceito publicitário estrategicamente posicionado para promover marcas e instituições (PEREIRA, 2010). À juventude, são associados valores positivos como modernidade, felicidade, liberdade e novas realizações, os quais são posicionados em relação aos produtos e estimulados à adoção através de hábitos de consumo.

Se por um viés, essas representações colocam a velhice em pauta e ampliam as possibilidades de vivências e a gama de serviços e produtos disponíveis, por outro exibem representações do envelhecimento como um processo que precisa ser necessariamente combatido. Essas representações partem muito mais de uma negação do processo de envelhecer do que a admissão do mesmo como algo natural da existência humana. A projeção dos valores e atributos dos jovens na materialidade de um corpo que envelhece faz com que as conseqüências e perdas naturais desse período da vida sejam vistas com desconfiança, como

sinal de lassitude moral e desleixo pessoal que precisam ser remediados através de cuidados específicos e individuais, realizados a partir do consumo (DEBERT, 2004, 2008).

Pelo que problematizamos na análise da telenovela, vemos que suas codificações tomam outro curso. A trama positiviza o envelhecer, mas sem adotar a juventude como um parâmetro régio de comportamentos e atitudes. A velhice é tomada em sua singularidade e desenvolvida a partir de parâmetros próprios, num processo contínuo de ancoragem (MOSCOVICI, 2009) com as representações sociais já estabelecidas, onde o já conhecido sobre a velhice é utilizado como base para a formulação de novos significados sobre ela.

Assim, não se torna possível pensar na telenovela – na veiculação das representações sociais da velhice - como um processo determinista de reprodução da ideologia dominante, por mais submissa que sua produção seja às lógicas de mercado. *Passione* se torna um espaço de disputa de representações que são constantemente negociadas com a audiência. Na relação entre telenovela e a constituição das identidades dos receptores, essa forma de entender a circulação das representações sociais têm encontrado espaço nos estudos acadêmicos (SILVA, Lourdes. 2010). A trama, inserida em lógicas de poder socialmente estruturadas, dá espaço para a edificação de representações sociais distintas, avançando na construção de uma identidade mais positiva para a velhice.

5 AS MULHERES E SUAS EXPERIÊNCIAS DA VELHICE

5.1 AS RECEPTORAS

As entrevistadas têm entre 63 e 76 anos, quatro são viúvas, uma é divorciada e a outra, casada. Duas possuem relacionamentos estáveis (Vânia e Carmen), há 11 meses e há 6 anos, mas não residem com seus namorados. A etnia não foi um critério usado na seleção da amostra da pesquisa. A partir de uma autodeclaração, três consideraram-se pardas, uma negra, uma polaca e a outra, branca. Em relação à religião, duas relatam freqüentar assiduamente credos evangélicos (Mórmons e Igreja Batista). As outras quatro são católicas, freqüentando a igreja ocasionalmente.

À exceção de Carmen e Maria, as outras entrevistadas nasceram e foram criadas no campo, em pequenas propriedades que se sustentavam pela agricultura familiar. A vinda do campo para a cidade, para elas, deu-se através do casamento ou com a mudança familiar. A configuração familiar é bem diversa se observarmos as vivências das entrevistadas. Carmen e Maria foram educadas pelos pais biológicos. Os pais de Vânia eram separados e ela residia com a mãe; Tarsila foi criada por uma tia, pois sua mãe não tinha condições financeiras de educá-la; Carmen aos 13 anos foi morar com seus padrinhos, em virtude do falecimento de sua mãe e Célia foi criada por seu pai e madrasta, visto que sua mãe falecera quando a entrevistada era ainda criança. A não-conclusão do ensino escolar é ponto comum entre as entrevistadas. Três freqüentaram a escola ocasionalmente e as outras finalizaram apenas o ensino primário. Todas são alfabetizadas.

Todas as mulheres são mães, sendo que Vânia, Dani e Tarsila moram com ou residem no mesmo terreno que seus filhos. Célia, Maria e Carmen vivem sós. A quantidade de filhos varia de um (Tarsila) para nove (Maria). Todas incentivaram seus filhos a freqüentar a escola e veem no estudo uma forma de ascensão social. Uma exceção é Tarsila, que aconselhou a filha a dedicar-se a família, ao cuidado dos filhos e do lar, antes de prosseguir com os estudos.

A condição de avó também é um ponto comum entre as entrevistadas: a quantidade de netos varia entre vinte e seis (Maria) e três (Carmen, Tarsila e Vânia). Elas participaram ativamente da criação de seus netos quando eram pequenos (ou participam, no caso de

Carmen e Vânia, cujos netos são ainda crianças) e tem uma relação muito próxima e afetuosa com eles.

Delas, apenas Dani possui um emprego regular, embora informal. As outras três são aposentadas e duas, Tarsila e Carmen, sentem necessidade de trabalhar como forma de complementar a renda. Dani atua como cuidadora de idosos; Vânia aposentou-se como empregada doméstica e Carmen e Tarsila, como serviços gerais. A metodologia para classificação (QUADROS, ANTUNES, 2001) parte do membro mais bem situado na família³⁸, seja ele chefe de família ou não. Vânia, Dani e Célia pertencem à classe média-baixa. Maria, Tarsila e Carmen, à classe baixa. As situamos como integrantes da classe popular.

Todas residem em imóvel próprio nos bairros Campestre Menino Deus e Juscelino Kubitschek. Em relação aos itens de conforto e lazer da residência, televisores, aparelhos de rádio e celulares foram os mais citados, estão presentes em todas as residências.

O engajamento em grupos de convivência e de atividades físicas é realidade para quatro entrevistadas. Elas costumam frequentar a aulas de ginástica e a atividades de convivência oferecidas pelo grupo, como cafés coloniais, domingueiras e comemoração de determinadas datas (Dia das Mães ou aniversários, por exemplo). Vânia, Dani e Carmen vão ainda semanalmente a bailes oferecidos por clubes da cidade para dançar.

A seguir, tecemos alguns comentários sobre o contexto de vida das nossas entrevistadas. Anterior à apresentação de Vânia, Tarsila, Carmen, Dani, Maria e Célia, inserimos uma breve fala de cada uma delas, dadas em resposta a questão “Como você se define?”, realizada nos primeiros encontros do processo de entrevista.

5.1.1 Vânia

Eu sou uma pessoa humilde, bondosa, carinhosa também. Gosto de tudo... não sou uma pessoa assim que guarda rancor, raiva, não. Se eu embrabeço, é só aquele momento, um poadim e já pode procurar a Vânia de novo que eu sou a mesma. Carente... gosto de fazer bem pros outros também... embora eu sou muito prevenida... mas se eu puder fazer pra ele, eu faço. Não nego nada também. (Vânia)

³⁸ No caso das mulheres que não exerceram atividades profissionais e recebem pensões de seus maridos, partimos da ocupação exercida por eles, mesmo que já tenham falecido. O caso de Dani é singular, pois ela recebe pensão do marido, ferroviário falecido, e trabalha informalmente como cuidadora de idosos. Por não se constituir num trabalho fixo, consideramos a posição de seu esposo na classificação.

Meu contato inicial com **Vânia** deu-se no segundo dia em que frequentei o grupo de ginástica para idosos do qual ela faz parte. Ela se mostrou um pouco receosa para responder às questões da pesquisa exploratória. Expliquei a proposta da pesquisa e ela questionou se eu não usaria seus dados de alguma forma ilegal (como para conseguir empréstimos ou colocar contas em seu nome), prejudicando-a. Assegurei que não falei novamente sobre a ideia do trabalho. Ela aceitou participar. Quando sondei sobre a possibilidade de seguir a pesquisa adiante e entrevistá-la em sua casa, ela não mostrou reservas e marcamos um encontro para a semana seguinte. Os encontros em sua casa deram-se principalmente na cozinha. Desde o início, Vânia mostrou-se muito simpática e solícita, respondendo as minhas indagações. No total, estive nove vezes em sua residência para realização das entrevistas. Em uma delas, tive a oportunidade de conhecer o seu companheiro (como Vânia costuma chamá-lo), homem com quem está há cerca de um ano. A impressão é de que ele tinha curiosidade de me conhecer e que insistiu para ficar junto à Vânia no momento de nossa conversa: “Eu disse que era pra ele ir embora, eu não queria que ele tivesse aqui!” me disse ela, brava, enquanto ele estava no banheiro. Em um momento posterior, ela relatou que ele tinha ciúmes de nossas conversas, por isso fez questão de ficar na casa e me conhecer. Também conheci brevemente dois de seus filhos.



FIGURA 5 - Rua da casa de Vânia

Vânia tem 65 anos, é negra, viúva, mãe de quatro filhos homens (um já falecido) e avó de três netos, dois meninos e uma menina de 3, 4 e 7 anos de idade, que diz serem “sua vida”.

Natural de João Rodrigues, zona rural, município que antes era distrito da cidade de Rio Pardo (RS), deixou o lar na ocasião do seu casamento, aos 16 anos. Possui 13 irmãos, dois já falecidos, todos residindo fora da cidade, mas com quem costuma manter bastante contato. Seus pais eram separados e ela vivia com sua mãe, apesar de relatar manter uma convivência bem estreita com o pai. Os dois, já falecidos, não freqüentaram a escola e trabalhavam no cultivo da lavoura e criação de pequenos animais, como forma de prover seu sustento.

Sobre seu marido, conta que foi um homem “muito bom” pra ela, trabalhador, que dividia as tarefas domésticas. Ele era funcionário da rede da viação férrea e, assim como os pais de Vânia, não chegou a freqüentar a escola. Ele era constantemente transferido por razões de trabalho. A família residiu em Cachoeira do Sul, Restinga Seca e Santa Maria. Esta é a cidade em que se fixou, na qual está há 30 anos. Hoje Vânia mora sozinha em uma casa no bairro Campestre Menino Deus, dividindo o pátio com o seu filho mais velho, que reside em uma casa construída nos fundos da sua. Apesar da proximidade, ela e o filho não costumam conviver muito. Vânia é católica de batismo, mas há alguns anos freqüenta a Igreja Batista. Revela que nunca realmente se entregou à religião e que começou a freqüentar para incentivar seu filho mais novo, que era muito “revoltado com a vida” e encontrou nesse credo uma forma de apaziguar seus sentimentos e ações. Com uma renda média de R\$ 800,00 mensais, torna-se o esteio financeiro de sua família, que vê nela uma fonte de amparo frente à situação econômica precária. A ajuda financeira direciona-se principalmente a seu filho mais moço, que atravessa dificuldades financeiras. Sua aposentadoria e a pensão de seu marido são investidos principalmente em alimentação (rancho no supermercado, nas compras que faz para si e para os filhos), em dois empréstimos que tem junto ao INSS e em roupas, que gosta de comprar. Comenta gastar “até os olhos” nas lojas, e que antes do seu esposo falecer era mais controlada. Por virtude desses gastos, muitas vezes sua renda familiar não é suficiente.

O último trabalho de Vânia foi como cozinheira de uma empresa de impressões gráficas, onde trabalhou por 12 anos. Também exerceu as profissões de copeira na mesma empresa e de empregada doméstica em uma loja de calçados na cidade. Diz que gostava muito de trabalhar e que, caso sua saúde não impedisse, ainda gostaria de atuar profissionalmente. Ela pouco freqüentou a escola quando criança, não terminando o ensino primário. Dos seus filhos, apenas um não chegou a concluir o ensino médio. Esse é o que reside consigo e trabalha como pedreiro em obras da cidade. Os outros dois, um tem por ganha-pão ser vigia de uma igreja, pela qual ganha a moradia, e o outro trabalha como auxiliar mecânico em Porto Alegre. A casa de Vânia é própria, construída ao longo do período em que ela e o marido fixaram-se na cidade. O imóvel foi reformado recentemente com o

auxílio financeiro da indenização do filho, falecido enquanto estava alistado no quartel. Sua casa é confortável e ampla, possui três quartos, uma cozinha, um banheiro, duas salas, garagem e pátio. Na residência, conta com uma geladeira e um freezer, uma máquina de lavar roupa, dois televisores, dois rádios, dois aparelhos de cd e um celular.

Vânia, viúva há três anos, é sexualmente ativa e vinha mantendo um relacionamento estável. Ela relata dificuldades em conciliar o namoro com o relacionamento com o seu filho mais velho, pois esse não aceita o envolvimento amoroso da mãe. Em seu tempo livre, Vânia costuma visitar ocasionalmente seus filhos em Porto Alegre, ir ao grupo de ginástica para idosos duas vezes por semana e aos bailes, todo final de semana, que frequenta há praticamente um ano.

No dia-a-dia, Vânia tem na televisão e no rádio os principais meios de informação e de lazer. À televisão costuma assistir cerca de três a quatro horas por dia, especialmente à noite. Gosta de assistir principalmente às telenovelas das 18h e das 21h, os noticiários e programas de auditório, como o *Programa do Ratinho*³⁹. Ela não tem televisão por assinatura e seus canais preferidos são a Globo, SBT e Record. Normalmente assiste à televisão sozinha, em seu quarto. Diz que se liga a TV na sala, fica “lidando” e não consegue parar para olhar. Apesar de morar próxima ao filho, os dois não dividem muitos momentos juntos. Às vezes assistem a algum filme, mas são ocasiões raras. Se seu companheiro está na casa, assiste com ele. Contudo, ela diz que não é uma assistência tão concentrada, pois ele está sempre perguntando coisas para ela e requisitando a sua atenção. Quando seus netos estão em sua casa, costuma assistir desenho animado com eles.

O rádio é para ela um modo de estar informada sobre as notícias, saber a hora certa e ouvir as músicas que gosta, como as sertanejas antigas e o hino da Igreja. Costuma deixar o aparelho ligado na sala enquanto está realizando alguma tarefa doméstica. Diz que muitas vezes prefere o rádio à televisão, pois não precisa estar sentada, prestando atenção, para entender o que está sendo dito. Sua emissora preferida é a *Santamariense*.⁴⁰

Vânia nunca tinha ido ao cinema até o ano passado, quando seu companheiro a levou. Ela diz ter gostado “mais ou menos” da experiência, que se é para assistir a filmes, prefere fazê-lo em casa. Os dois foram ao cinema em um dia quente, no verão, e aproveitaram parte da sessão para cochilar e descansar um pouco da estafa do dia. Também não gosta muito de

³⁹ Programa do Ratinho é um programa do SBT, apresentado por Carlos Massa(Ratinho) pela primeira vez exibido de 8 de setembro de 1998 até 2006.Em 2009 retornou à programação da emissora, sendo exibido atualmente das 18h às 19h.

⁴⁰ Rádio Santamariense é uma estação de rádio brasileira com sede em Santa Maria. Opera na frequência 630 kHz AM. Investe em notícias gerais e de esporte, prestação de serviços e participação do ouvinte.

comprar DVDs e raramente vê a algum filme na televisão. Só o faz quando acompanhada por alguém, como seus netos ou sua nora.

Em relação à leitura, Vânia diz não gostar de ler revistas, jornais ou livros. A única leitura que faz é de livros de histórias para os netos, quando esses pedem à avó. Não assina nenhum jornal ou revista. Nunca utilizou o computador e não revela ter o desejo de aprender. Vânia nunca foi ao teatro ou a exposições e não costuma ir a shows ou apresentações artísticas.

5.1.2 Tarsila

Olha, eu sou uma pessoa humilde, sou bastante simples, bem simples. E na minha felicidade eu sou vaidosa, eu tenho um pouco de vaidade. Ah, e eu sou assim... eu tenho... esses dias eu perguntei pras gurias, só pra perguntar: é um defeito ou não é um defeito? As pessoas me tratam bem, eu tenho amor pelas pessoas eu amo as pessoas, me apego assim de uma maneira que depois que a pessoa sai eu acho falta... eu enxergo a pessoa e me sinto feliz... E... a maneira que eu sinto, né, que eu sou. Eu gosto muito assim de ta fazendo uma coisinha, ta fazendo outra. Se eu to dentro de casa eu gosto muito de fazer o meu crochê... eu gosto muito de ler, eu amo ler. As vezes eu penso assim, ah, não tenho nenhum livro bom assim pra ler... tenho vontade de ler bastante, de buscar o conhecimento das coisas, eu gosto muito de ta bem informada. É isso aí, é essa pessoa que eu sou. (Tarsila)

O encontro com Tarsila deu-se na primeira vez que fui ao grupo de idosos da COHAB Santa Marta para realização das entrevistas exploratórias. Combinamos, então, de nos encontrarmos na próxima semana em sua casa para continuar a pesquisa. Nossos encontros passaram constantemente por reagendamentos, pois Tarsila tem uma rotina bastante agitada e muitas vezes demorávamos a encontrar um dia possível para as duas. Foram nove encontros em sua residência, onde sempre conversamos na sala. Além desses momentos, estive na comemoração de seu aniversário. Nesse momento pude interagir um pouco mais com seus familiares (filha e netos) e com suas amigas.



FIGURA 6 - Rua da casa de Tarsila

Tarsila tem 69 anos, é negra, casada, evangélica, mãe de uma filha e avó de três netos, duas meninas e um menino, de 13, 11 e 10 anos de idade. Nasceu em Restinga Seca, município do interior do RS. Criou-se lá e veio morar em Santa Maria com 12 anos. É a quinta de oito filhos, dos quais hoje seis são vivos. Uma delas, sua irmã, é a única que reside em Santa Maria. Quando tinha nove meses de idade, Tarsila foi dada por sua mãe para uma tia, para que ela a criasse. Sua mãe biológica era chefe de família e não tinha condições de criar todos os filhos sozinha. Apesar de estar em outra família, o contato com sua mãe biológica e seus irmãos era freqüente e Tarsila demonstra sentir muito afeto e saudades dela, falecida em 1996. Sua mãe biológica era empregada doméstica e o seu pai, agricultor. Não chegou a conhecê-lo, pois não morava com a sua mãe e faleceu há tempos, em 1976. Tarsila relata que seus pais de criação eram muito afetuosos. Sua mãe trabalhava como cozinheira e depois dedicou-se ao trato da terra, “trabalhava feito um homem” cuidando da horta, do chiqueiro e da casa. Seu pai de criação era agricultor.

Tarsila casou-se e morou até os 28 anos com o marido em Restinga Seca. Depois mudou-se para a fronteira do RS, para a cidade de Itaqui, retornou a Santa Maria, passou alguns anos morando em Porto Alegre e em 2002 voltou à cidade, onde reside desde então. Seu marido trabalhava até poucos anos atrás, quando sofreu um derrame e aposentou-se. Ele terminou o primeiro grau, assim como Tarsila. Ela relata trabalhar desde os sete anos de idade auxiliando seus pais na lida do campo. Aos 11 anos, começou a trabalhar de empregada

doméstica em casas de famílias. Quando adulta, trabalhou como faxineira e serviços gerais. Seu último emprego formal foi como faxineira de uma empresa de limpeza em Porto Alegre. Após mudar-se para Santa Maria, em 2002, ainda trabalhou eventualmente com limpeza, até o momento que sua condição física lhe permitiu. Relata ter saudades de trabalhar e que, se pudesse, ainda estaria atuando profissionalmente. A filha de Tarsila é casada, tem 40 anos e atualmente está terminando os estudos em um curso EJA, visto que parou de estudar quando casou e teve seus filhos. Elas moram próximas, dividem o mesmo pátio em casas no bairro Juscelino Kubitschek.

A casa de Tarsila é própria, adquirida quando se mudou de Porto Alegre. A moradia é alvo de preocupações constantes na vida da entrevistada e de sua família, pois está com danos estruturais e corre o risco de ruir, sendo que ela e o marido não têm condições financeiras para reformá-la. De material, o imóvel possui dois quartos, uma sala conjugada com a cozinha, um banheiro e um pequeno pátio, que divide com a filha. Na casa, conta com uma geladeira, máquina de lavar roupa, uma TV, um aparelho de rádio e dois celulares.

A renda da família é de dois salários mínimos, que Tarsila diz ser insuficiente para custear as despesas do lar. Para complementar a renda, costuma fazer crochê e bordados para vender. Seus principais gastos são em alimentação, contas de água, luz e telefone e empréstimos, que fez consignados à sua aposentadoria e agora tenta quitar. Diz que sempre está no vermelho, pois o dinheiro não chega para as despesas.

Casada, Tarsila conta que há cerca de oito anos não tem uma vida sexualmente ativa, mas que não sente falta. Em seu tempo livre, costuma visitar a irmã que mora em Santa Maria, conversar com os amigos do bairro, fazer crochê, ver televisão, ler, caminhar, ficar com seus netos e participar das atividades de grupos de convivência de idosos da cidade, dos quais desde 2002 é freqüentadora assídua. Ela participa do grupo de hipertensos do bairro, de um grupo de dança e outro de jogos vinculados à Universidade Federal de Santa Maria, que são oferecidos no campus da Instituição pelos alunos de Educação Física. Tem muito apreço por essas atividades e diz que, se tivesse mais tempo, gostaria também de fazer musculação. Ela gostaria de participar de mais atividades de lazer, como bailes e domingueiras, mas diz sentir-se mal de ir sem o seu esposo. Já tentou levá-lo, mas ele é muito relutante e, quando vai, fica cabisbaixo e ranzinza por não poder dançar em virtude das dificuldades de locomoção que o derrame lhe ocasionou.

Televisão e rádio são os meios de comunicação mais sintonizados na casa de Tarsila. Desde o horário que acorda até por volta do meio-dia, costumam ligar o rádio nas emissoras

*Guarathan*⁴¹ e *Medianeira*.⁴² Prefere esse meio pelo mesmo motivo que Vânia, por não necessitar de uma assistência tão detida como a televisão. Pelo rádio, ouve músicas e fica sabendo das notícias, das novidades. A televisão é ligada por volta do meio-dia, quando ela e o esposo assistem aos jornais. Depois do derrame, seu esposo tem na televisão a principal fonte de lazer. Esse é também a justificativa dela pelo esforço de adquirir um aparelho novo quando o seu antigo estragou. Apesar das dificuldades financeiras, ela não poderia deixar o marido sem a televisão para assistir. Às 15h normalmente a televisão é desligada e ela dedica-se às tarefas do lar ou sai para as suas atividades. Costuma sintonizar novamente na telinha às 17h para ver o programa “*Casos de Família*”⁴³ no SBT, que considera divertido. À noite, gosta de assistir à telenovela das 18h e das 21h. No total, assiste a cerca de seis horas diárias. Como companhia, tem o seu marido, sua filha e netos. Com esses últimos, assiste mais a filmes, especialmente desenhos e animações. Quando está assistindo televisão gosta de prestar atenção no que é transmitido, especialmente quando são programas de notícias. As crianças ficam de algazarra e ela não gosta, prefere assistir com seu esposo.

É ele que muitas vezes reclama do comportamento de Tarsila, quando diz “‘Olha a TV sozinha!’ Ela ta conversando e eu to aqui, eu sei que tem alguém conversando aqui, eu digo pra ele” (Tarsila). Diz que também gosta de deixar a TV ligada, “alguém conversando” quando está fazendo outras coisas. Se algo importante chama atenção, ela volta para olhar. Os programas que mais chamam sua atenção são os de entrevista, desenho e noticiários. Em relação aos canais, gosta da Rede Globo, do SBT, Bandeirantes e TVE.

Como ídolos da TV, Tarsila cita os atores Tarcisio Meira, Gloria Menezes, Tônia Carreiro, Raul Cortez e Betty Faria. Também gosta muito da Hebe Camargo, “Porque ela é uma senhora idosa e ela não se deixa abater pela idade, ela não vai ficar num cantinho fazendo crochê ou fazendo tricozinho, ela vai à luta, né?” (Tarsila).

O cinema, Tarsila só freqüentou quando era moça. Diz que apesar de não ir a nenhuma sala de cinema atualmente, gosta muito de filmes. Costuma vê-los na televisão, principalmente na Globo. Seus gêneros de filme prediletos são comédia e desenho, principalmente quando assiste com os netos. Eles ocasionalmente compram DVDs piratas para assistir em casa.

⁴¹ A Rádio Guarathan é uma estação de rádio brasileira com sede em Santa Maria. Opera na frequência 860 kHz AM.

⁴² A Rádio Medianeira FM é uma estação de rádio brasileira com sede em Santa Maria. Opera na frequência 100,9 MHz FM.

⁴³ Casos de Família é um talk show exibido pelo SBT das 17h às 18h e é apresentado por Christina Rocha.

Tarsila valoriza muito a leitura. Busca sempre incentivar o hábito em seus netos: “Eu digo olha, leiam pra vocês aprenderem a falar e aprenderem... porque a leitura educa muito, né? A mãe deles gosta de ler porque ela era pequena, eu não chegava num lugar que eu não pegasse o ônibus e não pegasse uma revista junto” (Tarsila). Costuma ler livros sempre que possível, quando os consegue emprestado com suas amigas, pois não tem dinheiro para comprar. Não lembra de títulos de livros que goste. Tarsila não assina ou compra jornais ou revistas também por falta de recursos, mas quando vai a um escritório ou algum lugar que tenha revista, aproveita pra ler. Costuma consolar-se com a leitura da bíblia. Através dela fica sabendo dos ensinamentos e dos profetas antigos que existiram.

Ao balé, teatro e shows Tarsila não costuma ir. Diz que o problema é a falta de recursos, não sobra dinheiro para poder usufruir desse tipo de lazer. A única atividade que costuma frequentar é festivais de dança nos quais se apresenta com o grupo de dança do qual faz parte. Tarsila comenta que não queria morrer sem antes assistir um show do Roberto Carlos. Pediu aos netos que procurassem na internet se não existe nenhuma promoção para conseguir o ingresso para ir ao show. Diz que suas músicas lembram da sua juventude, que lhe marcaram bastante.

5.1.3 Carmen

Eu sou assim... sempre de bom humor. to sempre rindo, se eu to brava daqui a pouco já não to mais, não me enervo com nada. Eu sou assim uma pessoa calma assim, tudo é bom pra mim, tudo é bom. Eu gosto de ajudá os outros, de servir, não fico brava com ninguém, me dou com todo mundo... é moça, é rapaz, é gurria, é guris... todo mundo me quer bem, eu fiz bastante amizade. Nada eu acho ruim. Nunca eu to brava, né, sempre assim como tu me vê agora (Carmen)

Carmen foi uma das primeiras pessoas a me recepcionar na segunda vez que fui na reunião do grupo de hipertensos da Santa Marta. Bastante calorosa, estava muito bem arrumada e trajava uma faixa de princesa do grupo. Conversamos brevemente e ela se dispôs a responder às poucas questões da pesquisa exploratória. Desde então, nossos encontros sempre se deram nos momentos de reunião do grupo. A sua rotina bastante tumultuada, a falta de tempo a faziam preferir me encontrar durante as reuniões.



FIGURA 7 - Rua da casa de Carmen

Carmen tem 63 anos, é divorciada, católica não-praticante, mãe de dois filhos e avó de três netos, dois meninos, com 4 e 7 anos e uma adolescente com 16 anos. Sobre sua etnia, declara ser “polaca”. Natural de Santa Maria, nasceu na Vila Carolina e hoje reside sozinha em uma casa na COHAB Santa Marta. Quando Carmen tinha 13 anos de idade, sua mãe biológica faleceu. Por um pedido feito por ela em vida, passou a ser cuidada pelos padrinhos, que considera como seus pais. Seu padrinho era aposentado da viação férrea e a madrinha, dona de casa. Casou-se com 24 anos e mudou-se com o marido para Rio Pardo, depois Bagé, Restinga Seca, Dom Pedrito, Caxias do Sul e então Santa Maria, onde está há 33 anos. Na cidade nasceram e foram criados seus filhos. Carmen divorciou-se quando tinha 36 anos de idade, após 18 anos de casamento, devido a uma traição de seu marido. Ficou com a guarda dos filhos. Hoje ela comenta ter uma relação amigável com ele, que possui uma outra família e também reside na cidade. Em relação à família, ela relata “Parente nenhum não tenho, sou só eu no mundo”. Mantém contato apenas com uma irmã de criação, de 68 anos.

Carmen estudou até a quarta série e depois não quis seguir adiante. Comenta que hoje se arrepende de sua escolha. Seus filhos terminaram o ensino médio e a filha cursou faculdade de história, sendo hoje professora em uma escola estadual da cidade. O filho mora em Florianópolis e trabalha como atendente de uma rede de farmácias.

Hoje aposentada, Carmen trabalhou como auxiliar de limpeza em um cinema da cidade, depois por 8 anos em uma empresa de calçados e por 10 em uma escola particular. Seu último emprego formal foi como empregada doméstica na casa da outra avó de seus netos, mãe de seu genro. Uma vez por semana ainda costuma fazer limpeza lá, como forma de complementar o orçamento. Sua aposentadoria é de R\$ 510,00 e também recebe uma pensão

do ex-marido, funcionário aposentado da UFSM: “É pouquinho, mas ajuda”. Seus maiores gastos são em alimentação e prestação em lojas. Carmen relata também ajudar a sua filha, professora de história, que passa por dificuldades financeiras para manter os três filhos. Carmen vai todos os dias na casa da filha para tomar conta dos netos, permitindo a família economizar com o investimento em creches, além de ajudá-la financeiramente quando necessário. Sobre os netos, ela comenta que os considera seus filhos, que são “sua vida”.

A casa de Carmen é própria. Tem três quartos, uma sala, um banheiro, garagem, churrasqueira e pátio. Em relação aos itens de conforto da residência, conta com uma TV, um aparelho de rádio, um som com CD, uma geladeira e um aparelho celular. Carmen espera uma indenização da construtora que concretizou o projeto das casas da COHAB onde mora para que possa reformá-la, pois o imóvel está tomado por cupins.

Ela tem um namorado há seis anos, que considera seu “companheiro de baile”. Os dois moram em casas separadas e se encontram frequentemente em clubes e CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) para dançar. Essa é uma atividade que ocupa parte do seu tempo livre, a qual relata ter muito prazer de fazer. Começou a frequentar os bailes quando se divorciou e costuma ir toda semana. Também frequenta o grupo de convivência para idosos na COHAB Santa Marta, no qual tem o título de princesa. Para distrair-se, gosta de sair caminhar, de visitar as amigas, tomar chimarrão, ouvir músicas no rádio e sair à noite.

Carmen costuma assistir de duas a três horas de TV por dia, especialmente no turno da noite. Assiste aos programas sozinha ou com seu companheiro. Eles divergem nos programas de preferência: ela gosta de noticiários, programas de auditório e telenovelas. Ele, de jogos de futebol. Assim, quando estão juntos, ela assiste ao noticiário e aos jogos. As novelas, assiste sozinha. Ela não tem um lugar certo para assistir TV. Seu aparelho, pequeno e portátil, permite que ela o carregue para a peça da casa que quiser. Carmen não tem TV por assinatura e geralmente prestigia a programação da Globo, SBT, Bandeirantes e Record. Não tem o hábito de ir ao cinema, lembra dos filmes apenas da época em que trabalhava como faxineira em um cinema antigo da cidade, o Cine Glória. Também não compra ou loca filmes em DVD para assistir, raramente os vê na TV. Ao pensar seus gêneros prediletos de filme, terror e suspense figuram como as primeiras opções. Como ídolos da televisão, cita Angélica, que considera muito bonita, Faustão e Silvio Santos.

É através dos programas de TV e da rádio que Carmen costuma se informar. Na programação radiofônica, sintoniza diariamente na emissora *Santamariense*. A presença do rádio é constante em sua rotina: gosta de adormecer com o aparelho ligado, muitas vezes

passa o dia inteiro sem desligá-lo. Carmen gosta muito de se informar das novidades, das notícias e ouvir as músicas que aprecia.

O hábito da leitura não faz parte da vida de Carmen. Ela não assina nenhum jornal ou revista e raramente os lê. Em relação aos livros, relata sentir sono quando inicia uma leitura, o que faz com que ela não prossiga folheando as páginas. O único livro que lê ocasionalmente é a bíblia. Carmen nunca utilizou o computador.

A ida a exposições, shows ou teatro não fazem parte da rotina de Carmen. Ela comenta gostar de teatro e ir ocasionalmente, quando o grupo de convivência da Santa Marta oferece alguma oportunidade. Quanto a shows, relata ter muita vontade de ir a uma apresentação do Roberto Carlos, pois considera suas músicas lindas.

5.1.4 Dani

Eu sou alegre, gosto muito de dar risada, gosto muito de brincar, eu sou divertida, mas eu não gosto de traição e não gosto de mentira. Eu me dou com todo mundo, eu saio e faço amizade com todo mundo muito fácil. Eu chego nos lugar eu sempre faço amizade, assim. Só que eu sou o que eu sou. Eu sou uma pessoa disposta, só que minha casa é simples igual a minha cara... Eu sou assim, só que eu sou muito alegre, eu não posso ser triste. De jeito nenhum. A tristeza não cai em mim de jeito nenhum. Não sei ser triste assim sabe, magoada assim, sabe. Só se pessoa tem que fazer muito pra me deixar magoada, se não não. Eu gosto muito de escutar rádio, umas música boa, de olhar televisão, mas é mais o rádio. Eu gosto muito de ler. Eu adoro ler... gosto muito de tomar chimarrão (Dani).

No primeiro dia em que estive no grupo de convivência, Dani foi uma das primeiras pessoas a se prontificar a me responder a algumas questões, a vir ao meu encontro. Me parecia que sua disposição contrastava com suas atitudes. Ela respondia as perguntas, mas mantinha uma postura esquivada, não me olhava nos olhos e comentava de forma rude algumas questões propostas. Inicialmente pensei que ela não estava à vontade com a pesquisa. Nosso contato só se aprofundou quando conheci Vânia, de quem Dani é há muitos anos amiga. As duas moram próximas uma da outra, e Vânia prontificou-se a me levar na casa de Dani após terminar a entrevista com ela. No primeiro momento que estive em sua casa, a primeira impressão se dissipou. Dani mostrou-se muito atenciosa na resposta às questões. Desde então, estive nove vezes em sua residência. Na maioria das vezes conversamos na sala da casa e uma vez, na cozinha. Ela me convidou para ir ao aniversário de 15 anos de uma de suas netas, momento em que pude conhecer boa parte de sua família, especialmente seus filhos e irmãos.



FIGURA 8 - Rua da casa de Dani

Dani tem 64 anos, é viúva há três anos, católica, mãe de cinco filhos, três homens e uma mulher, e avó de oito netos. Declara-se parda. Nasceu em Passo do Sobrado, pequena localidade perto da cidade de Caçapava do Sul, no interior do Rio Grande do Sul. Lá ainda residem duas irmãs suas, que trabalham no sustento da propriedade. Tem ainda dois irmãos, um sargento aposentado da Brigada Militar, residente em Caxias do Sul e outro, o mais novo de todos, falecido há dez meses. Dani é a mais velha das irmãs. Sobre sua criação, diz que sua família era humilde, trabalhava pra fora, na roça. Lá plantavam fumo, criavam gado, porcos, galinhas. Hoje suas irmãs mantêm a chácara da família.

Casou-se com 18 anos. Seu marido trabalhava na Rede ferroviária e mudavam-se constantemente. Morou inicialmente em Cachoeira do Sul, Jacuí, Rio Pardo, Pinhal e depois vieram para Santa Maria, onde se estabeleceram. Ela relata ter começado a sofrer situações de violência física e psicológica nesse período, quando seu marido começou a beber mais frequentemente e tornou-se alcoólatra.

Dani reside com seu filho mais velho em uma casa do bairro Campestre Menino Deus. Dos seus quatro filhos, três residem em Santa Maria. Há o mais velho, que mora na mesma casa que ela e trabalha no serviço de tele-entrega para empresas da cidade; uma filha, que mora no mesmo terreno, em uma casa aos fundos da sua e trabalha como faxineira e um outro filho, que reside no mesmo bairro e trabalha em Novo Cabrais como auxiliar mecânico. Um deles mora em Caxias do Sul e trabalha como motorista de caminhão. A exceção do filho mais velho, todos eles terminaram o ensino médio. Dani não concluiu os estudos, frequentou

ocasionalmente a escola porque em sua época, era muito difícil deslocar-se da chácara onde viviam até o local onde as aulas eram ministradas.

Seu lar tem três quartos, uma sala, uma cozinha, pátio, garagem e churrasqueira. Sobre os itens de conforto, conta com freezer, geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, quatro televisores (um em seu quarto, um na cozinha, um no quarto do filho e outro portátil, que leva para a peça onde quiser assistir), dois rádios, um aparelho de DVD, um aparelho de cd e dois celulares.

O sustento do lar provém da pensão que Dani recebe do marido falecido e de seu trabalho. Juntos, benefício e remuneração somam certa de R\$ 800,00. Dona de casa, ela começou a trabalhar em 2001 como uma forma de ter uma atividade extra, distrair-se e não depender apenas do marido, que passara a beber e a perturbava bastante: “Eu não trabalhava nem nada, eu comecei a trabalhar agora, em 2001 eu comecei a trabalhar. Não tinha mais ninguém pequeno, né. Eu já... ele começou a beber, aí a coisa pegou fogo... ta louco Eu vou dizer uma coisa, meu casamento., quando casei era um mar de rosas e terminou uma flor de espinho” (Dani).

Seu primeiro emprego foi como empregada doméstica na casa de uma família. Lá ficou por três anos, depois começou a trabalhar como cuidadora de idosas. Hoje trabalha em uma casa em frente a sua, cuidando de uma senhora de 89 anos. Ela trabalha todas as manhãs, das 06h40 às 12h40, de segunda a sexta. Por esse trabalho, recebe cerca de R\$ 300,00 mensais. Gosta muito do trabalho que faz e diz não pretender parar tão cedo.

Dani comenta que o dinheiro é gasto principalmente com alimentação, prestação em lojas e no pagamento de empréstimos. Ela ajuda no sustento dos dois filhos, o que mora junto com ela e a filha, que reside na casa de trás. Para ele, o auxílio é principalmente com alimentação e roupas ou eventuais gastos que venha a ter. A filha, Dani ajuda com dinheiro para custear a educação da neta.

Dani, desde que seu marido falecera, não teve namorado fixo. Há cerca de um ano frequenta bailes na cidade, nos quais diz já ter encontrado algumas pessoas que lhe interessaram. Comenta que um de seus maiores sonhos é de encontrar um grande amor, um companheiro para si, mas que seria diferente do relacionamento que tivera com o seu marido: “Quando eu me casei o meu marido tinha o jogo e eu as cartas. Agora quem vai ter o jogo sou eu, vou só dar as cartas assim” (Dani). Para se divertir, gosta de viajar, passear, caminhar, encontrar alguém para conversar, namorar, dançar, tomar chimarrão, ler, ouvir rádio e ver televisão. Costuma ocasionalmente visitar parentes e amigos. Costuma frequentar duas vezes por semana um grupo de ginástica voltado aos idosos, assim como ir a bailes no mínimo uma

vez por semana. Gosta muito das músicas que escuta nos bailes, assim como de dançar. Dani comentou várias vezes durante a pesquisa que não pode ficar em casa sozinha, pois se sente mal. Quando questiono o que a faz sentir mal, diz que são os pensamentos que surgem, que se sente triste, deprimida. Assim, sempre tenta engajar-se em atividades fora de casa, como uma maneira de distrair-se.

Sintonizar o rádio, ligar a televisão e deixar os locutores, personagens e artistas “conversarem” enquanto faz as suas tarefas, organiza a sua vida. É assim que Dani dá o tom sobre seu uso desses dois meios de comunicação, os mais presentes em sua vida. Depois que seu marido faleceu, ela sente dificuldades em ficar sozinha em casa, sem que haja alguém para conversar ou com o quê se distrair. Por isso costuma deixar o rádio e a TV ligados o dia todo, como uma forma de sentir que há “alguém” no lar. Aos programas televisivos, assiste cerca de três horas diárias, especialmente à noite. Dani tem uma televisão portátil que carrega para seu quarto, onde se refugia para assistir aos programas que gosta (especialmente em dias frios).

Ela não tem TV por assinatura e assiste à Globo, Record e TV Pampa. Nesses canais, gosta de ver os telejornais e as novelas. Sua assistência costuma ser solitária. Seu filho, que mora com ela, tem uma TV em seu quarto e costuma assistir lá, também sozinho. Dani diz gostar muito de assistir aos telejornais para se informar, e não abre mão de assistir a um telejornal de manhã, quando acorda, antes de ir para o serviço e outro após o meio-dia, quando retorna para casa. Das telenovelas, gosta bastante da que é veiculada às 21h e eventualmente acompanha a trama das 18h. Dani nunca foi ao cinema, mas gostaria de ir. Em casa, não costuma olhar filmes na TV, não gosta de assisti-los.

O rádio é citado por Dani como um meio de comunicação que lhe acompanha constantemente. Ela tem apreço pela emissora *Santamariense*, na qual deixa sintonizado o dia todo. Através do rádio, se informa e escuta as músicas que gosta, especialmente sertaneja de raiz, como a dupla *Tião Carreiro e Pardinho*.

Ela não assina jornais ou revistas, mas costuma ler às vezes o jornal “A Razão”⁴⁴ quando suas amigas emprestam algum exemplar para ela. Sua relação com os livros é mais intensa: Dani declara adorar ler. Costuma ler qualquer tipo de livro, “qualquer livro que eu pegá eu leio” (Dani). São de seu interesse obras que falam sobre plantas que curam, sobre chás. Apesar de preferir esses temas, comenta que não há um gênero específico, que gosta de ler tudo. No período de nossos encontros, Dani estava lendo uma coletânea com as melhores

⁴⁴ Jornal diário impresso produzido e distribuído em Santa Maria.

histórias da revista *Seleções*⁴⁵. Não costuma comprar as obras, mas sim consegui-las emprestado com as colegas do grupo de ginástica.

Assistir a televisão, ouvir o rádio e ler são atividades que lhe distraem. Quando não consegue dormir, à noite, Dani costuma ligar os dois aparelhos – TV e rádio – bem baixinho, e pegar um livro para ler. Diz que logo se acalma, sente sono e adormece.

O uso do computador também não faz parte de suas vivências. Ela nunca mexeu em um, mas isso não parece ser algo que a preocupa ou desaponta. Dani nunca foi ao cinema, ao teatro, a exposições ou a shows.

5.1.5 Maria

Eu sou assim, calma, eu sou assim quieta, não sou muito de conversar... Nem assim de ta escorgitando a vida dos outros, eu não sou... eu fico escutando as conversas, mas não dou opinião nenhuma. Eu sempre fui assim, bem distraída. Não sou de... não sou de pergunta (Maria).

O contato com Maria deu-se num momento posterior de pesquisa, quando buscávamos diversificar a amostra em termos das vivências da velhice, incluindo mulheres que também não participassem dos grupos. Em uma das visitas ao grupo da COHAB Santa Marta, a vi e constatei que seu rosto não era conhecido. Conversamos e ela comentou que estava há duas semanas participando das atividades. Maria é uma senhora amável e empática. Por sua receptividade e pouco tempo de participação no grupo, convidei-a a participar da pesquisa. Na próxima semana já a visitei em sua residência na COHAB Santa Marta.

⁴⁵ Revista brasileira de veiculação mensal, aborda assuntos diversos como saúde, anedotas, biografias e conhecimentos gerais.



FIGURA 9 - Rua da casa de Maria

Maria vive só em uma casa de material, adquirida por ela e seu falecido esposo na ocasião do loteamento das casas do bairro, há cerca de 29 anos. No imóvel de um quarto, sala, cozinha, banheiro e pátio, residiu por muitos anos com seu esposo e 8 filhos. Há 12 anos reside sozinha, desde a morte de seu esposo. Ele era marceneiro e sustentava o lar, enquanto ela se dedicava ao cuidado da casa e dos filhos. Hoje sobrevive da pensão deixada pelo marido, no valor de um salário mínimo. Apesar de serem altos seus custos de vida, especialmente com contas de água, luz e telefone, mantém sua autonomia financeira. O gosto por trabalhos manuais, como bordados e crochês também lhe rendem um dinheiro extra. Nas oito vezes que a visitei, Maria me esperava no sofá da sala, com a televisão ligada na Rede Globo, fazendo trabalhos dessa sorte. A realização de cursos para aperfeiçoamento também faz parte de sua rotina. Na estante da sala, em meio a muitos porta-retratos com lembranças de seus filhos, 3 irmãos e 26 netos, também estão os certificados dos cursos que realiza, expostos por ela com bastante orgulho.

Maria tem 76 anos e nasceu em Santiago, cidade do interior do RS. Morou no interior de São Borja e depois em Vila Clara, localidade que era distrito da cidade de São Vicente do Sul, também no estado. Casou-se aos 20 anos lá e teve sua primeira filha aos 21. Quando essa tinha 15 anos, veio com a família para Santa Maria em busca de melhores oportunidades, pois a marcenaria onde seu marido trabalhava em Vila Clara fechara e ele precisava de outro emprego.

Maria diz que já se acostumou a morar sozinha e que seus filhos a visitam e ligam com frequência. Apenas uma reside mais distante, em São Paulo, e não a vê há 10 anos. Uma de

suas filhas mora na casa da frente e as duas sempre estão juntas. Os pais e irmãos de Maria já são falecidos.

A maioria dos filhos de Maria terminou o ensino médio e exercem profissões diversas: mecânico, empregada doméstica, marceneiro e professora do ensino básico são algumas delas. A formação universitária foi concretizada em seus netos, o que é motivo de bastante orgulho para ela. Ela terminou a sexta série e seu marido estudou até a oitava.

Assistir à televisão, fazer trabalhos manuais e participar dos cursos são o que compõem o tempo de lazer de Maria. É a única entrevistada que diz gostar de ficar em casa, quieta. Muitas vezes seus filhos a chamam para visitá-los, mas ela prefere ir apenas aos finais de semana e pensa que às vezes pode incomodá-los com permanência mais prolongada no lar.

Maria passa cerca de seis horas diárias frente à telinha. Além da TV, ela gosta de ouvir rádio e ler. Divide seu tempo entre os trabalhos manuais, programas televisivos, lida doméstica, leitura de jornais e livros e realização de cursos.

Na TV, os programas que mais gosta são de auditório, noticiários e telenovela. Ela costuma sintonizar na Globo e no SBT, principalmente à tarde e durante a noite. Não são raras as vezes em que dorme com a TV ligada. De manhã, prefere ouvir rádio, principalmente as emissoras *Imembuí*⁴⁶ e *Guarathan FM*. Ela gosta dos cantores sertanejos – Daniel, Zezé Di Camargo & Luciano e Leonardo. Na telinha, seu ídolo é Tony Ramos, que acompanha há anos através das tramas da Rede Globo.

Maria gosta de ler. Todas as manhãs ela recebe da filha o jornal *Diário de Santa Maria*⁴⁷, que costuma acompanhar rotineiramente. A leitura de livros é mais esparsa: uma vez por semana. Quando visitei Maria, era comum ter livros espalhados pela estante da sala da casa. No momento da entrevista, ela lia *A Cabana*. Ela assina a revista *Seleções*.

Ao cinema, shows, exposições ou teatro Maria não costuma ir. Durante a sua trajetória, a rotina árdua do cuidado do lar e dos 8 filhos, somada à precariedade financeira a impedia de usufruir dessas formas de lazer. Hoje, com os filhos independentes, ela faz cursos de trabalhos manuais e recentemente participa do grupo de idosos da COHAB Santa Marta. Das entrevistadas, é a mais caseira.

⁴⁶ A Rádio Imembuí AM é uma estação de rádio brasileira com sede em Santa Maria. Opera na frequência 960 KHZ.

⁴⁷ Jornal impresso distribuído diariamente na cidade de Santa Maria e região.

5.1.6 Célia

Eu sou uma pessoa assim, que eu não sou pra baixo, sabe. Tem gente que fica pra baixo e deixa de viver, eu não. Eu quero é me divertir. Só não gosto de certas coisas, certas piada... piada da gente, que comecem a contar da vida íntima assim... eu não gosto. Eu gosto de brincadeira, eu gosto de piada... mas esse negócio, eu acho que a vida íntima da gente é da gente, né. É assim... numa veia não muito coroca como eu [risos]. Acho que é isso aí. Eu não sou uma pessoa... eu não sou boa mas não sou ruim, porque a gente tem que ter o lado bom e o lado ruim. E graças a Deus eu tenho a minha idade e tenho assim uma coisa comigo, eu chego pra vender ficha de coisa, eu vendo assim, as pessoas... porque eu chego e converso com as pessoas, eu só não chego e só pergunto assim, tu quer comprar, e tu não diz “não”. Tem que ter a mesma atenção pra quem me comprou e pra quem não me compra, né? E agora mesmo o homi queimou a casa ali... aí, eu arrecadei R\$1600,00 assim, pedindo pra um, pedindo pra outra. Então assim, como é que a gente define isso? Que eu nas minhas palavras, burra como eu sou, acho que sou comunicativa, me comunico com as pessoa. Acho que é isso aí (Célia).

Célia tem 66 anos. Conheço-a desde 2008, quando a entrevistei em uma pesquisa sobre velhice e telenovela. Mantivemos contato via telefone desde então. Quando ligava, Célia era sempre muito receptiva e amável. Convidei-a por telefone para participar desta pesquisa, que aceitou prontamente. Desde então, nos encontramos em sua casa para conversar e realizar as entrevistas no Bairro Juscelino Kubitschek. Célia mostrou-se bastante receptiva à entrevista, esforçando-se para responder aos questionamentos, como também para me deixar à vontade no ambiente. Algumas vezes abri mão do uso do gravador no processo de entrevista, por sentir que a entrevistada não se sentia à vontade para falar sabendo que a conversa era gravada. Nesse contexto, o diário de campo foi importante para o registro de impressões e respostas não arquivadas pelo uso do gravador.



FIGURA 10 - Rua da casa de Célia

Célia é natural de São Pedro do Sul, cidade do interior do RS, mas há 35 anos mora em Santa Maria. Após a morte de seu esposo, os familiares que ainda residem em sua cidade de origem insistiram para que ela retornasse, mas Célia preferiu ficar em Santa Maria.

Célia morava para fora, perto de São Pedro, até se casar. Após, mudou-se para Santa Maria com seu esposo e foi dona de casa. O pai, agricultor, falecido há dois anos, morava em São Pedro junto com a madrasta de Célia, que frequentemente a visita. Para a entrevistada, por mais que não seja sua mãe biológica, considera a madrasta como sua mãe. Do casamento com esta mulher, Célia ganhou sete irmãos. Do primeiro casamento, nasceram dois filhos: Célia e seu irmão mais novo.

Atualmente, apenas um deles reside em Santa Maria. Os demais residem em São Pedro do Sul e possuem profissões diversas: militar, radialista, agricultor, gerente de uma fábrica de calçados, dona de casa. A maioria deles estudou, concluindo o ensino médio. Célia frequentou a escola até a terceira série do ensino fundamental. Com seu marido, ela teve quatro filhos, um deles falecido ainda bebê. Atualmente, Célia reside próxima a um filho, que mora no mesmo bairro que ela. Sua filha reside em São Pedro, e seu outro filho mora em Porto Alegre.

A entrevistada reside em uma casa simples, ampla e bem organizada, apesar de serem constantes seus pedidos de desculpas por considerar que o lar não estava suficientemente arrumado para me receber. O imóvel é de material, próprio, e conta com dois quartos, um banheiro, uma sala de estar, pátio, uma garagem, cozinha e churrasqueira. Dentro de casa, ela

usufrui de alguns itens de conforto tais como freezer, máquina de lavar roupas, um aparelho de DVD, três aparelhos de rádio e três televisores (um na sala, um na cozinha e um em seu quarto). Nossas conversas foram realizadas em sua maioria na sala da casa, e algumas vezes na cozinha ou no pátio dos fundos.

Célia recebe uma pensão de cerca de R\$ 1000,00 após a morte de seu marido, que diz ser atualmente suficiente para custear suas despesas, apesar de os gastos – principalmente com remédios – aumentarem cada vez mais. Seus principais gastos, além das medicações, são em água, luz e telefone.

Para se distrair, Célia gosta de visitar seus amigos na vizinhança, assistir à televisão, fazer caminhadas e ouvir rádio. Ela ainda usa aliança do seu casamento e diz não ter nenhuma vontade de encontrar outra pessoa e namorar, até mesmo achando graça de questionamentos dessa sorte.

A entrevistada passa cerca de quatro horas vendo TV. Seus programas de preferência são as novelas, telejornais, programas humorístico e de auditório. Os canais mais sintonizados são a Globo e o SBT. Tony Ramos é o artista preferido de Célia, que acompanha há muitos anos pelas telenovelas. Também gosta de Regina Duarte e Tarcísio Meira.

Ela não gosta muito de assistir filmes e, apesar de ter aparelho de DVD, não costuma locar filmes. Diz que é difícil acompanhar a história, pois quaisquer distrações no ambiente – um telefone que toca, alguém que lhe chame – já a fazem perder a atenção. Gosta bastante de ver DVDs de shows ou filmes antigos, de música sertaneja, Ivete Sangalo, Luan Santana ou do Teixeirinha, por exemplo. Os filmes do *Mulita*⁴⁸ e do *Mazzaropi*⁴⁹ ela aprecia, apesar de não assisti-los há bastante tempo.

De manhã gosta de ouvir rádio, em especial um programa de uma emissora da cidade de São Pedro, apresentado por um genro seu. Conta que antigamente acordava às 4h da manhã para ouvir rádio, mas que atualmente acorda mais tarde, às 6h30.

Célia não tem o hábito de leitura. Comenta que seus olhos desaprenderam a acompanhar as páginas e que se sente cansada com a leitura. Antigamente, costumava ler as fotonovelas e também jornais, mas com o tempo parou de ler e se desacostumou. Ela nunca usou o computador e diz que não tem vontade de usar.

Ao cinema, Célia se lembra de ter ido uma vez, quando era mais nova. Ela não tem o hábito de ir a shows, teatro ou exposições. Recentemente prestigiou umas apresentações

⁴⁸ Humorista gaúcho que mantém um show de piadas, em que aborda principalmente a cultura gaúcha.

⁴⁹ Ator, produtor cineasta brasileiro, dirigiu e atuou em diversos filmes entre 1950 e 1980.

artísticas no centro da cidade, que diz ter gostado. Aniversários e formaturas de seus parentes são as festas que mais costuma freqüentar.

5.2 SER (OU NÃO SER) IDOSA: AS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA

5.2.1 Família

A família na velhice, especialmente no contexto de vida das classes populares, tem um papel fundamental no amparo e acolhimento do idoso. Esse discurso é apoiado pelo Estado, que muitas vezes delega ao núcleo familiar o cuidado aos envelhecidos. É o que Sobrinho (2007) encontra em sua análise do Estatuto do Idoso: apesar de a velhice ser considerado um direito da pessoa humana, o discurso preponderante é que um bom envelhecer deve ser proporcionado pelo núcleo familiar e pela adoção de atitudes individuais.

As receptoras referem-se às suas famílias, especialmente as de origem, como um ambiente marcado pelo afeto e pelo amor. Essa ideia é reiterada por todas elas. Tarsila é a mais enfática:

Eu me sinto privilegiada pela minha família. Porque a minha família... biológica por parte da minha mãe eu... eles me querem muito bem. Minhas irmãs, eu sou muito especial pra elas e elas são pra mim, sou especial pra elas. E a minha família do meu pai de criação também, pro irmão de criação que era da minha tia que é primo, ta com 80 anos, ah, ele me quer muito bem também, me ajudou a me criar também, me quer muito bem... Eu sou muito feliz por isso, eu sou feliz... não importa que eu não tenha uma casa com tudo, que eu não tenha as coisa que eu quero, eu tenho o amor deles que me ajuda muito, me ajuda muito, muito, muito. (Tarsila)

Frente a um contexto de precariedade financeira, a família torna-se o refúgio e a fonte de realizações de Tarsila. No processo de entrevistas, parecia-nos que quanto mais difíceis eram as vidas das entrevistadas, mais a família se tornava uma forma de amparo e um meio de realizações. Isso tanto em relação às famílias de origem, quando suscitavam lembranças de sua infância e relembavam os bons momentos, quanto das famílias atuais, principalmente pelo sucesso profissional e realização de filhos e netos.

Os pais biológicos ou de criação de todas as entrevistadas são falecidos, a exceção de Célia, que ainda convive com sua madrasta. Elas costumam manter contato – em maior ou menor freqüência - constante com irmãos, primos e tios. São poucos os parentes que residem na cidade e a falta de recursos financeiros algumas vezes as impede de poder passar mais

tempo com eles. Delas, apenas Maria viveu em uma família tradicional. Divórcios, recasamentos, adoção das crianças pelos parentes próximos e rearranjos familiares são realidade na vida das entrevistadas. A família de origem, o período de infância são relatados pelas entrevistadas como momentos muito bons de suas vidas, apesar de algumas delas, como Tarsila, Célia e Vânia, terem uma rotina árdua de trabalho desde a infância.

Em relação às suas configurações familiares atuais, percebemos as famílias cumprem um papel bastante significativo no apoio a essas mulheres. É o que nos fala Sarti (1996, 2001) ao comentar sobre a construção da família nas classes menos aquinhoadas e no papel que a velhice assume nelas. A autora (1996, p.44-45) traz estudos que confirmam a relação entre condições sócio-econômicas e estabilidade familiar. Diante das uniões e empregos muitas vezes instáveis e incertos, as famílias pobres ficam a mercê de condições externas que escapam a seu controle e buscam contornar a situação com a ajuda das redes de parentesco, que prestam suporte à consolidação familiar. Esse suporte é especialmente relevante quando pensamos na vida do idoso na família. Irmãos, filhos e netos assumem um dos únicos recursos de apoio ao idoso, em um contexto em que as políticas sociais voltadas à velhice são poucas.

O apoio se dá principalmente no cuidado do lar, em especial para as mulheres que não possuem parceiros. Os filhos as ajudam nas tarefas cotidianas mais pesadas, como limpar a casa ou ir ao mercado fazer compras. Para Tarsila, Dani, Célia e Maria, essa proximidade é também afetiva, pois a relação com filhos e netos é bem sólida e estreita. Vânia, apesar de morar no mesmo terreno que o filho, não costuma conversar muito com ele. Sua relação é melhor com os outros filhos que não residem consigo.

Quatro entrevistadas relatam ter passado por quadros de depressão, superados com a ajuda dos filhos, irmãos e netos. Tarsila, quando se mudou a Santa Maria em 2002, contou ter ficado depressiva em razão da vida instável e insegura que vivenciava em Porto Alegre. Lá morava em um bairro violento e fora assaltada três vezes, o que a deixara bastante temerosa e nervosa. A mudança de vida acarretada pelo ingresso na aposentadoria e a doença do esposo, que sofreu um derrame há dois anos, agravaram a situação. Ela comenta da dificuldade de conviver com ele e adaptar-se à nova rotina. Diz que estava “morrendo sem sentir” quando um dia quase caiu em frente à sua casa e foi levada pela filha ao hospital. É ela que intercedeu pela mãe junto ao pai. Tarsila sentia-se na obrigação de cuidar de José e não gostava de comentar sobre as dificuldades pelas quais passava. “Aí um dia minha filha disse assim, o pai não merece, mãe. Ele não merece, o que ele ta fazendo com a senhora, ta maltratando a minha mãe, o senhor quer matar a minha mãe? Ela dizia pra ele” (Tarsila). Os familiares

intercederam por Tarsila junto a José, ameaçando levá-la da cidade para morar com eles caso ele não melhorasse seu comportamento. Desde então a situação se abrandou. Os dois tem uma convivência mais amigável e ele já parece estar mais acostumado com as limitações físicas que a doença acarretou.

Dani, Maria e Vânia relatam situações parecidas. Na ocasião da morte de seu filho mais novo e falecimento de seu esposo, os familiares de Vânia a levaram de Santa Maria para Esteio e Porto Alegre, para que passasse um tempo com eles. Fala do apoio de seus irmãos, sobrinhos e filhos como essencial para recuperação de seu quadro depressivo. Dani também, ao perder o esposo, contou muito com o apoio das noras e filhos. Eles a auxiliam a tomar a chefia do lar e a reorganizar sua vida, além de incentivá-la a trabalhar.

Por outro viés, percebemos um movimento em que essas idosas tornam-se o arrimo da família. Sarti (2001) comenta sobre essa configuração familiar, que é sintomática dos novos arranjos familiares em articulação às mudanças sociais mais profundas que vivenciamos atualmente. Aos filhos adultos, geralmente se atribuíam o cuidado dos pais envelhecidos. Hoje a situação se inverte: os filhos, diante de separações, divórcios, instabilidade financeira e outros problemas familiares, não têm condições suficientes para cuidar e prover o necessário a seus pais. Muitas vezes são eles que auxiliam os seus filhos, como no caso de Carmen, mas também de Tarsila, Dani e Vânia. Elas, através do auxílio financeiro ou do cuidado com os netos, cumprem o papel de cuidadoras e provedoras do lar.

Dani, Vânia e Carmen amparam financeiramente seus filhos e netos. O filho de Vânia que reside nas casas aos fundos da sua, alimenta-se diariamente na casa da mãe. Ela todos os dias prepara o jantar e o almoço para o filho. Os dois apenas ocasionalmente fazem as refeições juntos. A tarefa de amparar seu filho é colocada por Vânia como uma obrigação para si. Além dele, ela auxilia financeiramente seu outro filho, pai de seus três netos. Vânia faz compras para eles e relata muitas vezes deixar de comprar algo para si para poder ajudá-los. O filho e sua nora já vieram morar consigo, mas a convivência entre eles não deu certo. Conta que eles não respeitavam seu modo de pensar e gerenciar a casa e que a convivência tornou-se muito difícil e estressante. Depois que eles se mudaram, o relacionamento melhorou.

Dani é a única que divide o lar com o filho. O auxilia financeiramente sempre que necessário, quando ele precisa realizar algum investimento maior, como foi o caso da compra de uma moto. Também presta auxílio financeiro para sua filha, que mora na casa aos fundos da sua. A ajuda direciona-se principalmente ao cuidado e educação de menina de quinze anos, neta de Dani. O auxílio financeiro da avó para o cuidado dos netos também acontece na vida

de Carmen. Ela subsidia parte da educação dos netos, dois meninos e uma menina, com a qual os pais não conseguem arcar sozinhos.

Além de prover assistência financeira, todas elas possuem ou possuíram o papel de cuidadoras de seus netos. Quem o faz de forma mais intensa é Carmen, que vai todos os dias na residência de sua filha para tomar conta dos dois netos mais novos. Dani, Célia e Maria cuidavam de seus netos quando crianças, mas comentam que hoje eles já não necessitam tanto de seu amparo. O nascimento dos netos é relatado por Tarsila como um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida. Ela sempre teve muita vontade de ser avó e auxiliou sua filha a cuidá-los desde pequenos. Hoje residem praticamente juntos, é constante o trânsito das crianças em sua casa.

Vânia não tem um contato tão estreito com os seus netos quanto gostaria. Relatou que um de seus maiores desejos era que seus netos viessem morar com ela: “Eu queria ta sempre junto com eles, brincando... dando coisinha pra eles... andando com eles assim... eu queria ta brincando, jogando, andando de bicicleta com eles, como eles adoram, né. Dando as coisas pra eles...” (Vânia). Hoje costuma visitá-los uma vez por semana e preocupa-se em vê-los bem amparados.

Seus relatos confirmam o que foi constatado por Sarti (2001) que, apesar das mudanças na configuração familiar, as avós continuam a ter um papel importante no suporte à mulher – filha, nora – para o cuidado dos netos. Dos avôs não se exige essa tarefa. Nenhuma delas relatou situações de cuidado ou amparo por parte de seus esposos para com as crianças. Dani, contrariamente, nos fala da situação em que teve que interceder por sua filha para levar a neta recém-nascida para casa, pois o esposo não aceitava que a filha tivesse engravidado solteira, sem constituir uma união estável. Quando a avó não cumpre esse papel, a situação é vista com estranhamento. É o modo como Carmen relata sobre o comportamento da outra avó de seus netos, mãe de seu genro, que não gosta e não se dispõe a ficar com as crianças. O cuidado da avó para com as crianças parece ser uma tarefa mais normal às classes populares. Nestas, há o que Sarti (1996) cunha por uma “coletivização das responsabilidades das crianças”, nas quais elas circulam dentro do grupo de parentesco. Para a autora,

Esta prática popular inscreve-se dentro da lógica de obrigações morais que caracteriza a rede de parentesco entre os pobres. Constitui, segundo Fonseca (1995), um divisor de águas entre aqueles indivíduos em ascensão que adotam valores de classe média e aqueles que, apesar de uma existência mais confortável, permanecem ligados à cultura popular (1996, p.55).

Quando abordamos a família em geral, elas relatam que tanto na família de origem quanto na atual, sentem-se felizes, amadas e confortáveis. Contudo, nas conversas sobre a velhice, quando a família era abordada tangencialmente, suas respostas se encaminhavam para outro sentido. Elas afirmam em uníssono que atualmente a família não respeita os idosos. Célia e Maria relativizam um pouco a situação e dizem que algumas famílias respeitam, outras não. A falta de respeito parece-nos mais próxima das vivências de Carmen e Vânia, cujo ambiente familiar é por vezes conflituoso devido às diferenças entre as gerações. Para Maria, Tarsila, Dani e Célia, o desrespeito na família é algo mais distante ou, pelo menos, não mencionado em suas falas.

Carmen e Vânia relacionam essa opinião às suas experiências pessoais. Vânia diz que não respeitam, mas que precisavam respeitar. Ela considera que hoje é muito diferente o modo como se relaciona com seus netos, se comparado à forma como tratava seus avós:

Muita diferença! Bem diferente, não dá nem pra comparar! O jeito que nós tratava os nossos avô e agora como os meus neto me trata eu, muito... bã.. Nós dava mais respeito pra eles, não retrucava eles, meu pai e a minha mãe eu conhecia eles só pelo jeito de eles me olha, de eles olha pra nós. Agora os neto faz o que querem! O meu neto, o meu netinho mais velho, esse primeiro, tava aqui na frente com dois amigo, mexendo com um guri. Ele atirou a bola pro lado de lá e rolou pra baixo. E ele disse assim pra ele “Dá minha bola aqui, piá, viu piá”, chamou ele de piá. E ele já tava brabo, já. E eu chamei ele e disse que não se trata os outro assim, se tu quer pedir pra ele, pede por favor. [...] E ele disse assim pra mim “vai fazer teu serviço lá, veia! Vai lá pra cozinha fazer teu serviço!” Dois aninho. Nós nem largava ele pra frente. “Vai fazer teu serviço lá na cozinha, véia!” . Ah, agora eu vou pegar um crivo e tu vai ver, tu vai apanhar. “Não, vó. Não precisa dá em mim que tu é uma senhora, uma senhora veia”. Eu virei as costas e ele me disse: “tu é uma senhora veia”. Aí eu fiquei.. que não tem jeito mesmo. “Tu não tem nada que se metê, vó”. E agora mesmo os pequeno ainda retrucam eu... bã! Me chama de cafona... “Fica na tua, vó”, “Vai ficar na tua”, quando eu repreendo, “vai ficar na tua”. “Vai ficar na tua que eu fico na minha, vó. Viu?” O pequeno, o de cinco. E a pequena ta aprendendo com ele já. Quando que eu ia retruca com minha mãe a minha vó? Deusolivre. De manhã a gente levantava, pedia benção pra elas... Nem isso eles fazem, nem pedem benção mais. Não se usa mais, pros mais veio. Não se usa mais (Vânia).

Momentos parecidos com esse foram relatados por Vânia várias vezes durante a entrevista. Carmen, hoje bastante próxima aos netos, também acredita que falte o respeito da família em relação aos idosos. Acha que isso acontece porque os jovens “querem ser mais” que as pessoas mais velhas, saber mais do que elas. Comenta que seus netos a repreendem, e que antigamente isso era um comportamento inaceitável dos netos em relação aos avós:

C - Não. Antigamente a gente respeitava os pais, agora os filho também não respeitam as mãe, né. Eles brigam, eles mandam a gente calar a boca, a gente ta falando e eles dizem que ta errado... não respeitam também. Isso eu sei pelos meus, né. Eles são muito bons, mas tem coisas que eles são assim com a gente. Não respeitam.

L – É diferente do que era antigamernte?

C – Bah, era bem diferente... antigamente a gente não podia nem ta sentada na sala perto dos mais velho. [...] agora não, as criancinha pequenininha puxando conversa com os mais velho, né. Eu não me criei assim, eu sempre dizia pros meus... mas não adianta, não adianta... não respeitam (Carmen).

Por suas respostas e também por algumas situações que vivenciamos - a tentativa de ingerência dos filhos de Vânia sobre sua vida; os relatos das desavenças entre Célia e um de seus netos; a sobrecarga de trabalho na vida de Tarsila que além de sustentar a casa, precisa cuidar do marido doente; a resignação de Maria frente ao comportamento dos netos, que não concorda, mas não critica por ter medo de ser repreendida - vemos que apesar de muitas vezes serem o arrimo familiar, situações de desrespeito permanecem. Apesar de a família se tornar um refúgio frente a contextos de vida muitas vezes difíceis, o fato de os idosos conviverem com seus filhos não dá garantia de respeito, prestígio e ausência de maus-tratos (DEBERT, 1999a).

Tarsila e Dani também acreditam que os idosos não estão sendo respeitados na família. A ausência de uma educação dos pais, a falta de bons exemplos dos pais para os filhos no trato com as pessoas idosas é apontada por Tarsila como uma das causas dessa situação: “A família é um exemplo pros filho, mãe e pai é um exemplo pros filho. [...] Por exemplo, se a minha filha e o meu genro viessem aqui e me xingassem, não me respeitassem, os meus neto não iam me respeitá, não iam me amar” (Tarsila).

Dani acredita que depende muito da família, mas que de modo geral os idosos não são respeitados. Ilustra sua opinião comentando sobre os filhos que colocam os pais em abrigos e asilos e os deixam lá sem amparo algum. Se pensa em suas vivências, considera que a sua relação com os seus netos é muito diferente daquela que tinha com seus avós. Dani lembra de sua avó materna como uma pessoa austera e extremamente rígida, com quem não conversava muito. Sua posição em relação à neta é diferente:

Eu sou mais assim com os meus netos, sabe. Os meus avós... eles não eram assim conosco, sabe. Agora com os meus netos eu sou muito liberal, muito mesmo, ta louco. Liberal assim de dar as coisas, de conversar, de dar

conselho... essas coisas assim, entendeu? Essa minha neta agora, eu escrevi a mensagem pra ela... Ela disse assim, eu já escrevi a mensagem... Eu escrevi a lápis, agora tenho que passar a caneta. Ela perguntou se eu não ia xingar ela na mensagem, eu disse que não ia xingar. Eu vou dizer tudo o que tu conviveu comigo, tudo que tu foi e tu é até agora ao meu lado (Dani)

As mudanças nas configurações familiares são sentidas pelas entrevistadas, que algumas vezes relataram como era difícil se adaptar aos tempos de hoje no tocante à relação avós e netos e à educação sexual das filhas, por exemplo. Apesar disso, “adaptação” pareceu ser a palavra de ordem em suas falas, pois entendiam que os tempos são outros e que, caso queiram ser aceitas na família, têm que tentar entender e se resignar.

5.2.2 Cuidado de si, beleza e saúde

No contato com as entrevistadas, vimos que o modo como classificavam uma pessoa como idosa baseava-se muito em predicados corporais. Era como se a visão dominante da velhice fosse evidente de forma especial através das rugas, marcas de expressão, abatimento e fraqueza para as atividades cotidianas. De fato, Mercadante (2005) assinala que o corpo se torna a primeira via de identificação e reconhecimento da velhice, pelo qual o estigma se reforça e novas possibilidades de significação podem ser criadas.

Para elas, aqueles que envelhecem são os que “se entregam”, “ficam só em casa” e “deixam-se abater”. Maria percebe a velhice de forma distinta, talvez por ser a mais velha entre as entrevistadas, com 76 anos. Ela diz que se sente idosa e não vê aspectos negativos desse período da vida. Para Vânia, envelhecer é “não sair, não se divertir, se atirar assim, só ficar em casa... não se arrumar... coisa que eu mais adoro é me arrumar, e eu não gostava” (Vânia). Para Tarsila, quem faz a velhice é a pessoa, “Porque tem pessoas com 80, 90 anos e tão correndo... bem ativas, né. Fazendo suas atividades. Eu acho que é a pessoa que se faz velha, né?” (Tarsila). Célia comenta se considerar “mais nova” hoje do que antigamente, pois tem mais atenção à saúde e pratica exercícios físicos.

Para Dani, a pessoa chega à velhice quando fica doente. Diz que o que mais mantém a vida da pessoa idosa é a educação física, onde ela tem possibilidade de se exercitar, fazer amizades e conhecer pessoas. Ela ilustra sua opinião através da senhora idosa que cuida em seu trabalho, que deixou-se abater com a morte no marido, não se envolveu em outras atividades:

Como a vó que eu cuido mesmo, ela ficou naquilo ali, ó... que quando o marido dela morreu, ela se entregou. Ela não tentou viver, ela parou. Ela foi ficando parada, não se envolveu com nada, foi indo, foi indo, foi indo... até que ela ta no estágio que ela ta agora. [...] Ela parou, entendeu. O marido dela morreu, ela se aquietou. Ela ta muito caída, bã, cada dia mais. (Dani)

Carmen também tem opinião semelhante. Para ela, a velhice não chega nunca. Vemos que a sua concepção da velhice anda de mãos dadas com a ideia hegemônica desse período da vida marcado pela degenerescência e estigmatização. Ela não deixa de se caracterizar como idosa, porém a velhice que busca construir, à semelhança das percepções das demais entrevistadas, é outra. Idoso, nesse sentido, é também aquele que se entrega, não se envolve em atividades motivadoras.

Na minha opinião acho que não chega nunca [a velhice]. Porque não pode se entregar, né. Porque se tem uns cinquenta e já começa a se entregar, cinquenta anos e já não tem mais força... a gente não pode se entregá... eu não tenho, eu não acho que deve se entregá, né. Quanto mais tu para aí que tu vai se entregando, parado (Carmen).

Admitir ser idosa ou estar na velhice significa assumir toda a carga negativa que as representações dominantes carregam. Se ser idosa é admitir esse cenário desolador e altamente estigmatizado, quem elas desejam ser? De que forma constroem suas velhices?

A valorização social da juventude atravessa suas percepções. Para elas, viver bem na velhice é manter os valores usualmente relacionados à juventude: motivação, viço, alegria e expectativas de realizações futuras. Alcançá-los, manter um “espírito jovem” depende do esforço e vontade individuais, seja pelo cuidado com a saúde e aparência, seja pelo envolvimento em outras atividades (grupos de convivência, educação física, ginástica, bailes) e criação de ambientes de sociabilidade.

Para entender a relação dessas mulheres com seus corpos na construção da velhice, talvez seja interessante pontuar algumas mudanças mais amplas: os processos de globalização, o novo papel das tradições e o surgimento de uma ordem reflexiva⁵⁰

⁵⁰ Sobre a reflexividade, trata-se de um conceito amplo e bastante fundamental na teoria sociológica proposta por Giddens. Neste espaço, optamos por abordá-lo mais brevemente, mais para situar as transformações do corpo na sociedade contemporânea e suas relações com a velhice. Em linhas gerais, a reflexividade trata da relação entre os indivíduos e o conhecimento social, do modo como as pessoas são capazes de perceber e organizar esse conhecimento para mudar a si e ao seu contexto de vida. Em uma ordem marcada pela dissolução das tradições, a perda de referentes no passado e a incerteza em relação ao futuro nos leva a buscar continuamente o conhecimento disponível no meio social para basearmos nossas percepções e comportamentos. Esse conhecimento não é estável e é constantemente revistado à luz das novas descobertas tecnológicas, do avanço do campo científico e das demais dimensões do fazer humano. Nessa perspectiva, o processo de refletir continuamente sobre as ações e resignificá-las com base no desenvolvimento sempre renovado do conhecimento científico se estende ao manejo do corpo, que se torna muito mais um sistema de ação através do qual traçamos uma biografia da auto-identidade do que algo extrínseco ao indivíduo.

(GUIDDENS, 2005). A globalização é um conjunto complexo de processos tecnológicos, culturais, políticos e econômicos que vem modificando as estruturas sociais e relações íntimas de forma bastante contraditória e desigual. Incide tanto em um nível mais abrangente das relações entre Estados e Nações assim como nós modos como os indivíduos concebem sua intimidade e lidam com as circunstâncias da vida. Essas transformações alteraram significativamente o papel das tradições na configuração das sociedades.

A principal mudança não está no esvaecimento de sentido das tradições, visto que elas continuam sendo importantes para balizar o senso de identidade e são reinventadas cotidianamente por instituições, grupos e indivíduos (GIDDENS, 2007). Como nos fala o autor, a diferença está no fato de que hoje as tradições são vividas de modo não tradicional, ou seja, não são mais definidas e defendidas por sua própria lógica, rituais e simbolismos. Em uma sociedade tradicional, as tradições eram, e cabia ao indivíduo adotá-las sem que isso gerasse formas mais amplas de questionamentos ou de dúvidas. No contexto contemporâneo, elas se abrem ao questionamento, sendo constantemente ressignificadas – e postas em dúvida – pelas descobertas médicas, opinião dos especialistas e pelos desejos dos indivíduos.

Nesse sentido, onde a ordem tradicional declina, os estilos de vida passam a orientar a forma de se situar em sociedade. No momento em que as tradições são continuamente ressignificadas e abertas à multiplicidade de apropriações, evocar o passado deixa de ser suficiente para justificar a adesão pessoal e legitimidade social de determinada tradição. Um indício desse processo é a mudança nas formas de organização psíquica e social através das transições entre as etapas da vida. Em uma ordem tradicional, havia ritos de passagem e transições claramente definidas, como da passagem da infância para a adolescência e desta, para a vida adulta

Hoje ser jovem, adulto, criança ou idoso parte também de uma construção pessoal, na qual os indivíduos podem escolher entre determinados referentes de identificação ofertados pelos sistemas de representações para configurar suas identidades. É o que observamos quando elas colocam, à exceção de Maria, a velhice como um sentimento ou estado, capaz de ser manejado de acordo com as atitudes e vontades. Aqui, o “eu” se torna um projeto reflexivo de responsabilidade do indivíduo: basear-se nos referentes tradicionais em relação ao que se é adulto, criança ou idoso já não é suficiente para definir-se, sentir-se pertencente como tal. As identidades não são mais configuradas pelo que se é, mas sobretudo pelo que se faz para ser quem se é.

O indivíduo se torna responsável pelo desenho de seu corpo e, em certa medida, obrigado a fazê-lo, visto que é através do corpo que a construção da auto-identidade se torna possível. A mudança, como resume Giddens, está no fato de que

O corpo não pode mais ser meramente “aceito”, alimentado e enfeitado segundo o ritual tradicional; torna-se parte central do projeto reflexivo da auto-identidade. Um cuidado continuado com o desenvolvimento corporal em relação a uma cultura de risco é assim uma parte intrínseca do comportamento social moderno (GIDDENS, 2002, p.195)

Nesse sentido, as teorizações de Giddens confluem com a ideia de Debert (1999a) sobre o processo de reprivatização da velhice, na qual o envelhecimento é uma tarefa individual que pode e deve ser superada através da adoção e manutenção de estilos de vida adequados.

Para as entrevistadas, o cuidado de si é realizado principalmente através de trato com a aparência e saúde e engajamento em atividades motivadoras. Delas, a única que relata ter problemas um pouco mais graves de saúde é Vânia. Ela tem diabetes e apresenta um quadro de depressão que se desenvolveu após a morte de seu filho e esposo. Toma remédios para o controle da patologia e relata que desde cerca de um ano tem se sentido melhor. O desenvolvimento da depressão também está presente nas vidas de Tarsila, Dani e Célia. Carmen é a única que relata não enfrentar nenhum problema de saúde. Considera-se uma pessoa saudável e nunca precisou ir ao hospital para o trato de enfermidades.

Todas costumam ir ao médico com regularidade e contam com o sistema público de saúde para se cuidar, indo aos postos de seus bairros. Vânia, Maria e Dani têm planos de saúde particulares, mas costumam utilizá-los apenas em situações mais graves, como foi a ocasião da doença de seus maridos. Para o monitoramento mais cotidiano dos cuidados com a saúde, também vão aos postos de saúde. Relatos sobre a dificuldade de levar uma vida com qualidade na velhice são comuns entre as entrevistadas. O alto valor dos medicamentos e dos alimentos e a necessidade de arcar com os custos domésticos fazem com que a pensão ou aposentadoria muitas vezes não seja suficiente para o sustento. Vânia, Tarsila, Maria e Célia comentam das dificuldades em manter uma boa saúde, pois os remédios são muito caros e a assistência aos idosos, escassa. Dani, por ganhar pensão do seu falecido esposo e ainda trabalhar, diz não sofrer tanto essa dificuldade. É o caso também de Carmen. Ainda trabalhando no cuidado de seus netos e com uma boa saúde, consegue manter-se sem problemas.

A prática de exercícios físicos é um ponto comum entre as entrevistadas. A exceção de Maria, que não faz exercícios por conta de uma dor na perna, todas costumam caminhar e

fazer aulas de ginástica ou fisioterapia. Vemos a importância dessas atividades para suas vivências. Realizá-las é para elas um modo de considerarem-se ativas, fugindo ao modelo dominante de velhice em sociedade.

Para Dani, as caminhadas são uma maneira de espairecer e esquecer os problemas: “Eu gosto muito de caminhar. Tem uma coisa, Se eu fico em casa sozinha, muito tempo sozinha me dá aquela ansiedade, aquela coisa. Quando começa a me dar aquilo ali eu pego e vou caminhar. Quando eu volto não tenho mais aquilo” (Dani).

A dança também é uma atividade realizada por algumas delas, a exceção de Maria e Celia. Vânia, Dani e Carmen costumam ir semanalmente a bailes de CTGs e clubes da cidade, variando a frequência de uma até três vezes por semana. Mais do que um exercício, a dança se mostra um prazer, uma forma de lazer pela qual todas têm apreço. Carmen é a que há mais tempo frequenta os bailes, desde o tempo em que divorciou-se, quando tinha 36 anos. Para Vânia e Dani é uma forma de lazer mais recente, que frequentam há cerca de um ano. Tarsila faz desde 2002 aulas de coreografia e dança de salão em um grupo na UFSM, mas não costuma frequentar bailes devido ao estado de saúde de seu marido, pois não se sente a vontade de sair sem ele.

Todas dizem gostar de se cuidar e ir ao salão de beleza com regularidade. Para Vânia e Dani, parece ser um cuidado adotado há menos tempo, especialmente depois do falecimento dos seus maridos. Vânia tem aplicação no cabelo e sente muita vontade de pintá-lo, mas não pode, pois é alérgica a tinturas. Para contornar a situação, costuma pintar seu cabelo com grafite para ir aos bailes. A compra de produtos de beleza, para tratar a pele o cabelo, assim como de roupas são uma atividade bastante frequente na vida de Vânia. Ela diz que adora ir a lojas comprar roupas e que muitas vezes sente que o gasto seria desnecessário.

Dani também costuma ir ao salão de beleza com regularidade para cortar e pintar o cabelo. Para arrumar as unhas ou cuidar-se em casa, conta com a ajuda de sua neta. Revela adorar comprar produtos para cuidar a pele e o cabelo, como creme para as mãos, para o rosto, para o cabelo e esmalte. Quando casada, são cuidados que adotava muito pouco, pois seu marido não deixava. Caracteriza o ciúme do marido como doentio. Ele não permitia que Dani maquiar-se no dia-a-dia, passar batom ou usar pó ou cuidar da pele. Hoje ela sente prazer de se arrumar.

A ida regular ao cabeleireiro também é comum para Tarsila. Ela pinta seu cabelo e costuma arrumar as unhas em casa. Gosta de maquiar-se no dia-a-dia e costuma usar com regularidade cremes para o rosto e o corpo. Arrumar-se é algo que Carmen aprecia bastante. Em um dos nossos encontros, ao comentar sobre aparência, ela relatou ficar de mau humor

quando precisa sair de casa rápido, sem poder escolher a sua roupa e maquiar-se com calma. Ela vai ao cabeleireiro mensalmente para tingir, cortar os cabelos e arrumar as unhas. Também gosta muito de utilizar produtos para a pele e o cabelo, como cremes e perfumes, e de utilizar adornos como colares e brincos.

Maria e Célia mostraram-se menos preocupadas com o cuidado corporal. Elas têm cabelos brancos e relatam não ter vontade de pintá-los, apesar da insistência de seus filhos e amigos. Dizem que se sentem bem assim e não querem realizar intervenções nos seus corpos.

Vemos que o manejo corporal feito pelas entrevistadas se dá principalmente no que Breton (1996) mencionou como sendo os aspectos mais maleáveis da aparência: cor do cabelo, trato das unhas, modo de se vestir, pentear-se e maquiar-se. Nenhuma delas já realizou intervenções que transformem aspectos mais constitutivos de sua aparência. Para Carmen e Dani isso é um desejo. A primeira gostaria de realizar uma plástica para suavizar um pouco as rugas de expressão em seu rosto.

Ah, eu gostaria de fazer aquela que eu te falei, uma plástica bem pequeninha assim pra tirar os pés de galinha. Essa eu quero ver se faço. Essas coisa que a gente aproveita pra arrumá, né. Por causa da idade que a gente tá. Se eu tivesse assim mais dinheiro eu já tinha feito. Eu já tinha ajeitado minha pele. Isso que é meu sonho, que eu gostaria de fazer. E isso eu ainda vou fazer um dia, se deus quiser (Carmen).

Já Dani gostaria de tirar a gordura da barriga, “ficar uma moreninha bem magrinha”. Tarsila diz que não sente vontade de alterar sua aparência mais drasticamente. Quando perguntamos se ela sente o desejo de realizar intervenções estéticas, sua resposta foi bastante contrária à esboçada por Carmen:

Sabe, eu não sei se eu tô sendo meia... mas acho que se fosse pra mim fazer essas... não. eu quero envelhecer assim. Não quero... acho que nem que eu tivesse dinheiro, talvez se eu tivesse dinheiro fosse achar que precisa, sei lá...mas... eu tô bem assim, eu me sinto bem assim. Eu não sei, eu gosto de mim assim (Tarsila)

Quando questionamos sobre se haveria algum cuidado com a saúde ou a beleza que não adota, mas gostaria de adotar, as respostas também se situaram no nível de cuidados mais brandos. Vânia gostaria de fazer uma massagem e ir com mais frequência ao salão de beleza:

Tem muita coisa que eu gostaria de fazer e não consigo, não posso. Eu queria assim fazer uma massagem no corpo, não posso. Aquelas massagem que a gente faz, né. Só tenho vontade. E... mais seguido no instituto de beleza. Eu gostaria de ir. Arrumar o cabelo, arrumar a pele. Mas tudo uma coisa assim que regule com a minha idade, né. Não vai querer ser novo. As vezes ele [seu companheiro] me diz “É, porque acho que aquilo ali fica bom

pra ti”. E aquilo ali é pra jovem. Não é pra mim. Às vezes ele vê um vestido bonito, um sapato de salto bem altinho. Eu digo não, pra minha idade... (Vânia)

Tarsila também gostaria de ir mais frequentemente ao salão de beleza, principalmente para fazer uma limpeza de pele. Devido aos poucos recursos financeiros, não se trata atualmente de uma possibilidade em sua vida. Dani também cita a limpeza de pele como um cuidado que gostaria de ter. Maria e Célia disseram-se satisfeitas com os cuidados que mantêm.

Nenhuma delas revelou ter vontade de mudar drasticamente a aparência ou retardar de forma extrema os sinais do envelhecimento. É provável que isso se relacione com sua origem popular, em que intervenções mais drásticas no corpo não são bem vistas ou visadas, muito devido às necessidades imediatas que as impedem pensar nesse investimento. Parece que o cuidado com a aparência em suas vivências toma outras feições, de uma “preocupação ética consigo” (COSTA, 2004), capaz de ampliar seus horizontes de realização pessoal e ser uma dimensão importante na construção cotidiana que fazem de si mesmas, como mulheres e idosas.

Percebemos esse movimento especialmente em relação a Dani e Vânia, mulheres que há poucos anos atravessaram uma mudança bastante significativa de vida advinda com a viuvez. Nesse período, elas colocam o cuidado com a aparência como essencial para elevação da autoestima, melhoria do quadro depressivo e realização pessoal. Vânia comenta que faz cerca de um ano que está se cuidando, se divertindo e se arrumando. Comenta que antes não gostava de se arrumar e que, devido ao quadro depressivo, não tinha vontade sequer de tomar banho. Hoje a situação é diferente:

Tem... tem vezes que eu me arrumo e as vezes saio, as outra ficam me olhando, aí às vez me dá aquela coisinha assim. Me dá um... assim, o que elas devem ta pensando comigo? Aí eu converso com o vizinho da frente e ele me diz “como a senhora mudou, né Dona Vania? A senhora não era assim!”. Aí eu digo “pra melhor ou pra pior?” e ele ri de mim. Acho que eu era um pouquinho atiradona. Eu sinto... logo que eu perdi eu fiquei bem pra baixo também, depois que eu peguei de me arrumá. E eu to me sentindo bem (Vânia)

Essa mudança também é relatada por Dani. Durante o casamento, seu marido não gostava que ela se arrumasse, a proibia. Atualmente ela vê no cuidado com a aparência um modo de tecer novos significados para si:

Depois que eu fiquei sozinha eu gosto, sabe... antes eu não gostava, achava tão feio. E ele não me deixava também... Agora não, o mais que eu puder me

arrumar eu me arrumo. A roupa eu gosto de botar adequada ao sapato, se eu vou botar um sapato preto tem que botar uma roupa preta. [...] Gosto muito de rosa. Esses dias eu fui pro baile com uma calça preta, um sapato preto e uma camisa rosa forte. Esses dias eu encontrei um cara que eu conheço desde pequena, ele olhou pra mim e disse assim “da onde vem essa linda morena?”. Ah, do baile... Ele deu risada olhou pra mim e disse “que morena linda, hein?”. Ele me disse assim, “pena que eu não sou sozinho, se eu fosse sozinho eu dava uma chegadinha lá”. Eu disse assim, “tu ta louco? Tu vai criar vergonha nessa cara, hein!” (Dani)

As receptoras endossam parcialmente o processo de reprivatização da velhice. É o que nos dizem quando afirmam que velhice não é uma questão de idade, mas sim de sentir-se ou não velho ou quando mencionam os idosos que admiram: são pessoas que não se entregam, não se deixam abater e constroem individualmente significados que fogem às concepções hegemônicas da velhice. Aqui a construção de uma boa velhice é individual, baseada principalmente no engajamento em atividades motivadoras. Essa construção não abre espaço para problematização dos fatores estruturais para um bom envelhecer, raramente mencionados por elas durante a pesquisa.

A adesão é parcial porque não é um processo que descambe necessariamente para a corpolatria ou negação radical do processo do envelhecimento. Todas se consideram idosas. Essa foi uma questão importante no percurso da pesquisa. No intuito de entender como elas significavam a velhice e se se enquadravam ou não nesse período da vida, optamos por *a priori* não denominá-las como idosas. No primeiro contato, a proposta apresentada era de participação em um trabalho sobre o entendimento da telenovela por mulheres acima dos 60 anos. A velhice abordamos apenas em um momento posterior, por volta do terceiro ou quarto encontro. Nesse ínterim, suas menções à velhice como uma condição em seus contextos de vida vinham quase que naturalmente, perpassavam as nossas conversas.

Elas consideram que envelhecer é uma conquista e declaram sentir-se bem com suas idades. Contrariamente à matéria jornalística do jornal *El País* que apresentamos no capítulo II, elas não consideram que velhice é o mesmo que doença e veem as suas enfermidades como resultado de um processo natural da vida, não como resultado do descuido ou desleixo pessoal.

Contudo, quando a velhice se tornou o foco de nossos encontros e as incitamos a dar opiniões sobre esse período da vida, suas percepções pareceram quase que paradoxais. Se no decorrer das conversas elas não tinham problemas em se situar na velhice, como idosas ou

pertencentes à “terceira idade”, quando perguntamos diretamente se consideravam-se idosas, as respostas foram, a exceção de Maria, negativas:

Ai, tenho até vergonha de dizer. Eu não. Não me sinto idosa (Tarsila)

Idoso é uma pessoa que para tudo... eu pra mim é assim. Agora eu não sei assim, eu vou te falar a verdade, eu não me sinto idosa. Eu me sinto uma pessoa muito alegre, disposta... cresci na vida, aprendi muita coisa na vida... Ah, vou dizer uma coisa, eu gosto muito de ajudar os outros. Adoro, adoro. (Dani)

Eu adoro a minha idade. E em agosto eu já fecho 64, né? Eu adoro. E eu não me acho que eu sou velha. Eu gosto da minha idade, eu sou assim, parece que eu nunca fiquei velha. Sou assim como eu nasci, quando eu era criança. Não mudou nada. (Carmen)

Olha, vou ser bem indiscreta. Eu me sinto nova, eu não me sinto a idade que eu tenho. E eu vou fazer 65 agora. Mas eu não me sinto dessa idade que eu tenho [...] Olha, eu conversei com uma amiga hoje e eu achei que ela já ta velhice. E ela é bem mais moça do que eu, por causa desse jeito dela. Ela ta bem, bem, bem, bem pra baixo. Ta enrugada, enrugada, toda enrugadinha. Até o jeito, ela ta bem encolhida assim, ó. Ela ta bem, bem... aquilo pra mim já é velho. Ela não sai, não passeia. Acho que nem gosta de sair assim. Não gosta de passear, ela ta bem atiradona. [...]. Eu não me sinto como uma velha. Os meus netos que me dizem, vó, tu é uma velha, uma senhora velha [risos]. Eu tenho que me rir deles. Eles dizem, vó, tu é uma senhora ,né? É, eu sou uma senhora. Mas velha! E tu não sabe que velho é trapo? (Vânia)

Ah, eu me sinto bem. Tem gente que reclama. Eu não sou velha. Sou velha na carcaça, mas. Eu me sinto assim, né. Ah, eu queria ter mais saúde pra trabalhar mais. Eu não posso fazer grande coisa por causa da minha saúde, do meu braço, minha perna, eu não posso fazer mais. Esses dias eu fui limpar minha casa, fui limpando devagarinho. Mas a gente tem que se cuidar, né. Eu gostaria tanto de trabalhar mais na Igreja, mas não posso. É a perna, o braço estragado. Mas isso aí não me... enquanto eu puder conversar e dar risada! (Célia)

Suas representações sobre a velhice são muito estigmatizadas, sempre com ênfase nos problemas desse período da vida. Identificar-se com elas é assumir um quadro dramático de degenerescência e perdas. Para elas, velho é trapo, usa fralda (Vânia), é dependente dos outros, carcaça (Célia), se entrega (Carmen), é doente (Dani) e começa a esquecer das coisas (Tarsila), dentre outros adjetivos negativos falados por elas durante nossas conversas.

Há um descompasso importante entre percepção da velhice e suas vivências. Na vivência, elas não negam envelhecer e consideram-se idosas. Por outro lado, suas percepções assinalam um quadro dramático de perdas e de proximidade com a morte, do qual buscam

escapar construindo sentidos mais positivos da velhice para si a partir do engajamento em atividades e adoção de certos cuidados. O velho torna-se sempre o outro (MESSY, 1999).

As representações dominantes da velhice têm tamanha força que na vivência pessoal a única maneira de escapar desse cenário aterrador é transferir a velhice para outrem e enfatizar o poder de ação individual, tido como o meio para desviar da velhice decrépita e sem perspectivas. Contudo, entre o ideal posto e a vivência concreta (marcada também por dificuldades e perdas a despeito da motivação e vontade individual), há diferenças que as fazem tensionar os sentidos.

Se por um viés buscam os valores juvenis, por outro se consideram idosas; se por uma perspectiva enfatizam o poder de ação individual, por outra envelhecem e percebem que não é possível ter o controle sobre um processo de ordem biológica; se por um lado evitam a velhice doente e decrépita, por outro tentam construir uma velhice diferente para si.

A ausência de representações sociais da velhice que a enquadrem em predicados mais positivos permeia suas concepções e práticas. A velhice que Vânia, Tarsila, Carmen, Célia, Maria e Dani constroem através do cuidado com a aparência e o engajamento em atividades motivadoras é outra, que não adere radicalmente ao ideal da juventude e rejeita as concepções dessa etapa pautada essencialmente por perdas, mas também enfatiza o poder de ação individual e a possibilidade de controlar a velhice.

5.2.3 Vida afetiva e sexualidade

Das entrevistadas, Tarsila é casada, Vânia, Dani, Célia e Maria são viúvas e Carmen é divorciada. Vânia e Carmen possuem relacionamentos estáveis, a primeira há 10 meses e a segunda, há 6 anos. A única que relata ter um relacionamento pleno e feliz atualmente, entre elas, é Carmen. Separada desde seus 36 anos por causa de uma traição do marido, ela está há seis anos com seu atual companheiro. Carmen diz que eles se dão muito bem, gostam de sair para dançar juntos e de namorar. Os dois conheceram-se em um baile. Não moram juntos, mas ele costuma freqüentar a sua residência.

Tarsila, a única das entrevistadas que é casada, passou por um momento de transição no relacionamento com o adoecimento de seu marido. Ela assumiu o papel de sua cuidadora, visto que as seqüelas do derrame geraram certas limitações físicas. Comenta que hoje a situação já está mais apaziguada, visto que seu marido está mais acostumado com a doença.

Dani e Vânia estão viúvas há cerca de três anos. Para Dani, o dia em que conheceu seu marido e a ocasião de seu casamento foram dois dos acontecimentos mais marcantes de sua vida:

Quando eu conheci o meu marido foi um momento muito marcante. Foi uma coisa assim muito legal, muito boa. Segundo foi meu casamento... bah, tá louco, eu vestida de noiva... queria desde criança aquilo, né? Botar aquele vestido, botar aquele véu e aquela grinalda... dizer sim na frente do padre foi muito marcante (Dani)

Dani comentou algumas vezes durante as entrevistas que seu casamento “Começou um mar de rosas, mas terminou uma flor de espinhos”. Ela lembra o período inicial de seu casamento, quando morava em Cachoeira do Sul com o marido, como um dos mais felizes do relacionamento, pois não tinham muitas obrigações, ainda não tinham filhos e podiam sair todo o final de semana para passear. O marido era um dançarino exemplar e a ensinava, para que pudessem aproveitar juntos os bailes. Com o tempo, contudo, ele começou a beber e tornou-se violento, agredindo-a fisicamente. Apesar da situação de sofrimento, ela nunca pensou em se separar:

Eu passei de tudo um pouquinho. Eu tive no alto da escada mas eu não caí. Eu fui segurando ela até ficar em pé .Eu sempre dizia “Jesus vai me ajudá que eu vou chegar no pé dela e não vou me deixar cair, não vou cair”. E toda a doença dele eu que cuidei ele, até o último momento no hospital. [...] Todo mundo dizia assim, né. Até o meu irmão me disse, “porque tu não te separa?”. E eu disse que não. Porque quando eu me casei eu disse pro padre, “até que a morte nos separe”, e eu não vou quebrar essa palavra. “E tu vai ter coragem, né” Eu disse, tenho, porque Deus... eu respondi na frente do padre. E eu não me arrependo. Esses dia uma mulher me perguntou se eu não fico com ódio no corpo, ele me xingava, eu apanhei... fez de tudo, tudo, mas eu não desisti da batalha. Esses dias uma mulher perguntou se eu não sentia ódio e eu disse que não, que eu me sentia muito feliz! Porque eu cumpri minha ação, não desisti dela na metade do caminho, fiquei até o final (Dani).

O marido adoeceu em consequência do abuso de álcool, desenvolveu diabetes e ficou doente por cinco anos. Durante todo o tempo Dani cuidou dele, esteve ao seu lado. Sente-se feliz por ter cuidado dele até o fim e pensa que não se sentiria bem consigo caso tivesse desistido no meio do caminho: “Na minha cabeça se eu desistisse na metade do caminho eu acho que seria uma coisa que faltou em mim, entendeu? Eu acho que pra mim faltaria, né? Eu não desistiria” (Dani). Dani não está namorando ninguém. Há anos conversa com um “amigo”, com quem quase iniciou um relacionamento. Contudo, descobriu que ele era casado e não quis seguir adiante.

Vânia diz que seu relacionamento com o marido era muito bom. É também a percepção de Dani em relação ao casamento da amiga: “Se o meu marido tivesse sido metade do que o da Vânia foi... ta louco!” (Dani). Diz que ele sempre foi um bom pai, marido e esposo.

As entrevistadas tiveram uma educação sexual voltada ao cuidado do lar e dos filhos. A exceção de Tarsila, elas casaram-se cedo e desde então assumiram a lida doméstica. Tarsila, Vânia e Carmen, que atuaram profissionalmente durante suas vidas, contam que trabalhar não foi uma opção, mas sim uma necessidade para ajudar seus maridos no sustento do lar. Carmen, que se divorciou aos 36 anos, tinha então que sustentar seus dois filhos.

Mesmo assim, elas não veem o trabalho doméstico como um fardo e acham que é possível pra a mulher conciliar as duas esferas, doméstica e profissional. O trabalho fora é visto como um apoio ao cônjuge, não necessariamente como um desejo pessoal. Apenas Dani, que começou a trabalhar há 10 anos, tem essa percepção. Para ela, o trabalho foi um meio de fugir das agressões de seu marido em casa.

Ser mulher associa-se principalmente a atributos desenvolvidos na esfera privada: domesticidade, cuidado com a família, amor materno e amparo aos filhos. Em suas fases atuais de vida, quatro já viúvas, uma casada e a outra, divorciada, morando sozinhas e com relativa autonomia financeira, esses significados se modificam um pouco. Como veremos logo adiante, hoje elas veem o trabalho como uma possibilidade de autonomia e de contrapor-se à visão dominante da velhice.

A viuvez trouxe novos significados para a vida das entrevistadas, mesmo que indiretamente. Para Célia e Maria, a não-obrigatoriedade do cuidado da casa (como dizem, podem agora fazer as tarefas “a hora que bem entenderem”, pois não têm maridos a quem ter que deixar o almoço pronto e a cama arrumada) e do amparo aos filhos (já crescidos e com suas próprias famílias), as possibilita outras vivências, como a realização de cursos e de viagens.

Célia e Maria não desejam ter novos envolvimento amorosos. As duas usam as alianças de seus casamentos e consideram que nenhum homem poderia substituir seus esposos. O envolvimento amoroso e sexual na velhice não é visto com bons olhos por elas, pois acreditam que não seja necessário, para uma pessoa que já casou e teve um relacionamento estável, envolver-se novamente. Por vezes suas concepções pareciam endossar uma ideia mais opositiva de gênero, que põe em xeque que a realização amorosa seja essencial para a felicidade feminina. Contudo, com as entrevistas vimos que essas percepções

se relacionavam também à velhice, pois não conseguiam aceitar que idosos também quisessem começar um novo envolvimento amoroso ou ter vida sexual ativa.

A realidade de Dani e Vânia é diferente. Após a viuvez, elas estão experimentando novos envolvimento afetivos. Vânia está namorando há cerca de um ano e meio. Ela gosta de seu relacionamento atual, pois o companheiro é bastante atencioso e carinhoso consigo. Algumas vezes ela se sente muito presa por ele e tem vontade de namorar outras pessoas. Relata estar se envolvendo com outro homem e que gostaria de ter mais liberdade, apesar de gostar muito da convivência com seu namorado:

Agora eu to com aquele outro lá, acho que eu vou dizer mais umas verdade pra ele pra ver se ele se despista de mim. Eu pra mim o dia que ele disser “eu não venho mais aí” é uma felicidade que eu tenho também. Mas ele vem, me paparica bastante... é o único que eu ganho carinho é dele, né. O filho é assim, ele vem vê as panela, come alguma coisa e vai lá pra cima. Às vez vem briga ainda comigo por causa dele. Ele viu que ele tava aí ele já vem brigar comigo. E quem mais vai me dá carinho? Eu sou muito carente, se não é ele que vem aqui... Ele é muito brincão, ta sempre rindo... eu tou fazendo as lida e ele ta dançando na volta de mim... ta cantando, ta me alisando, em qualquer lugar que ele teja. Apesar que é dois carente, né? Eu sou um pouquinho carinhosa também, adoro. E é essa a vida (Vânia)

Durante o processo de entrevista, Vânia e o companheiro se separaram por motivo de ciúmes, pois ele não aceitava que ela cumprimentasse outros homens na rua. Ela se mostrou contrariada com a situação e os dois brigaram. Encontraram-se em um baile da cidade, quando Vânia começou a dançar e beijou outro homem na frente de seu ex-companheiro, que ficou transtornado. Mais tarde, ele foi até a casa dela armado e ameaçou-a de morte. Ela deu parte do ocorrido na delegacia e ficou um tempo sem o encontrar, reatando o relacionamento cerca de um mês depois. Sobre o ocorrido, entende que tem parcela de responsabilidade sobre a atitude de seu companheiro, pois lhe deu “muita confiança”, deixou que ele entrasse em seu lar e a aceitar o que ele dizia ser certo ou não, como não cumprimentar os amigos na rua ou não ir a determinados lugares que ele não considerava adequados. Ela diz gostar de seu companheiro, mas também teme se separar dele por pensar que ele pode se tornar novamente violento caso ela tome a atitude do rompimento.

Dani conta que um de seus maiores sonhos é encontrar um novo amor: “Eu sou nova, eu quero mandar muita bala ainda!”. Os novos significados e experiências de Dani em relação à sexualidade vão, certas vezes, de encontro às concepções de sua educação familiar:

D - Esse negócio de ficar beijando, transar, comigo não. E se tem muita gente também já não me beijo. Eu fico vergonha quando tem muita gente, que vão falar “Bah, olha essa mulher velha aí se beijando”, então não. Se a

peessoa quiser me beijar, tem que ser num lugar mais reservado, não no meio de gente. Se não não rola.

L –E aquela vez que um senhor lhe beijou no salão?

D – Jesus.... tá louco! Eu não gosto nem de lembrar! É que aquela vez eu tinha bebido cerveja... foi assim, eu bebi na mesa uns goles de cerveja, aí começou aquela música louca e todo mundo foi dançar. Eu peguei entrar pra dançar a música louca com o cara, aí veio uma mulher e disse “tu pega se não eu vou dançar” e eu disse “não, pode deixar que eu não vou largar dele”. [...] Foi aí que ele me disse “morena, vou te roubar um beijo” e me beijou.

L – E a senhora gostou?

D – Gostei, né. Mas foi lá naquele agito. Depois que eu vim pra casa... bah, eu fiquei com aquela coisa da cerveja na cabeça, tinha bebido umas três ou quatro cerveja acho, e eu nunca tinha bebido. [...] Daí eu bebi e quando eu cheguei em casa que tomei um banho e saiu aquele excesso da bebida, eu deitei na minha cama e pensei “Bah, meu deus, o que eu fiz da minha vida hoje?Eu fiquei louca?” Primeiro eu não devia ter ficado com aquele cara bem mais novo que eu né, que disse que ia me pegá e me beijar, e me beijou. E depois beber... [...] Ai meu deus do céu, o que que eu fui fazer. Eu nunca deveria ter bebido.

As novas vivências de Dani inserem-se no rol de transformações da velhice. Ela, marcada por um casamento penoso e uma educação familiar sexista, têm na velhice a possibilidade de novas vivências, o que muitas vezes desestabiliza seus pressupostos em relação ao gênero.

A tradicional divisão do homem atuante na esfera pública e da mulher responsável pela manutenção e cuidado do lar se verifica nas vivências das entrevistadas. Seus maridos não costumavam auxiliar na lida doméstica. Quando elas precisavam de alguma ajuda, recorriam principalmente às filhas e filhos maiores. Vânia e Tarsila, que conciliavam o cuidado do lar com a atuação profissional, contam da dificuldade de dar conta dessas duas esferas, caracterizando esse período de suas vidas como muito penoso, sofrido:

Eu tou achando bem diferente porque eu to aproveitando a vida agora. Porque eu trabalhava fora, eu deixava quatro criança em casa, pequena, sem ninguém grande. O mais veio com oito, nove anos, e o resto tudo pequeno. Eu deixei o nenezinho, pequeno, sozinho, enroladinho nos pano. Mamadeira enroladinha e ia trabalhá. Eu chegava em casa... o meu marido também saia pra trabalhar. Eu chegava em casa e ele era um pouquinho genioso, eu chegava em casa e era ele xingando porque eu cheguei tarde. Eu tinha hora pra largá do serviço. Aquilo pra mim não era vida, né. Eu tinha que dar banho no Adair que era pequeno, mudá, dá banho em todas as criança. Um achava com piolho, já tinha que lavá, cuidá.. E ele queria comida na hora. Eu tinha que fazê a comida pra ele na hora, e no outro dia eu tinha que levantá cedo. Às vezes até roupa eu lavava. Se fosse agora... se fosse agora acho que eu não agüentava (Vânia)

Eu trabalhava a semana inteira. Chegava sábado eu lavava toalha prum restaurante, eu lavava roupa pra quatro rapazes, na segunda-feira eu lavava roupa pra duas famílias... e eu trabalhava diariamente, não tinha, era de segunda a segunda. Segunda-feira eu ia lavar roupa, passar roupa, entregar roupa, eu vinha pra casa umas cinco horas e colocava a roupa de molho e lavava, que eu não tinha máquina, era tudo na mão. [...] Agora eu penso, por que que eu fiz tudo aquilo que eu fiz, podia ter aproveitado mais, né? Podia ter comprado uma máquina... não sei o que que eu tinha na minha mente que eu achava que eu tinha força, eu podia fazer, que eu podia fazer, eu tinha energia pra fazer aquilo e eu fazia, eu não parava, eu só parava pra deitar e pra dormir (Tarsila)

Para Dani, a atuação profissional surgiu como uma forma de afastar-se um pouco da violência do marido. Começou a trabalhar em 2001 e considera que o trabalho foi fundamental para manter sua sanidade física e mental. Por já ter os filhos adultos na época, não menciona dificuldades para conciliar a atuação profissional com os cuidados do lar. Quando precisou cuidar do marido doente, manteve-se empregada e contou com o auxílio dos filhos, que se revezavam no amparo ao pai.

Quando questionamos se elas percebiam muitas diferenças entre ser uma mulher jovem e idosa, suas respostas oscilaram entre apontar as perdas vindas com a velhice e exaltar os ganhos dessa etapa da vida. Para Carmen, Célia e Maria, a principal diferença é a perda de disposição, pois muitas coisas que faziam quando jovens hoje não conseguem mais fazer.

Já Vânia e Dani, que experimentam novas vivências afetivas após a viuvez, assinalaram alguns ganhos da velhice. Dani comenta que envelhecer hoje é muito melhor do que antigamente, pois os idosos têm mais possibilidades de vivências. Já Vânia ressalta que, devido ao modo que vive hoje, se sente menos “velha” do que se sentia há alguns anos atrás:

Agora? Tem. As pessoa de agora, de mais idade – velho, que seja- tem mais ocupação. Uma faz isso, outra caminha, outra vai nas reunião, elas conversa, conhece umas coisa que a gente nunca conhecia. E antigamente as pessoa mais velha ficavam só naquele local. Não tinha muita intimidade um com os outros, né. Só ficavam trabalhando ali, ali ficavam, ali ficavam, ali ficavam. As amizade entre as vizinha ali, conversavam ali final de semana, passavam a semana toda trabalhando... acabavam morrendo muito velha. Agora não, agora as pessoa idosa,, mais pela idade porque elas fazem tipo de um curso, elas se reúnem, elas conversam, uma conhece as outras, e ali vão fazendo amizade... a velhice de agora pra de antigamente é muito diferente (Dani)

Olha, eu vou ser bem sincera pra ti. Eu me acho agora parece que mais jovem que uns anos atrás. Bem, bem. Eu nunca, nunca... eu gosto, eu me acho bem, eu me gosto de mim. Quando eu saio agora. E de primeiro, não. Não... eu saia já tava louca pra voltar embora pra casa, agora eu saio e me esqueço da casa. Gosto de... esses dias eu tava dizendo pro João [companheiro], olha... se eu pudesse pedir um vestido dessa artista... a Candê, se eu pudesse escrever pra ela pedindo um vestido deles, que ela

usou, que ela botou no corpo dela pra mim, bah, que felicidade eu não andava! Ela tem um vestido que eu não gosto nem de olhar pros vestido dela, coisa mais linda! E ela muda tanto a roupa, né? É por isso que eu gosto dela! A gente vê ela numa novela e ela anda sempre trocando de roupa, e eu adoro trocar de roupa também! (Vânia)

Especialmente para essas duas entrevistadas, a velhice se configura um período de transformações e desestabilizações. As representações dominantes da velhice - presentes em suas vivências e aprendizados – se contrastam com seus próprios modos de envelhecer. O envolvimento amoroso para elas é uma via importante na construção dessas novas concepções e vivências.

5.2.4 Trabalho

O encerramento da vida produtiva com a aposentadoria e retirada do mercado de trabalho foi um dos marcos definidores da velhice durante os séculos XIX e XX. O idoso, não mais apto a produzir, aposenta-se. Com isso, concepções estigmatizadas da velhice são criadas e reforçadas. Se não produz, o velho passa a ser visto como um estorvo, um fardo para o Estado que precisa arcar com os custos de sua aposentadoria. Esse discurso foi e ainda é reiterado por parlamentares e pela mídia, em que os custos com a Previdência Social são evidenciados e colocados como um dos grandes entraves para o desenvolvimento do país.

Com o prolongamento da expectativa de vida, universalização do direito à aposentadoria e uma melhor qualidade de vida para muitos idosos, essa situação se modifica um pouco. A aposentadoria deixa de ser um demarcador tão forte da passagem para a velhice, pois após o encerramento da vida produtiva o idoso tem ainda muitos anos de vida pela frente, ressignificando as possibilidades de envelhecimento.

Em relação ao trabalho, as idosas entrevistadas apresentam configurações bem distintas: Maria e Célia foram sempre donas de casa; Vânia, Tarsila e Carmen trabalharam durante anos como cozinheira, serviços gerais e empregada doméstica (respectivamente), e Dani começou a trabalhar há dez anos como cuidadora de idosos. Além dela, Carmen ainda trabalha como empregada doméstica e Tarsila e Maria têm uma renda extra com os trabalhos manuais que fazem e vendem.

A despeito dessas diferenças de trajetórias e vivências do trabalho, a ideia de que “enquanto tiver forças, o idoso deve trabalhar” é quase uníssona entre elas. Em uma das perguntas, questionávamos se não precisar trabalhar era um benefício da velhice. Suas

respostas nos fazem pensar na valorização social do trabalho, pois o relacionam diretamente a uma vida produtiva e autônoma:

Não, não.... trabalhando é bom. Eu gostaria, eu trabalhei bastante... e gostaria de trabalhar ainda, e gostaria. Olha, pra cozinhar... uma coisa que eu não gostaria é de domestica, só pra cozinhar. Cuidar de idosos... fazer limpeza, não. Um serviço assim... (Vânia)

Não, não guria. Porque indo trabalhar tu te sente útil. E é coisa mais boa do... ai, não tem outra coisa melhor do que a pessoa levantar de manhã, tomar o seu banho, se arrumar, saber que tem um propósito, que vai trabalhar... chegar no fim do dia e vir pra casa, trabalhei. Acho que não tem outra coisa melhor (Tarsila)

A pessoa podendo trabalhar, acho que ela deve trabalhar até onde pode [...] (Célia)

É... se eu não me aposentasse agora, trabalhava até quando pudesse. Trabalhar faz bem, eu não cansei... tem gente que cansa depois dos 60. Continuo, biscatinho aqui, faço uma limpeza ali... a gente se sente bem de trabalhar. Enquanto a gente tem perna e mão a gente tem que trabalhar, pra não ficar em cima de uma cama. Coisa triste assim ta em cima de uma cama, querer fazer uma coisa e não poder, né. Não quero que aconteça isso pra mim, nem pra mim nem pros outros (Carmen).

Eu acho que sim. A gente já trabalhou tanto quando era novo, né, que quando chega uma certa idade tem que se aposentar e parar de trabalhar. Mas a gente sempre tem que ta fazendo alguma coisa, né, não ficar atirado pensando só. Que ta aposentado a gente tem que ta trabalhando pra ter mais agilidade assim, né. Que a pessoa que se aposenta e ah, sou aposentado, vou ficar só em casa gozando da minha aposentadoria. Mas eu acho que isso ta errado, tem que fazer uma atividade pra desenvolver e não ficar parado (Maria).

A fala acima, de Maria, expõe um viés importante para pensar no significado dessas percepções. Por mais que inicialmente concorde que a retirada do mercado de trabalho é um benefício da velhice, depois ela assume um outro posicionamento: por mais que esteja aposentado, é importante que o idoso trabalhe “pra ter mais agilidade”, que é errado apenas aproveitar a aposentadoria em casa e ficar parado.

A valorização do trabalho parece estar aliada à perspectiva do envelhecimento ativo, que defende a importância de o idoso estar engajado e motivado em sociedade para um bom envelhecer. Torna-se também um modo de se contrapor às representações sociais do velho senil e caquético: ter força e disposição para trabalhar torna-se sinal de autonomia e vigor.

Precisamos nos questionar se esse discurso de “trabalhar até onde os braços fatigados agüentarem” não está diretamente ligado à efetividade de uma ideologia do desempenho bem

propícia ao neoliberalismo, em que os indivíduos são responsáveis por seu sucesso e felicidade. O que levaria Tarsila, senhora de 69 anos, já sem forças para limpar a própria casa e com uma trajetória de trabalho bastante penosa, dizer que se pudesse, ainda estaria trabalhando? Será mesmo sua vontade de estar no ambiente de trabalho, ou não seria a associação do papel de trabalhador para sua valorização social?

Se um bom envelhecer é responsabilidade individual, o trabalho para as entrevistadas é uma via para concretizá-lo. Além disso, é importante ressaltar que a aposentadoria, nas classes populares, nem sempre é sinônimo de descanso e tranquilidade. O valor pago mensalmente não é suficiente para dar conta das demandas da velhice: remédios, médicos, uma alimentação mais saudável e a realização de exercícios físicos muitas vezes extrapolam as possibilidades de orçamento. Tarsila relata passar por dificuldades com a aposentadoria. A situação de Dani, Vânia, Célia e Maria é distinta: com a morte de seus esposos, elas passaram a receber pensões que complementaram a renda do lar. Além disso, a realização de trabalhos informais ainda faz parte de suas vidas e ajuda a complementar a renda.

Mesmo as receptoras que nunca trabalharam fora de casa (Maria e Célia) consideram que a atuação profissional é importante para a mulher. Maria considera que é uma ajuda muitas vezes necessária para aumentar o orçamento da casa. Já Célia diz que trabalhar pode ser muito gratificante, por mais penoso que seja aliar a chefia do lar à atuação profissional.

Quando questionamos suas opiniões sobre as mulheres dedicadas só ao comando do lar, suas respostas foram bem taxativas. Carmen acha que é a preguiça que as faz não buscar uma atividade extra, fora de casa. Dani considera que são mulheres “parasitas”, que estão desiludidas com a vida. Vânia considera “cafone” ficar só dentro de casa, sem se dedicar a outras atividades. Maria e Célia têm visões mais positivas, provavelmente por suas vivências como donas de casa. Maria gosta de ser dona de casa e Célia diz que, quando não trabalha fora, a mulher tem obrigação de cuidar e manter o lar.

Para as que tiveram alguma atuação profissional, a restrição ao espaço doméstico parece ser uma espécie de encarceramento. Pela perspectiva da velhice, ficar em casa é aderir às representações dominantes do velho apático e inerte. Pela questão de gênero, vai de encontro à liberação feminina da velhice que elas experimentam com a viuvez e assunção da chefia do lar. Por mais que vejam o cuidado do lar como uma forma de autonomia, elas não desejam restringir-se à esfera privada e consideram que um novo relacionamento amoroso sério implicaria em assumir novamente o papel de cuidado da casa, algo que elas não parecem dispostas a arcar.

6 ENVELHECENDO COM A TELENOVELA

6.1 O UNIVERSO DA RECEPÇÃO

O pequeno e portátil aparelho de TV, carregado por entre as peças de casa; a primeira televisão comprada e guardada de lembrança; as conversas travadas sobre os capítulos; as tramas, personagens e atores de preferência; os sonhos e reflexões suscitados pelos programas assistidos: foram essas algumas das questões levadas em conta quando investigamos a interação cotidiana das receptoras com a telenovela. Seus distintos modos de ler, as preferências e os sentidos compartilhados pela recepção conformam a dimensão da ritualidade.

O rádio e a televisão são os meios de comunicação mais consumidos, confirmando o que a pesquisa realizada pela fundação Perseu Abramo diz em relação às pessoas acima dos 60 anos. Independente da classe, entre os pesquisados, 93% revela ter na televisão sua primeira fonte de lazer e em segundo lugar, com 80%, o rádio (NERI, 2007).

Talvez a importância da TV e do rádio em suas vivências possa ser relacionada à origem rural da maioria delas (Dani, Vânia, Célia e Tarsila), conjugada ao baixo nível de escolaridade que possuem. Esses meios são preferidos em relação à leitura de revistas, jornais e livros. Tarsila, Dani e Maria comentam gostar de ler. Delas, apenas Maria relembra e cita nomes de livros e autores. As outras não recordam de obras, autores ou gêneros de sua preferência, mencionando apenas que “lêem de tudo”. Para as outras entrevistadas, a falta de hábito e os “olhos cansados” para as páginas foram alguns dos motivos dados. Nenhuma das receptoras, a exceção de Maria que têm assinatura da revista *Seleções*, assina ou compra jornais ou revistas para ler. A filha de Maria assina um jornal local e repassa diariamente para a mãe olhar. O hábito de leitura de livros é presente nas vidas de Tarsila, Maria e Dani, que costumam pegar emprestado com suas amigas e conhecidas. Entre os títulos, os escolhidos são principalmente os romances, livros de autoajuda, espíritas e *bestsellers*. Parece-nos que o contato com a TV e o rádio é mais próximo: dos atores, apresentadores, emissoras e programas elas recordam e os citam com mais facilidade.

O rádio é um meio de comunicação importante em suas vidas, seu companheiro cotidiano, que lhes acompanha enquanto realizam as atividades domésticas. Tarsila, Maria e Célia têm uma relação menos estreita com a programação radiofônica, costumando escutá-la mais pela manhã. As outras entrevistadas raramente desligam o rádio, costumam deixá-lo sintonizado durante todo o dia. Na programação, a emissora mais citada é a *Santamariense*, seguida de *Medianeira*, *Guarathan* e *Imembuí*. O que elas procuram no rádio são informações, notícias e ouvir as músicas que gostam.

Tarsila comenta que desde criança gostava muito de ouvir rádio, especialmente o programa *A Voz do Brasil*⁵¹: a voz do locutor e as notícias chamavam sua atenção, à ponto de sua mãe perguntar o porquê de ela não estar na rua, brincando com as outras crianças, ao invés de ouvindo a programação radiofônica. As radionovelas são lembradas por Dani e Carmen: costumavam escutá-las quando eram ainda jovens, com suas famílias em casa.

O aparelho de televisão, só adquiriram quando constituíram seus próprios lares, já casadas. Carmen lembra ter ganhado sua primeira TV do marido, um aparelho grande, marca “Colorado”, quando o primeiro filho tinha dois anos de idade. É também a lembrança de Dani e Vânia: já com os filhos nascidos, tiveram a possibilidade financeira de adquirir o aparelho. Tarsila assistiu aos primeiros programas ainda criança, quando começou a trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família na cidade onde morava. Sobre esse tempo, ela relata:

Na década de 1960 e nós morava no interior ainda... e tinha os conhecido, as pessoa que conheciam a família e iam buscar os filho, sabiam da família, né, que era uma família de pessoas boas, pessoas de confiança, pessoas honesta, e iam buscá pra trabalha. Aí eu tinha 10, 11 anos e a gente vinha trabalhar, aí que eu conheci televisão. Eu fazia, corria, terminava meu serviço bem ligeiro, aí diziam assim “vem olhar, vem olhar”. Aí eu olhava, né. Ah, eu gostava muito. Só que assim, a gente não podia comprar, não podia, né (Tarsila)

Foi em 1979 que adquiriu seu primeiro aparelho: uma TV à bateria, na qual gostava de assistir aos noticiários, telenovelas e especialmente filmes no domingo, com a família reunida. Ela tem o aparelho até hoje, guardado em uma “caixinha” em casa, como lembrança da primeira televisão da família. Seu desejo de adquiri-la desde o primeiro contato com a programação televisiva era compartilhado, quando jovem, com a mãe de criação. Ela rememora um pouco de suas conversas:

⁵¹ A *Voz do Brasil* é um noticiário radiofônico público, que vai ao ar diariamente em praticamente todas as emissoras de rádio aberto do Brasil, às 19h, horário de Brasília. É o programa de rádio mais antigo do país.

Eu pensava “ah, um dia ainda eu vou ter uma televisão, vou trabalhar pra comprar uma televisão”. Aí ela dizia pra mim “ah, mas como tu gosta de pensar alto!” E eu dizia “Mas é bom, né, mãe, é bom ter uma televisão. Imagina eu trabalhar, chegar de noite, sentar e poder olhar uma televisão, não é bom isso?” E ela dizia, “é bom” (Tarsila)

Hoje a televisão faz parte da rotina de Tarsila e do marido. Sempre que chegava em sua casa, o aparelho estava ligado na TV Globo. Ela recentemente comprou uma TV nova, pois a sua antiga estragou e ela comentou que precisava de outra, pois era a única diversão de seu marido, debilitado em função do derrame. Os dois assistem aos programas juntos, inclusive às telenovelas.

A novela faz parte da vida de Maria e Célia antes de adquirirem a televisão, através das revistas e do rádio. Célia começou a acompanhar as tramas pelas fotonovelas, que seu marido trazia da cidade. Diz que começou a ler e pegar gosto pelas histórias. Ela também costumava ouvi-las no rádio: Célia e Maria lembram de reunir a família e os vizinhos em volta do aparelho para acompanhar as tramas. Célia conta que chegava a escutar 9 novelas por dia quando era jovem, enquanto fazia a lida doméstica.

Eu me casei com 16 anos... e quando dava Irmãos Coragem... nós morava lá em São Pedro, lá fora. Que eu me lembro que dava às duas da tarde. Eu varrendo os terreno com o radinho perto, escutando a novela. E depois nós fomo pra São Pedro... e tinha a vizinha, nós morava numa casa grande e era repartido. E ela era doente, ela era, por novela. Mas aquilo eu me apeguei, sabe? Com as novela, porque nós assistia. E daí o meu marido trabalhava com bateria, e aas vezes apagava a luz! Menina, aquelas mulher iam tudo correndo lá pra casa, porque nós botava a bateria no rádio pra escutar. Eu chegava a escutar nove novela! Acredita, ia fazendo meu serviço... mas o rádio não atrapalhava pra fazer o meu serviço. Tinha Direito de Nascer, que... eu já nem me lembro mais da história, só lembro bem do nome da novela agora. E passava às 9h30 da noite. Aí nosso quarto a gente dividia uma parede. E daí nós ia deitar [...] Aí chegava na hora que ia começar a novela, ela pegava o chinelo e batia, batia pra mim deitar na hora... aí eu ligava o rádio pra ouvir a novela. E tinha às 9h, às 8h, de manhã, de tarde.. e assim se ia (Célia)

Na televisão, também só passaram a assistir depois do casamento, pois tiveram condições financeiras suficientes pra comprar o aparelho. Os maridos de Célia e Vânia não gostavam que elas assistissem às tramas, mas elas não lhes davam ouvidos e sempre “deram um jeito” de acompanhar.

Hoje em dia, todas têm na televisão um meio de manterem-se informadas e de distraírem-se. O número de televisores e as horas de assistência à programação por cada uma

delas é variado. Elas passam de 1h a 7h diárias com a TV ligada, seja acompanhando os programas, seja deixando o aparelho “conversar” na casa.

Vânia conta com dois aparelhos em casa, um em seu quarto e outro na cozinha. Costuma assistir à televisão mais no quarto, sozinha ou na companhia de seu companheiro. Tarsila tem uma TV, situada na sala da casa, onde costuma assistir com seu marido. A casa de Carmen também conta com um aparelho, pequeno e portátil, que costuma carregar para a peça da casa onde sente vontade de assistir. Célia tem três aparelhos, na sala, cozinha e quarto. Assiste aos programas sozinha ou às vezes na companhia da sua vizinha da casa dos fundos. Maria conta com dois televisores, na sala e em seu quarto, e costuma assistir à programação sozinha. A residência de Dani é a mais equipada: tem quatro aparelhos: um em seu quarto, um na cozinha, outro no quarto do filho e outro portátil, usado principalmente quando deseja assistir à programação na sala da casa. Seu local preferido de assistência é o quarto, onde costuma ver sozinha os programas. Mais do que o tempo despendido na assistência ou o número de aparelhos, importa observar o significado social que esse tempo assume na vida das receptoras, que tipo de relação elas estabelecem com a telenovela (MARTÍN-BARBERO, 1992).

De início, as formas de assistência da TV pelas entrevistadas nos incitam a problematizar a visão tradicional da recepção nas classes populares, cuja assistência compartilhada da TV seria um dos traços marcantes. A escassez de recursos materiais, a precariedade de opções públicas de lazer aliadas a um ambiente de alta sociabilidade, levaria os mais empobrecidos a compartilhar mais a assistência das tramas com a família. A única a seguir esse comportamento é Tarsila. Ela assiste às novelas com seu marido e às vezes com os netos e filha, que moram na casa ao lado. As outras entrevistadas costumam ver normalmente sozinhas, em meio às atividades domésticas, trabalhos manuais e antes de dormir.

Possivelmente essa seja uma característica mais específica da recepção na velhice. As transformações que atravessam esse período da vida também mudam os modos de entender a recepção na dinâmica familiar. A saída dos filhos do lar e a mais freqüente viuvez das mulheres idosas (que geralmente vivem mais que seus maridos) faz com que muitas delas residam sós.

Além disso, para as mulheres acima de 60 anos, que acompanharam o surgimento e explosão dos meios de comunicação massivos, a TV é um companheiro cotidiano, prestigiado diariamente. A audiência naturalmente varia de entrevistada para entrevistada, mas mesmo aquelas que têm uma assistência mais esparsa, no caso desta pesquisa, costumam ser fiéis a determinados programas e horários, como a telenovela. Elas oscilam entre manter uma

audiência mais focada nos programas (Maria, Célia, Dani e Carmen) e combiná-la com outras atividades, como trabalhos manuais e lida doméstica. Em alguns momentos, a chegada de visitas em casa na hora da novela era alvo de reclamação, pois, mesmo que quisessem assistir junto, as entrevistadas tinham que dar atenção às pessoas e não podiam ater-se às tramas.

A assistência hoje individual e contínua da telenovela não invalida a importância da família para pensar a recepção. Nos estudos, a dinâmica familiar é usualmente considerada uma dimensão-chave, pois, além de se constituir o primeiro espaço de socialização dos indivíduos, é o espaço cotidiano imediato de assistência da telenovela. Se hoje assistem às tramas sozinhas, são frequentes os relatos das receptoras sobre sua história de vida, em que a assistência das novelas – ou ainda das radionovelas – era compartilhada com filhos e esposos.

As imagens, programas e possibilidades mostradas pela telinha se tornam sonhos para algumas entrevistadas. A precariedade da moradia de Tarsila, que corre o risco de ruir, levou-a a enviar uma carta para o quadro *Construindo um Sonho*⁵², que tem por mote a reforma em residência de pessoas em situação de dificuldade. Durante o processo de entrevistas, ela pediu para que eu escrevesse uma outra carta, pois pensava que uma “pessoa estudada” conseguiria expressar-se melhor através das palavras do que ela. Escrevi a carta e mostrei para Tarsila, que se emocionou bastante com o relato e disse ter suas esperanças renovadas na possibilidade de ter uma casa nova para morar. No mesmo dia, ela retirou de uma das gavetas de seu quarto uma carta e pediu que eu abrisse o envelope e lesse. O destinatário era o programa *Caldeirão do Huck*⁵³, que também tinha um quadro de reforma de residências. O capricho na letra e o cuidado com o papel, bem cortado e dobrado, chamaram minha atenção na leitura. Nas linhas, Tarsila dirigia-se diretamente ao apresentador, Luciano Huck, e dizia que sua mente, apesar de velha ainda sonhava, e por isso escrevia, pois gostaria muito de dar uma casa nova para a família de sua filha. Eles não tinham condições financeiras para terminar a construção, que ficou sem acabamento e piso. Muitas vezes seu genro saía de casa sem comer para que sobrasse alimento para as crianças.

Após a leitura, Tarsila contou que escrevera a carta há mais de ano, escondida de sua filha. Não a enviara por achar que estava mal escrita e por não ter como tirar fotos da casa, pois não possui máquina fotográfica.

⁵² Quadro que existe desde 2008, no programa Domingo Legal (SBT), apresentado antes por Gugu Liberato, atualmente por Celso Portioli.

⁵³ Programa televisivo de auditório veiculado todos os sábados na Rede Globo. Voltado principalmente ao público jovem, tem por mote a apresentação de grupos musicais e a realização de promoções, como a de reforma de residências, carros, etc.

Depois de inúmeros apelos aos órgãos públicos – prefeitura, câmara de vereadores – sem ser sequer atendida, parecem ser os programas televisivos a maior esperança de Tarsila para melhorar sua situação de vida. Em um outro momento, ela recorreu a um programa de rádio da cidade para conseguir uma caixa d'água nova, pois a sua tinha furado e ela não tinha recursos para comprar outra. Ela foi ao programa e fez o pedido ao vivo, que na mesma semana foi atendido. A mídia torna-se um recurso frente a um Estado que poucos direitos efetivamente garante à sua família.

Vânia e Dani também tiveram sonhos suscitados pela TV. Vânia gostaria de um dia poder viajar de avião e ir visitar São Paulo, em especial ir a um espetáculo circense produzido pelo ator Marcos Frota. Dani também gostaria de viajar, visitar o Santuário de Aparecida que viu uma vez em um programa de televisão.

Os sonhos suscitados e algumas das identificações com as personagens da trama, conforme ilustraremos adiante (p. 187-192), trazem traços do popular como memória (MARTÍN-BARBERO, 1984) evocado pelas receptoras. A religiosidade, a disposição gregária e abnegada, as características populares que as fazem gostar de determinadas personagens carregam traços dessa memória, uma forma de resistência ao discurso dominante. Frente à hegemonia da abstração mercantil, de uma cultura massificada onde a matriz popular é muitas vezes negada⁵⁴, elas buscam expressar – e, de certo modo, preservar essa identidade.

O formato seriado, repetido e redundante da telenovela parece ser algo que lhes agrada, pois em suas matrizes de leitura, formatos acelerados e interrompidos de programação não são bem aceitos. Durante a assistência da novela ou de outros programas em suas casas, vimos que elas não costumam trocar de canal durante o programa ou nos intervalos comerciais, mantendo uma assistência mais contínua, ininterrupta.

A assistência da novela na casa de quatro receptoras (Dani, Tarsila, Vânia e Célia) nos ajudou a esclarecer esses aspectos mais cotidianos e sutis de suas relações com as tramas. O gosto pelas atrizes, para além das personagens, é notório. Elas relacionam as tramas de hoje e do passado a partir dos atores, num ir e vir constante entre ficção e realidade. Parece que a boa imagem de Fernanda Montenegro para Tarsila, por exemplo, faz com que ela goste ainda mais de *Bete*, e o fato de Célia não gostar de Francisco Cuoco, com que ela não simpatize com *Olavo*, seu personagem em *Passione*.

⁵⁴ A negação da cultura popular pode se dar por diversas vias: a classificação do mau gosto das audiências populares, a deslegitimação da cultura dos gêneros narrativos apreciados pelos mais empobrecidos e a rechaça à expressividade popular no momento da recepção. Emoção, tumulto e ruídos são vistos como ausência de gosto, cultura e de educação (MARTÍN-BARBERO, 1995).

A assistência solitária das tramas fazia com que muitas vezes a TV se tornasse uma companheira cotidiana, sintonizada nos canais enquanto cozinhavam, faziam trabalhos manuais, arrumavam a casa ou liam. Tarsila e Dani comentaram sentir a necessidade de deixar a TV ligada para sentir que há mais “alguém” na casa. Quando a telenovela começava, no entanto, sua atenção era mais focada. Vânia e Dani tinham uma assistência mais dispersa, espichando os olhos para as cenas quando lhes chamavam atenção, enquanto davam conta da janta ou sentiam necessidade de me deixar confortável, “fazer sala” em suas casas. Tarsila e Célia eram bem atentas às tramas. Assisti à trama com Tarsila e seu marido, que conversava comigo durante os capítulos. Tarsila parecia se incomodar, tratando de logo encerrar o assunto para que pudesse deter a atenção na narrativa.

As entrevistadas que moram com seus filhos – ou no mesmo terreno, em casas próximas – não costumam ter uma assistência compartilhada. O filho de Vânia apareceu somente quando a mãe o chamou para a janta, não tecendo comentários ou puxando assunto. Era notório que Vânia ficou mais contida para conversar com o rapaz por perto.

As dificuldades financeiras ou situação de insegurança no bairro foram também notadas nas visitas. Tarsila desculpou-se por não poder me oferecer um jantar, pois não tinha recursos financeiros para tal. Pedidos de desculpas da casa mal-arrumada, da janta simples ou da falta de requinte foram repetidos por elas na ocasião das minhas visitas, por mais arrumada que a casa fosse e apetitosa a refeição parecesse.

Os programas de preferência são as telenovelas (especialmente as tramas das 18h e 21h) e os telejornais, mas também programas de auditório (Célia, Maria e Carmen), os reality shows *A Fazenda*⁵⁵ e *Big Brother Brasil*⁵⁶ (Vânia) e programas sobre bem-estar e qualidade de vida (Dani). As primeiras gostam de assistir *ao Programa da Hebe*⁵⁷, *Programa do Ratinho*⁵⁸ e *Domingão do Faustão*⁵⁹, e Dani acompanha o *Vida & Saúde*⁶⁰ e *Globo*

⁵⁵ *Reality show* exibido pela Rede Record. O programa coloca à prova um grupo de artistas a realizar tarefas do campo, havendo somente um vencedor no final.

⁵⁶ Reality show veiculado pela Rede Globo desde 2002 no Brasil.

⁵⁷ Programa de auditório apresentado por Hebe Camargo, com veiculação toda segunda-feira no horário nobre do SBT. Conta com realização de entrevistas, apresentações musicais e atualidades.

⁵⁸ Programa de auditório exibido pelo SBT. Exibe reportagens informativas, por vezes apelativas. Também promove reencontro de parentes que não se viam há décadas e *testes de DNA* para reconhecimento de paternidade.

⁵⁹ Programa dominical de auditório, brasileiro, exibido pela Rede Globo.

⁶⁰ Programa sobre bem-estar e qualidade de vida veiculado na RBSTV (afiliada da Rede Globo no RS) todos os sábados, às 8h.

*Repórter*⁶¹. O canal mais assistido é a Rede Globo, unanimidade entre as entrevistadas, seguido por menções ao SBT, Rede Record, Bandeirantes, TVE e TV Pampa.

Quando perguntamos se havia algum artista ou ator que admiravam, Tarsila, Maria, Célia e Dani citaram atores das telenovelas. Gloria Meneses, Tarcisio Meira, Raul Cortez, Betty Faria, Tony Ramos, Lima Duarte e Regina Duarte foram os nomes mais lembrados. Já Carmen admira a beleza de Angélica e gosta de Silvio Santos e Fausto Silva. Vânia também gosta de um apresentador de programa de auditório, Gugu. Disse que antigamente gostava muito do Silvio Santos, mas que hoje em dia não assiste muito a seus programas.

Todas as entrevistadas relataram gostar de telenovela e assistir às tramas ao longo de suas vidas. A dura rotina de trabalho enfrentada especialmente por Tarsila, Vânia e Carmen as impedia, muitas vezes, de ter uma assistência regular das tramas. Tarsila comenta que quando ainda não tinha TV em casa, buscava acompanhar o que acontecia nas tramas através de uma colega de trabalho, que lhe contava diariamente os capítulos.

Para Dani, os impedimentos eram de outra sorte. Seu marido não gostava que ela assistisse às telenovelas e não a deixava acompanhar a trama. Era na casa da filha, que mora nos fundos da sua, onde costumava assistir quando possível. O marido de Célia também reclamava de seu gosto pelas tramas, mas ela conta que nunca deixou de acompanhar os capítulos. Hoje em dia elas costumam acompanhar o folhetim, seja de forma mais regular, seja de modo esparso. Tarsila, Maria e Célia parecem assistir mais cotidianamente aos capítulos. Dani, Vânia e Carmen têm uma assistência mais ocasional: dia sim, dia não, quando os compromissos e atividades de lazer as permitem estar em casa no horário.

O hábito de acompanhar os capítulos há tantos anos parece se mesclar a outros motivos para preferência da novela. Vânia e Dani assistem às tramas para ver os artistas. Gostam de ver os atores em cena, de comentar suas atuações e acompanhar suas trajetórias. Sobre isso, Vânia comenta: “Gostava bastante das história delas [das atrizes]. Eu pensava assim... bã, ele é casado e a esposa ta olhando ele fazer essa cena com as outras atrizes... Eu ficava pensando naquilo... gostava de olhar. Não conhecia, fiquei conhecendo só... Eu quase não saia, né? Só trabalhava.” (Vânia). Para Tarsila e também para Vânia, algumas telenovelas trazem informações, novidades e assuntos interessantes. Tentam “tirar alguma coisa de bom” (Tarsila) dos capítulos e assuntos abordados.

Carmen e Maria, diante de universo de opções restrito na programação da TV aberta, consideram as telenovelas a melhor alternativa: “Não tem outros programas... tem programa

⁶¹ Programa jornalístico semanal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo, que vai ao ar nas noites de sexta-feira a partir das 22h

só de morte, só de coisa ruim, né. Só briga, morte, assalto... então a novela, a única coisa que eu olho é a novela nesse horário” (Carmen). A falta de opções na programação televisiva é também o motivo dado por Maria.

Célia gosta de ver o desenrolar das histórias nas tramas, sente-se curiosa pelo desfecho dos personagens. Apesar de seu gosto pela novela, ressalta que hoje as tramas estão piores que antigamente:

Sabe que agora as novela deixa a gente meia triste, porque já não é novela como antigamente. Eu não sei, eu comecei lendo, o tempo que eu lia... meu marido vinha de Santa Maria e me levava duas revista, do tempo que tinha as fotonovela nas revista, né. Ai, eu disse... como ler desenvolve a gente, né? Eu lia! Ali que eu comecei a pegar gosto pelas novela, pelos enredo das novela, os drama, né? Antigamente as novela eram mais boa. Agora em partes eles fazem mais um pouco na vida real, né? Ah, porque eles dizem, é novela, é novela mas a gente ta vendo em família o que dá, né? Uma coisa que eu não admito essas coisas que fazem criança tão pequena namorando, isso eu não gosto (Célia)

A ideia “a telenovela de hoje já não é como antigamente” foi repetida pelas entrevistadas durante a pesquisa. Além de Célia, Dani, Tarsila e Maria dizem que hoje as tramas não são tão boas, principalmente pela rapidez com que as histórias se desenrolam e pelo mau-caratismo dos personagens. É esse o motivo de Tarsila para não ter gostado muito de *Passione*. A relação entre realidade e ficção para ela é estreita: diz que, apesar de saber que se trata de uma história inverídica, através da trama se dá conta que o ser humano tem a coragem de fazer trambiques do modo como é mostrado, e isso a incomoda muito “Eu fui criada assim, eu sou assim... eu não gosto quando tem injustiça. Quando ta assim eu paro de olhar” (Tarsila). Ela também acredita que as vigarices mostradas incentivam a população a fazer o mesmo:

Se eu tivesse um computador, se eu soubesse...eu ia pegar e passar umas mensagens pra esse autor dessa novela. Já basta o que o povo já tem, a maioria do povo já age assim, ensinando mais vai fazer mais sacanagem com o povo, com o próximo. Se quer, tem vontade, ta mais aprendendo, né? (Tarsila)

Essa associação entre ficção e realidade também foi feita por Dani. Para ela, *Passione* não poderia ter mostrado a cena em que *Fátima* procura meios ilegais de realizar um aborto do filho que espera de *Danilo*, pois isso ensina e incentiva outras jovens a fazerem o mesmo. O mau-caratismo dos vilões *Clara* e *Fred* também a incomodam. Ela diz não gostar de assistir a “coisas ruins”, pessoas tentando prejudicar as outras. Não queria que *Totó* caísse nas

armadilhas de *Clara* e diz ter sentido quando *Saulo* boicotou o lançamento do novo modelo de bicicletas na fábrica da mãe, prejudicando a família. Por razões dessa ordem, achou a telenovela chata.

Esse desconforto de Dani, Maria, Célia e Tarsila para com as tramas atuais talvez se relacione às suas matrizes de leitura, edificadas durante o longo período de suas vidas como telespectadoras da novela. Segundo Junqueira (2008), os mais velhos usam muito mais as chaves de leitura dadas pelas matrizes originais das tramas, enquanto os mais jovens costumam aceitar melhor os desdobramentos mais recentes.

Essas matrizes originais são visões de mundo ou padrões lógico-perceptivos-sentimentais preponderantes, adotadas pelas tramas desde o início de sua exibição. Junqueira (2008) cita dois: o romantismo-oitocentista (baseado na literatura romântica) e o modernismo-personalista, fruto do movimento literário modernista. O primeiro é marcado pela emoção, subjetivismo, egocentrismo, espiritualismo, liberdade formal, apego à cultura popular, cristianismo, idealização do feminino, amor interno, paixão, etc⁶². Um bom exemplo seria o enredo de *Escrava Isaura* (1976). Na trama, há a mocinha virgem, o herói romântico que tenta salvá-la, o anti-herói, bruto e cruel e a exposição de emoções primárias como o amor, ódio, desejo, vingança e redenção.

O modernismo-personalista é caracterizado de forma geral pela busca da realidade social brasileira, pelo regionalismo e denúncia da pobreza. Um exemplo marcante seria a novela *Beto Rockfeller* (1968-1969), ambientada no cotidiano das cidades e campos nacionais, com personagens mais próximas ao brasileiro e tendo um anti-herói como personagem principal.

Essas matrizes originais se mesclam e desdobram em várias outras, acompanhando a expansão da teledramaturgia no país. O desenvolvimento do campo de produção das telenovelas, como abordamos no capítulo III, torna as tramas bem diferentes, com histórias mais aceleradas, extensão e complexificação dos personagens, aproximação com a realidade do brasileiro e trato de temas cotidianos, muitas vezes por um viés social.

Em *Passione*, Silvio mostra personagens complexos que não podem ser considerados na dicotomia bem X mal. Ao contrário de uma matriz romântica, não necessariamente os vilões têm um fim catastrófico e os mocinhos triunfam. Além disso, a trama problematiza os padrões de moralidade e ética da sociedade. Para ele, mostrar situações em que a vilania e o mau-

⁶² Para um detalhamento dessa perspectiva, ver Junqueira (2008, p.81).

caratismo prevalecem parece ser uma forma de crítica social, de confrontar os telespectadores com a falta de ética e a condescendência para com as atitudes torpes. *Passione* também traz à discussão temas polêmicos como a perversão sexual, gravidez na adolescência, exploração de menores e vício do crack, aproximando a ficção do cotidiano do brasileiro.

As receptoras, audiência das tramas desde a década de 60 ou até mesmo anteriormente à telinha, com as radionovelas e fotonovelas, parecem ler as tramas atuais com as chaves de leitura das matrizes originais, o que as fazem muitas vezes desgostar das novelas de hoje.

Para realizar um contraponto, Célia, Maria, Tarsila e Dani acompanhavam também *A História de Ana Raio e Zé Trovão*, novela veiculada às 22h pelo SBT, reexibição da trama veiculada pela extinta Rede Manchete entre 1991 e 1992. De autoria de Marcos Caruso e Rita Buzzar, a história conta a busca de *Ana Raio* (Ingra Liberato) pela filha que lhe foi roubada por *Canjerê* (Nelson Xavier), capataz da fazenda onde o pai de *Ana* trabalhava, que a estuprou na adolescência. Ana torna-se uma peoa de sucesso e percorre o Brasil em rodeios, quando conhece *Zé Trovão* (Almir Sater), com quem tem uma história de amor.

Parece-nos que essa novela se aproxima da matriz romântica das tramas, em que a caracterização do herói, anti-herói e a busca por justiça e o amor romântico são traços marcantes. A relação desta novela com as matrizes de leitura aprendidas pelas receptoras talvez explique a diferença de suas falas em relação à *Passione*. Algumas delas parecem gostar mais da reexibição do que da trama da Globo, pois consideram esta última um pouco confusa, rápida e com a exibição de muitas maldades, conforme exemplificamos pelas falas mais acima.

O desconforto das receptoras em relação à falta de ética e injustiça mostrada em *Passione*, além de aludir a essa matriz romântica de leitura, também diz algo da própria conformação da telenovela. O melodrama e sua adaptação para as rádionovelas, teleteatros e depois telenovelas, torna-se um espaço de resistência da cultura popular (MARTÍN-BARBERO, 2008). Quando sofrem com as maldades feitas por *Clara*, não se conformam com a injustiça sofrida por *Candê* e indignam-se com os trambiques de *Fred*, as receptoras desejam que a justiça prevaleça. Se seus contextos de vida são penosos e desiguais, na trama elas podem se permitir “encenar suas emoções” (IDEM, p.64) e reivindicar um final feliz e justo.

Todas acompanhavam a trama das 21h e consideravam a história realista, mesmo que considerassem exageradas as vilanias apresentadas nos capítulos. Célia e Tarsila dizem ficar nervosas com algumas situações que a novela mostra:

Mas olha, uma coisa que eu pouco entendo, entendo assim de olhar, essas coisas. Sabe assim que ontem eu fiquei nervosa... porque eu achei assim como é que a pessoa só faz errado, errado, errado como o *Fred* faz, pegou todo o dinheiro deles e agora vai deixar eles pobre por que, se o pai dele era um baita dum sem vergonha, jogador, que botava o dinheiro deles fora também, né. No fundo, no fundo eles [a família *Gouveia*] são vítima dele. Porque como a mãe dele disse, eles são vítima... que teu pai não merecia, ele não merecia o que fizeram lá pra ele. Mas teu pai não é tudo o que tu pensa. Que na percepção dele, ele era pequeno, ele acha que o pai dele se matou por causa deles. Mas o pai dele se matou porque devia, jogava, o que ganhava botava fora em jogo. Ele acha que não ganhou a indenização, mas agora a *Bete* pagou pra ela a indenização, o valor, ela mandou ver todo o valor. E eu acho que é errado, e nem isso, é porque ele é mau caráter, bandido mesmo (Tarsila)

Célia também cita *Fred* e a outra vilã da trama, *Clara*, como personagens que não gosta. No desenrolar da trama, *Clara* finge regenerar-se perante a audiência, mas seu caráter inescrupuloso é descoberto em um dos capítulos, quando trama a morte de *Totó* com *Diogo*. Essa reviravolta foi motivo de desapontamento para Célia, que estava acreditando no bom caráter de *Clara*. Assistimos juntas a esse capítulo. Na cena citada, Célia se exaltou e disse não acreditar no que via, que a vilã continuava mesmo má.

A assistência da novela é complementada pela leitura de revistas especializadas, das sinopses nos jornais e pela assistência de programas como *TV Fama* e *VideoShow*, especializados nos bastidores das tramas. Essa recepção para além da telinha, conjugada com tantos anos de audiência, faz com que muitas vezes as receptoras refiram-se mais aos atores do que aos personagens em si. Não raras foram as vezes em que, ao falar da personagem, elas citavam o ator ou atriz, dizendo que os personagens mudam de novela para novela, mas que os atores elas sabiam os nomes há muitos anos. Algumas vezes era difícil distinguir se a admiração por determinada personagem era devido ao seu papel na ficção ou à atriz.

Como veremos adiante, essa matriz de leitura também se relacionou às apropriações das representações da velhice na trama. Para além da personagem idosa, elas enxergavam a atriz em sua trajetória e vivências pessoais do envelhecimento.

6.2 A RECEPÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

Nas páginas anteriores, pela discussão da literatura e a vivência das receptoras vimos quão heterogêneos são os modos de vivenciar a velhice na atualidade. Se a velhice é uma construção social, hoje parece que a flexibilidade dos parâmetros classificatórios das idades acentua o envelhecer como uma construção – só que, nesse caso, a cargo dos próprios indivíduos. Não mais os cabelos brancos, o ingresso na aposentadoria, a viuvez ou o acometimento de doenças caracterizam por si a velhice: Hoje, ser idoso parte também de um “sentir-se” e adotar as atitudes necessárias para manter-se coerente a esse sentimento. Se a velhice doente e decrépita é uma imagem com a qual ninguém gosta de se identificar, a criação de outros parâmetros se faz necessária.

Como observamos no capítulo anterior, se as representações dominantes sobre a velhice assinalam um quadro dramático de decadência e perda de status, na concretude da experiência cotidiana as receptoras não se enxergam dessa forma. Elas se afastam das representações dominantes considerando que “velho é o outro” (MESSY, 1999). Por esse prisma, não deixam de atribuir certa carga de negatividade à velhice, mas tecem significados mais positivos para si.

É aqui que se acentuam os sentidos dominantes – aliados a um ideal opressor de busca pela juventude – e surgem sentidos opositivos, ainda pouco estabilizados, contraditórios e difusos. Na teia de significados da cultura, essas representações da velhice estão em embate constante, disputando a construção social desse período da vida.

A telenovela se torna uma instância em que esses sentidos são postos em disputa - afirmados, negados e construídos. Como vimos na análise de *Passione*, os sentidos dominantes e opositivos estão num tensionamento contínuo. Se de certa forma a velhice caquética e decrépita persiste nas codificações, por outro viés representações opositivas mostram novas possibilidades para o envelhecer. São codificações que muitas vezes mostram um envelhecer assumindo a positividade existente na velhice, não buscando a valorização noutra etapa da vida.

O tensionamento entre a percepção da velhice e sua vivência é central para entender a recepção das representações da velhice em *Passione*, onde encontramos duas matrizes de leitura. Quando as codificações da velhice são abordadas de forma geral (percepção), as decodificações realizadas pelas receptoras tendem à dominância. Contudo, quando as receptoras significam a narrativa em relação a si (vivência), percebendo as suas velhices em

relação à telenovela, sentidos mais opositivos vêm à tona, num processo de conflito dos sentidos dominantes e de criação de novos parâmetros.

A matriz de leitura estigmatizada das representações se mostra na escolha dos personagens velhos. Quando questionamos sobre as representações da velhice na telenovela, as receptoras indicaram personagens em que as codificações dominantes se ressaltam:

O Seu Antero. Eu acho um pouquinho, né. Porque tem pessoas idosas assim. Que ficam lá no mundinho deles...sei lá, “não me chama de doutor que eu não sou médico” [fala de Antero]. E ele é bem esperto, ele conhece, ele ta vendo bem que a Clara ta sendo espertinha. Só que ele não fala porque ninguém vai acreditar nele, não vão acreditar (Tarsila)

C – Essa aqui... (A Brígida). Essa ta bem velha, né Laura. É assim mesmo que ela é, né.

L – De aparência?

C – É, ela é bem velha, né?

L- e do jeito também?

C – Ela ta velha mesmo, Laura. Eu acho ela velha. Porque ela ta meio caduca na novela, é meio caduquinha e surda, não ouve, faz tudo errado as coisas. Eu gosto do papel dela. (Carmen)

L – E a senhora acha que o jeito da Brígida é de quem ta na velhice?

D – Uhum. É uma pessoa bruta, uma pessoa muito... o jeito que ela trata o marido dela, ela é muito estúpida. E ele é uma pessoa calma. Ela não, é uma pessoa agitada, ela quer tudo pra ela, ela quer tudo ela fazer... ela falou “a minha casa”, e é a casa da outra, mas pra ela é “a minha casa”. Aquilo ali o jeito que tratam os velho, ele disse “ah, eu falei pra fulana pra ela não ligar pra polícia, ela teimou e ligou”. Mas por que que ela ligou, porque a cabeça dela... sei lá, ela não aceita ser velha, ela quer ser uma jovem (Dani)

A Brígida. Por causa do jeito dela, ela ta mostrando que é mais idosa que as outra. Talvez ela inté pode ser mais moça que as outra, mas ela ta mostrando. Ela mostra assim, o jeito dela aqui... o jeitão dela aqui ta mostrando de idosa, que ela tá triste, pensando... com a atenção noutra coisa. (Vânia)

A única que aparece mesmo que é uma pessoa é essa velha (Brígida). A Clô não, com tudo acho que ela vai endireitar. A Gemma... é só um pouquinho rude assim... demonstra da idade dela. A Candê é aquilo ali, aquela parece que mostra a idade, tu olha assim... aqui ela tá com os cabelo bem branco, né? Ela mostra um pouco da idade, né? (Célia)

Pelas menções das receptoras, na maioria dos casos o que caracteriza uma pessoa como velha é sua adesão à face estigmatizada dessa fase da vida. *Antero* é velho porque fica em seu mundinho e, apesar de ser esperto, ninguém acreditaria nele (Tarsila), *Brígida* é velha porque é meio caduca, surda (Carmen), é triste (Vânia) e quer ser uma jovem (Dani). Já *Gemma* é um pouco velha porque é rude (Célia). Durante o período das entrevistas, foram esses os sentidos mais acionados quando falavam das representações da velhice na novela.

Percebe-se o quanto essas matrizes de leitura estão em compasso com suas percepções sobre a velhice, em que ser velho se aproxima desses atributos negativos (conforme mostramos na p. 162).

As representações dominantes têm muita força, pois o velho caquético, doente e reclamão não deixa de existir, passa apenas a ser “o outro”. Na vida cotidiana, é a vizinha que não se cuida, a colega que se entrega e fica só em casa, o irmão que vive reclamando da vida. Na telenovela, são as personagens cujas representações mais se alinham às codificações dominantes sobre a velhice.

Outra nuance dessa matriz de leituras estigmatizada das representações é a desestabilização nos parâmetros classificatórios da velhice e sua “desconexão” com uma etapa específica da vida, tornando-se um valor a ser adotado. Enquanto a juventude é positivada e colocada como um ideal, a velhice é negativada. Em alguns momentos, as entrevistadas valiam-se de “velho” como um adjetivo para desclassificar os personagens que não gostavam. Quando assistíamos à trama na casa de Vânia, ela começou a falar de *Valentina*, personagem com quem não simpatizava, e a chamou de velha. Logo depois, fez uma pausa e falou: “Eu chamei ela de velha porque não gosto dela, tá?” (Vânia).

Para Dani, *Stella* pode ser considerada velha, pois era uma mulher dona de casa, que não se envolvia em atividades profissionais. Em oposição, para ela *Benedetto* e *Diógenes* não são velhos porque trabalham. A associação entre uma velhice estigmatizada e a falta de atuação profissional é bastante forte para essa entrevistada. Já Célia faz uma distinção entre os velhos de aparência e de espírito. Para ela, *Clô* é velha de espírito, pois não queria se assumir “Rainha do Lixo” ao lado de *Olavo* e ambicionava ser a “Rainha das Bicicletas”, comprando as ações da *Metalúrgica Gouveia*. Ela era velha porque “queria ser o que não era”, era “pobre de espírito”. “Velho” se torna um adjetivo não necessariamente relacionado a uma fase da vida, mas através do qual se materializam características negativas usualmente atribuídas ao envelhecer (falta de viço, disposição e decrepitude) e se agregam outras, não necessariamente relacionadas, como ambição desmedida de *Clô*.

Outra forma de as receptoras manejarem os sentidos da velhice na novela foi através do parâmetro etário. Além de ranzinza, triste e caduca, *Brígida* também é idosa pela passagem do tempo, os traços envelhecidos de sua aparência. *Maria* foi a entrevistada que mais mencionou a idade na classificação da velhice. Para ela, *Brígida* e *Antero* são os mais velhos, justamente por seus anos de vida.

Se essas leituras estão em compasso com as codificações dominantes, quando pensam as codificações da velhice em relação a si mesmas, outros sentidos – mais positivos – são

acionados. Surge aqui uma matriz distinta de leitura, relacionada às suas vivências, onde se afastam das codificações dominantes – velho é o “outro” – e criam parâmetros mais positivos para si. Nenhuma delas identifica-se com personagens alinhadas às representações dominantes, mas sim com outras, cujas codificações são mais opositivas quando pensamos na velhice.

As personagens mais citadas pelas receptoras são *Bete* e *Candê*. *Bete* foi a escolha de Dani, Tarsila e Carmen. O caráter da personagem - uma mulher vigorosa, justa e honesta - seu protagonismo nas relações familiares, sua aparência e atuação na esfera pública foram alguns dos motivos citados. Tarsila ressalta o caráter da personagem: é uma mulher justa, honesta e sincera, que tem pulso firme na família e não aceita injustiças. Dani e Carmen citam outros motivos:

Eu gosto de me arrumar, assim... não gosto muito de brinco [...] Ela é uma pessoa discreta, ela não se arruma como uma moça, mas como uma pessoa de idade já, né? Pode notar que ela é uma pessoa de idade. Uma mulher batalhadeira, uma mulher trabalhadora (Dani)

De agir é essa velha aqui que eu te disse. Porque ela fala as coisa que é o que é, a verdade. Ela não gosta de sujeira, né? (Carmen)

A aparência de *Bete*, seu vigor no trabalho e seu pulso firme na família são os aspectos que se sobressaem nas identificações. As codificações de *Bete* sobre a velhice assumem um caráter mais opositivo nessas dimensões, especialmente no núcleo familiar. Ela é uma chefe de família respeitada pelos filhos e netos e uma acionista relevada por funcionários e colegas na empresa, algumas vezes chegando a assumir cargos de chefia na *Metalúrgica Gouveia*. Parece-nos que Dani, Tarsila e Carmen endossam essa perspectiva mais positiva da velhice mostrada na caracterização de *Bete* (especialmente em relação ao caráter, relações familiares, trabalho e aparência) associando-a as suas vivências pessoais.

Assim como na análise da novela focamos em algumas dimensões das vivências das personagens para encontrar sentidos dominantes, negociados ou opositivos, na recepção essa dinâmica também se configura. As posições de decodificação variam e dependem da dimensão problematizada. Quando as incitamos a pensar nas personagens que mais gostam/com quem mais se identificam, elas transitam entre as personagens, ressaltando algumas dimensões de acordo com o que pensam de si.

A mediação de classe tornou-se importante para pensarmos na menção a outra personagem, *Candê*. Ela foi citada por todas as entrevistadas como a personagem que mais gostam ou com quem de alguma forma se identificam:

O jeitão dela! Eu gosto do jeito dela, tudo assim. Que ela é bem disposta, né. Até teve uma bobagem que ela disse, na novela, né: “eu já tive dois amor, mas cueca dentro das minhas gaveta eu não quero mais. Eu não boto cueca dentro da minha gaveta, chega! Eu já botei por duas vez.” E eu já disse pra Dani também. Não é cueca, mas é pijama, o pijama dele que ta aí. Agora ele vai levar o pijama dele e não vai deixar mais aqui. Eu gosto muito do jeitão dela, é disposta... bem alegre, eu gosto muito dela. (Vânia)

Ah... tem uma velha ali, essa aqui! O jeito que ela ta ali! Grossa que nem eu! [Candê]. E a outra é parecida, mas não o jeito dela, a bandida lá [Valentina]. Sei lá, velha... gorda, meio espalhafatosa que nem eu. Mas não o jeito dela. Mas a Candê aqui, eu adoro a Candê. O papel dela. Tu já pensou, que eu acho que o papel que ela faz deve ser bem difícil, né? Conversar como ela conversa, bem atrapalhada e bem fora do... do ritmo (Célia)

Da Candê eu gosto! Eu gosto que é uma mulher batalhadora, trabalhadora, né. E batalha, né. A personagem da Candê que a gente se enquadra, se encaixa, porque a gente trabalhou bastante... e ainda assim, quando dá pra fazer alguma coisa eu faço (Tarsila)

Eu gosto muito dela porque ela gosta de ajudar as criança pobre, né. Eu adoro ela. [...] Eu gosto mais dela. Porque ela gosta muito de criança, é muito boa com as criança que não tem ninguém por si. Ela ta fazendo um papel bem bom. Do jeito de ela tratar, né. Brincalhona... eu to gostando muito dela (Carmen)

Maria Candelária ou *Candê*, como é usualmente chamada na trama, é representada como uma mulher de bom caráter, divertida, de fibra. Mulher de classe popular, é mãe de *Felícia*, *Fred* e avó de *Fátima*. *Candê* trabalha como feirante na CEAGESP: acorda todas as madrugadas e monta sua barraca de legumes e hortaliças, onde fica o dia todo. Sente-se realizada com o trabalho, um ambiente marcado pela descontração e por amizades. Ela, viúva de dois maridos, não deseja mais casar-se ou dividir o mesmo lar com um homem. *Candê* não tem nenhum namorado ou expressa desejo de tê-lo. Em relação ao lazer, vemos que se centra principalmente no lar: assistir TV, conversar com as filhas. Ela não se envolve em atividades motivadoras ou participa de outros ambientes de socialização fora o trabalho. O amor de *Candê* pelos filhos é algo que merece destaque. Além de seus filhos de sangue, *Felícia* e *Fred* (que mesmo sendo vilão, recebe o amor incondicional e o perdão da mãe), ela adota duas

crianças, *Cridinho* e *Amendoim*. No desejo de protegê-las sem ter a guarda formal, é denunciada por *Valentina* e chega a perder sua banca no CEAGESP e até a ir presa. Ela se recupera e consegue a guarda dos dois meninos. *Candê* é uma mulher abnegada, dedicada totalmente à família e ao trabalho. A vaidade não parece ser algo de destaque na personagem. Em uma das entrevistas, Vera Holtz comentou que preferiu que a personagem fosse descuidada com a aparência para que sua dedicação profissional e à família se ressaltassem.

O “jeitão” de *Candê*, seu ânimo para o trabalho, sua fibra, amor para com os meninos que adotou, sua simpatia e vontade de ajudar as pessoas são elementos que geram identificação das entrevistadas. A empatia das receptoras por ela é diferente do modo como falam de *Bete*. Com *Candê*, parece haver uma identificação de classe, por sua origem e *habitus* popular. Analisando as características mais recorrentes para pensar pobres e ricos, Mattos esboça um modelo de *habitus* popular e de *habitus* não-popular que nos ajuda a pensar nas representações dessa personagem na telenovela:

Estou utilizando alguns pares de oposição que me servem de orientação na análise das disposições e do *habitus* de classe. Por exemplo, disposição ascética, racional e planificadoras *versus* a disposição hedonista e espontânea; disposição à estruturação familiar *versus* a desestruturação familiar; disposição ligada à cultura legítima *versus* disposição ligada à cultura ilegítima; disposição agressiva *versus* disposição submissa ou renúncia a si mesmo; disposição individualista *versus* comunitarista; disposição anti-hierárquica *versus* disposição hierárquica; disposição antiformalista *versus* disposição formalista; disposição a agir *versus* disposição a crer; disposições intelectuais *versus* disposições manuais; autonomia de comportamento *versus* renúncia a si mesmo; disposições estéticas *versus* disposições utilitárias; disposição ao engajamento político *versus* disposição apolítica; disposições hipercorretivas *versus* hipocorretivas (MATTOS, 2006, p. 170-171).

Candê é vigorosa, espontânea e abnegada de sua realização pessoal pela felicidade da família, como no momento em que dá todo o dinheiro da indenização da metalúrgica para o casamento de sua neta, *Fátima*. Sua interação com os colegas de trabalho no CEAGESP e seu gosto por morar no bairro, fazendo questão de realizar o casamento de *Fátima* na rua, mostram sua disposição comunitarista, solidária. Ao contrário de *Bete*, mulher racional e ponderada, *Candê* é emocional, impulsiva e intuitiva em suas ações. É uma pessoa justa, de boa índole e sincera, o que a faz ser respeitada pelos demais.

Quando Célia diz que *Candê* “é grossa que nem eu”, ou, assim como Vânia, fala do “jeitão dela”, quando Tarsila exalta a fibra da personagem e Carmen e Dani comentam sobre

seu amor pelos meninos e solidariedade para abrigá-los e depois adotá-los, parece que exaltam essas disposições populares.

Além dela, mulheres próximas ou na velhice das classes populares em *Passione* são *Gemma* e *Valentina*. Com essa última, apenas Célia se identifica – mas por um viés negativo (Célia diz que é parecida por ser velha, gorda e espalhafatosa). *Gemma* é também citada, como veremos mais abaixo, especialmente por sua aparência. *Candê* parece ser o antônimo de *Valentina*: também de classe popular, é uma mulher de índole exemplar, vigorosa, que ultrapassa as dificuldades através do trabalho e do esforço individual.

A situação de vida de *Candê*, viúva de dois maridos, mulher trabalhadora que sofreu nos casamentos e não deseja mais se envolver com homem nenhum nos lembra do processo de liberação da velhice feminina. Essa questão, presente principalmente nas vidas de Dani e Vânia durante as entrevistas, também parece ser uma via de identificação com a personagem. A análise das codificações de gênero na caracterização de *Candê* é algo que mereceria um maior aprofundamento mas, em linhas gerais, podemos considerá-la positiva em relação à vida afetiva. Ela é uma mulher autônoma e feliz independente do casamento. Por outra via, é tão dedicada à família e ao emprego que não cuida de si mesma. Em dado momento da trama *Candê* é assediada por *Fortunato*, mas resiste aos galanteios. Perguntei à Vânia o que ela achava da situação. Ela relacionou as atitudes da personagem às suas próprias vivências.

Ela não quer saber dele. Porque ela já... eu pra mim ela já... não quer se envolver mais com homem. Que nem eu, ó. O dia que eu briga com o José, que nós briguemo uma coisa séria, ontí mesmo nós briguemo e quase se separemo. Eu não quero mais saber de homi. Eu não digo, eu quero continuar minhas folia, ir a baile, nas domingueira que eu vou. Gosto de ir. É tão bom... não se vê uma discussão, só folia dando risada um do outro. E eu não quero mais saber de homi também. E foi só o João que eu arrumei. Mas eu não quero saber mais também. Eu quero ficar livre, o João não me deixa livre. Eu quero ficar bem livre (Vânia).

Também seu vigor para o trabalho foi algo ressaltado pelas receptoras. Tarsila considera que a velhice mostrada através dessa personagem era “muito boa”, pois mostrava que uma pessoa idosa ainda tem capacidade para o trabalho. Dani gostou de *Candê* porque era uma mulher que tinha fibra, garra e força.

A aparência de *Candê* é algo muito apreciado por Vânia. No dia em que assistimos à novela juntas, ela comentou que, se pudesse, gostaria de ligar para a atriz para saber onde ela comprou um dos vestidos que usa em cena, vermelho, que gosta muito. Diz que seu

companheiro vive comparando os trejeitos, as roupas e comportamentos da personagem à Vânia.

Essa admiração pela aparência de alguma personagem é também mencionada por outras entrevistadas. Na ausência de uma estética estabelecida da velhice, que não enquadre a idosa em estereótipos (cabelos brancos, colares de pérolas e vestidos floridos, como é comum vê-las representadas nas propagandas) ou as comparem às mulheres jovens, elas encontram na telenovela modelos em quem se espelhar.

A identificação com *Gemma* deu-se principalmente por seu jeito de vestir. Elas apreciam a forma como combina as cores (geralmente tons escuros ou pastéis) e usa lenços no pescoço. Tarsila a considera uma mulher bem arrumada, bonita. *Bete* também foi citada algumas vezes pelas entrevistadas, em especial o seu corte de cabelo chamou a atenção de Carmen e Dani. Carmen também gosta muito de *Clô*, de seu jeito de se arrumar, de se maquiar e das jóias que usa. A telenovela cumpre um papel importante na criação dessa estética da velhice, instituindo possibilidades plurais e renovadas de beleza para um corpo que envelhece.

A exceção de *Clô*, em quem é notória a busca pela juventude, mostrada até mesmo de forma jocosa na trama e de *Valentina*, cuja aparência desleixada é um reforço ao seu caráter inescrupuloso, as personagens têm uma aparência condizente com suas idades, sem negar ou estigmatizar a velhice. É necessário pensar que para estarem atuando nas tramas, as atrizes já obedecem a um padrão estético comum, que muitas vezes exige intervenções cuidados mais específicos. Apesar disso, a telenovela mostra várias belezas possíveis, desde a senhora verdureira que ostenta uma aparência simples, com cabelos brancos e pouca maquiagem, à *socialite* do Jardim América, de figurinos suntuosos e maquiagem pesada.

Nas identificações, emergem os aspectos que analisamos como mais opostos na trama: a postura de *Bete* na família, sua atuação na esfera pública, a disposição, vigor e independência de *Candê*. As entrevistadas ressaltam essas codificações opostas, endossando-as de acordo com o significado mais positivo da velhice que tecem para si mesmas.

A liberação da velhice feminina e a possibilidade de protagonismo e autonomia no trabalho e na família parecem se sobressair como eixos de identificações. As entrevistadas, apesar de uma educação familiar em geral sexista e repressora, enxergam nas personagens uma liberdade feminina na velhice que elas próprias vivenciam em seus cotidianos.

Quando pensamos na mediação de classe, as entrevistadas oscilaram entre perceber a diferença de classe no cuidado com a aparência e a endossar o processo de responsabilização individual do envelhecimento pelas personagens. Maria e Tarsila consideram que *Candê* é “menos cuidada” porque teve que trabalhar muito, enquanto *Bete* teve uma vida mais confortável. Já Dani e Célia atribuem a diferença de cuidado ao modo como cada uma das personagens gere seu envelhecimento. Para Dani, *Bete* aparenta ter 80 e poucos anos, mas parece mais nova: “Por isso que eu digo, uma pessoa velha que se cuida! Ela se cuida! Se ela fosse uma pessoa que se atirasse, ela não tava naquela estampa dela, né? Ela representa ser mais nova!” (Dani). Quaisquer diferenças entre classes para a vivência da velhice são dissipadas nas representações gratificantes dessa etapa da vida.

Por outra via, a especificidade própria da recepção da novela por idosas – mulheres que há muitos anos acompanham as tramas, mantendo uma relação para além da ficção – dá uma característica específica às suas apropriações. Para Célia, Tarsila e Maria, *Brígida* parecia mais velha não somente por seu caráter rabugento e implicante, mas também pelas dificuldades e perdas da própria atriz, Cleyde Yácones. Durante as gravações, Cleyde se acidentou e quebrou a bacia, tendo que se ausentar da trama por um tempo. Isso levou as entrevistadas a problematizarem as perdas e dificuldades da vida das idosas.

Num outro sentido, essa mistura entre ficção e realidade desestabilizava os sentidos dominantes, como no momento que Tarsila comentou sobre *Clô*. Por mais impecável que fosse seu figurino, com saltos geralmente muito altos, a atriz – Irene Ravasche – sempre levava sandálias baixas para usar no intervalo da gravação: “Ela não agüenta aqueles saltos por muito tempo”. Tarsila soube disso pela assistência do Programa *VideoShow*.

A decodificação das representações da velhice, para além das personagens na trama, concretizava-se pelo acompanhamento das atrizes que as interpretavam. O vigor de Fernanda Montenegro, Aracy Balabanian e Cleyde Yácones para, a despeito de suas idades – ainda estarem atuando profissionalmente foi algo admirado pelas receptoras. Decorar textos, participar de uma rotina estafante de gravações e ter atuações excelentes era digno de mérito para mulheres idosas como elas. Velhices reais e fictícias misturam-se na recepção da telenovela, numa relação dialética entre o tempo vivido e o tempo narrado. As receptoras vivem uma experiência comunicativa com as tramas: mobilizam informações dos capítulos em seu cotidiano, acionam mecanismos de partilha, conversação e participação imaginária através dos capítulos (LOPES, M., 2009b). As velhices das atrizes e das personagens mesclam-se e configuram-se em imagens classificatórias das velhices que as receptoras imaginam e criam para si.

Assim, a recepção das representações sociais da velhice veiculadas pela trama é negociada, pois oscila entre as duas matrizes de leitura. A partir de uma matriz de leituras socialmente estabelecida, ser velho é endossar uma série de atributos negativos próprios da visão estigmatizada, concordando com as codificações dominantes. Contudo, essa velhice também continua sendo a de outro: As representações de uma velhice caquética e infeliz não lhes são familiares, o que as fazem buscar outros parâmetros para representar as velhices que vivem. Em *Passione*, elas encontram representações com as quais se sentem identificadas e exaltam algumas dimensões que consideramos mais positivas na análise da novela, como família e trabalho. Aqui, decodificações positivas se sobressaem.

Importante pontuar que, ao mesmo tempo em que buscam afastar-se das codificações dominantes, elas não questionam esse modelo de representações. A velhice caquética e demente, para as receptoras, existe. Contudo, nunca para si, mas para os outros, sejam eles conhecidos da vida real ou da ficção.

As representações sociais que fogem do padrão dominante, marcado pela estigmatização, são muito recentes, ainda instáveis e escorregadias, o que se reflete nas decodificações. Parece-nos que algumas das codificações mais positivas sobre a velhice realizadas pela trama ainda não são tão familiares às entrevistadas, especialmente a vida/afetiva e sexualidade que, apesar de ser o que de mais positivo encontramos na trama, não surgiu como elemento de identificação no processo de pesquisa.

Nesse sentido, tivemos a necessidade de centrar o olhar sobre a recepção dessas codificações, a fim de aprofundar nosso entendimento de como as receptoras as manejam na construção de suas velhices e identidades.

6.2.1 Velhices apaixonadas? Em busca de novos sentidos

Passione cumpre um papel importante na liberação da velhice feminina, conformando representações sociais que fogem ao padrão dominante e constroem outras possibilidades para o envelhecer. As dimensões mais positivas nas representações da velhice na novela foram família e vida afetiva/sexualidade, de forma secundária, o trabalho. Interessante que as codificações sobre a família e o trabalho de personagens como *Candê* e *Bete* foram os motivos para que as receptoras identificarem-se com elas, endossando as representações positivas da velhice na construção das suas identidades.

Essas codificações mais positivas lhes são mais próximas, até mesmo pelas transformações que perpassam seus próprios modos de envelhecer: são mulheres chefes de

família, cujo trânsito na esfera pública, comando e protagonismo no lar são significativos. Contudo, as codificações sobre vida/afetiva e sexualidade apresentadas pela trama parecem distantes de suas realidades.

Realmente, enquanto em algumas dimensões da experiência percebe-se avanços importantes para a mulher na velhice – inserção no mercado de trabalho, trânsito na esfera pública, novas possibilidades de lazer e criação de outros ambientes de sociabilidade – a vida afetiva e principalmente a sexualidade ainda são negados à mulher idosa. A liberação da velhice é exercida em esferas tradicionalmente femininas para as mulheres de sua geração, como o cuidado dos netos, criação de amizades/vínculos de sociabilidade e amparo à família. A repressão à sexualidade vivida durante suas vidas se acentua na velhice: em uma sociedade que valoriza a beleza e a juventude, o corpo feminino velho parece não oferecer atrativos. A despeito dos avanços na construção de uma imagem menos estigmatizada, as representações dominantes sobre a sexualidade e vida afetiva na velhice são muito arraigadas e atuantes (NEGREIROS, 2004).

Por outra via, a vida afetiva e a sexualidade na velhice foi o que *Passione* apresentou de mais opositivo em seus capítulos. Através de *Gemma*, *Clô*, *Brígida* e seus pares, foram problematizados temas como desejo sexual, sexo sem compromisso, possibilidade de amor e envolvimento afetivo, casamento e traição na velhice.

Sobre o desfecho de *Gemma* e *Antero*, que se reencontraram e ficaram juntos no final da trama, as receptoras, à exceção de Tarsila, tiveram leituras opositivas. Célia, Maria, Dani e Vânia gostaram da união do casal. Para elas, é algo que acontece na vida real. O fato de se tratar de um amor antigo, de muitos anos que pôde então ser concretizado, parece ser algo relevante na aceitação dessas representações. Como bem explicou Dani:

Achei legal porque no começo da novela eles ficaram, ela deixou ele no altar e não quis mais. Ele conheceu outra pessoa, casou, teve filho e acabou vindo pro Brasil. E ela veio a passeio e acabou ficando, acabaram se encontrando, e ele tentou voltar, e ela não queria porque ele era... ela não queria de jeito nenhum, né. Foi, foi, que ele acabou dobrando ela. Ele disse que era um amor tão antigo, um amor... que eu acho que um amor assim não morre, ele vai e e um dia as pessoa se encontram. As pedra rolaram tanto que já tavam os dois idosos e se encontraram, ficaram felizes para sempre (Dani).

Já Tarsila não gostou de *Gemma* e *Antero* terem terminado a trama juntos: “Pode ser bem sincera? Eu não achei graça nenhuma, nenhuma” (Tarsila). Para ela, o romance não deveria ter acontecido porque gerou o divórcio de *Brígida* e *Antero*:

Porque quando ela era jovem ela deixou ele no altar. Depois quando ele tava lá com a velha dele, ela veio... Porque olha, se tu analisá bem, ela foi motivo de ele se separar da velha. Que ele tinha uma vida, os dois, eu achava tão lindo os dois resmungando lá sentadinho, eu achava bonito a velhice deles (Tarsila)

Além disso, Tarsila acha que *Gemma* deveria ter ficado só, sem ninguém “enchendo a paciência, incomodando”. Vemos aqui uma concepção já presente em suas vivências de gênero, quando associa um novo envolvimento afetivo à perda de autonomia e de liberdade.

Se as leituras das codificações da vida afetiva/sexualidade de *Gemma* foram em geral opositivas, concordando com as representações veiculadas na trama, o mesmo não se pode dizer em relação à *Brígida*. A relação da quatrocentona da família Gouveia com *Diógenes* e *Benedetto* foi rechaçada pelas receptoras. O que elas parecem rejeitar, para além da possibilidade de envolvimento afetivo de *Brígida*, é o fato de ela ter ficado com os dois pretendentes.

Não achei nada engraçado, ela. Uma senhora de idade daquele jeito fazer aquilo. Ora, casar com um e ser amante do outro? [...] Aí teria ficado melhor, né [se Brígida tivesse ficado apenas com um dos pretendentes]. Porque o Antero não quis saber mais dela, então que ela ficasse só com o motorista, né. Só com um deles, mas ela escolheu ficar com os dois... não sei. No meu caso não queria nenhum, ficava só (Maria).

Se ela casasse com o Diógenes, ficasse só com o velho, aí ta né. Mas não casá com um, fica de amante com um, aí não. O José [marido] riu, disse assim “coitada da velha”, porque eu disse “agora acabaram com a reputação das velha! A novela... acabou com a reputação das velha! (Tarsila)

O último comentário de Tarsila nos fez pensar sobre o quanto essas representações da sexualidade na velhice são opositivas, pois também desestabilizam as representações sociais dominantes de gênero, em que o sexo sem compromisso e a traição feminina são interditados. A situação parece ser ainda menos permitida para uma mulher na velhice. Além de ser idosa e ter uma vida sexual ativa, *Brígida* tem dois parceiros.

Maria compara a situação de *Gemma* a de *Brígida*. Para ela, o envolvimento da italiana com *Antero* é aceitável, já o de Brígida com seus pretendentes, não. A diferença está na idade: *Brígida* é mais velha, o que a impossibilita de ter tal atitude:

A Gemma até dava né, porque ela ainda tem menos idade... é mais nova, né, podia ficar com o Antero. Mas a Brígida, uma senhora de idade daquele jeito querer ficar com o outro, casar com o motorista e ficar de amante dum outro,

onde é que já se viu? Eu acho que ela ta caducando! Na idade dela, eu acho que ela caducou (Maria)

O desejo sexual de *Brígida* é visto por Maria como sinal de caduquice. Para ela, um comportamento dessa sorte é de tal maneira interdito para uma mulher de idade de *Brígida* que se torna indício de senilidade. A liberação sexual na velhice é utilizada para estigmatizar essa personagem, em uma leitura dominante.

Para Célia, *Brígida* era uma mulher mais velha e tinha que ter mais pudor. Ela comparou a situação do trio com a relação poligâmica de *Berilo*, *Jéssica* e *Agostina*. Disse que nos dois casos é errado, contudo: “O novo ainda tem passagem, já a véia não tem perdão!” (Célia).

É essa também a opinião de Vânia, que diz até ter sentido vergonha por *Brígida* em algumas cenas. Disse que a personagem, na idade dela, não era pra ter feito aquilo: “Ela tinha que ter mantido o respeito. Ela tinha que ter ficado só com um” (Vânia). O que também incomodou Dani foi *Brígida* ter ficado com os dois parceiros. O incômodo é duplo: por se configurar numa traição e por ser uma idosa a protagonista do ato:

L – Se ela tivesse ficado só com um, tudo bem?

T – Tudo bem. Mas ela ficou com os dois ali, né. Mas ela não precisava ter ficado com os dois. Ela é uma senhora idosa, né. Ela já tava com o motorista. Porque ela não ficou com o motorista e deixou o outro de lado, o jardineiro? Ela acabou ficando com os dois ali. Ela não podia ter ficado com os dois. Eu achei que ela não ficaria com os dois. Eu não gostei dela porque ela não, tinha um papel muito insensato, uma coisa, né? Por que eles não mostraram ela só com um, então? Ela tava com o jardineiro, né? E o outro então, que é marido dela. Mas ficar com os dois juntos..? Mas fizeram a cena assim, né (Dani)

Mais adiante, na conversa, Dani comparou a relação de *Gemma* e de *Brígida*: Agora, se já tiver um e voltar praquele mesmo, tudo bem. Como a velha ali aquela [*Gemma*], que voltou pro velho, aquilo ali deu certo. Mas era assim, bem antigo” (Dani).

Gemma era uma mulher solteira que, após muita resistência, aceita o envolvimento com Antero, não antes sem ter o apoio de sua família. Nessa personagem, a sexualidade não é em nenhum momento abordada. O que parece ter mais relevância é o amor antigo entre ela e Antero, que sobreviveu por tantos anos. Já *Brígida* é uma mulher casada que mantém um relacionamento com outros dois homens. A possibilidade de envolvimento sexual, posta em dúvida no início da trama, é confirmada no transcorrer dos capítulos. Ao contrário de *Gemma*,

o exercício da sexualidade em *Brígida* é explícito. Além disso, ela divorcia-se e termina a novela com os dois pretendentes, casada com um a amante do outro.

Essas duas personagens desestabilizam as representações sociais dominantes da velhice. Contudo, *Brígida* é bastante opositiva em relação à sexualidade na velhice e também põe em xeque as codificações dominantes de gênero.

No tocante às relações homem-mulher e sexualidade, as codificações dominantes são aquelas em que a liberdade sexual feminina não é permitida e o prazer sexual justifica-se apenas se acompanhado pela realização amorosa; os novos arranjos familiares de mulheres solteiras são vistos como sinal de fracasso afetivo e a infidelidade masculina é mais bem-aceita do que a feminina.

Historicamente a sociedade sempre foi mais condescendente para com a traição do homem, fato observável através da concepção e aplicação do direito penal brasileiro. Apesar de até 2005 o adultério ter sido considerado crime para ambos os sexos, tradicionalmente a pena foi aplicada em relação às mulheres. A “legítima defesa da honra” era utilizada pelos homens traídos como justificativa para agressões de toda a sorte contra a esposa⁶³; na posição de “amante” a mulher não tinha quaisquer direitos, como se individualmente responsabilizada – e penalizada – pela traição:

A infidelidade feminina autorizava o homem a “lavar a honra da família”, o que livrou muitos maridos traídos da cadeia. Como os “filhos ilegítimos” não tinham direito à identidade, eram só “filhos da mãe”, assumindo ela a responsabilidade exclusiva pela sua criação e manutenção. Também a resistência em abrigar o concubinato no âmbito do direito das famílias gerou legiões de mulheres famintas, pois não lhes era assegurado nem alimentos e nem direitos sucessórios [...] Esta mania de punir a mulher como forma de assegurar ao homem o livre exercício da sexualidade ainda persiste. De maneira simplista os vínculos familiares que se constituem de modo concomitante ao casamento são condenados à invisibilidade. Contam com a conivência do judiciário⁶⁴.

⁶³ “O argumento extralegal da legítima defesa da honra, que ainda serve como causa de absolvição, revela uma atitude preconceituosa contra as mulheres. O fundamento é de que, se alguém pode defender a vida, também pode defender a vida interior, que é a honra, reconhecida como razão de viver. Esse argumento, no entanto, é falacioso, deixando evidenciado que seu substrato é de ser a mulher propriedade do marido, a ele subordinada, e qualquer atitude sua fora das regras conjugais prescritas consiste em ofensa à honra do cônjuge. A mera suposição de adultério, o desejo pela separação ou a simples negativa de relações sexuais são classificados como legítima defesa da honra para embasar pedidos de absolvição” DIAS, Maria Berenice. A mulher e seus direitos. Disponível em: < http://www.mariaberenice.com.br/site/content.php?cont_id=93&isPopUp=true> Acesso em 02 Abril 2010.

⁶⁴ ⁶⁴DIAS, Maria Berenice. Bem feito! Quem manda ser mulher? Disponível em: < http://www.mariaberenice.com.br/site/content.php?cont_id=1385&isPopUp=true>. Acesso em 02 Abril 2010.

Em suma, tem-se a ideia de que o homem é “naturalmente” predisposto ao adultério e que sua atitude deve ser compreendida. No caso feminino, a infidelidade é rechaçada e tida como sinal de imoralidade, tanto quando a mulher assume a posição de adúltera quanto a de amante. A desigualdade de tratamento para com a traição conjugal é apontada por Therborn (2006, p.30) como uma característica do patriarcado. Esse pode ser percebido através da “[...] presença ou ausência de assimetria sexual institucionalizada, tal como na poliginia e nas regras diferenciais para o adultério”. Em consonância, Sarques (1986, p. 16 e 44) em seu estudo sobre a telenovela *Os Gigantes* constata que a representação do adultério masculino é muito mais tolerada do que a traição protagonizada por uma mulher.

Na recepção de *Passione*, essas representações de gênero tornam-se centrais nos modos como as entrevistadas negociam os sentidos da velhice. No caso de *Gemma*, em geral elas têm uma leitura opositiva das representações da vida afetiva na velhice, pois aceitam – à exceção de Tarsila - sem reservas o envolvimento da personagem com *Antero*. Contudo, quando uma codificação opositiva da velhice soma-se a uma codificação também opositiva de gênero e explicita o exercício da sexualidade na velhice, como no caso de *Brígida*, suas decodificações tenderam à negociação.

Em termos gerais, é aceitável para elas que uma mulher idosa envolva-se afetivamente, mas não que exerça livremente sua sexualidade ou que o sexo seja desvinculado do amor. Parece-nos que o problema está mais em ter uma vida sexual livre do que ativa na velhice, pois todas elas viram com bons olhos o relacionamento de *Olavo* e *Clô*, cujo envolvimento sexual era intenso. *Clô* era casada, monogâmica e sua sexualidade associava-se ao amor que sentia pelo marido.

No universo de representações sociais da velhice, a mediação de gênero é fundamental no modo como negociam os sentidos da vida afetiva e sexualidade na construção de novos significados para esse período. Suas posições enquanto mulheres e idosas mesclam-se na recepção da trama. A decodificação dominante, em especial da sexualidade na velhice, é permeada por suas representações, aprendizados e vivências de gênero e de geração, que atuam conjuntamente na construção do sentido. É possível, sim, ter uma velhice apaixonada, fugindo dos sentidos dominantes. Contudo, desde que seja uma paixão monogâmica, onde o sexo é permitido se associado ao amor.

CONCLUSÃO

Realizar um estudo de recepção exige um empenho abrangente. Além da gratificante e necessária imersão no universo das receptoras, é preciso também pousar os olhos sobre as dinâmicas de produção da trama, seus discursos e entender as estruturas mais amplas – condição de classe, vivências de gênero, discursos da mídia, do Estado, da academia, etc, que configuram os sentidos da relação dos receptores com a telenovela.

Este trabalho se propôs a entender como *Passione* representa a velhice e de que forma essas representações são apropriadas pelas receptoras na constituição de suas identidades. Principalmente, diante de profundas transformações no envelhecer, indicar que velhices vêm sendo construídas (tanto pelo folhetim, quanto pelas receptoras) e como esse processo acontece nesse “lugar” entre a telenovela e sua audiência.

Para sistematizar os resultados, retomamos aqui os objetivos específicos, timoneiros de nosso percurso:

- 1) Como a telenovela representa a velhice?
- 2) Como as receptoras apropriam-se dessas representações a partir das mediações de gênero e de classe social?
- 3) Suas apropriações vão ao encontro, negociam ou opõem-se aos discursos da telenovela?
- 4) Como se dão os embates e complementaridades entre as representações desses discursos sobre a velhice na telenovela e as apropriações dos mesmos pelas receptoras na conformação de suas identidades?

Sobre a primeira, a ausência de estudos sobre as representações da velhice no folhetim nos impediu de tecer comparações mais amplas, o que possivelmente ajudaria a ter uma visão mais abrangente de como a telenovela têm representado a velhice. O que vimos, a partir da análise de *Passione* e do olhar artesanal, porém atento ao universo das representações midiáticas sobre a velhice, é que novos sentidos vem sendo configurados ao envelhecer, num

esforço para acompanhar as próprias vivências dos idosos de hoje, cujos envelheceres são menos estigmatizados e mais plurais, desejanter e heterogêneos.

Na telenovela, isso é visível pela presença significativa de representações opositivas da velhice, principalmente quando nos debruçamos sobre as dimensões da família, vida afetiva/sexualidade e, de forma secundária, do trabalho. A trama, apesar de em geral reforçar os sentidos dominantes, abre espaço significativo para negociação, mostrando outras velhices, que não estigmatizadas ou marcadas pela valorização extrema da juventude. Além de numerosos, muitos personagens velhos foram protagonistas da trama, dando uma visibilidade importante à velhice.

Essa visibilidade se mostra especialmente fora da telinha, na variedade de representações sociais sobre a velhice fomentadas a partir de *Passione*. O envolvimento afetivo e sexual e a estética possível para um corpo que envelhece foram temas que extrapolaram a ficção e fizeram-se presentes nas páginas de revistas, nas reportagens televisivas e nas conversas cotidianas, como nos relataram as entrevistadas.

Ainda assim, trata-se de uma positivação mais restrita às personagens das classes abastadas. A estigmatização da velhice dá-se de forma profunda nas representações de *Valentina*, personagem de classe popular. Apesar de as codificações dominantes também serem percebidas nas personagens de classe alta, nestas parece que há espaço maior para negociação e criação de outros significados. Se *Brígida* é dominante por seu caráter ranzinza e infantilizado, mostra-se opositiva na vida afetiva e sexualidade. *Valentina* não. Suas representações são totalmente hegemônicas. Além disso, a telenovela não problematiza a vulnerabilidade e pauperismo na velhice. Apesar de *Valentina* mostrar a vivência de uma velhice pobre, seu caráter inescrupuloso faz com que ela mereça sua posição.

O silenciamento da trama para com as diferenças de classe, acreditamos, não é algo que se restringe à representação da velhice, mas permeia a construção de toda a narrativa. Como análises de outras telenovelas revelaram, “[...] o gênero apresenta uma codificação predominantemente preferencial no que diz respeito à relação entre as classes, mas negociada no tocante aos costumes” (RONSINI et al, 2009, p.127).

A telenovela também contribui, mesmo que timidamente, para a criação de uma estética própria para o corpo envelhecido, que não adira radicalmente ao ideal de juventude ou mostre uma velhice decrépita e sem perspectivas. Isso é visível principalmente através de *Bete*, *Brígida*, *Gemma* e *Candê*. A análise da telenovela sinalizou para essa questão, que foi confirmada na recepção. As receptoras identificam-se com essas personagens pelas aparências que ostentam. Contudo, há uma diferença importante entre a entrevistada elogiar a aparência

de *Bete*, por exemplo, mas não perceber que isso também se deve há distinção entre a vivência de uma velhice rica e pobre. Quando endossam a responsabilização individual do envelhecimento pelas personagens (Dani e Célia), assumem uma decodificação dominante. Quando mencionam a diferença de classe na construção de uma estética para a velhice (Tarsila e Maria), tendem a leituras mais negociadas.

Essas dinâmicas de apropriação das representações extrapolam a ficção e invadem o terreno da realidade, das vidas das atrizes que interpretam as personagens. É difícil delimitar até que ponto suas falas dirigem-se às mulheres do plano real ou da ficção, num processo que foi construído ao longo de suas trajetórias como receptoras das tramas.

Voltando à telenovela, consideramos que *Passione* abre espaços, arriscamos dizer mais significativos do que outras esferas da mídia, como a propaganda – para a criação de outras representações da velhice, que não marcadas pelo viés dominante. Ainda assim, é uma visibilidade opaca, pois as representações dominantes não são postas em questão, problematizadas. Abre-se novas possibilidades para o envelhecer, mas não se discute os pontos centrais das representações dominantes. Apesar disso, é um espaço importante que precisa ser relevado:

Reconheço que os espaços “conquistados” para a diferença são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados e regulados. Acredito que sejam limitados. Sei que eles são absurdamente subfinanciados, que existe sempre um preço de cooptação a ser pago quando o lado cortante da diferença e da transgressão perde o fio na espetacularização. Eu sei que o que substitui a invisibilidade é uma espécie de visibilidade cuidadosamente regulada e segregada. Mas simplesmente menosprezá-la, chamando-a de “o mesmo”, não adianta (HALL, 2003c, p.351).

Pelo estudo de recepção, constatamos que não é possível depreciar o papel dessas representações na construção das velhices das entrevistadas. Junto a outras instituições – família, Estado, bairro, igreja, etc; e perpassada por dimensões da existência – relações de gênero, condição de classe - a assistência da trama provoca as entrevistadas a negociar os sentidos desse período da vida.

Apesar de as idades não serem um demarcador tão rígido das fases da vida, a recepção por mulheres idosas tem, sim, certas especificidades que precisam ser aprofundadas. A relação próxima com os meios de comunicação massivos; a assistência contínua da trama ao longo de suas vidas; a ligação íntima entre as receptoras e as personagens/atrizes que interpretam os papéis, configurando uma recepção para além da ficção e a presença de matrizes originais de percepção das tramas são alguns indícios que conseguimos apreender

nestas linhas. Esperamos que seja o primeiro passo, ainda que tímido, para que os estudos de recepção não façam coro à invisibilidade da velhice em sociedade e se aprofundem no estudo junto a esses receptores.

A mediação de gênero e de classe foram escolhas fundamentais para compreender a relação das receptoras com a trama. A vivência de gênero e condição de classe, construídos ao longo de suas vidas por um processo contínuo de socialização, são fundamentais na liberação/restricção de suas velhices e relacionam-se ao modo como leem as representações da telenovela.

As mulheres protagonistas deste trabalho – Célia, Vânia, Dani, Carmen, Tarsila e Maria – apesar de uma educação sexista e repressora, conseguem na velhice libertar-se de certo cerceamento sobre o que é certo, adequado ou permitido para mulheres como elas. A viuvez, autonomia financeira vinda com aposentadoria ou ganho de pensão, ausência de obrigações com os filhos (já adultos e independentes) e maior tempo livre faz com que elas tenham novas experiências e criem novos significados, tanto para suas percepções sobre si como mulheres quanto para suas velhices. A velhice proporciona uma maior liberação feminina, que, por sua vez, também atribui significados renovados ao envelhecer.

De outro modo, é preciso moderar o tom celebratório e também atentar para a precariedade da vida dessas mulheres, em muito relacionadas a sua condição de classe. Se têm autonomia, ainda são interdidadas pelos filhos, que repetem o jugo paterno e tentam controlar a vida de suas mães. Se são financeiramente independentes, muitas vezes tornam-se o arrimo da família, sustentando, com suas pensões, aposentadorias e salários os filhos, netos e outros familiares. Se se sentem mais livres, é ainda uma estranha liberdade, pois muitas vezes não têm condições suficientes para transitar em outros espaços, consumir outros tipos de bens culturais que não os ofertados pela mídia, como cinema, teatro, exposições, arte, etc., e ter as condições básicas para a vivência de uma velhice sadia, como remédios, boa alimentação, saúde e prática de exercícios físicos adequados.

Essas suas vivências constituem, junto a outras instituições socializadoras, as percepções que hoje as receptoras têm da velhice. Em uma dinâmica de liberação e busca de significados positivos para seus envelheceres, elas não se enquadram na velhice caquética e decadente construída pelas representações dominantes.

Essas representações são de tal modo negativadas que, em suas vivências, a única maneira de escapar desse quadro desolador é deslocar a velhice para outrem e enfatizar o poder de ação individual e a juventude como valor. Se estar na velhice significa assumir toda essa negatividade e a finitude da vida, então “velho é o outro”. As receptoras distanciam-se da

estigmatização, mas ainda tomam a juventude como valor. Apesar das condições muitas vezes precárias de vida, acentuadas por uma opressão de gênero, causas estruturais são raramente mencionadas como fatores para uma boa vivência da velhice. Não são colocados em xeque os pontos centrais dessas representações dominantes, mas há a busca pelo enquadramento em predicados juvenis, socialmente aceitos e valorizados.

Isso não quer dizer que elas endossem integralmente o processo de reprivatização da velhice, pois, a despeito da invisibilidade das causas estruturais, as receptoras entendem que envelhecer é natural e consideram-se idosas. Apenas não aceitam enquadrar-se na velhice decrépita e infeliz tecida pelas representações dominantes. Talvez essa tentativa de construir outras representações a partir da negação, ainda que acrítica, da visão dominante seja a única forma que dispõem para estabelecer parâmetros mais positivos para seus envelheceres.

Essa tensão entre a vivência e a percepção -entre assumir-se idosa mas não sentir-se velha - torna-se central na recepção da telenovela. De forma geral, na apropriação das representações da velhice prevalecem decodificações negociadas, conformadas a partir de duas matrizes distintas de leitura. Quando pensam a velhice em termos gerais, tendem a endossar as codificações dominantes, ressaltando os predicados negativos desse período da vida. Contudo, quando pensam a velhice em relação a si ou buscam identificar-se com certos personagens, saltam aos olhos algumas dimensões que identificamos como mais opositivas em *Passione*, como família e trabalho.

Assim, a velhice continua a ser um período marcado por perdas, como mostram as menções das receptoras, destinadas principalmente à *Brígida*, cujas representações carregam traços marcantes da visão dominante da velhice. Contudo, é também um momento de conquista da autonomia, viço para o trabalho, protagonismo familiar e cuidado consigo, como ressaltam as receptoras a partir das identificações com *Bete* e *Candê* (e ainda, de forma menos expressiva, com *Gemma* e *Clô*). A diferença de classe entre *Bete* e *Candê* faz com que as identificações se deem de modo também distinto. Com *Candê*, a identificação parece ser mais pessoal, próxima, relacionada ao seu jeito, autonomia, temperamento e modo de viver. O que elas gostam em *Bete* é principalmente sua atuação profissional e protagonismo familiar. Contudo, ainda parecem ser uma identificação mais distante, sem tanto envolvimento emocional como se mostram nas falas em relação a *Candê*.

A despeito dessa diferença de leitura, não foram mencionadas espontaneamente diferenças objetivas entre a vivência da velhice numa classe abastada (*Bete*) e na classe popular (*Candê*). Parece que a vivência de classe, crucial para uma boa ou má velhice, se

arrefece na atenção aos predicados individuais das personagens, principais vias de positivação para as receptoras.

Na recepção das codificações mais opositivas da velhice, a mediação de gênero foi fundamental para as leituras da vida afetiva e sexualidade das personagens. Codificações opositivas de gênero, como no caso de *Brígida*, são rejeitadas pelas receptoras. Parece-nos que a vivência de uma sexualidade liberada, devido a suas trajetórias de gênero, lhes é estranha, o que as faz também estranhar essas representações na trama. A rejeição centra-se mais na liberação da sexualidade do que na possibilidade de vida afetiva para uma idosa, pois elas, com exceção de Tarsila, aprovam o envolvimento amoroso de *Gemma*. Contudo, a italiana vive um romance tradicional, antigo, em que o sexo não é em nenhum momento tematizado. Já *Brígida*, opositiva em relação ao gênero e à velhice, é rejeitada.

A liberação sexual na velhice, a exceção de Vânia e Dani, que experimentam novas relações afetivas após a viuvez, não parece central em suas vivências. Se o é, não foi mencionado por elas em nossas conversas, sendo um tema muitas vezes de trato delicado. Parece-nos que o exercício da sexualidade na velhice é de tal modo interdito que as mulheres silenciam sobre o assunto. Como nos faz pensar Negreiros (2004), o medo de se tornar ridícula leva a idosa a adotar uma postura geralmente mais discreta. Embora algumas delas reivindiquem uma maior liberação e autonomia, suas sexualidades são canalizadas para atividades socialmente aceitáveis para o universo feminino: dedicação à família, amparo financeiro e doméstico aos filhos ou pessoas ainda frágeis do núcleo familiar, amizades preservadas, atividades religiosas, realização de trabalhos informais e participação em grupos de convivência, como vimos no estudo de campo. Essa dinâmica permeia suas apropriações das representações da trama, onde a dimensão da sexualidade tem uma decodificação dominante.

É difícil determinar o que se torna mais relevante em suas leituras, se as representações dominantes da velhice ou as de gênero. Na complexa teia de significados da cultura, provavelmente essas duas mediações se somem, tenham interferência mútua nas apropriações da trama.

O trabalho e vivência familiar, cuja forma de representar na trama também tendeu à oposição, foram mais aceitos pelas receptoras. Isso foi constatado principalmente em suas identificações com as personagens, em que essas dimensões foram reiteradamente citadas. Suas leituras mais opositivas dessas codificações estão em consenso com suas vivências. A possibilidade de uma velhice diferente, para elas, se materializa principalmente na atuação

profissional (Dani, Carmen e Tarsila) e pelo protagonismo na família (mencionado, em um ou outro momento, por todas).

Cabe problematizar se essa valorização do “vigor para o trabalho” das personagens pelas receptoras não é uma forma afastamento da concepção dominante da velhice na sociedade, em que o velho é desvalorizado pela perda de seu potencial produtivo. Apesar de trajetórias muitas vezes sofridas, em que o trabalho, especialmente para Vânia, Tarsila e Carmen, não é uma via primária de realização, elas valorizam essa dimensão no plano da realidade e da ficção. Contudo, entre a realização das personagens através da atuação profissional e suas vivências, há uma diferença significativa. Talvez, mais do que um processo de identificação, cabe pensar se não seria um movimento de projeção das receptoras em relação às personagens.

Geertz (1989, p.20) comenta que a análise cultural é “[...] é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa”. O autor continua: “É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta”.

O feitiço deste trabalho foi permeado por essa suspeita, que buscamos abrandar através do cuidado metodológico. Para imergir no universo da recepção, entender a dinâmica de produção da novela e analisar os discursos da trama, foi preciso uma construção metodológica meticulosa.

Frente aos objetivos da pesquisa, fez-se imprescindível uma metodologia abrangente, mas ao mesmo tempo realista quanto às possibilidades de uma pesquisa desenvolvida no período de dois anos do mestrado. Amparamo-nos, então, na proposta de Martín-Barbero aliada às reflexões do modelo Codificação/Decodificação de Stuart Hall.

O que o modelo barberiano das mediações comunicativas da cultura propõe, se levado aos seus limites, é dar conta do processo de comunicação como um todo, problematizando as relações culturais e políticas que o permeiam. No final deste trabalho, consideramos um ponto positivo ter abarcado a “totalidade da recepção” (RONSINI, 2010, p.13), sem deixar de atentar para as dinâmicas de produção da telenovela, investigadas a partir da revisão da literatura e para os discursos da trama, em nossa análise de *Passione*.

O uso da proposta de Hall foi valioso, pois possibilitou visualizar as diferentes posições de codificação sobre a velhice estabelecidas pela novela. A partir dessa aplicação metodológica, observamos que a trama, apesar de manter codificações dominantes sobre a velhice, abre espaço significativo para negociação e, principalmente, tem um papel importante

na criação de novas representações, essenciais para uma vivência mais positiva, justa e humana da velhice.

Na recepção, entender as posições de decodificação esclareceu os embates e tensões entre as representações estigmatizadas da velhice e a construção de outras formas de envelhecer, presentes na vivência das receptoras e em suas identificações na trama. Parece-nos que, a passos lentos, novas representações sociais sobre a velhice estão sendo instituídas, tanto na vivência das receptoras quanto nas codificações da novela. É um processo de protagonismo indeterminado, permeado por múltiplos interesses e tensões, como bem nos provoca a pensar o modelo barberiano. São matrizes culturais, lógicas de produção, competências de recepção e formatos industriais, mediados por diversas instâncias, atuantes na construção e circulação dessas representações.

Por fim, consideramos que os objetivos foram alcançados. Mais do que certezas, desejamos que este trabalho instigue inquietações e críticas para a realização de futuras pesquisas.

Através destas reflexões, entendemos que a superação das visões estereotipadas e estigmatizantes da velhice se dará apenas por uma mudança das representações sociais da cultura, dinâmica em que a mídia – e a telenovela, como produto cultural massivo de maior expressão no país – têm papel fundamental. A transformação é vagarosa, porém necessária para uma vivência mais positiva e plural da velhice.

Quem sabe um dia seja possível dizer não que o velho é o outro, mas sim que somos nós. A despeito do que a indústria de cosméticos, os anúncios publicitários e muitas representações midiáticas insistem em dizer, nós envelhecemos. E precisamos aprender a lidar com esses anos a mais de vida que temos. Que as representações midiáticas da velhice não descambem para a estigmatização radical, em que “véios” sejam bloqueados por jovens e o envelhecimento seja visto como doença. Também, que a positivação da velhice não seja uma celebração vazia do potencial de consumo e do “espírito juvenil” o que, trocando em miúdos, é também – de forma mais silenciosa e perversa – uma estigmatização da velhice. Os resultados que aqui apresentamos parecem ser um sinal positivo, ainda que modesto, na construção desses novos significados.

São as palavras de uma pesquisadora que se considera mais velha depois deste trabalho. Não apenas pela passagem natural do tempo durante os dois anos de mestrado ou devido a um sentimento pessoal. Muito menos por processos de decadência, abandono, decrepitude e perdas. O envelhecer dá-se pelas transformações passadas e crescimento obtido neste período. Não como fatalidade, mas como mudança e aprendizado: é assim que

represento a velhice após estas linhas. A quem as leia, espero contribuir para a construção de outras tantas representações da velhice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Silvio de. Entrevistadora: Ana Paula Goulart, *et al.* In: AZEVEDO, Camila *et al.*, **Autores**. Histórias da Teledramaturgia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

AGRA DO Ó *et al.* A violência contra idosos na mídia: uma reflexão sobre a produção dos sentidos. **Revista Famecos**, v. 17, n 1, p. 121-129, 2010.

ALVES, Andréa Moraes. **A Dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre gênero, sociabilidade e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ANG, Ien. **Watching Dallas: Soap opera and melodramatic imagination**. London/New York: Routledge: 1985.

ARIÉS, Philip. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

BARROS, Myriam Lins de (Org). **Família e Gerações**. Rio De Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice *in* **Perspectivas Antropológicas da mulher 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. Velhice na contemporaneidade. In: Clarice Ehlers Peixoto. (Org.). **Família e envelhecimento**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. (Org.) **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BARBIERI, Regina Margaret. **Um estudo na vila Campestre Menino Deus – Bairro Itararé – Santa Maria/RS**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 1993.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEZERRA, Ada Kesa Guedes. **A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva**. Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Campina Grande, janeiro de 2006. Disponível em <www.bocc.ubi.pt.> Acesso em 07. nov de 2008.

BONIN, Jiani Adriana. **Investigando memórias midiáticas: questões metodológicas, pistas e constatações.** Trabalho apresentado no GT “Recepção, Usos e Consumos Midiáticos” do XIX Encontro da Compós, na PUC- RJ, no Rio de Janeiro, em junho de 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo: Cia das letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória:** ensaios sobre psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.

BRITTO DA MOTTA, Alda.. **Falando em surdina: são mulheres velhas.** In: Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Belo Horizonte (MG), 1994. Belo Horizonte (MG): ABEP; 1994. p. 231-44.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu** no. 13, Campinas, p. 191-221, 1999.

_____. Viúvas: o mistério da ausência. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 7, p. 7-34, 2005.

_____. Chegando pra Idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins (org). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **Violência Contra as Mulheres Idosas - Questão Feminista ou Questão de Gênero?.** In: XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association, 2009, Rio de Janeiro. XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association, 2009.

CAMARANO, Ana Amélia. **Cuidados de Longa Duração para a População Idosa: Um Novo Risco Social a Ser Assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2010.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **A telenovela.** São Paulo: Ática, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Globalização Imaginada.** São Paulo: Iluminuras, 2007.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade:** mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2ed. São Paulo: Anna Blume, 2007.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós**, São Paulo, 10(2), dez., p.19-44, 2007.

CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth; GOMES, Mayra Rodrigues. Quais são as imagens dos idosos na mídia? In **Velhices: reflexões contemporâneas.** São Paulo: SESC/PUC, 2006.

CÔRTE, Beltrina, GOMES, Mayra. **A violência e a velhice na mídia**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania”, do XXIX Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Brasília/DF em setembro de 2006.

CÔRTE, Beltrina. De olho na mídia. **Revista Kairós** - Caderno Temático, v. 6, p. 06-11, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. São Paulo: Garamond, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 1999a.

_____. Apresentação. **Cadernos Pagu**, n 13,. p. 7-10 1999b.

_____. O Velho na Propaganda. **Cad. Pagu**, no.21, p.133-155, 2003. Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000200007&script=sci_abstract> Acesso em 08 out. 2007.

_____. Cultura adulta e juventude como valor., 04/2004, **Revista Farmacêutica Kairos**, Vol. 7, pp.21-44, São Paulo, SP, BRASIL, 2004.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In BARROS, Myriam Moraes Lins (org). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **Velhice e Tecnologias do Rejuvenescimento**, (Mesa-Redonda), 10/2008. 32º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, BRASIL.

DIAS, Maria Berenice. **Bem feito! Quem manda ser mulher?** Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/site/content.php?cont_id=1385&isPopUp=true>. Acesso em 02 Abril 2010a.

_____. **A mulher e seus direitos**. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/site/content.php?cont_id=93&isPopUp=true> Acesso em 02 Abril 2010b.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Os Estudos Culturais. Texto publicado em: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.151-170.

_____. Circuitos da cultura/ circuitos da comunicação: um protocolo analítico da integração da produção e da recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n 11, p.115 – 135, nov. 2007.

ESCOSTEGUY, Ana C.; JACKS, Nilda. **Comunicação & Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

FARIA, Ana Cláudia Loureiro. **A salvação do eu: representações do envelhecimento em anúncios de previdência privada**. Dissertação (Programa de pós-graduação em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO. Rio de Janeiro, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Revista MATRIZES**, n.1, p. 89-105, Jan-jun. 2008.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

_____. A Velhice e o Envelhecimento na Pós-Modernidade. **Revista A Terceira Idade** – Ano X – nº 14. SESC-SP, 1998.

FEITOSA, Maria Ângela. Ser ou não ser velho, eis a questão. **UNB Revista**. Universidade de Brasília, Ano III, n. 7, 2003.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural: Construção da identidade gaúcha em Zero Hora**. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FIGUEIREDO, Maria Livramento Fortes et al. **As diferenças de gênero na velhice**. In Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, jul/ago, 2007.

FRANÇA, V.R.V. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: _____. FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de, GOMES, Renato Cordeiro e PEREIRA, Miguel (org.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e de geração. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, jul/set 2009. Disponível em < <http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a21.pdf>> Acesso em 06 jan 2011.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Itânia Maria Mota. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers serviços editoriais, 2004.

GOMES, Liciane Albeche. **Diagnóstico sócio-econômico e infra-estrutural do conjunto habitacional Santa Marta – Bairro Juscelino Kubitschek Santa Maria/RS**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 1999.

GUIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. São Paulo: Zahar, 2002.

_____. **Sociologia**. São Paulo: ARTMED, 2005.

_____. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo, Unesp, 1991.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HALL, Stuart . A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade** - Cultura, mídia e educação. Porto Alegre, v. 22, n.2, jul./dez, p.15-45, 1997.

_____. Codificação/decodificação. In SOVIK, Liv, **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, UFMG; Brasília, Humanitas, 2003a.

_____. Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação. Uma entrevista com Stuart Hall, In SOVIK, Liv. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, UFMG; Brasília, Humanitas, 2003b.

_____. Que “negro” é esse na cultura negra? In SOVIK, Liv, **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**, Belo Horizonte, UFMG; Brasília, Humanitas, 2003c.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2001.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**. A sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HAREVEN, T. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso de vida. **Cadernos Pagu**: 13: 11-35, 1999.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da população 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 nov. 2008.

IBGE: **Projeção da População no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_imprensa.php?id_noticia=1272> Acesso em 20 mai 2010.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>> Acesso em 21 dez 2010.

INFORME DE PREVIDÊNCIA SOCIAL. Brasília: **Ministério da Previdência Social**, v.17, n. 3, mar. 2005.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo H. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, n. 25, p. 585 – 593, 2008.

JACKS, Nilda (coord); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda. **Querência: Cultura regional como mediação simbólica**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento**. São Paulo: Annablume, 2008.

KIM, Sujeon. Rereading David Morley's the 'Nationwide Audience, In **Cultural Studies**, v. 18, nº 1, January, 2004.

LEVET, Maxmilienne. **Viver depois dos 60 anos**. Portugal: Instituto Piaget, 1995.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H.; RESENDE, V. R. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

LOPES et al. Transmediação, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira. In: LOPES, Maria I. V. (Ed). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo Universidade, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo e Orozco Gómez, Guilherme (orgs.) **A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos publicidade: Anuário 2009**. São Paulo: Editora Globo, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo e Orozco Gómez, Guilherme (orgs.) **Convergências e transmediação da ficção televisiva: OBITEL 2010**. São Paulo: Editora Globo, 2010.

_____. Brasil – no limiar de novos rumos. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo e Orozco Gómez, Guilherme (orgs.) **A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos publicidade: Anuário 2009**. São Paulo: Editora Globo, 2009a.

LOPES, Maria Immacolata. **Telenovela como recurso comunicativo**. *MatriZES*, n. 01, ano 03. , p.21-47, 2009b.

LOPES, Andréa. Velhice, heterogeneidade e a dança dos esquisitos. In: GUSMÃO, Neusa Mª. Mendes de.; VOM SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes (org). **Velhice e Diferenças na vida contemporânea**. São Paulo: Alínea, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina. **Boletim INTERCOM**, n. 49/50, p. 23-35, 1984.

_____. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. El proyecto: producción, composición y usos del melodrama televisivo. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús; MUÑOZ, Sonia (Coord). **Television y melodrama: Géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá, Tercer Mundo Editores, 1992.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUZA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **Oficio de Cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. México/Santiago: Fondo de Cultura Econômica, 2002a.

_____. Prefácio. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002b.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **Uma aventura epistemológica**. Revista MatriZES, v.2, n. 2, p. 143-162, set. 2009a. Entrevista concedida a Maria Immacolata Vassalo Lopes.

_____. **As Formas mestiças da Mídia**. Revista Pesquisa FAPESP, 163, p. 11 – 15, set. 2009b. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

MATTOS, Patrícia. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, Jessé (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MAZZIOTTI, Nora. A força da emoção. A telenovela: negócios, audiências, histórias. In: LOPES, M. I. V. de. **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

MEIRELLES, Clara Fernandes. **Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: Aleph, 1999.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em 12 jul 2009.

MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Velhice: uma questão complexa. In: CÔRTE, MERCADANTE, ARCURI (Orgs). **Velhice, envelhecimento, complex(idade)**. São Paulo: Vetor, 2005.

MILIBAND, Ralph. Análisis de Clases. In: Giddens, Turner et al. **La teoría social, hoy**. Madrid: Alianza Editorial, 1990.

MORLEY, David. **The Nationwide audience**. London: British Film Institute, 1980.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires, Amorrortu, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MURDOCK, Graham. Comunicação contemporânea e questões de classe. **Revista MatriZES**, v.2, n. 2, p. 31-55, set. 2009.

_____. Reconstructing the Ruined Tower: Contemporary Communications and Questions of Class. In CURRAN, James; GUREVITCH, Michael. **Mass Media and Society**. Londres: Arnold, p. 7-26, 2000.

NEGRÃO, Walter. O processo de criação da telenovela. In: LOPES, M. I. V. de. **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade**. São Paulo: Loyola, 2004.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v.5, n. 9, p.77-86, jul/dez 2004. Disponível em: < http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n9_negreiros.pdf> Acesso em 02 jan 2011.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. Atitudes e crenças sobre a velhice: Análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In CACHIONI, Meire; NERI, Ana L.; VOM SIMSON, Olga Rodrigues de M. **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2006.

OGURI, Lúcia Maria Bittencourt; CHAUVEL, Marie Agnes and SUAREZ, Maribel Carvalho. **O processo de criação das telenovelas**. *Rev. adm. empres.* [online]. vol.49, n.1, p. 38-48, 2009.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia H. Simões; RAMOS, José Mario Ortiz. **Telenovela, história e produção**. São Paulo: brasiliense: 1989.

OROZCO, Guillermo. **Televisión, Audiencias y Educación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

PALACIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **Velhice, para quase proibida; terceira idade, expressão quase hegemônica**: apontamentos sobre o conceito de mudança discursiva na publicidade contemporânea. XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, outubro de 2004. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/palacios-annamaria-velhice-palavra-proibida.pdf>> Acesso em 10 ago 2008.

PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural**. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.) **Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Juventude como conceito estratégico para a publicidade. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: ESPM, v. 7, n. 18, p. 37-54, mar 2010.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro, Graphia, 2002.

POLITSTCHUK, I; TRINTA, A.R. **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática do jornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Informe regional sobre desenvolvimento humano para América Latina e Caribe 2010. Disponível em: <<http://www.idhalc-actuarsobreelfuturo.org/site/informe.php>>. Acesso em 15 out. 2010.

QUADROS, Waldir J. de; ANTUNES, Davi J. N. Classes sociais e distribuição de renda no Brasil dos anos noventa. **Cadernos do CESIT**, n. 30, out. 2001.

REDE GLOBO. **Boletim de Informação para Publicitários**. Jul/2009. Disponível em: <http://comercial.redeglobo.com.br/bip_online/bip561/bip561_pg01.php> Acesso em 15 out 2010.

RONSINI, Veneza et al. Estudos de audiência e de recepção da telenovela: a juventude em cena. In: LOPES, Maria I. V. (Ed). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo Universidade, 2009.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido: consumo de mídia e identidades juvenis**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. A etnografia crítica da recepção. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 24, n. 39, p. 33-50, 1o. sem. 2003.

_____. SILVA, Renata C. da. Apropriações da cultura (sem classe) da mídia. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.31. n. 2, p.55/74, jul./dez 2008.

_____. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero** (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). Trabalho apresentado no GT "Recepção, Usos

e Consumos Midiáticos” do XIX Encontro da Compós, na PUC- RJ, no Rio de Janeiro, em junho de 2010.

SALOMONE, Mônica. **Contendo a velhice**: cientistas crêem que a deteriorização física não é uma exigência da evolução. EL PAÍS. Espanha Set/2008.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. **Estrutura de posições de classe no Brasil: mapeamento**, mudanças e efeitos na renda. Belo Horizonte: editora UFMG, 2002.

SARQUES, Jane Jorge. **A ideologia sexual dos Gigantes**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1986.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. A velhice na família atual. **Acta paul. enferm.** 14(2):91-96, maio-ago.2001.

SCHIRRMACHER, Frank. **A Revolução dos Idosos**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Santa Maria, 2010.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação in SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Recepção Mediática e Espaço Público**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. **Da velhice à terceira idade**: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. Hist. Cien. Saúde-Manguinhos, vol. 15, n.1, p. 155-168, 2008.

SILVA, Lourdes Pereira. **Identidade e telenovela como objetos de análises**: contexto da produção científica discente. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Ficção Televisiva”, do XXXIII Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Caxias do Sul/RS em setembro de 2010.

SOARES, Rosânia. **Identidade dos jovens de 60 na publicidade**. III Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas, abril de 2009. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2009/pdf/GT4_Rosania.pdf>. Acesso em 10 jul 2009.

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. **Discurso, Velhice e Classes sociais**. Maceió: UFAL, 2007.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. In SOUZA, Jessé (org.), **A invisibilidade da desigualdade brasileira**, Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Prefácio. In: JUNQUEIRA, Lília. **Desigualdades sociais e telenovelas: relações ocultas entre ficção e reconhecimento**. São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

TEIXEIRA, Andrés Kalioske. **Economia Política da teledramaturgia: mercados e estratégias no capitalismo avançado**. Projeto de Doutorado (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: < http://projeto.unisinos.br/cepos/Projeto_Doutorado_Kalikoske.pdf > Acesso em 05 jan 2010.

THERBORN, Göran. **Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000**. São Paulo: Contexto, 2006.

TÓTORA, Silvana Maria Corrêa . Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós**, v. 11(1), p. 21-38, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (Org). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-americana de Saúde, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOTTRICH, L.; CÓRDOVA, R.; RONSINI, V. V. M. **A Perspectiva das Mediações de Jesús Martín-Barbero no Estudo de Recepção da Telenovela**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Ficção Televisiva”, do XXXII Encontro Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Curitiba/PR em setembro de 2009.

WOTTRICH, Laura H. **Relações de gênero, classe social e contexto familiar na recepção da telenovela: um estudo sobre as representações da velhice**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Família, gênero e geração”, do II Encontro Internacional de Ciências Sociais, em Pelotas/RS, em junho de 2010.

APÊNDICE A - ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

1) Nome completo _____

2) Data de nascimento _____

3) Estado civil _____

4) Ocupação _____

5) Assinale os aparelhos que você possui em casa:

TV ___ DVD ___ Rádio ___

Som com CD ___ Videocassete ___ Computador ___

Internet ___ Parabólica ___ TV por assinatura ___

Assinatura jornal/revista (Qual(is))? _____

6) Quanto tempo por dia você assiste televisão?

– que 1h

1h a 2h

2h a 3h

3h a 4h

5h a 6h

+ de 6h

7) Qual seu programa de televisão preferido?

8) Você assiste alguma telenovela no momento? Se sim, qual(is)?

9) Você teria disponibilidade para participar de uma pesquisa sobre televisão e telenovela?

Sim | Número de telefone para contato: _____

Não

APÊNDICE B - MAPA DO CONSUMO CULTURAL

Dia: _____ Local: _____ Duração: _____

Entrevistado: _____

Equipamentos Bairro

1. Locais de serviços e lazer

1. 1.	Oferecidos	Frequêntados
CTG	()	()
Praça	()	()
Shoppings	()	()
Centro comunitário	()	()
Posto de Saúde	()	()
Escola	()	()
Supermercado	()	()
Bar	()	()
Armazém	()	()
Banco	()	()
Consultório médico	()	()

2. Residência e quantidade de itens de conforto

Freezer _____

Máquina de lavar louça _____

Máquina de lavar roupa _____

Carro _____

Câmera Fotográfica _____

Câmera filmadora _____

Computador _____

Televisores _____

Rádios _____

Assinatura de TV _____

Video cassete _____

DVD _____

CD Player _____

micro system _____

MP3 _____

Celulares _____

Videogame _____

Banheiros _____

Quartos _____

Sala de estar _____

Sala de jantar _____

Sala de TV _____

Garagem _____

Churrasqueira _____
Pátio _____

3. Renda familiar

Pessoal _____ Cônjuge _____

Filho(s) _____ Outro _____

A sra., pessoalmente, possui alguma fonte de renda? Recebe algum salário, benefício, pensão, renda de aluguel ou outra?

4. Falando agora dos seus gastos com tudo o que a sra. precisa, com o que é que a sra; gasta mais? E em segundo lugar? E em terceiro lugar?

alimentação

conta de água, luz, telefone

remédios

impostos

roupas

médico

plano de saúde

prestação de lojas

moradia

transporte

lazer

auxílio doméstico (empregada, enfermeira, faxineira)

5. Frequência das Atividades semanais no tempo livre

Atividade	Nunca	às vezes	Sempre
Visitas parentes			
Visitas amigos			
Rádio			
jornal			
revistas			
tv			
internet			
dvd/vc			
cinema			
teatro			
show			
esporte			
bar			
clube			
ctg			
livros			

Televisão

5. Tempo de exposição à TV

Tempo		Manhã	Tarde	Noite
Mais de 5 horas				
De 4 a 5 horas				
De 2 a 3 horas				
Menos de 2 horas				

6. Que companhia costuma ter quando assiste tv?

- família
 sozinho
 cônjuge
 amigos
 outros

7. Gêneros de programa que mais gosta, em ordem de preferência (1 a 10)?

- Desenho
 documentário
 esporte
 entrevista
 filme
 humorístico
 auditório
 musical
 noticiário
 telenovela

8. Canais mais assistidos (marcar o preferido e enumerar, de 1 a 3)

- Globo
 SBT
 Bandeirantes
 Record
 MTV
 Cartoon
 Discovery
 Globo News
 People and arts
 Sony
 TNT
 Universal
 Warner
 National
 GNT
 Rede TV
 Telecines

Consumo cultural/mídia

9. Hábito de leitura de Jornais

Nome do jornal

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- raramente

10. Hábito de leitura de revistas

Títulos das revistas

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- raramente

11. Leitura de livros

Títulos ou autores que lembra

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- raramente

12. Hábito de usar o computador

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- raramente

Onde tem acesso ao computador?

13. Hábito de ouvir rádio

Emissoras

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- raramente

14. Hábito de ir ao cinema

Títulos de Filmes que lembra
atores

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana

- fim-de-semana
- quinzenalmente
- mensalmente (1 x por mês)
- raramente

15. Hábito de locar fitas DVD ou VC

- diariamente
- de 2 a 3 vezes por semana
- 1 vez por semana
- fim-de-semana
- quinzenalmente
- mensalmente (1 x por mês)
- raramente

16. Gêneros de filmes prediletos

- ação
- aventura
- comédia
- documentário
- drama
- ficção científica
- musicais
- erótico
- pornográfico
- terror
- suspense

17. Frequência a atividades de lazer

Espectáculo	1 vez por semana	mensal	quinzenal	anual	raramente
teatro					
balé; dança					
exposições					
shows					
Bailes					
Grupos de convivência					
festas					

18. Qual é o ator/atriz cujo estilo de vida mais aprecia? Por que?

19 Qual é o cantor/cantora/banda cujo estilo de vida mais gosta? Por que?

Consumo/casa

20. Se você pudesse comprar ou ter qualquer coisa o que seria, de modo a usufruir:

Consigno mesma _____

Com a família _____

Na casa _____

Algum outro? _____

21. Qual o produto que mais gostaria de comprar?

22. Qual o produto que compra com mais frequência?

23. Quais são as tarefas domésticas que realiza?

limpar o quarto

arrumar o guarda-roupa

lavar a louça

cozinhar

limpar a casa

limpar o jardim

recolher o lixo

pagar contas

24. Três itens mais importantes em uma casa (por ordem de preferência):

limpeza

mobília

tamanho

decoração

ordem

praticidade

outro Qual? _____

APÊNDICE C - TRAJETÓRIA DE VIDA

Data:	Local:	Duração
Nome:		Nome fantasia:
Idade:	Endereço:	
Telefone:	Estado civil	Profissão:

Família e trajetória

1. Você nasceu em Santa Maria?
2. Conte um pouco da história da sua família
3. Nome, grau de escolaridade e profissão da mãe
4. Como você me descreveria ela?
5. Nome, grau de escolaridade e profissão do pai
6. Como você me descreveria ele?
7. Nome, grau de escolaridade e profissão da avós
8. Como você me descreveria elas?
9. Nome, grau de escolaridade e profissão dos avôs
10. Como você me descreveria eles?
11. Tem irmãos? Nome, grau de escolaridade e profissão
12. Tem filhos? Nome, grau de escolaridade e profissão
13. Tem netos? Nome, grau de escolaridade e profissão
14. A sra. costuma ajudar a cuidar dos seus netos? De que maneira?
15. Cônjuge? Nome, grau de escolaridade e profissão
16. Qual é o maior aprendizado que a sua família lhe passa?
17. Com que frequência seus familiares costumam pedir sua opinião? Sempre, de vez em quando, raramente ou nunca? E isso é bom ou ruim?

18. Quantas pessoas residem em sua casa?
19. Qual dessas pessoas é mais próxima da sra., mais lhe acompanha?
20. Qual delas é a chefe da família?
21. Qual dessas pessoas contribui para a renda familiar?
22. Como é a sua rotina?
23. O que gosta de fazer em seu tempo livre?
24. Se pudesse decidir livremente sem se preocupar com qualquer problema, o que a sra. gostaria de fazer em seu tempo livre?
25. E o que lhe impede de fazer isso hoje?
26. Me conte um pouco da sua trajetória
27. Conte-me até três acontecimentos que marcaram a sua vida.
28. Como você se define?
29. Qual é seu maior sonho?

APÊNDICE D - PERCEPÇÕES SOBRE A VELHICE

Data: _____ Local: _____ Duração _____

Nome: _____

30. Para ser feliz, quais dos itens são os mais necessários:

- beleza
- dinheiro
- inteligência
- honestidade
- amizade
- família
- saúde

31. Quais desses cuidados com a saúde/beleza você mantém?

- controle do uso do açúcar
- controla alimentos gordos
- vai ao médico regularmente
- pratica exercícios físicos regularmente
- vai ao cabeleireiro regularmente
- compra produtos para tratar a pele e o cabelo
- realiza intervenções estéticas quando necessário

32. Que atividades físicas realiza?

- caminhada
- alongamento
- andar de bicicleta
- ginástica
- natação
- musculação
- corrida
- hidroginástica
- dança
- outra atividade

33. Há algum cuidado com a saúde/beleza que a sra. não adota, mas gostaria de adotar? Se sim, qual(is) seriam e o que lhe impede de adotá-lo(s)?

34. Ser uma pessoa realizada depende, por ordem de importância:

- () estar próximo de familiares
- () ter segurança financeira
- () ser independente
- () participar de atividades (grupos, associações)
- () praticar atividades físicas
- () ter saúde
- () ser útil
- () ter boa aparência

35. Como você se sente com a idade que tem?

36. Quando uma pessoa chega à velhice ou se torna idoso(a)?

37. Pra você, o que significa envelhecer?

38. Você se sente idosa?

39. Quais são as principais dificuldades que uma pessoa idosa tem de enfrentar?

40. E quais são as melhores coisas de ser idoso?

41. Há mais coisas boas ou ruins em ser idoso?

42. Você acha que há diferença entre ser uma mulher ou um homem idoso? Que diferenças seriam essas?

43. Comparando os dias de hoje com a época em que a sra. era mais jovem, a sra. diria que a situação dos idosos no Brasil está melhor ou pior? Por que?

44. O que significa ser idoso hoje?

45. Fale-me sobre um idoso que você admira

46. Assinale as alternativas com as quais você concorda:

- () os jovens não respeitam os mais velhos
- () a família respeita os idosos
- () as pessoas de idade não conseguem acompanhar as mudanças do mundo moderno
- () os idosos têm muito a ensinar
- () os idosos vivem só do passado
- () envelhecer é um privilégio
- () velhice é o mesmo que doença
- () o desejo sexual desaparece com a idade
- () os idosos sentem necessidade de namorar
- () as pessoas idosas estão bem amparadas no Brasil
- () manter-se ativo é a melhor forma de encarar a velhice
- () existe preconceito contra os idosos
- () a pessoa só envelhece se não tomar os cuidados necessários para manter-se jovem

- () velhice não é uma questão de idade, mas sim de sentir-se ou não sentir-se velho.
- () com a aposentadoria, a qualidade de vida do idoso melhora
- () não precisar trabalhar é um benefício da velhice
- () as pessoas idosas têm mais prestígio na sociedade

47. A sra. conhece ou já ouviu falar no Estatuto do Idoso?

48. A sra. tem alguma doença? Qual(is)?

49. Quando a sra. precisa de atendimento médico, a sra usa

- () SUS, postos de saúde
- () planos de saúde particulares
- () paga médico ou hospital particular
- () medicina caseira
- () usa convênio de empresa ou sindicato
- () automedicação

50. A sra. conhece/participa de algum grupo de idosos?

51. Logo depois que a sra se aposentou, foi fácil adaptar-se à rotina de aposentada ou teve alguma dificuldade?

52. Quais são as melhores coisas de ser aposentada?

53. E as piores?

54. Se pudesse decidir livremente sem se preocupar com qualquer problema, o que a sra. gostaria de fazer nos próximos anos?

55. E o que o impede de fazer isso hoje?

APÊNDICE E - ENTREVISTA V: MEIOS DE COMUNICAÇÃO/TELENOVELA

Data: Local: Duração

Nome:

Televisão/telenovela

56. De forma geral, através de quais meios a sra. costuma se informar?

- Assistindo TV
- lendo jornais/revistas
- conversando com as pessoas
- lendo livros
- ouvindo rádio
- estudando
- no computador/internet
- indo à escola
- com as próprias experiências
- com os idosos ou mais velhos
- com a família
- com os jovens

57. Você tem algum ídolo da televisão? Quem?

58. Qual o principal local da casa onde você assiste TV?

59. Com quem você assiste?

60. Costumam comentar sobre os programas que assistem? Com quem?

61. Você faz alguma outra atividade enquanto assiste TV? Qual?

62. Você lembra da TV ter lhe ajudado a:

Refletir sobre algum assunto

Sonhar com algo

63. Quais são seus programas de televisão preferidos?
64. Você gosta de telenovela? Por que?
65. Desde quando assiste às telenovelas?
66. Qual a telenovela que mais lhe marcou?
67. Recorda de alguma cena que mais lhe marcou?
68. Recorda de algum personagem que mais lhe marcou?
69. Você assiste a quais novelas atualmente?
70. Desses personagens em *Passione*, há algum que a senhora considere parecida com a senhora?
- Como ele é? O que que ele faz? (família, sexualidade, cuidado de si, beleza...)



Figura A – Imagem mostrada às entrevistadas com as fotos de todos os personagens principais de *Passione*, extraídas do site oficial da telenovela.

71. Há algum deles que mostra a vida na velhice de forma realista? Quem? Por que? Como ela é? O que ela faz?
72. Dessas personagens (mostrar só as idosas), há alguma que seja parecida com a senhora? Por que? Como ela é? O que ela faz?



Figura B – Imagem mostrada às entrevistadas com as fotos das personagens idosas de Passione, extraídas do site oficial da telenovela.

APÊNDICE F - CLASSE SOCIAL

73. A partir das sentenças abaixo, diga se você concorda ou discorda:

- Os pobres no Brasil tem as mesmas chances de subir na vida do que as demais classes
- Nenhum governo pode solucionar o problema da desigualdade econômica porque ela é consequência da diferença natural entre as pessoas
- Ter dinheiro é uma questão de competência pessoal
- subir na vida é uma questão de competência pessoal [vontade]
- Os pobres são discriminados

74. Você acha que é possível que todas as pessoas tenham um emprego?

75. Qual é a causa da pobreza no Brasil?

76. Você considera que seria possível um mundo sem pobreza?

77. Conhece os objetivos de algum movimento social no Brasil ou conhece algum tipo de movimento social?

78. Você participa de algum tipo de associação ou organização (igreja, escola, partido, bairro, escola)? Por que sim ou por que não?

79. Se você decidisse participar de algum tipo de organização ou movimento social? Qual seria ou, pelo menos, qual objetivo ele teria?

80. Ser bem sucedido profissionalmente depende, por ordem de importância:

- saber falar corretamente
- ter boa formação escolar
- conhecer pessoas importantes
- falar uma língua estrangeira
- ter conhecimentos de informática
- ter um parente influente
- ter experiência de trabalho
- ter um diploma universitário
- ter sido aluno com notas excelentes na escola e na faculdade
- ter boa aparência

11. Pra você, há diferença entre estar na velhice e ser de classe popular, classe média ou alta?

APÊNDICE H – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Prezada participante da pesquisa “Envelhecer com a telenovela: um estudo de recepção com mulheres idosas”.

Estamos realizando uma pesquisa cuja finalidade é compreender como se dá a recepção das representações da velhice veiculadas pela telenovela por mulheres de 60 a 75 anos na construção das representações sobre o envelhecimento e conformação das suas identidades.

As informações prestadas através de sua participação voluntária nesta pesquisa fornecerão subsídios para a elaboração da dissertação de Laura Hastenpflug Wottrich, mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob orientação da Prof. Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini.

Esclarecemos que esta pesquisa é realizada a partir dos seguintes procedimentos metodológicos:

- 1) entrevistas com mulheres entre 60 a 75 anos;
- 2) as entrevistas serão individuais, semiestruturadas e gravadas para fins de pesquisa. Este material será, posteriormente, destruído.
- 3) Ressaltamos que está assegurada às participantes desistir da pesquisa a qualquer momento;
- 4) Esclarecemos, ainda, que as informações reunidas serão usadas somente para os fins desta pesquisa e dos trabalhos acadêmicos que dela se desdobrarão.

A pesquisa é desenvolvida por Laura Hastenpflug Wottrich, do curso de Pós-graduação em Comunicação da UFSM (telefone para contato: (55) 9176.4555).

Agradecemos desde já sua colaboração.

Santa Maria, ___/___/_____.

Eu _____ declaro que fui informada dos objetivos, justificativas e procedimentos desta pesquisa de forma clara e detalhada. Todas as minhas dúvidas foram respondidas e eu estou ciente de que poderei pedir por esclarecimentos a qualquer momento.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da acadêmica pesquisadora